

Escatologia

Renold J. Blank

do mundo

O projeto cósmico de Deus

Escatologia II



RENOLD J. BLANK

ESCATOLOGIA DO MUNDO

O PROJETO CÓSMICO DE DEUS
(ESCATOLOGIA II)



Índice

Unidade I

1. DEUS, ÚLTIMA RAZÃO DE TODA A ESPERANÇA
2. A ESPERANÇA ESCATOLÓGICA É ESPERANÇA CONCRETA DE VIDA
3. DINÂMICA DA ESPERANÇA NA ÉPOCA DO PRÉ-EXÍLIO DE ISRAEL
4. A ESPERANÇA, INCENTIVADA PELAS PROMESSAS, SE TORNA A GRANDE FORÇA TRANSFORMADORA DENTRO DA HISTÓRIA
5. ESTAGNAÇÃO DA ESPERANÇA A PARTIR DO REINADO DE DAVI

Unidade II

1. A TEOLOGIA ESCATOLÓGICA DOS PROFETAS, ANTES DO EXÍLIO (587 A.C.)
 - 1.1. A realização do projeto de Deus não é processo linear nem caminhada predeterminada
 - 1.2. A crise histórica que provoca a crise da teologia profética
2. A CATÁSTROFE DE 587 A.C. PÕE EM QUESTÃO O PODER E A FIDELIDADE DE JAVÉ
 - 2.1. A teologia dos profetas do exílio fortalece uma fé “apesar de tudo”
 - 2.2. O fracasso histórico revelou também a falsidade das projeções históricas da teologia
3. A TEOLOGIA ESCATOLÓGICA DOS PROFETAS DEPOIS DO EXÍLIO
 - 3.1. Apesar de todo o esforço dos profetas, depois do exílio o modelo histórico-escatológico deles não pôde mais ser mantido como modelo dominante

Unidade III

1. ZARATUSTRA E AS RAÍZES DO PENSAMENTO APOCALÍPTICO
2. O CONTEXTO HISTÓRICO QUE GERA O PENSAMENTO APOCALÍPTICO EM ISRAEL
3. PERSPECTIVA ESCATOLÓGICA E PERSPECTIVA APOCALÍPTICA
4. A TEOLOGIA DA HISTÓRIA, PRESENTE NA TEOLOGIA DOS

APOCALIPSES

4.1. As rupturas em relação à teologia profética

4.2. A continuidade em relação à teologia profética

5. CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DA PERSPECTIVA

APOCALÍPTICA

5.1. A concepção apocalíptica do tempo não é linear

5.2. A história está sendo compreendida como luta dialética entre o bem e o mal

5.3. Deus ressuscita os mortos! Dentro do contexto apocalíptico se amplia também o quadro da esperança individual

5.4. Teologia apocalíptica, além de fundamentar a esperança, também é uma teologia do medo que produz medo

5.5. A indagação sobre “quando acontecerá o fim” incentiva o surgimento de um pensamento milenarista

6. O MILENARISMO

6.1. Pressupostos básicos do milenarismo

6.2. O milenarismo judaico-cristão, a partir do livro de Daniel (168-164 a.C.)

6.3. Consequências sociorreligiosas do pensamento milenarista

7. A PROBLEMÁTICA DA RECEPÇÃO DAS IMAGENS

APOCALÍPTICAS NO DISCURSO CRISTÃO

Unidade IV

1. ORIGEM E SIGNIFICADO DO TERMO “ESCATOLOGIA”

2. EIXO PRINCIPAL DO DISCURSO ESCATOLÓGICO NA TEOLOGIA CATÓLICA ANTES DO CONCÍLIO VATICANO II: REFLEXÃO SOBRE “AS ÚLTIMAS COISAS” (“DE NOVISSIMIS”)

2.1. A teologia patrística

2.3. Os tratados clássicos “de novissimis”

2.4. A escatologia católica tradicional até o século XIX

2.5. A escatologia neo-escolástica do século XX

3. EIXO PRINCIPAL DO DISCURSO ESCATOLÓGICO NA TEOLOGIA PROTESTANTE: PERDA E RECUPERAÇÃO DA DIMENSÃO HISTÓRICA

3.1. Redução da escatologia a um discurso individualista sobre a imortalidade

3.2. Redução do Reino de Deus a uma realidade puramente individualista

3.3. Destruição da escatologia na teologia liberal do século XIX

3.4. Reconstrução de um novo discurso escatológico

3.5. A redescoberta da “dimensão histórica” da escatologia

4. A PROBLEMÁTICA DO DISCURSO ESCATOLÓGICO TRADICIONAL

Unidade V

1. TENDÊNCIAS E DESAFIOS PARA O DISCURSO ESCATOLÓGICO CONTEMPORÂNEO

2. OS PRECURSORES DA NOVA ESCATOLOGIA TRANSFORMADORA

Unidade VI

1. DE UMA ESCATOLOGIA TRANSFORMADORA DO MUNDO

2. O DISCURSO ESCATOLÓGICO É IMPOSSÍVEL SEM A DIMENSÃO HISTÓRICA

3. TODA HISTÓRIA DO MUNDO É HISTÓRIA ESCATOLÓGICA. POR CAUSA DISSO PODEMOS TER ESPERANÇA

4. O PROJETO ESCATOLÓGICO DE DEUS DEVE SER COMPREENDIDO EM TERMOS DE PROCESSO DINÂMICO

5. A SALVAÇÃO ESCATOLÓGICA É PROCESSO QUE PRESSUPÕE NECESSARIAMENTE UMA FASE DE LIBERTAÇÃO

6. CINCO PRINCÍPIOS BÁSICOS DE UMA ESCATOLOGIA QUE LIBERTA

7. UM NOVO RELACIONAMENTO ENTRE OS SERES HUMANOS E O SEU AMBIENTE, A TERRA

8. A MISSA, IMAGEM DO PROCESSO ESCATOLÓGICO DO MUNDO

Unidade VII

A. O REINO DE DEUS

1. O GRANDE DESAFIO: RECUPERAR O SIGNIFICADO ESCATOLÓGICO DO REINO DE DEUS

2. A NOÇÃO “REINO DE DEUS” TEM LONGA TRADIÇÃO DENTRO DO PENSAMENTO BÍBLICO

3. REINO DE DEUS DEVE SER COMPREENDIDO A PARTIR DA MENSAGEM E DO AGIR DE JESUS

4. REINO DE DEUS, O CONCEITO DOMINANTE NA PREGAÇÃO E NO AGIR DE JESUS

5. AS EXPECTATIVAS DO REINO DE DEUS NA ÉPOCA DE JESUS

6. JESUS E AS EXPECTATIVAS DO REINO NA SUA ÉPOCA

7. ELEMENTOS DISTINTIVOS NA CONCEPÇÃO JESUÂNICA DO REINO DE DEUS

8. A ORIGINALIDADE ESPECÍFICA DA CONCEPÇÃO DO REINO, de acordo com JESUS

9. QUANDO CHEGA O REINO DE DEUS? O CARÁTER “ESCATOLÓGICO” E “HISTÓRICO” DO REINO
10. O REINO DE DEUS É PROCESSO DINÂMICO E DIALÉTICO DENTRO DA HISTÓRIA
11. COMEÇAR COM A CONSTRUÇÃO DO REINO JÁ, É TAREFA HISTÓRICA DOS HOMENS E DAS MULHERES
12. O CARÁTER DIALÉTICO DO REINO DE DEUS
13. O CARÁTER ESCATOLÓGICO DO REINO DE DEUS
14. O REINO DE DEUS EM PROCESSO DE ACONTECER EXIGE CONVERSÃO
15. O REINO DE DEUS EM PROCESSO DE ACONTECER ABRE NOVOS HORIZONTES DE ESPERANÇA
16. AS CINCO DIMENSÕES DE TODA ESPERANÇA ESCATOLÓGICA
17. ESPERANÇA ESCATOLÓGICA, MOTOR PARA O AGIR, TAMBÉM HOJE E NO FUTURO
18. REALIZAÇÕES CONCRETAS DO REINO DE DEUS
19. OS NÚCLEOS AGENTES DO REINO EM PROCESSO ESTÃO INSERIDOS, COMO SINAIS ALTERNATIVOS, NO SISTEMA ENTRELACADO DA SOCIEDADE
20. O POVO DE DEUS DEVE RECUPERAR A SUA CONFIANÇA DE SER AGENTE TRANSFORMADOR
21. O REINO DE DEUS, A GRANDE UTOPIA NUM MUNDO QUE PERDEU AS UTOPIAS

B. O FIM DO MUNDO

1. ESPERANÇA ESCATOLÓGICA E EXPECTATIVA DE UM FIM DO MUNDO
2. PARA AS CIÊNCIAS EXATAS, O “FIM DO MUNDO” EM NADA PRECISA SER CATÁSTROFE CÓSMICA NEM HOLOCAUSTO
3. A PARTIR DOS TEXTOS APOCALÍPTICOS DA BÍBLIA, TAMPOUCO SE PODE DEDUZIR QUE O FIM DO MUNDO DEVE SER HOLOCAUSTO CÓSMICO
4. O CONCÍLIO VATICANO II SUBSTITUI A IDÉIA DE UMA DESTRUIÇÃO APOCALÍPTICA DO MUNDO, PELA CONCEPÇÃO DINÂMICA DE UM MUNDO TOTALMENTE TRANSFORMADO
5. JESUS ULTRAPASSA E MODIFICA A VISÃO APOCALÍPTICO-MILENARISTA
6. O NOVO PARADIGMA ESCATOLÓGICO A PARTIR DE

JESUS: O FIM DO MUNDO DEVE SER VISTO EM TERMOS DE “PROCESSO DINÂMICO-DIALÉTICO”

7. O “FIM DO MUNDO” É PROCESSO DINÂMICO E DIALÉTICO QUE EM JESUS CRISTO JÁ COMEÇOU

8. INTERLIGAÇÃO ENTRE A TEORIA CIENTÍFICA DA CRIAÇÃO E O MODELO PROCESSADOR

9. O SIGNIFICADO ESCATOLÓGICO DA RESSUSCITAÇÃO DE JESUS

10. CONSEQUÊNCIAS DE UMA ESCATOLOGIA PROCESSADORA

C. A PARUSIA OU A SEGUNDA VINDA DO SENHOR

1. ESPERANÇA PERSONALIZADA QUE NÃO SE REALIZOU

2. MUDANÇAS HISTÓRICAS NA EXPECTATIVA DA SEGUNDA VINDA DE JESUS

3. A AUSÊNCIA DA PARUSIA CAUSA APROFUNDAMENTO DA FÉ

4. A PARUSIA COMPREENDIDA DENTRO DO ENFOQUE DINÂMICO DE UM PROCESSO

D. O JUÍZO FINAL

1. A GRANDE VERDADE DO JUÍZO FINAL DEVE SER COMPREENDIDA A PARTIR DE DOIS NÍVEIS TEMPORAIS DISTINTOS

2. PARA O COSMO, O JUÍZO FINAL SE REALIZA NO MOMENTO DE SUA PLENIFICAÇÃO, QUE É TAMBÉM A PARUSIA

3. OS CRITÉRIOS DO JULGAMENTO DO COSMO E DA HISTÓRIA SÃO OS CRITÉRIOS DE MT 25

E. UM NOVO CÉU E UMA NOVA TERRA

1. O PROJETO ESCATOLÓGICO DE DEUS IMPLICA A SALVAÇÃO DO COSMO INTEIRO

Unidade I

AS BASES DE NOSSA ESPERANÇA

1

DEUS, ÚLTIMA RAZÃO DE TODA A ESPERANÇA

O conteúdo básico de toda a escatologia é a esperança. Esperança que a situação atual irá melhorar. Esperança que o rumo tantas vezes incompreensível da história tenha algum sentido. Esperança que o fim último deste mundo ultrapasse os planos e projetos de todos aqueles que se autodeclaravam os senhores do mundo, e que por causa disso exigiam o poder, oprimindo os fracos, declarando com voz arrogante a sua própria ordem. Contra todos eles, e diante de todas as desgraças e de todas as dores, a escatologia mantém a esperança de que o fim último de tudo não será o triunfo destes, mas a vitória do projeto histórico de Deus. Daquele Deus que põe um fim a todo fim, que é Senhor do Cosmo e Ponto Ômega da sua evolução.

Eis a grande esperança de todos aqueles que sofrem. A esperança dos fracos. A esperança daqueles que não têm mais esperança nenhuma. A esperança de todos eles se baseia em Deus. Mas, não num Deus espiritualizado e afastado do mundo, assim como todos os poderosos gostariam que fosse. Não num Deus transcendente, inatingível na sua glória celeste, assim como a filosofia grega o apresentou, para grande satisfação daqueles que neste mundo querem mandar, e que até recorrem a esta imagem de Deus, para justificar a sua própria dominação.

Não é este o Deus que se torna a base da esperança escatológica de todos os tempos.

Quem sustenta tal esperança é outro Deus. Um Deus incômodo para todos os poderosos. É o Deus verdadeiro, Javé, o Deus de Moisés e dos profetas, o Deus de Jesus Cristo, em uma palavra, o Deus anticonvencional, indomesticável, da Bíblia.

No centro de sua revelação, encontramos a grande verdade que faz tremer os poderosos:

O Deus verdadeiro é um Deus presente na história.

O Deus verdadeiro, Javé, é Deus histórico, presente nas lutas de seu povo, que caminha com ele, conduzindo esse povo rumo a um futuro melhor.

O Deus verdadeiro é um Deus fiel.

A fidelidade de Deus vai além de todo pecado, além de toda traição e além de todo limite de amor. Montanhas podem cair e mares secar, opressores podem se levantar e poderosos se divinizar; Deus, porém, nunca irá abandonar seu povo.

O Deus verdadeiro é um Deus da vida.

O atuar do Deus fiel não é um agir qualquer. Ele segue uma meta, segue um objetivo final, claramente definido por um único lema

central: QUE TODOS TENHAM MAIS VIDA!

Eis o princípio de seu agir. Mais vida! Mais vida em todos os níveis. Começando com a morte do indivíduo e terminando nas situações de opressão do povo. O Deus verdadeiro é contra todas as situações que produzem algum tipo de morte, porque ele é um Deus da vida.

O Deus verdadeiro é um deus “go’el”.

Este Deus da vida, por último, toma partido de maneira muito acentuada em favor de todos aqueles cuja vida está ameaçada. Ele se autodeclara “go’el”, o defensor daqueles que não têm defensor. O defensor do pobre, do fraco, do marginalizado, do excluído.¹

“Não despojes o fraco por ser fraco, nem oprimas o pobre no julgamento, porque Javé disputará sua causa...” (Pr 22,22).

Deus, em toda a história, optou pelos pobres, pelos fracos, pelos oprimidos. Essa opção o distingue, desde o início, de todos os deuses das culturas em torno de Israel. Muito antes de a Igreja latino-americana ter formulado a sua opção preferencial pelos pobres, o próprio Deus a formulou. Incômodo para todos os poderosos. Incômodo até para os detentores do poder religioso. Mas, fiel ao povo. Na época de Israel e hoje. Um Deus que assume a defesa daqueles que não têm mais defensor. A grande esperança deles, a sua ajuda e o seu incentivo na luta por situações melhores. Assim é Deus. O verdadeiro. O bíblico. O Deus de Abraão e o Deus de Jesus.

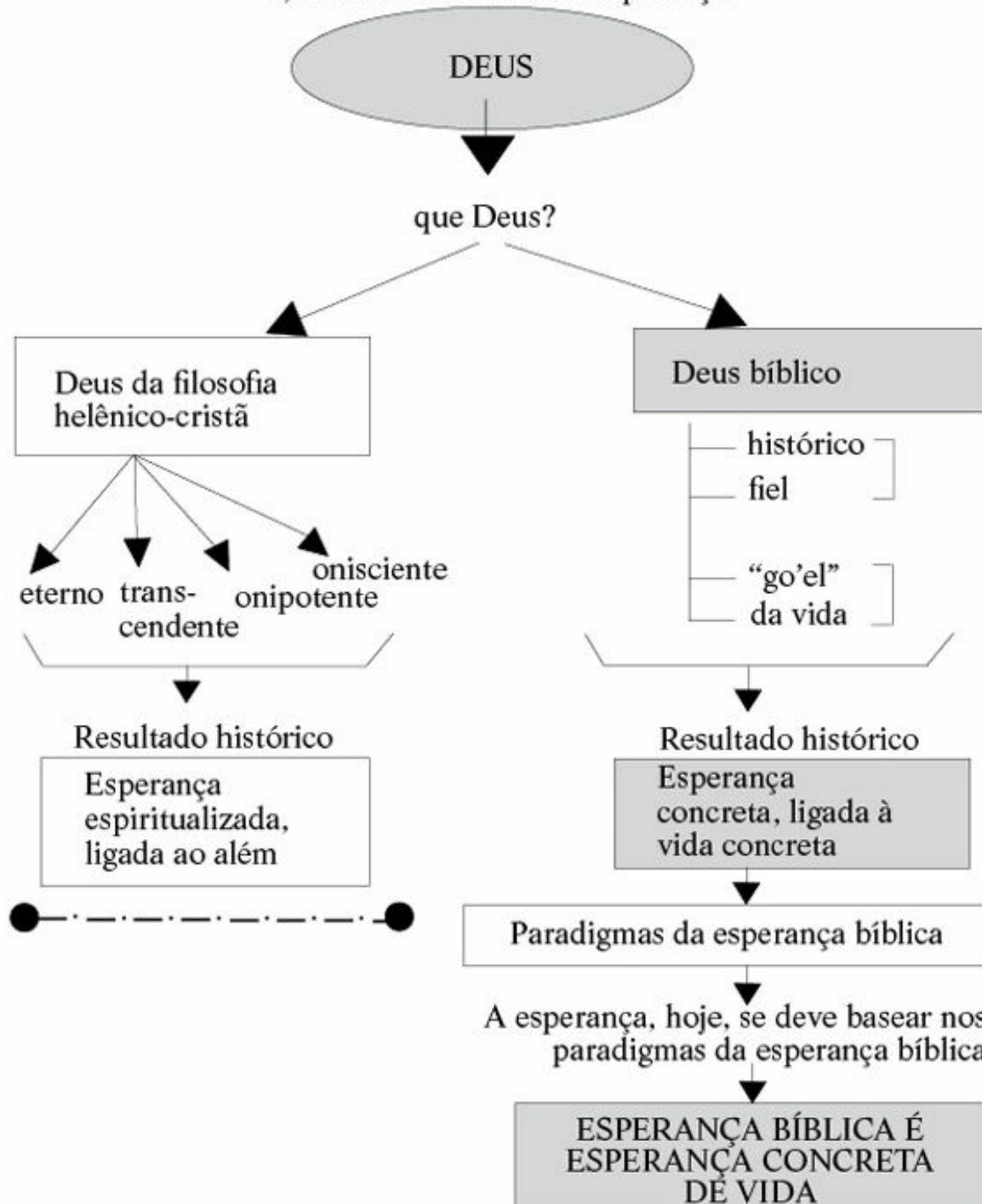
Na sua presença, os oprimidos podem levantar a cabeça e os desesperados redescobrir a esperança. Porque o agir de Deus não é um agir limitado a esferas celestes e afastado do mundo. O campo de ação dele é o mundo, a história, são as lutas concretas por situações melhores de vida. Por causa disso, também a esperança nele é esperança concreta, ligada à vida concreta. Paradigma da esperança bíblica. Paradigma da esperança do povo de Israel. Paradigma de esperança também para hoje.

A esperança em Deus é uma esperança concreta de vida.

Essa convicção marca a visão do mundo e a visão da história do povo de Israel. Baseando-se nela, o povo, na época de Israel, mantinha a sua esperança, apesar de todas as desgraças e de todas as catástrofes históricas. Baseando-se na mesma convicção, é possível manter a esperança também nos dias de hoje. Eis a grande verdade escatológica que devemos redescobrir, seguindo os parâmetros da história de Israel.

BASES DA NOSSA ESPERANÇA

1) Última razão de toda esperança



2

A ESPERANÇA ESCATOLÓGICA É ESPERANÇA

CONCRETA DE VIDA

Para Israel, o Deus Javé é Deus histórico, presente nas lutas de seu povo, caminhando com ele, conduzindo esse povo rumo a um futuro melhor. A certeza dessa esperança marca a visão do mundo e a visão da história do povo de Israel.

Deus é Deus conosco.
Deus é Deus fiel.

Baseado neste pressuposto de sua fé, toda a história do povo apresenta, como característica fundamental, a esperança.

A história do povo de Israel é história de esperança.

Esta esperança, porém, não é esperança espiritual, assim como muitas vezes se ouve em nossos discursos religiosos. Ela não está primeiramente ligada às coisas do além; bem pelo contrário:

A esperança do povo é concreta!

A esperança de Israel está enraizada nas experiências e nas necessidades históricas: é esperança histórica. Alimenta-se nos anseios concretos e se apóia na fé no Deus presente, no Deus fiel, no Deus interessado exatamente na superação desses anseios concretos. Apesar disso, porém, não é esperança mundana e unidimensional, na qual não há lugar para nada além das necessidades empíricas.

Apoiando-se na história concreta do povo, ela se apóia ao mesmo tempo em Deus, de tal maneira que nunca se abre aquela dicotomia trágica entre o mundo e Deus, que tanto marca o pensamento dualista do Ocidente. Desde o início, Deus está presente no mundo, e a esperança do povo para uma vida bem-sucedida é sempre esperança em Deus.

Este Deus é histórico, presente na caminhada do povo, presente nas suas vitórias e nos seus fracassos, e a esperança nesse Deus, desde o início da história do povo, é assim esperança concreta, ligada à vida concreta.



3

DINÂMICA DA ESPERANÇA NA ÉPOCA DO PRÉ-EXÍLIO DE ISRAEL

O futuro escatológico é futuro dentro do processo histórico contínuo. Esta esperança se forma e se manifesta em Israel desde a história dos patriarcas até a catástrofe do exílio, em 587 a. C. É esperança ligada à vida e ligada a Deus. Esperança que em muitas etapas se forma e se exemplifica. Os seus pontos chaves são os seguintes:

→ ESPERANÇA DE TER UM LUGAR PARA VIVER

A dinâmica da esperança começa já no início da história da revelação. Deus se revela como alguém que promete terra, promete um lugar para morar e viver. A sua promessa responde ao grande anseio de um povo sem terra, seminômade, que hoje não sabe onde poderá viver amanhã. É neste anseio que se fundamenta toda a história de Abraão, sua saída rumo a um país que não conhece, mas que Deus lhe mostrará (Gn 12,1). Deus promete, e a sua promessa repercute nos anseios mais profundos de um estrangeiro, de um nômade errante (Dt 26,5), de homem sem raiz, de migrante perdido nas planícies de Ur na Caldéia, ou no anonimato de alguma metrópole do Brasil. A promessa concreta de Deus, respondendo a um anseio concreto, acende uma esperança concreta.

→ ESPERANÇA PARA TER PROLE, E ASSIM VIDA ALÉM DA MORTE INDIVIDUAL

À promessa de terra se liga a promessa de prole. Quem tem prole não morre, porque aquilo que foi e aquilo que fez continua nos seus filhos e nos seus netos. Viver sem filhos significa vida sem futuro.

De novo encontramos os anseios mais profundos, mais arcaicos do ser humano. Ficar sozinho significa solidão. Morrer sem filhos significa desaparecer sem deixar

vestígios, esquecido, abandonado na massa anônima de seres desconhecidos. Contra esse temor, a promessa de Deus incentiva nova esperança: “Farei de ti um grande povo” (Gn 12,2).

A promessa de Deus forma a base para o começo da nova dinâmica na história: a saída de Abraão e sua caminhada rumo a essa esperança concreta. O Deus que provoca a esperança revela-se ao mesmo tempo como sendo o Deus que incentiva a mudança social. Esperança é dinâmica, e essa dinâmica permanece viva no decorrer de toda a história. Ela se manifesta de maneira bem concreta nas aspirações pela libertação sociopolítica.

→ ESPERANÇA NUMA LIBERTAÇÃO SOCIOPOLÍTICA

Toda esperança no agir concreto de Deus culmina para Israel naquela experiência que, de certa maneira, marca o seu início como nação. Deus se revela como sendo o Deus que liberta da opressão (Ex 3,6-10). Nesse agir, Israel o conhece como o Deus presente de maneira concreta na história, o Deus ciente do sofrimento de seu povo, decidido a agir em favor dos oprimidos e contra os opressores:

“Estou decidido a libertá-lo... e conduzi-lo desta terra para uma terra fértil e espaçosa” (Gn 3,8).

Deus, outra vez, toma a iniciativa, e sua iniciativa, de novo, está ligada a uma promessa. Esta promessa, porém, incentiva à ação e à transformação de uma situação histórica inumana.

Deus está conosco! A esperança de todos os escravos, desde o tempo do faraó até a época das linhas de montagem e dos contratos de crédito, nas grandes lojas do consumismo. A esperança incentiva à mudança social e, mais uma vez, é Deus que a incita.

→ ESPERANÇA MESSIÂNICA DE TER RELACIONAMENTO ESPECIAL COM DEUS

A dinâmica que começou com a esperança na libertação continua incentivando a caminhada pelo deserto. A partir da experiência de ter sido salvo do poder do opressor no Egito, a esperança se amplia. A terra prometida, “fértil e espaçosa” (Gn 3,8), será também a terra onde reinará Javé. Deus realizará o seu Reino com o seu povo escolhido.

“...se realmente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis minha propriedade exclusiva dentre todos os povos... sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19,5-6).

Mais uma promessa formulada. E como as precedentes, articulada numa situação em que nada, até então, sinaliza a sua realização. Mas, ela incentiva a conquista e a formação de um sistema igualitário das doze tribos. Uma vez formulada, a promessa se torna motor para o agir.

Essa força estimuladora se manifesta outra vez na última das grandes promessas: a promessa da paz.

→ ESPERANÇA DE TER A PAZ

O grande anseio de um povo que conquistou a sua terra através de muitas dores,

conflitos, e às vezes em circunstâncias desesperadoras, é a paz. Queria ser reconhecido entre as nações. Enfim, ser “alguém”.

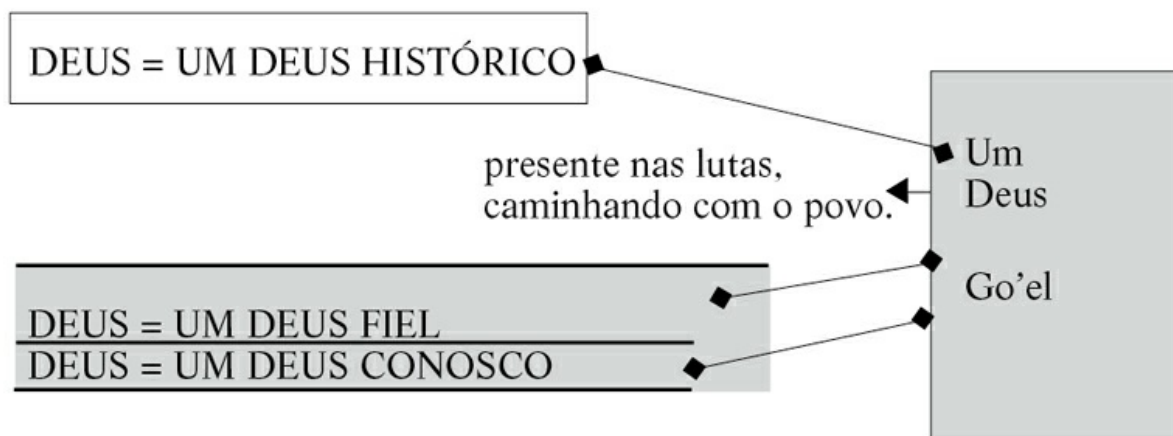
Encontramos assim mais um anseio muito concreto, ligado a condições históricas concretas. De novo é Deus que promete que o anseio do povo se realizará. Apoiando-se nas suas ações do passado, formula a visão de um futuro realizado na paz: o reinado de Davi aparece como grande promessa histórica no horizonte.

“Fui eu que te tirei da pastagem e do cuidado do rebanho para seres chefe do meu povo Israel. Eu te assisti em todas as tuas empresas... Tornarei teu nome tão famoso como o dos homens mais famosos da terra. Assinalarei um lugar ao meu povo Israel, onde o implantarei, de modo que possa morar aí sem sobressaltos...” (2Sm 7,8-10).

Observando assim os primeiros séculos da história de Israel, constatamos sempre a mesma característica: a sua esperança em Deus não é uma esperança espiritual e fora da vida. Ela, muito mais, fica enraizada nas experiências e nos anseios concretos do povo. É a partir de suas angústias e aflições, seus fracassos e suas dores, que o povo reconhece Deus como o grande incentivador. Um Deus conosco, inserido na história e acompanhando esta história de perto, é assim que Israel experimenta o seu Deus. E sendo que a sua história permanece sendo o grande paradigma de todo o agir entre Deus e os homens, as características de suas experiências valem também para hoje, valem também para nós:

Para Israel, A ESPERANÇA É UMA ESPERANÇA CONCRETA DE VIDA

=====



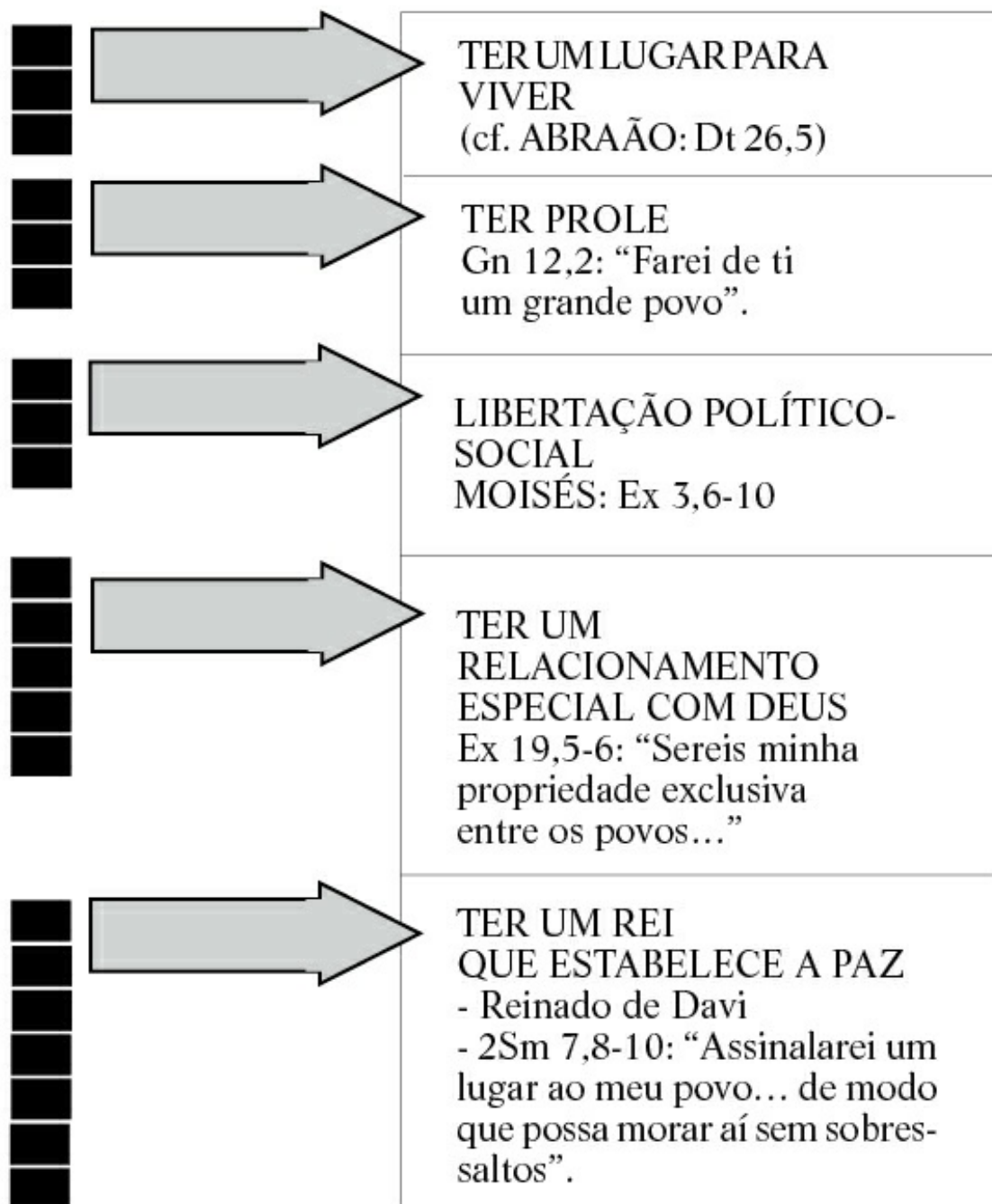
Característica ■
fundamental de ■ A ESPERANÇA
toda a história: ■

A HISTÓRIA DO POVO DE ISRAEL =
UMA HISTÓRIA DE ESPERANÇA

mas:

Não é uma esperança “espiritual”.

As 5 promessas concretas que incentivam uma esperança concreta:



Essa esperança desenvolve uma dinâmica transformadora!

4

A ESPERANÇA, INCENTIVADA PELAS

PROMESSAS, SE TORNA A GRANDE FORÇA TRANSFORMADORA DENTRO DA HISTÓRIA

Toda a história de Israel se constrói em cima de promessas. E quase sempre estas promessas estão sendo formuladas em situações onde nada, absolutamente nada, sinaliza a sua possível realização. Bem pelo contrário. Parece absurdo até pensar em tais promessas, vista a situação histórica concreta. Todo homem sensato confirma a impossibilidade de que elas possam ser realizadas em tal constelação histórica.

Mas, apesar disso, e contra toda sensatez, o povo leva as promessas a sério. Ele as leva a sério porque quem as formulou não é um político qualquer, não é um sacerdote qualquer.

Quem formula as promessas é Deus.

Deus prometeu, e ele, Deus, é fiel.

Ele vai manter a sua promessa, porque é Javé, o Deus conosco, o go'el do povo.

Aquilo que ele prometeu irá realizar-se com plena certeza. Contra todas as aparências opostas, contra todas as dificuldades. Aquilo que Deus prometeu, irá realizar-se!

Era essa a convicção do povo. E em cima dessa convicção constrói a sua esperança.

Ele vai manter a sua promessa, porque é Javé, o Deus conosco, o go'el do povo.

Aquilo que Deus prometeu irá realizar-se, porque foi Deus quem o prometeu.

Assim se fundamenta a esperança. E essa esperança, mais uma vez, não é uma esperança espiritualizada, mas muito concreta.

As promessas de Javé estão ligadas à realidade socioeconômica e política do povo. Conseqüentemente, também as suas esperanças são incentivadas pelas promessas.

O Deus da vida age na vida. E sendo ele o Deus que quer “mais vida”, os seus projetos também incentivam a esperança em situações de “mais vida”.

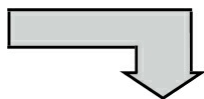
Essa esperança, porém, não é uma atitude passiva e inativa. Baseada nas promessas de Deus, ela se torna o motor que incentiva o agir. A esperança do povo se torna transformadora porque, incentivada por ela, é o povo quem realiza aquilo que Deus prometeu.

Encontramos aqui a dinâmica típica do agir entre Deus e os homens. Deus promete, mas são os homens e as mulheres que devem realizar o conteúdo da promessa. Eles o conseguem realizar porque confiam na fidelidade daquele que a formulou. Assim começam a agir, movidos pela esperança de que Deus estará com eles. E movidos por esta certeza conseguem aquilo que foi prometido.

A esperança em Deus se revela como sendo uma força transformadora irresistível. Na época de Israel, como na época de hoje. Aí, onde homens e mulheres confiam nas promessas de Deus, transformam o mundo, a despeito de todas as intimidações e de todos os obstáculos.

A ESPERANÇA É TRANSFORMADORA

Para Israel,
as esperanças se baseiam
em PROMESSAS

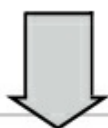


AS PROMESSAS SÃO FORMULADAS EM SITUAÇÕES ONDE NADA AINDA SINALIZA A SUA REALIZAÇÃO.

Mas:



Quem prometeu foi Deus! – Ele é fiel!



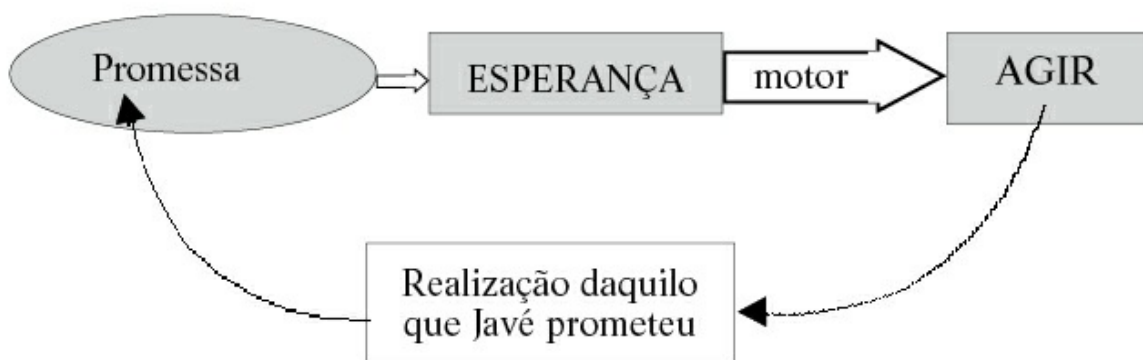
Esperança

Aquilo que ele prometeu se realizará
com plena certeza!

UMA VEZ FORMULADAS,
AS PROMESSAS INCENTIVAM O AGIR,
RUMO À SUA REALIZAÇÃO!



Agir concreto dentro de
situações concretas



→ A ESPERANÇA ESCATOLÓGICA NÃO É FUGA ESPIRITUALIZANTE
→ ELA SEMPRE PERMANECE LIGADA À VIDA CONCRETA E
ENRAIZADA NA HISTÓRIA

ESTAGNAÇÃO DA ESPERANÇA A PARTIR DO REINADO DE DAVI

Com o reinado de Davi, parece que tudo o que Deus havia prometido se concretizou.

A terra foi conquistada, o povo se tornou grande e poderoso, vive em liberdade, na certeza de ter firmado uma aliança especial com Deus, e no campo da política se alcançou a paz. Todas as promessas, de fato, foram realizadas.

A fidelidade de Javé fica confirmada e as referências ao passado fortalecem a fé naquele Deus que prometeu e que realizou as suas promessas. Não parece mais ser necessária a esperança, porque tudo já se concretizou...

Promessa realizada, porém, traz consigo o perigo da estagnação!

A possibilidade é grande de se contentar com aquilo que foi realizado. Nem os teólogos escapam à tentação de proclamar a situação estabelecida como sendo a realização do projeto escatológico de Deus. Isso vale para a época de Israel, como vale para as épocas seguintes.

Será que o Reinado de Deus se realizou? Será que o plano escatológico de Deus se esgota nisso?

Muitos diziam que sim. Caso tenham razão, não é mais necessário ter esperança e muito menos agir de maneira transformadora e incômoda dentro da história...

Era essa a situação na época de Davi e depois. É nessa situação de estagnação da esperança que explodem em Israel as sucessivas catástrofes históricas. Elas põem em dúvida a convicção de que Deus é fiel e questionam sempre de novo as bases de uma fé que se fundamenta no agir histórico desse Deus.

O sonho de viver a plena realização das promessas de Javé não perdurou por muito tempo. A dinâmica da esperança cede lugar à instituição que se julga cada vez mais auto-suficiente. O fracasso da realeza culmina finalmente na destruição de Jerusalém, na dispersão do povo e na deportação de suas elites em 587 a.C.

Esta data põe fim a todo um processo histórico-teológico que começou com o reinado de Davi. O seu desafio pode ser resumido numa única pergunta:

**COMO MANTER A ESPERANÇA NUM DEUS HISTÓRICO
E FIEL AO POVO?**

Essa é a grande preocupação a partir do momento em que a certeza de ter alcançado a realização dos projetos escatológicos de Deus começa a dar espaço às dúvidas. Os sucessivos desastres históricos, após o reinado de Davi, exigem explicação. Onde está o Deus fiel, o Deus-conosco, o Deus que conduz o seu povo?

É diante dessas indagações que devemos ver e compreender os esforços dos profetas, para manter viva a fé do povo num Deus fiel. Esforços desesperados muitas vezes, mas que têm, apesar disso, o seu êxito até depois da grande catástrofe do exílio em 587 a.C.

¹ A figura do Deus “go’el” aparece, entre outros, nos seguintes textos bíblicos: Ex 3,7; 21,25-27; 22,20; 22,25; 23,6; 23,10; Lv 25,25.

Unidade II

DA TEOLOGIA ESCATOLÓGICA DOS PROFETAS AOS APOCALIPSES

1

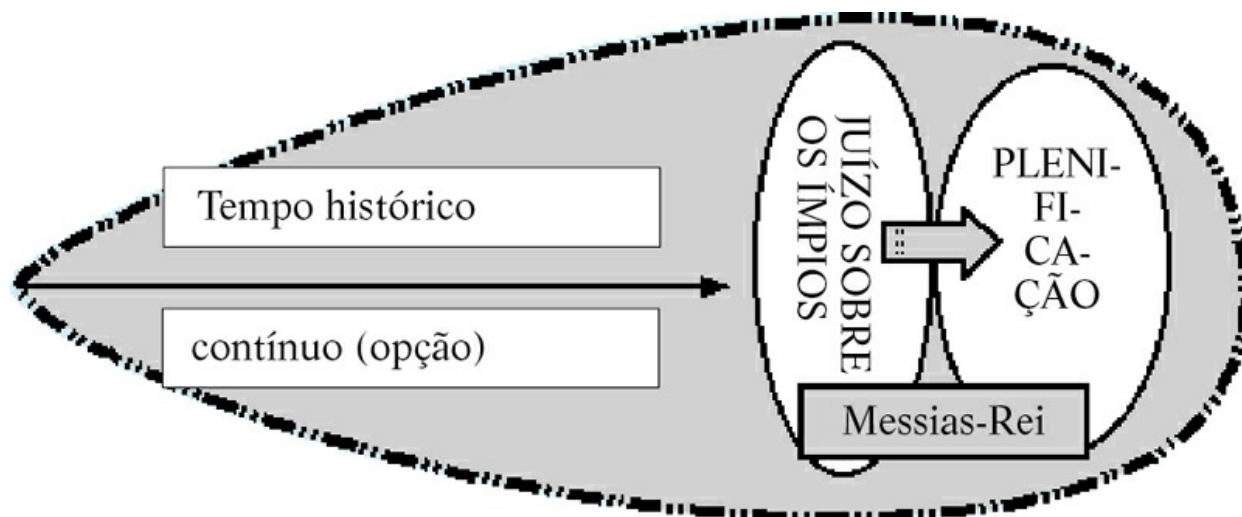
A TEOLOGIA ESCATOLÓGICA DOS PROFETAS, ANTES DO EXÍLIO (587 A.C.)

Para a teologia de Israel, um dos pressupostos básicos é a convicção de que Deus é um Deus que age na história. Um Deus imanente, Senhor do processo histórico, que conduz esse processo rumo a uma plenificação final. Essa plenificação, por sua vez, significa a realização do projeto escatológico desse Deus. Projeto construído no decorrer da história, realizado dentro do tempo contínuo deste mundo. Projeto em cujo centro encontramos, como fato angular, a confirmação da fidelidade de Javé à aliança firmada com o seu povo.

A REALIZAÇÃO
DO PROJETO ESCATOLÓGICO
DE DEUS
SE FAZ
NO DECORRER DO PROCESSO
HISTÓRICO
(Cf.: Gerhard von Rad, Teologia do AT 2, p. 300)

Concepção escatológica da teologia profética:

O projeto histórico de Deus se realiza dentro da história.



Am 5,18-20; Is 2,6; Ez 37,1-14; 20,32-34;
34,1ss; Is 43,22-28; Dt 30,19

O projeto histórico e escatológico de Deus se realiza dentro da história!

Por causa dessa convicção fundamental, toda a caminhada histórica está marcada pela ESPERANÇA. Deus conduzirá o seu povo rumo a um final feliz.

Haverá, num certo momento histórico, um juízo sobre os ímpios, no decorrer do qual será revelada a todos a soberania de Javé sobre o mundo. Esse juízo iniciará o reinado de Deus.

É dentro desse contexto do reinado de Deus que se formula em 3 etapas a grande expectativa de um reino messiânico, estabelecido por um enviado de Deus, um Messias.

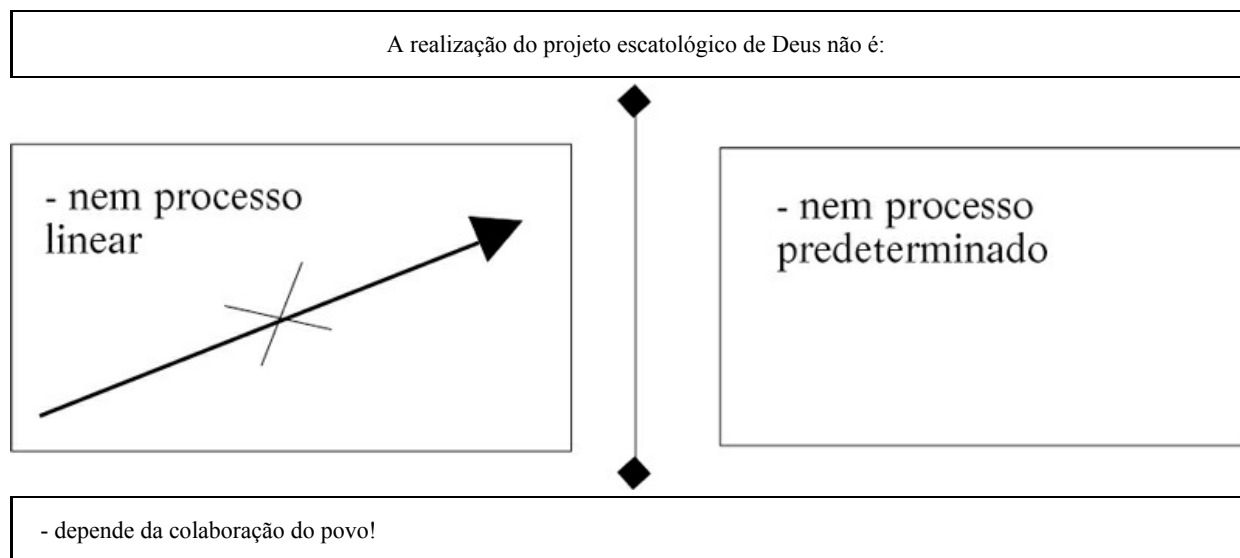
A plenificação final de todo o processo histórico será assim o reino da paz e da justiça.¹

- Textos pré-messiânicos A: (Rei bom e justo) Is 8,23-9,6; 11,1-9; Jr 23,5-6; Jr 23,1-4; 33,17-26
- Texto pré-messiânico B: (O Reino messiânico): Jr 31,31-34
- Textos messiânicos: (Messias): Is 7,10-17; Zc 9,9-10

Contra todas as oscilações históricas, a fé em Israel mantém firme a convicção: Deus é fiel. Ele prometeu que vai realizar o seu projeto com o povo, então ele o realizará.

1.1. A realização do projeto de Deus não é processo linear nem caminhada predeterminada

É importante, porém, frisar que toda essa expectativa de uma plenificação histórica em nada se baseia na idéia de um processo linear e constantemente progressivo. Bem pelo contrário. A história está sendo vista em toda a sua dialética. Na realização do projeto escatológico de Deus pode haver progressos e retrocessos, aceleração e estagnação, porque Deus realiza os seus planos junto ao povo e com a colaboração deste. Javé é fiel; o povo, no entanto, muitas vezes, é infiel.



A história não é predeterminada, ela pode mudar. Os planos de Deus são suscetíveis a constantes modificações, porque eles se realizam não só dentro da história, mas também através do agir do povo. Este povo, porém, é agente ativo, protagonista dentro de um processo, onde Deus faz propostas, onde ele formula promessas, mas onde ele sempre respeita a liberdade de decisão do povo.

É dentro desse contexto que devemos ver o agir dos profetas e todo o rumo de sua

teologia.

São os profetas que constantemente lembram essas características do agir de Deus. São eles que lembram ao povo e às suas elites a necessidade de sempre novas decisões. São eles que exigem a conversão, quando o povo se afasta dos rumos do plano de Deus. E são eles que, sem se cansar, lembram a todos que a realização dos planos de Deus depende não só da vontade de Deus, mas também da fidelidade do povo, de sua decisão de entrar no rumo desses planos, e de sua firmeza em manter-se nesse rumo.

O povo pode desviar-se do projeto de Deus. As elites podem colaborar com interesses opostos e até hostis aos projetos escatológicos. O poder religioso pode defender em nome de Deus interesses contrários ao próprio Deus. Tudo isso é possível. Mas, apesar disso, Deus é fiel, ele mantém o seu plano, e o profeta anuncia tal plano e caso seja necessário denuncia a sua deturpação.

Em cima desses pressupostos, a história de Israel, depois de Davi, mantém a sua característica de ser caminhada rumo à realização de um projeto escatológico de Deus. Ela consegue manter este rumo mais ou menos até o século VI a.C., apesar de todos os retrocessos, apesar de todas as decepções e de todas as frustrações de um sistema de realeza que em nada corresponde ao grande ideal do reinado messiânico.

1.2. A crise histórica que provoca a crise da teologia profética

A partir do século VI a.C., os grandes impérios da Mesopotâmia começam a invadir a Palestina. Passo por passo, a certeza teológica de um Deus que controla o processo histórico está sendo sacudida ou pelo menos questionada.

Será que Javé ainda dirige os fatos?

Será que Javé tem mesmo poder sobre os acontecimentos?

Será que o processo histórico segue ainda os planos dele? Perguntas e indagações cada vez mais sérias. Elas se refletem até em certos textos bíblicos, como por exemplo em Sf 1,12 : “Há pessoas que dizem que Javé não pode fazer nem o bem nem o mal”.

É nessa situação que a teologia histórico-escatológica dos profetas começa a ser questionada. É nessa situação de dúvidas crescentes que finalmente eclode a grande catástrofe histórica do exílio, em 587 a.C. Os seus resultados aniquilam todas as conquistas dos séculos anteriores. Tudo o que Javé tinha prometido e que o povo tinha conquistado, se perdeu:

- Jerusalém destruída
- O templo em ruínas
- O povo escravizado
- O país devastado

Onde, nessa situação, ainda há indícios de um Deus que controla o rumo das coisas? Onde há bases para acreditar num Deus histórico e fiel?

2

A CATÁSTROFE DE 587 A.C. PÕE EM QUESTÃO O

PODER E A FIDELIDADE DE JAVÉ

A situação no início do exílio se apresenta de maneira desastrosa: Todas as promessas já realizadas se perderam. O povo morto em grande parte; a terra não pertence mais a ele; em vez de liberdade, vive de novo na escravidão; a aliança com Javé parece ter sido quebrada, e em vez de paz se vê guerra em todo lugar.

Será que Deus abandonou o seu povo? Ou será que, talvez, Javé é menos poderoso que Marduk, o deus da Babilônia, em cujo nome os exércitos dele aniquilaram as forças de Israel?²

Perguntas sobre perguntas.

Dúvidas sobre dúvidas.

2.1. A teologia dos profetas do exílio fortalece uma fé “apesar de tudo”

Os profetas da época do exílio e do pós-exílio respondem a essas indagações, e nas suas respostas acentuam a fidelidade de Javé, “apesar de tudo”. Argumentação que culmina na profecia do Dêutero-Isaías (Is 40-55). Deus resgata o seu povo, porque ele é Deus fiel (cf. Is 43,22-28). As imagens, usadas para transmitir esta certeza, são às vezes de uma beleza poética, cheias de confiança e de consolo:

“Só por breve instante eu te abandonei, mas com imensa compaixão te reunirei. Por uma súbita explosão de cólera, por um momento escondi de ti a minha face; mas é com benevolência duradoura que de ti me compadeço, diz o Senhor, teu fiador” (Is 54,7-8).

“Como poderia ser repudiada a mulher a quem se amou na juventude? diz teu Deus” (Is 54,6).

Nos textos proféticos da época do exílio, a fidelidade de Javé está sendo apresentada como “fidelidade apesar de tudo”.

Respondendo a esta fidelidade “apesar de tudo”, forma-se como consequência também uma esperança “apesar de tudo”. Em vez de ser destruída na maior crise da história de Israel, a fé em Deus amadurece, mantendo, apesar de todas as aparências históricas contrárias, a esperança na realização das promessas de Deus.

À fidelidade de Javé “apesar de tudo”, responde a esperança do povo “apesar de tudo”.

Nos textos proféticos, esta esperança contra todas as aparências mantém sempre a visão de uma nova vida “neste mundo”. Herbert Vorgrimler formula esse fato essencial de maneira muito clara: “Onde o reinado de Javé é proclamado, os profetas se referem à nova situação da humanidade e do mundo, na qual são realizados o direito e a justiça, a paz e a segurança. Nunca compreendem essa nova situação como sendo uma vida eterna num mundo totalmente outro, fora da história”.³

A crise da fé constitui, assim, uma radicalização da esperança. Deus permanece sendo o Deus fiel que realizará as suas promessas. A grande questão é como ele as realizará diante da nova situação histórica, na qual todas as antigas perspectivas e imaginações dos projetos divinos se revelaram como sendo inviáveis, errôneas ou falsas.

2.2. O fracasso histórico revelou também a falsidade das projeções históricas da teologia

A catástrofe de 587 a.C. não destruiu a esperança nas promessas de Deus. Ela mostrou que a realização dessas promessas não seria feita assim como os intérpretes dos textos haviam imaginado.

Podemos até dizer que a experiência da dispersão e do exílio serviu para destruir as idéias cimentadas e institucionalizadas, que se tinham formado dos projetos de Deus. As projeções históricas dos teólogos foram reveladas como falsas, e a identificação do futuro reinado de Deus com o reino dos sucessores de Davi se mostrou uma ilusão. Frente aos escombros de um modelo escatológico destruído, era difícil também imaginar o futuro reinado de Deus em termos de resultado de um processo histórico contínuo.

Os teólogos tinham que rever as suas interpretações e previsões sobre os planos de Deus, e tal exigência tem significado até hoje. Os planos escatológicos de Deus vão além dos limites estabelecidos e permitidos por qualquer instituição, seja ela religiosa ou profana.

Para a fé da época, todavia, ficava evidente que o futuro reino de Deus deveria ser pensado de outra maneira. A teologia profética depois do exílio revela nitidamente uma mudança de perspectiva. Mas ela revela, ao mesmo tempo, o grande esforço de manter a fé, de reforçar a esperança no agir histórico de Javé, “apesar de tudo”.

3

A TEOLOGIA ESCATOLÓGICA DOS PROFETAS DEPOIS DO EXÍLIO

Todo o esforço da teologia profética depois do exílio gira em torno da mesma mensagem:

Deus é fiel, ele não abandonou o seu povo!
--

- ♦ Jr 24,5 ss; 29,11-14; 30,18ss; 31,31; 32,6-15; 33,4 ss: (uma nova aliança)
- ♦ Ez 11,16; 20,33-38; 37: (Javé ressuscitará o povo)
- ♦ (Cf. também textos em: Ageu, Zacarias, Malaquias, Jonas)

Deus realizará algo novo! Haverá um começo, rumo a um futuro novo!

- ♦ Is 11,1: “Do tronco de Jessé sairá um broto novo...”
- ♦ Também: Is 49,14; 50,1; Jr 31,31-34
- ♦ Zc 14,10; 11; 16; 20: (Haverá uma nova Jerusalém)
- ♦ Ageu, Zacarias: Haverá um novo Templo
- ♦ Is 25,6-8; 60: Toda opressão social e toda iniquidade acabarão

Conforme a pregação dos profetas, esse novo futuro também se realizará como processo evolutivo dentro da história. Mas, o resultado desse processo não será mais a continuação da antiga tradição.

- ♦ Ez 19: (A dinastia de Davi vai desaparecer)
- ♦ Ez 26,25ss: (...vou purificar vocês...)
- ♦ Jr 23,1-6: (...darei a Israel um germe justo)

3.1. Apesar de todo o esforço dos profetas, depois do exílio o modelo histórico-escatológico deles não pôde mais ser mantido como modelo dominante

O esforço da pregação profética conseguiu manter a esperança do povo em Javé. Mas, esta esperança desesperada da época pós-exílica podia cada vez menos imaginar o agir de Deus como força imanente do processo histórico.

“Essa visão”, diz Gerhard von Rad, “devia perder-se sob a influência do código sacerdotal e de sua teologia cultual não escatológica... a consolidação da comunidade cultual pós-exílica preenchia as esperanças de restauração... eliminando, de forma cada vez mais sistemática, as idéias escatológicas”.⁴

Isso não significa que a expectativa escatológica dos profetas desapareceu de vez, mas apenas através de todo um processo de mudanças. Pablo Richard mostra como a nova tendência hierocrático-sacerdotal, passo a passo, começou a predominar sobre o movimento profético-popular, no qual podemos ver a continuação da concepção escatológica dos profetas, adaptada à nova situação do pós-exílio.⁵

A nova perspectiva sacerdotal finalmente predominou. Ela ganhou mais força, também, porque o grande êxodo, profetizado pelo Segundo-Isaías, não se realizou (cf. Is 66,18ss). A grande peregrinação de todos os povos para Jerusalém não aconteceu (Is 60). Em vez disso, vieram as experiências sangrentas e traumáticas das perseguições sob o império helênico dos Selêucidas, sobretudo de 242-187 a.C. (cf. Dn 2,28; 2,44; 7,13ss).

Tudo isso ampliou e fundamentou ainda mais a convicção de que a realização dos planos de Deus não seria possível dentro dessa história.

Mas, por outro lado, se mantinha a esperança na fidelidade de Javé. Só que esta esperança se exprimiu no Judaísmo tardio do século III a.C. ao I a.C., predominantemente de maneira nova.

A esperança desesperada da época pós-exílio só podia imaginar o futuro agir de Deus como destruição catastrófica dessa história e irrupção descontinua de algo totalmente novo.



A PERSPECTIVA ESCATOLÓGICO-HISTÓRICA
É SUBSTITUÍDA PELA
PERSPECTIVA APOCALÍPTICA
DE DESTRUIÇÃO DO MUNDO PRESENTE.

¹ Cf. José Luís Sicre, O profetismo em Israel, pp. 494-496.

[2](#) Cf. VV.AA., Eschatologie, Festschrift für E. Neuhausler, p. 31.

[3](#) Cf. Herbert Vorgrimler, Hoffnung auf Vollendung, p. 24.

[4](#) Cf. Gerhard von Rad, Teologia do Antigo Testamento, p. 289; Cf. também Pablo Richard, Apocalipse, pp. 25-29.

[5](#) Cf. Pablo Richard, Apocalipse, pp. 25–27.

Unidade III

**OS APOCALIPSES OU A ESPERANÇA APESAR DE
TUDO**

1

ZARATUSTRA E AS RAÍZES DO PENSAMENTO APOCALÍPTICO

O pensamento apocalíptico, com o seu forte dualismo cosmológico, tem a sua clara origem na religião persa de Zaratustra (Zoroastro). Ele viveu em torno de 570 a 500 a.C., e além de estabelecer uma teologia monoteísta se tornou a origem daquilo que podemos chamar de “perspectiva apocalíptica”.¹

Baseada num profundo dualismo cosmológico, a sua teologia da história pode ser sintetizada nos seguintes três princípios:

- ♦ A história é uma luta entre um princípio do bem e um princípio do mal
- ♦ Haverá um juízo sobre essa história, e esse juízo será um holocausto cósmico
- ♦ Haverá um julgamento individual após a morte, e um julgamento universal do cosmo, após a ressurreição.

Essa concepção influenciou profundamente o surgimento do pensamento apocalíptico em Israel.² Nunca podemos esquecer que, a partir da vitória de Ciro sobre a Babilônia, o Império persa dominava de 538 a.C. a 333 a.C. toda a região da Palestina, de tal maneira que Judá estava totalmente dentro de sua esfera de influência.³ Esta influência, além da dominação política e econômica, incluiu também contatos nos campos religiosos e culturais.⁴ Um dos elementos fortemente acentuados na concepção histórica do Zoroastrismo era exatamente a sua expectativa histórico-apocalíptica.⁵ “Através das comunidades da diáspora na Babilônia, a cosmovisão religiosa e ética da religião de Zaratustra penetrou na comunidade cúltica de Jerusalém, usando como veículo o movimento sincrético do helenismo”.⁶

2

O CONTEXTO HISTÓRICO QUE GERA O PENSAMENTO APOCALÍPTICO EM ISRAEL

A teologia histórica de Israel se vê, a partir do século III a.C., confrontada com toda uma seqüência de fracassos históricos. O impacto desses fracassos é tal que o futuro reinado de Deus pode ser, cada vez menos, imaginado como resultado de um processo contínuo dentro da história. O modelo escatológico dos profetas perde progressivamente a sua credibilidade.

Aos fracassos internos se junta a partir do século III a.C. uma nova conjuntura política e cultural, chamada de HELENISMO.

Em 323 a.C. havia morrido Alexandre Magno. A partir de seus sucessores, se

iniciou um processo cada vez mais acentuado de helenização do Oriente Médio. Processo que apresentou muitas características daquilo que hoje conhecemos pelo nome de “globalização”. A Palestina inteira viveu uma onda de “helenização”. Quem quisesse acompanhar o rumo da história, tinha que entrar nela; e quem não quisesse, era forçado a entrar.

A participação de Israel, nesse processo, é bem significativa. Desde 198 a.C., não só Israel, mas a Palestina inteira, estão sob o poder de Antíoco III e de sua política de helenização.

A ideologia do helenismo não se interessa muito pela vida religiosa. Ela se apresenta muito mais como sendo a mentalidade da nova época, aberta, mundial e cosmopolita. Durante toda a sua história, Israel sempre esteve muito aberto às novas culturas.⁷ O encontro com essa nova mentalidade mundial fascina de um lado, mas de outro lado provoca necessariamente profunda crise no pensamento religioso e político do judaísmo. Como é possível manter as concepções religiosas tradicionais, quando o mundo em torno assume nova visão, celebra o progresso e adere a uma nova mentalidade mais “desenvolvida”?

Como manter claras as fronteiras entre a nova cosmovisão filosófica e a antiga tradição de uma religião do deserto? Como permanecer sendo fiel a um culto, em cujo centro se mantém a fidelidade no único Deus, Javé, venerado como o Senhor da história? Como manter o culto dele, contra o desafio de novos deuses, que se apresentam com todos os atributos da modernidade?

A partir do século II a.C., essas questões e a confrontação com as indagações dos representantes do progresso produzem uma profunda atitude de pessimismo em Israel. Às vezes até certa resignação. “A posição da religião judaica estava em questão”.⁸

Havia vozes que exigiam também para a religião de Javé uma adaptação aos novos tempos, enquanto os guardiões da tradição, do outro lado, rejeitaram a nova concepção nos termos mais fortes possíveis.

O conflito com a nova ordem vem à tona, de maneira gritante, quando Antíoco IV Epífanes, depois de já ter saqueado o templo em 169 a.C., em 167 a.C. proíbe a prática da antiga religião judaica, assim como os sacrifícios no templo (1Mc 1,41-64; 2Mc 6,1-11).⁹

No lugar deles ergue-se no santuário um altar do Zeus Olímpico. Com esta profanação do lugar mais sagrado de Israel, explode a rebelião sob a direção dos Macabeus. Só que, em vez de poder contar com o apoio vitorioso de Javé, o levante fracassa. E não só isso. A sua consequência direta é uma sangrenta perseguição e todo um aparato de opressão à religião judaica. “Foi uma perseguição terrível”.¹⁰

Sob o seu impacto, e com o pano de fundo das subseqüentes crises históricas, culturais e religiosas, a antiga teologia histórica dos profetas desaparece finalmente da consciência.

Ela é substituída por um novo modelo da história, uma nova teologia histórica chamada “Os Apocalipses”.

A nova cosmovisão deles aparece, de maneira mais clara, pela primeira vez no livro de Daniel, escrito entre 168-164 a.C.¹¹

É claro que essa substituição não se faz de um momento para outro, mas no

decorrer de todo um processo. Fazem parte deste processo as fortes influências da religião persa de Zaratustra. As suas expectativas de um Salvador, que julgará o mundo através de um holocausto cósmico, deixam-se unir facilmente à tradição judaica de um messias que conduzirá essa história a uma última etapa feliz, marcada pela instauração de um reino de paz e de justiça.

Passo a passo surge assim uma nova interpretação da esperança escatológica. O seu conteúdo pode ser sintetizado pelas seguintes idéias chaves:

- ♦ Deus permanece sendo o Senhor do cosmo e da história.
- ♦ Ele deixará correr essa história na sua destruição total, mas
- ♦ Depois ele criará um novo mundo, onde reinará.

3

PERSPECTIVA ESCATOLÓGICA E PERSPECTIVA APOCALÍPTICA

Surge assim uma nova interpretação teológica da história. Ela será chamada aqui de “perspectiva apocalíptica”.

Os termos “perspectiva escatológica” e “perspectiva apocalíptica” nos parecem adequados para distinguir as duas expectativas históricas da esperança, que marcam toda a história de Israel, e que, mais tarde, podem ser constatadas também na esperança histórica da era cristã.

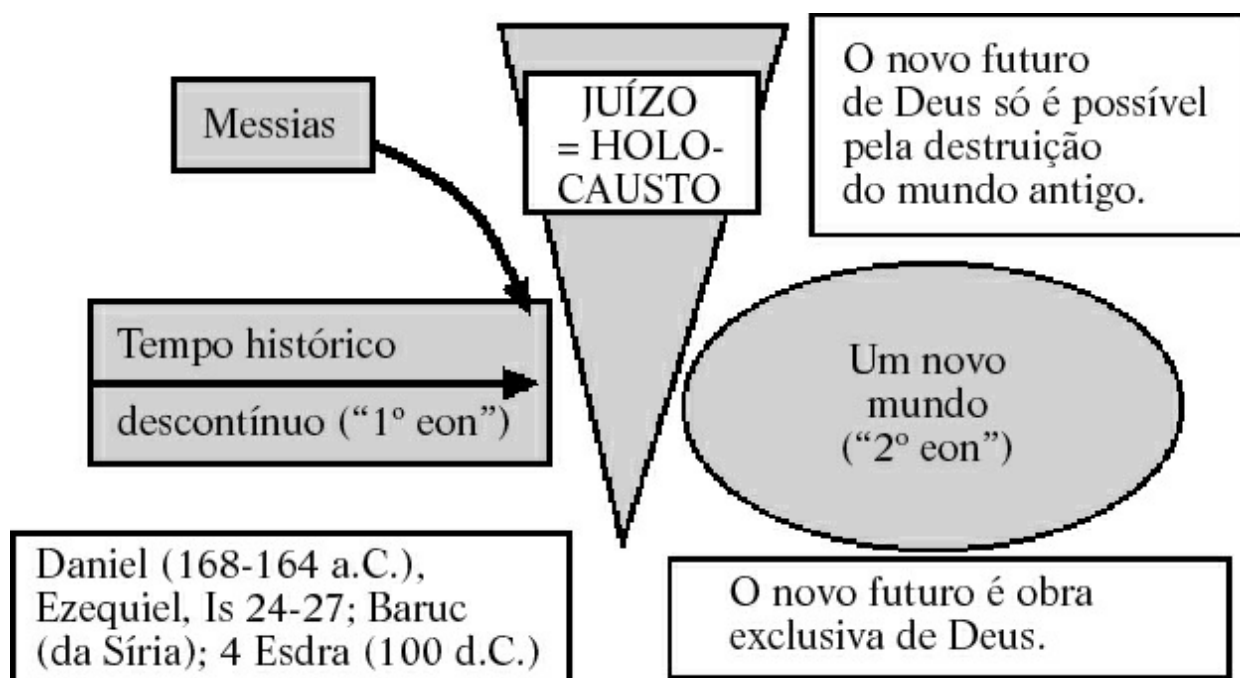
Na história de Israel, a perspectiva escatológica, proclamada pelos profetas, defende a idéia de que a realização do projeto histórico-escatológico de Deus se faria como processo dentro da história. Essa concepção foi abandonada. Depois do exílio e sobretudo na época da opressão dos Selêucidas, ela, apesar de nunca desaparecer totalmente, foi progressivamente substituída por outra expectativa, chamada aqui de “perspectiva apocalíptica”.

Os pontos chaves da nova compreensão do agir histórico de Deus podem ser resumidos nos seguintes termos:

- ♦ A realização do projeto histórico de Deus está cada vez mais transposta para futuro longínquo.
- ♦ O projeto em si só pode ser imaginado como obra exclusiva de Deus, sem participação direta dos homens.
- ♦ A concretização do projeto tem como pressuposto indispensável a destruição catastrófica do mundo presente.

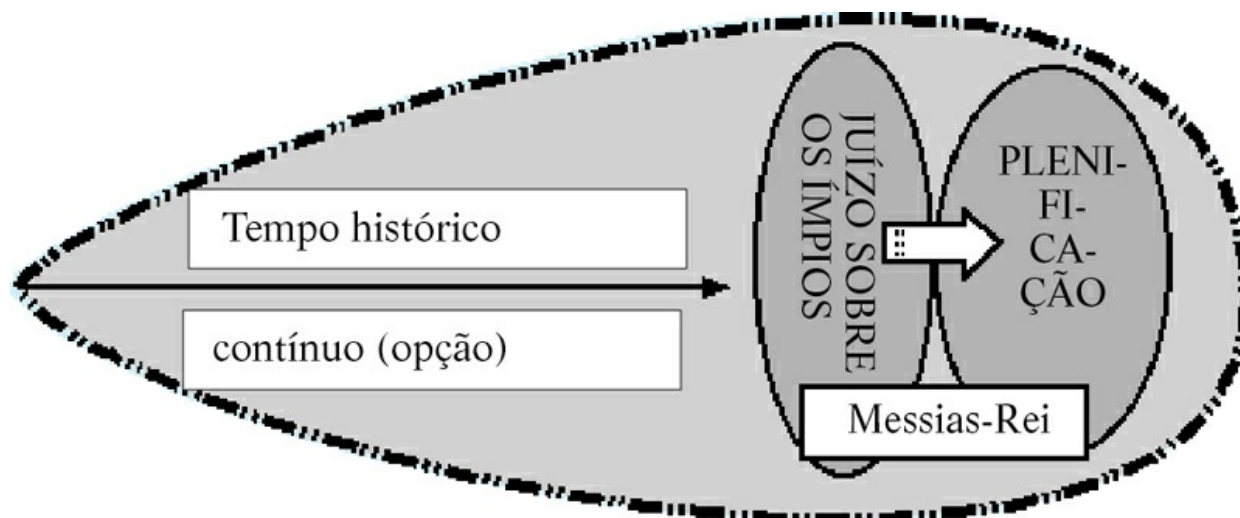
Os apocalipses:

Uma nova concepção escatológico-histórica:



Esta concepção substitui a concepção escatológica da teologia profética, na qual não se fala de holocausto:

Na concepção escatológica dos profetas, o novo futuro de Deus é possível SEM destruição do mundo.



4

A TEOLOGIA DA HISTÓRIA, PRESENTE NA TEOLOGIA DOS APOCALIPSES

4.1. As rupturas em relação à teologia profética

A exegese tradicional costumou acentuar mais a opinião de que a teologia dos apocalipses significa ruptura total com o passado. Um novo começo que de certa

maneira rejeitou toda a continuidade com a antiga visão processual da história, assim como era marcada a teologia dos profetas. Gerhard von Rad, na sua obra clássica sobre a Teologia do Antigo Testamento, formula esta opinião em termos bem claros. Segundo ele, a compreensão da história dos Apocalipses é “inconciliável com a dos profetas... não há caminho algum que leve desta à concepção apocalíptica da história”.¹²

Esta convicção se baseia sobretudo no fato de os apocalipses apresentarem a história a partir de um determinismo acentuado.

Os Apocalipses se baseiam
NUM ESTRITO DETERMINISMO
HISTÓRICO!

Os profetas tinham insistido na colaboração entre Javé e o seu povo. O agir do povo era fator decisivo para o curso da história, e por causa disso este povo tinha de participar dos planos de Deus.

Os apocalipses, por sua vez, excluem a colaboração direta do povo. Conforme a visão deles, tudo já está previsto de antemão.

“Deus mediu as horas com uma medida e contou os tempos segundo suas cifras. Ele não as modifica e não as desperta antes que a medida anunciada se realize” (IV Esd 4,37).

Exatamente nessa concepção determinista, no entanto, se baseia a mensagem de esperança dos apocalipses. Se tudo já está previsto de antemão, então também a presente situação de perseguição e desgraça faz parte dos planos de Deus.

Deus não fica fora da história. Ele permanece o Senhor dos acontecimentos, e por causa disso fica possível a esperança, apesar de todas as aparências opostas. Isso sobretudo porque a salvação de seu povo também já foi prevista, já foi determinada. As catástrofes do presente podem parecer uma negação de toda esperança, mas tal aparência é engano. Na realidade, Deus continua dirigindo os acontecimentos.

Baseados nessa convicção, é possível manter a confiança em Deus, até quando todos os sinais parecem indicar o contrário.

Deus já previu todos os acontecimentos históricos.
Também as constelações opostas a ele fazem parte
de seus planos. Mas: Os opressores nunca irão triunfar.
Deus, já de antemão, determinou a ruína deles
e a salvação de seu povo!

4.2. A continuidade em relação à teologia profética

Contra a afirmação acentuada de uma ruptura total, a exegese moderna insiste mais no fato de que entre a teologia profética e a apocalíptica existe também uma continuidade.

“...quem queria excluir”, diz F.M. Marquardt, “que também os apocalípticos judaicos eram filhos dos profetas”?¹³

O comentário sobre o tema “Apocalipse”, do CD-Rom “Bíblia”, afirma: “A Apocalíptica... vincula-se à tradição profética, da qual constitui um desenvolvimento particular”.¹⁴

Sem entrar nos detalhes dessa discussão, parece-nos importante a constatação de que a teologia dos apocalipses na realidade apresenta os dois aspectos: ruptura e continuidade. De um lado, ela desenvolve uma visão nova da história; de outro lado, porém, apresenta também uma clara continuidade em determinados aspectos. O elemento mais significativo, nessa continuidade, é a convicção já formulada pelos profetas depois do exílio: Deus fará algo totalmente novo.

O projeto histórico de Javé conduz a uma situação nova, que não tem comparação com o que vivemos agora.

Enquanto, porém, os profetas vêem esse novo surgir como processo dentro da história, os apocalipses compreendem o novo em termos de uma ruptura: O mundo antigo será destruído, para dar espaço a um mundo diferente.

Teologia profética:	Teologia apocalíptica:
O “TOTALMENTE NOVO” DO PLANO DE DEUS SE REALIZARÁ DENTRO DO PROCESSO HISTÓRICO: • PLENIFICAÇÃO DA HISTÓRIA • PLENIFICAÇÃO DO MUNDO	O “TOTALMENTE NOVO” DO PLANO DE DEUS SIGNIFICA UMA RUPTURA TOTAL COM A HISTÓRIA ATUAL: • FIM DA HISTÓRIA • FIM DO MUNDO • INÍCIO DE UM MUNDO NOVO

5

CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DA PERSPECTIVA APOCALÍPTICA

5.1. A concepção apocalíptica do tempo não é linear

O pensamento apocalíptico não compreende a história em termos de um processo linear. A idéia de uma evolução contínua lhe é alheia. A justaposição de acontecimentos não significa causalidade temporal e muito menos evolução histórica.

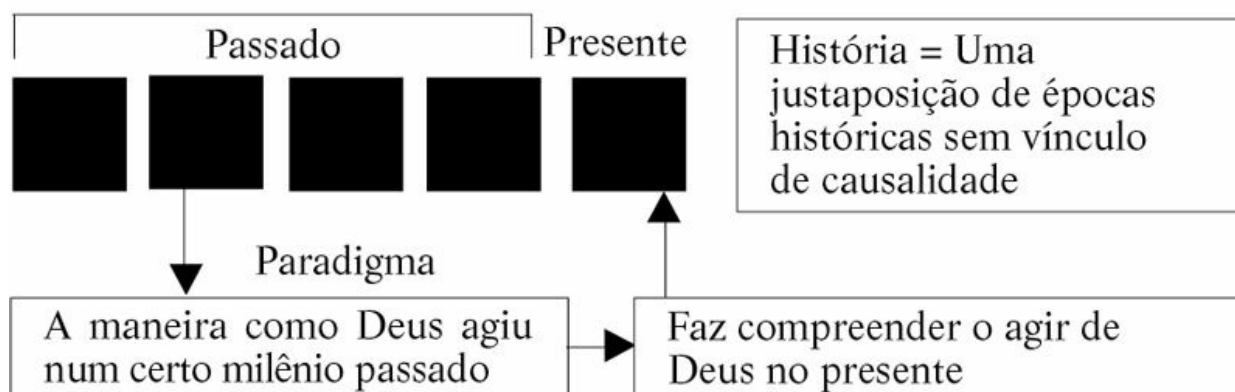
Os apocalipses pensam na história a partir do modelo de “eons”, de “milênios”, de épocas históricas fechadas em si, autônomas e sem interdependência. Essas épocas se sucedem, cada uma independente da outra.

Compreensão da história na teologia profética:



História = Uma sequência linear, causal e dialética de acontecimentos

Compreensão da história na teologia apocalíptica:



Cada uma dessas épocas, desses “milênios”, pode servir como paradigma, para o agir histórico de Deus. Assim, as experiências históricas do presente problemático podem ser compreendidas com referência a alguma época problemática do passado, onde Deus também agiu.

O que aconteceu em alguma das épocas passadas pode tornar-se paradigma para os acontecimentos em outros milênios, e sobretudo na época presente.

Isso significa em termos concretos o seguinte: Se Deus, em épocas passadas, mostrou que salvou o seu povo da mão dos perseguidores, fato que já aconteceu anteriormente, então essas experiências do passado podem servir de modelo para compreender o que se passa na época atual.

A partir dessa identificação, o desespero e o medo diante da crise atual podem ser dominados, porque o fato de Deus ter agido no passado, salvando o seu povo, se torna a garantia para a esperança que ele o salvará também na crise atual.

5.2. A história está sendo compreendida como luta dialética entre o bem e o mal

A influência da religião persa de Zaratustra se torna evidente na maneira como o pensamento apocalíptico compreende o processo histórico.

Ele se desenvolve numa dialética dualista, em cujo centro há como constante cósmica a luta entre o bem e o mal. Essa luta terminará no final dos tempos com a vitória do bem sobre o mal, de Deus sobre o diabo, assim o pronunciou Zaratustra, e assim o proclamam também os apocalipses.

Processo histórico:
Uma luta dialética entre as forças do bem e do mal,
entre Deus e Satã.

O otimismo do modelo apocalíptico da história era, na situação histórica de Israel, o grande consolo e a garantia da esperança: A luta entre as forças do bem e as do mal pode sacudir o povo eleito como quiser, o êxito dessa luta já foi predeterminado. Deus vencerá, e com ele vencerá o povo perseguido e oprimido. Eis a grande mensagem de esperança, contida no pensamento apocalíptico. Eis o grande grito de vitória dos oprimidos em toda situação desesperada, seja na época da opressão de Selêucida, seja hoje. Deus já de antemão programou o fim de todo poder opressor!

A teologia apocalíptica formula esse grito de vitória com todo vigor. Ela se torna assim garantia para a dimensão histórica da esperança “apesar de tudo”.

5.3. Deus ressuscita os mortos! Dentro do contexto apocalíptico se amplia também o quadro da esperança individual

A esperança na fidelidade de Deus, apesar de tudo, conduz, exatamente na época de crise, também a uma ampliação fundamental da esperança escatológica individual.

Se Deus é fiel, a sua fidelidade vale não só para os vivos e seu contexto histórico. Ela deve abranger também aqueles que morreram. Ela deve incluir sobretudo aqueles que foram mortos nas perseguições, os mártires pela causa de Deus. Se Deus é fiel a eles, a única consequência possível é que ele os ressuscita da morte.

É a partir de tais reflexões que se forma a fé numa vida para além da morte.

DEUS RESSUSCITA OS MORTOS.

Os textos mais antigos mencionam a idéia de vida dos justos junto a Deus:¹⁵ (Sb 3,1; 3,3-9; 4,7.16; 5,15). Dn 12,1-4, fala de uma ressurreição aqui na terra. Influenciados por modelos helênicos dualistas, os textos seguintes desenvolvem a concepção da ressurreição dos mortos. Nela se dá ênfase especial à reflexão sobre a ressurreição dos mártires (Dn 12; 2Mc 7,14). Esta ressurreição é sempre compreendida como “ressurreição celeste imediatamente após a morte”.¹⁶ Não se trata, porém, de uma ressurreição da alma, como a encontramos no contexto helênico.¹⁷

Para o pensamento judaico, ressurreição é sempre
RESSURREIÇÃO DO SER HUMANO INTEIRO, PARA A VIDA
ETERNA JUNTO COM DEUS.

Encontramos assim, mais uma vez, a característica que marca a totalidade da esperança em Israel: Toda esperança é concreta. O conteúdo da esperança é parte da vida. Começando com a esperança na promessa de ter prole, passando pela esperança de possuir a terra prometida e de realizar o reino da paz, a esperança se amplia e se desenvolve, sempre ligada à vida concreta. Passo a passo, adquire dimensões mais profundas, até chegar à *esperança de vida em plenitude, junto a Deus, na eterna comunhão de felicidade e de amor.*

A esperança numa etapa mais avançada sempre implica também os conteúdos anteriores.
Da esperança para o indivíduo, amplia-se tornando-se esperança para o povo, chegando finalmente à esperança para a humanidade e o mundo em sua totalidade.

5.4. Teologia apocalíptica, além de fundamentar a esperança, também é uma teologia do medo que produz medo

A esperança na última vitória de Deus sobre o mal, da qual falávamos no capítulo 5.2, está sendo fundamentada pelos apocalipses a partir da convicção de que Deus põe um fim definitivo a esta história de opressão. A discussão teológico-exegética atual acentua com toda a razão que os textos apocalípticos tinham a importante função de manter viva a esperança do povo, apesar de todas as experiências de fracassos históricos.

Numa época de crise, a única possibilidade de manter ainda a esperança num Deus Senhor da história, é acreditando na nova criação. Assim, as crises atuais podem ser explicadas, e sobretudo suportadas, porque adquirem o significado de sinais de esperança. Dentro de uma concepção apocalíptica, nelas se anuncia o fim das aflições atuais e a iminência do início de um novo mundo tão esperado.

As imagens apocalípticas, vistas assim, se tornam realmente mensagens de esperança.

É uma esperança, porém, que só se consegue manter com a expectativa na destruição da história atual e no iminente holocausto cósmico.

Haverá um fim deste mundo! O próprio Deus acabará com toda esta história. Ele julgará os ímpios, e como pressuposto desse julgamento eliminará tudo aquilo em que eles se agarram. Essa história será arrasada, este mundo destruído, um holocausto cósmico aniquilará todas as obras do orgulho e da vaidade humana. “A história não termina no vazio nem com a vitória dos ímpios, mas com a salvação dos ‘escolhidos’ e fiéis a Deus”.¹⁸

Eis a expectativa histórica dos apocalipses. Uma expectativa desesperada, que só consegue manter a esperança pelo preço de uma visão arrasadora, de um holocausto terrificante. Pouco ajuda, nessa perspectiva, que os eleitos de Deus passarão por esse holocausto sem serem machucados. Pouco ajuda a expectativa que a grande catástrofe cósmica só punirá os opressores, perseguidores e exploradores.

Permanece o fato de que o preço para a vitória de Deus sobre eles é a destruição do mundo.

É esse fato, e além disso a dinâmica histórica da recepção das mensagens apocalípticas, que na discussão atual sobre apocalipse não está sendo considerado o bastante: Na acentuação do potencial de esperança, contido na expectativa apocalíptica, se esquece muitas vezes o fato de que essa esperança é de antemão uma esperança desesperada. Tal desespero e suas conseqüências históricas, porém, continuavam agindo na história, mesmo quando as causas do desespero já tinham desaparecido.

A esperança apocalíptica mantém firme a convicção de que os seguidores de Deus fazem parte dos eleitos. A partir dessa perspectiva, estes seguidores formam a elite daqueles que serão salvos. Deus salvará aqueles que agora são oprimidos. Ele punirá só os ímpios, os opressores e todos os inimigos dele. Enquanto essa convicção permanecer, a esperança desesperada se manterá.

Mas, o tempo passou e, com o passar do tempo, desapareceram até as

perseguições e opressões que haviam motivado a expectativa apocalíptica. O que não passou, porém, foram as imagens dessas expectativas. Com o tempo, até os piedosos, talvez, começaram a ter certas dúvidas sobre a certeza de sua salvação. E quanto mais se descreveram as calamidades desse esperado fim do mundo, tanto mais no decorrer da história de recepção dessa mensagem se formou, também para os fiéis, a pergunta se eles realmente escapariam dessas calamidades.

Essa indagação cresceu com o passar dos séculos e levou a uma situação que produziu, em muitos casos, a inversão da esperança apocalíptica inicial. Porque aqueles contra os quais as ameaças apocalípticas eram formuladas, perderam o medo diante de tais ameaças, enquanto os outros, os piedosos, em muitos casos começaram a temer aquilo que lhes deveria trazer esperança.

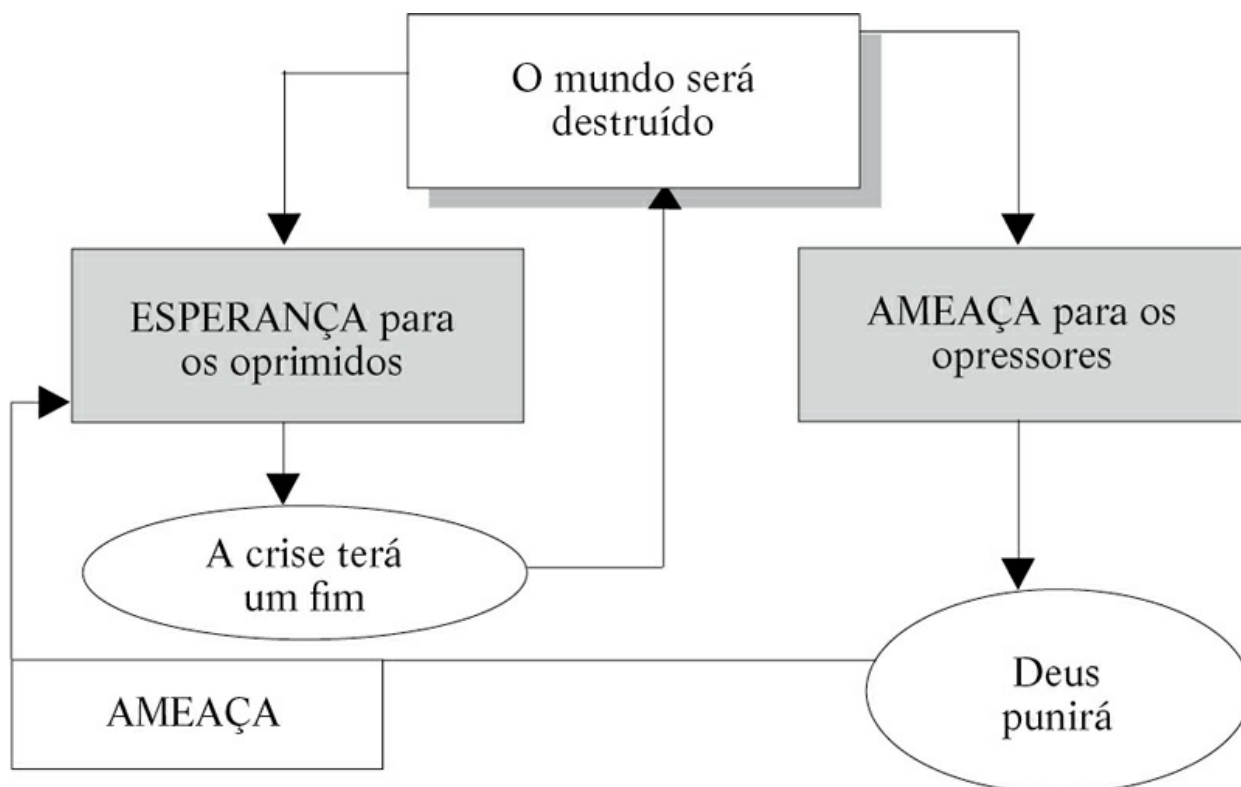
Apocalipse ameaça os opressores com a ira de Deus e o fim do mundo. Quando historicamente desapareceu a situação de opressão, os próprios oprimidos mantinham o medo diante da ira de Deus e de um possível fim do mundo.
--

Constatamos assim uma verdade muitas vezes esquecida na interpretação atual dos textos apocalípticos. Esses textos eram mensagens de esperança só para um grupo específico. Para os outros, porém, os não eleitos, os textos se tornaram tremendas ameaças. E quanto mais, no decorrer do tempo, as ameaças permaneciam, tanto maior era o número até dos eleitos, que começaram a duvidar de sua eleição.

Não participar dos eleitos, porém, significa ser ameaçado pela expectativa de um holocausto terrível. O resultado de tal perspectiva só pode ser o medo. Os textos apocalípticos, no decorrer de sua história de recepção, se tornaram textos de medo para camadas cada vez maiores do povo.

Esse medo é parte inerente da dialética entre esperança e ameaça, que marca todo o pensamento apocalíptico.

A DIALÉTICA ENTRE ESPERANÇA E AMEAÇA APOCALÍPTICA



Como resultado de tal tensão dialética, cresceu no decorrer do tempo não só o número daqueles que se sentiam ameaçados, cresceu da mesma maneira dentro do próprio grupo dos “eleitos” um desejo de vingança.

O fim do mundo, o dia em que Deus acabará com esse “eon”, se torna o grande dia da vingança do Senhor.¹⁹ Vingança esta que satisfaz não só a pressuposta ira do Deus ofendido, mas sobretudo também o desejo de vingança dos que até aquele momento sempre foram oprimidos e ridicularizados: o grupo dos “escolhidos”.

5.5. A indagação sobre “quando acontecerá o fim” incentiva o surgimento de um pensamento milenarista

Com o decorrer do tempo, a esperança no agir vitorioso de Deus está sendo transformada cada vez mais numa expectativa temporal. O grande grito do povo oprimido — “quanto tempo ainda deve passar, até Deus se manifestar” — este grito se concentra cada vez mais na pergunta sobre quando acontecerá o fim tão esperado da época de perseguição. E sendo que esse fim só podia ser imaginado em termos de um fim do mundo, a indagação finalmente pára no questionamento sobre a data desse fim do mundo.

Com isso, porém, começa o assim chamado “milenarismo”, ou uma atitude conhecida como “milenarista”.

6

O MILENARISMO

- O pensamento milenarista se apegava à esperança de que esta história, numa data determinada, chegaria a um fim.
- Este fim significava a destruição do mundo.
- A pergunta básica girava em torno da questão “quando” este mundo corrupto seria destruído por Deus.

6.1. Pressupostos básicos do milenarismo

Um forte incentivo para o pensamento milenarista judaico se encontra no já mencionado livro de Daniel. O seu apelo à esperança gira em torno de dois motivos muito expressivos: De um lado, está a esperança de que os mortos ressuscitarão (Dn 12,2). Do outro lado, está a indicação de “datas” para o início do reinado de Deus.

O LIVRO DE DANIEL (168-164 A.C.) Único exemplo bíblico desenvolvido de apocalipse

→ Contém 2 motivos muito fortes para a esperança:

1) Os mortos ressuscitarão!
(Dn 12,2)

2) Indica datas para o início do reinado de Deus

Origem da concepção moderna de um FIM DO MUNDO

Para o livro de Daniel, o reinado de Deus não se torna simplesmente uma promessa, situada num futuro indefinido. Ele agora é fixado, definido e pode ser identificado dentro do curso da história.

É aqui que podemos ver não só a base para a concepção de um fim do mundo, assim como nós o conhecemos na sua tradição. Os cálculos de Daniel formam também o fundamento mais expressivo para a formulação de uma expectativa milenarista no contexto judaico. É importante saber, porém, que o pensamento milenarista em si não tem a sua origem nesse contexto.²⁰

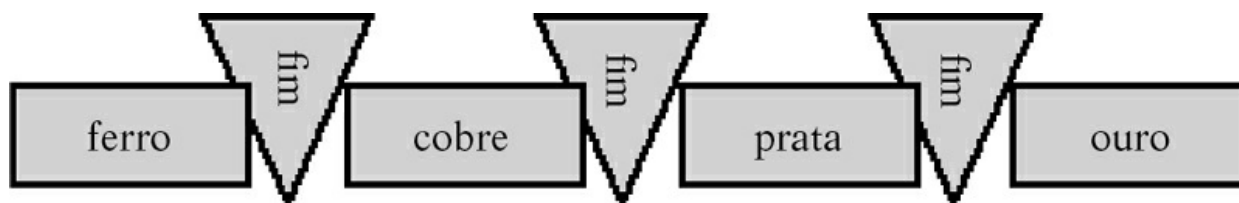
Expectativas milenaristas são encontradas bem antes de seu surgimento em Israel; entre outras, nas culturas da Babilônia, da Pérsia e da Grécia.

As características mais expressivas dessas expectativas estão sendo formuladas a partir de uma compreensão bem específica da história. Ela pode ser sintetizada da seguinte maneira:

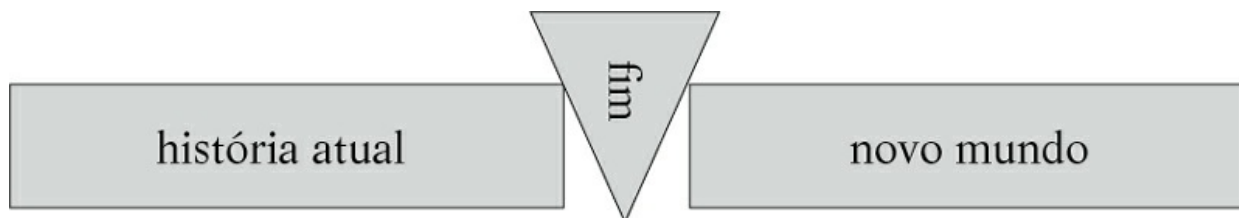
Compreensão da história, que forma a base para o pensamento milenarista

- A estrutura do percurso histórico forma um complexo sistema de períodos históricos, assim chamados “eons” ou “milênios”, que se sucedem.
- O início de cada novo período é marcado por profundas transformações que podem ter aspectos catastróficos.

Exemplo I: As 4 épocas históricas da mitologia greco-romana



Exemplo II: As 2 épocas históricas da apocalíptica persa e judaica



- Cada um desses períodos históricos é um período completo, fechado em si. Para expressar esse fato, se diz que o período tem uma duração de 1000 anos.
- A expressão “1000 anos” ou “milênio”, assim, não significa uma medida temporal, mas a expressão simbólica de que se trata de um período histórico completo. Por causa disso, um “milênio” não é que deve durar 1000 anos.

É dentro de uma concepção da história como essa, que se formam as expectativas milenaristas. No seu centro, encontramos a expectativa de que a presente época histórica terminará numa data definida e previsível. Essa data pode ser descoberta através de cálculos às vezes muito complexos.

O milenarismo, a partir dessa concepção histórica, espera que um período histórico determinado chegará ao seu fim numa data específica que pode ser calculada.

6.2. O milenarismo judaico-cristão, a partir do livro de Daniel (168-164 a.C.)

Já foi mostrado, em capítulos anteriores, como a experiência histórica do povo judeu se tornou cada vez mais difícil a partir do século II a.C. Quanto mais difícil, porém, a situação, tanto mais forte a esperança apocalíptica. Essa esperança, todavia, se apegou cada vez mais à expectativa de que o futuro Reino de Deus só começará depois da destruição do mundo atual. Essa destruição, é óbvio, significava para Israel, em primeiro lugar, a destruição e o desaparecimento do Império dos Selêucidas. É dentro do contexto dessas expectativas que surge o livro de Daniel, com a sua forte oposição entre os “mundos dos animais” que desaparecerão, e o futuro “mundo do filho do homem”, o Reino de Deus. Quando esse novo mundo começará? Quando, enfim, o atual reino dos animais será destruído? Quando, afinal, será o fim deste mundo corrupto? Eis as grandes perguntas que marcam o pensamento sociorreligioso do povo.

A essas indagações o livro de Daniel começa a dar respostas, recorrendo para isso a três linhas de cálculos. Estes cálculos formam a base para o surgimento de uma acentuada expectativa milenarista, primeiro dentro do contexto judaico, e mais tarde também no contexto do pensamento cristão.

Apresentaremos a seguir um breve resumo das três argumentações, que em nada coincidem entre si. Conhecendo, porém, as suas linhas de argumentação, compreenderemos melhor a forte expectativa apocalíptico-milenarista que marcou a

época de Jesus. Compreenderemos também as razões, por causa das quais, até em certas épocas da era cristã, se esperava acontecer o fim do mundo. Esperanças, aliás, que sempre foram frustradas, como podem provar os fatos de um mundo que permanece.

a) Daniel 9, 24ss: Base para a expectativa messiânico-apocalíptica na época de Jesus

“No primeiro ano de Dario, filho de Xerxes... eu, Daniel, procurei clareza nas escrituras a respeito do número de 70 anos que, de acordo com a palavra dirigida pelo Senhor ao profeta Jeremias,²¹ deveriam transcorrer sobre as ruínas de Jerusalém (Dn 9,1).

Gabriel, o homem que eu tinha visto na visão... falou comigo nestes termos:... (Dn 9,22-23)

“Setenta semanas estão fixadas sobre teu povo e tua santa cidade, para pôr termo à impiedade, selar os pecados e expiar a iniquidade, para trazer justiça eterna, selar visão e profeta e ungir algo de sacrossanto. Fica sabendo e procura entender: Desde que foi proclamada a palavra a respeito da restauração e reconstrução de Jerusalém até um ungido-chefe...” (Dn 9,24-25).

É a partir de textos como esse que se formou a expectativa milenarista. A sua data referencial, aqui, é a proclamação da “palavra a respeito da restauração e reconstrução de Jerusalém”. Para compreender o seu significado, devemos lembrar outra vez que o livro de Daniel, à maneira típica de textos apocalípticos, situa as suas descrições numa época histórica passada. No caso presente, trata-se da época da dominação persa, sob Dario, filho de Xerxes. Dominação que marcava os anos 486-464 a.C.

A palavra que diz respeito à “restauração e reconstrução de Jerusalém” refere-se por sua vez ao decreto de Ciro sobre a reconstrução de Jerusalém depois do Exílio. Tal decreto foi formulado em 538 a.C. A reconstrução do templo aconteceu nos anos 520-515 a.C.

Possuímos assim as datas referenciais, a partir das quais o pensamento milenarista, em 164 a.C. e depois, começou a argumentar.²²

1. As setenta semanas que passariam depois da reconstrução de Jerusalém, em 164 a.C. já passaram de longe. Por causa disso, tais semanas devem ser interpretadas de outra forma.
2. Com referência a Jeremias que menciona 70 anos até que se cumpram as promessas (25,12 e 29,10), as setenta semanas em Daniel devem ser interpretadas como “semanas de anos”.
3. Uma “semana” de anos são 7 anos. Setenta semanas de anos são conseqüentemente $70 \times 7 = 490$ anos. Assim se chega a uma primeira data exata, para fixar a realização das promessas dentro da história.

Essas promessas, por sua vez, só podem ser as promessas messiânicas.

A partir do momento em que tais promessas estão sendo interpretadas dentro de uma perspectiva apocalíptica, fica claro que a realização das promessas só acontecerá depois da destruição do mundo atual.

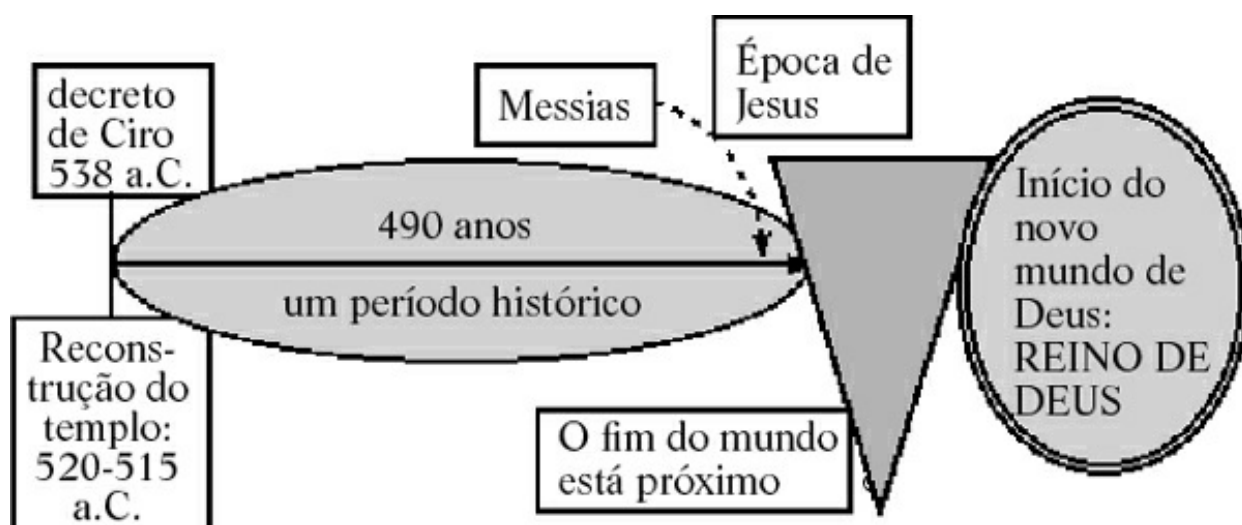
Essa destruição, e o conseqüente estabelecimento do novo mundo de Deus, acontecerão portanto 490 anos depois da restauração de Jerusalém. Essa reconstrução, historicamente, foi realizada nas décadas em torno do ano 500 a.C. A época histórica seguinte terá a duração de 490 anos. Assim se chega a uma data histórica determinada. Nela se realizará o fim do mundo e o início do novo mundo de Deus. Nessa data aparecerá o Messias. Calculando a partir das datas referenciais, a expectativa de todos esses acontecimentos se concentra nas décadas em torno do

nascimento de Jesus.

Conhecendo esse raciocínio, fica totalmente compreensível a razão pela qual a época de Jesus era marcada por uma profunda expectativa messiânico-apocalíptica. Compreendemos porque, naqueles tempos, se buscava o Messias em todo lugar.

Os 490 anos tinham passado!
O fim do mundo devia ser iminente!
O início do novo mundo de Deus devia ser logo!
O Messias que anunciaria esse novo mundo já devia se encontrar em algum lugar.

Era essa a primeira expectativa milenarista, baseada no livro de Daniel. As suas expectativas podem ser visualizadas pelo seguinte esquema:



b) Daniel 12,11-12: Base para expectativas milenaristas em torno do ano 1000 d.C.²³

“A partir do momento em que o sacrifício perpétuo for abolido e instalada a abominação da desolação, decorrerão 1290 dias. Afortunado quem souber aguardar, atingindo 1335 dias.”

A interpretação milenarista desse texto, mais uma vez, recorre a Jr 29,10, para interpretar os dias em termos de anos. A partir dessa base, os adeptos de um milenarismo chegaram aos seguintes cálculos:

A profanação do templo e a instauração de sacrifícios ao deus Zeus aconteceram em dezembro de 167 a.C. Adicionando a esta data os 1290 anos mencionados em Daniel, se chega perto do ano 1000 d.C. O fim do mundo pode então ser esperado nesta época, e a conseqüente instauração do novo mundo acontecerá 45 anos depois, 1335 anos após a data referencial do livro de Daniel.

Encontramos, nesses cálculos, uma das razões da histeria milenarista-apocalíptica que marcou a cristandade medieval em torno do ano 1000 d.C.

c) Daniel 12,7: Base de cálculo para expectativas milenaristas em torno do ano 2000 d.C.

“Então ouvi falar o homem vestido de linho...: ‘Por um tempo, dois tempos e metade dele; e quando terminar a dispersão da força do povo santo, tudo isto acabará’ ”.

Mais uma vez, há adeptos sobretudo do milenarismo-fundamentalista atual, que recorrem a esse texto para prever o fim do mundo para o ano 2000 d.C. Isso porque, interpretando os tempos mencionados como “milênios”, se chega à seguinte

argumentação:

O primeiro “milênio” é aquele antes do exílio. O meio-milênio é a época do exílio até Jesus. E os dois milênios restantes são os 2000 anos depois.

Resultado: O fim do mundo acontecerá no ano 2000.

6.3. Conseqüências sociorreligiosas do pensamento milenarista

Não é objetivo deste livro entrar numa crítica em relação às argumentações milenaristas apresentadas no capítulo anterior. Menos ainda pretendemos discutir as muitas outras argumentações das várias correntes milenaristas que giram em torno de pressupostas datas para o “fim do mundo”.²⁴ Importante era mostrar que tais cálculos existem e que eles, até hoje, influenciam o mundo religioso de muitos cristãos.

Os fatos históricos já evidenciaram ou ainda hão de evidenciar a veracidade ou falsidade dos cálculos. O problema é que a mentalidade milenarista, com os seus inúmeros cálculos de datas, criou e ainda cria em muitos cristãos uma expectativa histórico-religiosa excessivamente orientada pela idéia de um fim do mundo. Além disso, esse fim do mundo está sendo compreendido de antemão, como sendo um holocausto cósmico. O resultado dessa atitude é que o interesse religioso se concentra cada vez mais nas três questões seguintes:

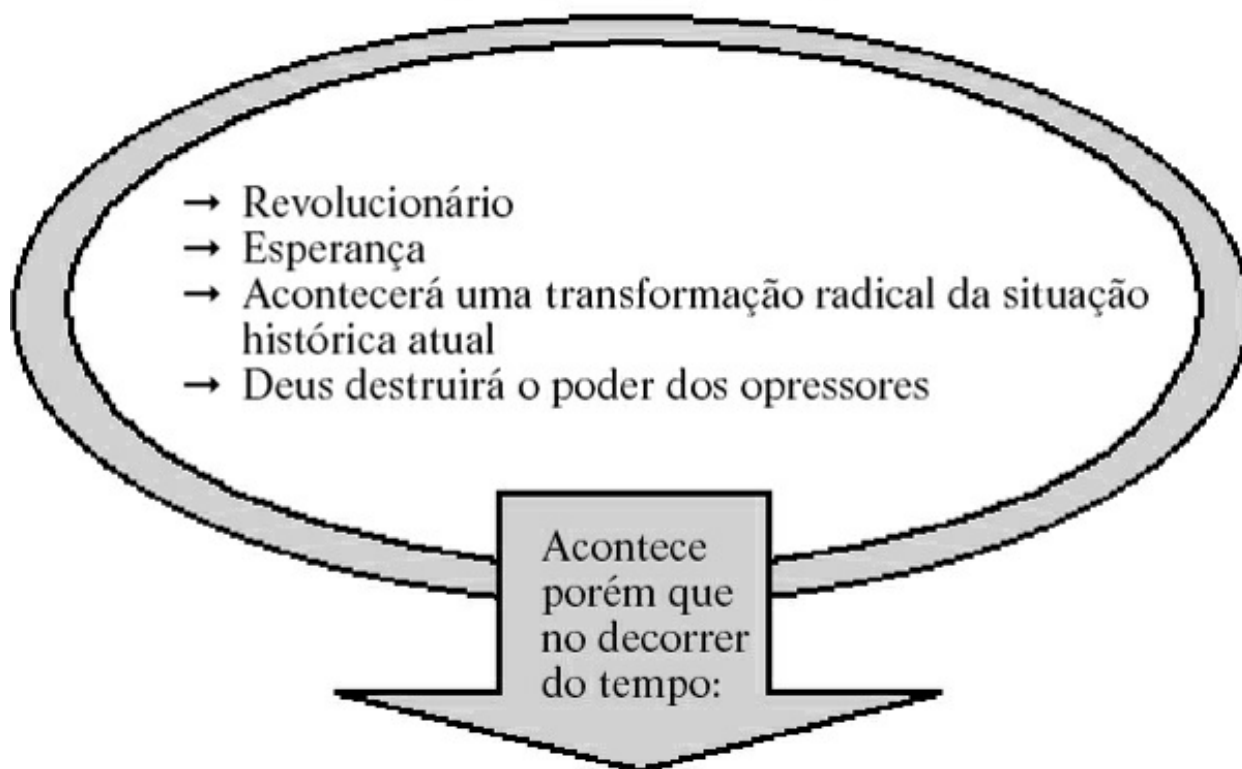
- Quando Deus intervirá neste mundo?
- Quais são os inimigos que Deus destruirá no decorrer dessa intervenção?
- Onde está o líder carismático que iniciará o novo período histórico?

Como conseqüência de tal diminuição de perspectiva religiosa, enfraquece cada vez mais o potencial transformador da esperança apocalíptica. Em seu lugar se forma uma atitude mais ou menos passiva de expectativa. O objetivo dessa expectativa pode ser ou o fim do mundo, ou a segunda vinda do Senhor. Em geral, o pano de fundo dessa expectativa é marcado por uma atitude mais ou menos negativa, frente à situação histórica atual.

Quanto mais se espera a transformação histórica em termos de um ato mágico de Deus, tanto menos se formam incentivos para começar já com essa transformação. Em vez disso, o enfoque original do pensamento apocalíptico se transforma numa preocupação alienante e muitas vezes pessimista.²⁵

A interpretação milenarista da apocalíptica falsifica o caráter utópico e transformador dela.

Enfoque apocalíptico original



O enfoque original se transformou numa preocupação alienante e pessimista

♦ Deus destruirá este mundo através de uma catástrofe cósmica! Pergunta base: QUANDO acontecerá essa catástrofe?
COMO será essa catástrofe?

Contra um tal reducionismo histórico, vale a pena lembrar que o papel verdadeiro dos apocalipses não é indicar datas e fazer cálculos para o fim do mundo. O papel original da teologia apocalíptica é manter viva a esperança de que as situações de opressão e de exploração não permanecerão para sempre. Manter viva a esperança de que Deus é mais forte que todos os poderosos desta terra, e que a sua opção não é sustentar o poder deles, mas “exaltar os humildes”.²⁶

Esse caráter utópico e transformador foi resumido de maneira muito clara por Pablo Richard, no seu Apocalipse. Segundo ele, o papel dos textos apocalípticos pode ser resumido por meio dos seguintes tópicos:

Papel histórico-teológico dos apocalipses²⁷

- Reconstruir a consciência do povo
- Desmascarar a realidade (“chama o império de besta e trata Roma como meretriz” (op. cit., p. 61)
- Manter viva a utopia de todos aqueles que lutam contra a idolatria e a opressão
- Manter viva a esperança num Deus que destrói os impérios e entrega o poder ao povo
- Manter viva a utopia de todos, os oprimidos, de que será possível restaurar a ordem de Deus, contra a ordem dos “animais”

Todas essas dimensões utópicas estão sendo neutralizadas e, em grande parte, falsificadas pelo milenarismo. Mas, apesar dessa problemática, e apesar de a Igreja em tantas e tantas ocasiões ter rejeitado a perspectiva milenarista,²⁸ a influência do

enfoque permanece até hoje. No contexto do neopentecostalismo atual, a sua influência até tende a aumentar. Por causa disso, parece legítimo apresentar, em seguida, pelo menos um resumo sintético das tendências milenaristas no decorrer da história até hoje.

6.4. Síntese das principais correntes milenaristas

Depois de Jesus, o pensamento milenarista não desaparece.

1) Expectativas milenaristas dentro da Igreja primitiva (séc. I-II):

• UM PRÉ-MILENARISMO (Quiliasmo)

Primeiro haverá a segunda vinda de Jesus, depois começa um reino messiânico de 1000 anos. (Cf. Lc 1,32.33; 22,29-30; Mt 20,20-23; At 6,7.)

Tal expectativa está presente também no pensamento do Fundamentalismo americano do século XX²⁹

2) Expectativas milenaristas estão presentes de maneira subjacente também nos séculos seguintes:

Mas, a partir do século III se formula contra elas:

• O “AMILENARISMO”

Rejeita a idéia de um “milênio” após a segunda vinda de Jesus Cristo (cf. Agostinho). O “milênio” termina antes da parusia.

• A partir do século XVII

O PÓS-MILENARISMO (Daniel Whitby, 1638-1725)

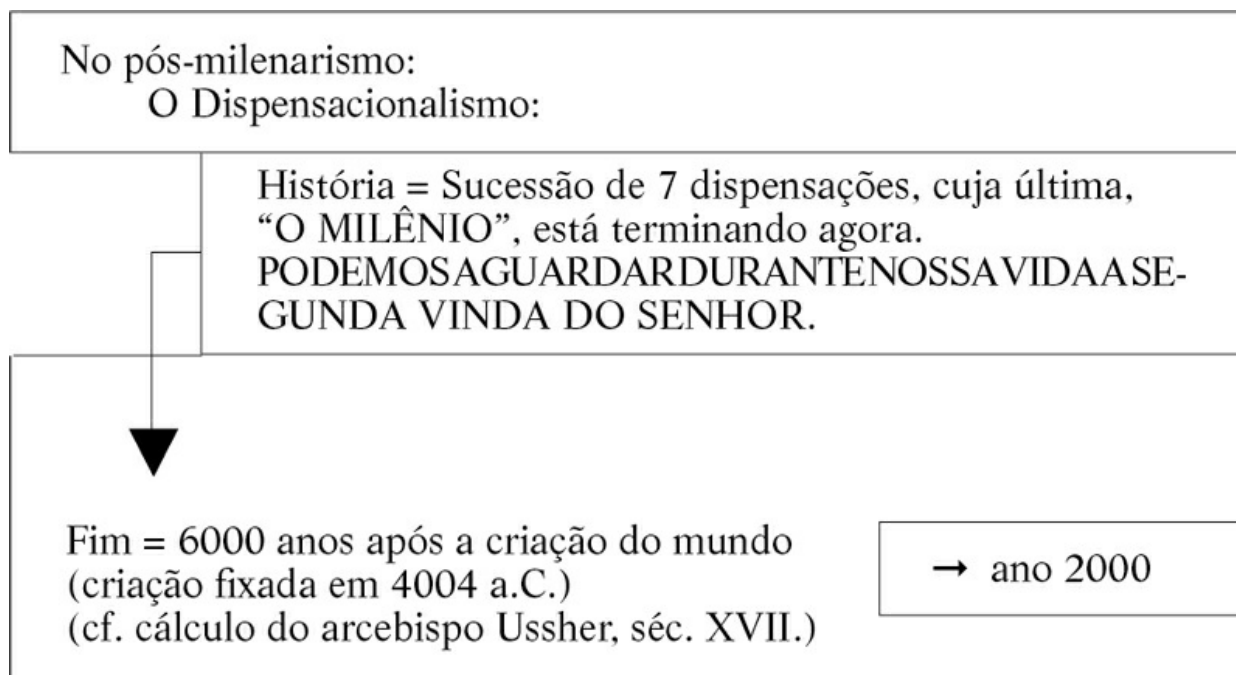
- Antes da parusia, haverá um “milênio” de Evangelização e cristianização.
- A parusia significa o fim do “milênio” e a vitória do Evangelho sobre o Anticristo.

São sobretudo o PRÉ- e o PÓS-MILENARISMO que recorrem aos cálculos sobre o quando do FIM.

Dados referenciais para a expectativa do Fim:

No pré-milenarismo:
→ 1290 anos após a profanação do templo
(cf. Daniel, exemplo 3º, cap. 8)

→ ANO 1000



3) Expectativas milenaristas estão presentes até hoje em várias formas

a) Em círculos marianos:

Cf. as muitas profecias marianas, segundo as quais o século XX é uma época final e decisiva.

♦ “Se os homens não se arrependerem, diz a mãe de Deus, Deus Pai realizará uma punição maior do que o dilúvio... Fogo cairá do céu e extinguirá uma grande parte da humanidade... Os sobreviventes estarão tão desesperados que ficarão com inveja dos mortos.” (Akita, cit.; cf. Damian Thompson, *Das Ender Zeiten*, 1997, p. 229)

Outros exemplos similares encontramos em:

- Fátima
- Akita (Japão)
- Medjugorje (Iugoslávia)

Nas milhares de mensagens marianas, desde meados do século XIX, se encontra uma idéia central claramente apocalíptico-milenarista:

A humanidade deve imediatamente arrepender-se de seus pecados e mostrar o seu amor a Maria e a Jesus. Só assim, a grande catástrofe iminente pode ser desviada... etc.

b) Elementos apocalípticos em declarações do papa João Paulo II:

→ “Estamos na maior confrontação da história, maior que qualquer outra, pela qual a humanidade jamais teve que passar. Estamos diante da luta final entre a Igreja e a anti-Igreja, entre o Evangelho e o anti-Evangelho.”

(Cardeal Wojtyła em Kraków, cit. cf. Thomas W. Petrisco, *Call of the Ages, Queenship, Santa Bárbara*, 1995, p. 21.)

c) Apesar de uma rejeição explícita do Milenarismo no texto do Catecismo da Igreja Católica (n. 676), um pano de fundo apocalíptico milenarista está presente até nele (n. 675):

d) De maneira explícita, tais tendências apocalíptico-milenaristas encontram-se nos movimentos do neopentecostalismo atual.

7

A PROBLEMÁTICA DA RECEPÇÃO DAS IMAGENS APOCALÍPTICAS NO DISCURSO CRISTÃO

O pensamento apocalíptico é fenômeno que ultrapassa de longe o ambiente religioso-cultural de Israel. Já mencionamos que concepções similares da história se encontram também na Pérsia, no Egito e em muitos outros contextos religiosos. Os seus modelos de “eons”, de épocas históricas, também chamadas de “milênios” que se sucedem, são uma maneira de compreender o processo histórico.

Dentro do contexto de Israel se fixou no pensamento apocalíptico a idéia de que o “eon” atual está chegando ao seu fim e que se manifestará o reinado de Deus. Toda a época de Jesus estava marcada pela expectativa de um fim iminente. Isso sobretudo por causa de cálculos milenaristas baseados no livro de Daniel, a exemplo dos apresentados nos capítulos anteriores.

As primeiras comunidades cristãs continuavam, em grande parte, dentro da mesma expectativa, enriquecida ainda pela esperança de uma iminente segunda vinda de Jesus, a assim chamada parusia.

Os autores bíblicos do Novo Testamento assimilaram em parte e com reservas as idéias apocalípticas da época, muitas vezes as modificaram,³⁰ de tal maneira que nos escritos bíblicos do NT a presença do pensamento apocalíptico é relativamente marginal.

Não era assim, porém, no imaginário religioso do povo e na catequese. Aqui, as antigas expectativas apocalíptico-milenaristas mantinham a sua força. “Em certos círculos da Igreja primitiva e medieval”, escreve Alexander Sand, “o apocalipse de João superou muito, na sua influência e variedade de interpretações, as epístolas de Paulo; até o mais lido e comentado Evangelho de Mateus alcançou somente o segundo lugar”.³¹

O mesmo diz Franz Nocke. Conforme ele, em comparação com a modesta recepção dos motivos apocalípticos nos textos do Novo Testamento, “a influência da apocalíptica sobre as concepções da fé das gerações cristãs posteriores é (até hoje) desmedida”.³²

De fato, é verdade que ainda hoje as imagens apocalípticas de fim de holocausto do mundo são parte da concepção religiosa da absoluta maioria dos cristãos. Até pouco tempo, tornaram-se parte também da quase totalidade do discurso teológico-escolástico.

Diante de todas essas tendências milenaristas que marcaram e marcam a história do cristianismo,³³ é importante conscientizar-se de que o discurso escatológico tradicional da Igreja católica, na maior parte de sua história passada, se apegou de maneira específica ao modelo apocalíptico da história. O fato de, além deste modelo, existir na Bíblia ainda outra visão da história, formulada pelo modelo escatológico dos profetas, em muitos casos até se esqueceu totalmente.³⁴

No decorrer da história cristã, por longos períodos, até se perdeu a consciência do fato de que, além do modelo apocalíptico da história, existe nos textos bíblicos outro modelo, em muitos aspectos fundamentalmente diferente, que é
O MODELO ESCATOLOGICO DOS PROFETAS.

Além desse fato, e apesar de uma rejeição explícita das tendências milenaristas por parte do Magistério oficial, tais tendências sempre estiveram presentes também na religiosidade cristã.³⁵ O resultado histórico dessa situação é múltiplo:

1. Para a maioria dos cristãos, hoje, só existe o modelo apocalíptico.
2. Este modelo, por sua vez, é muito marcado pelas concepções de um milenarismo apocalíptico, em cujo centro se encontra a idéia de uma parusia iminente e a concepção de um fim do mundo em termos de holocausto cósmico.³⁶
3. O modelo apocalíptico perdeu para a maioria dos cristãos o seu potencial de esperança utópica e transformadora, e se reduziu no fundo àquilo que é um dos elementos típicos do milenarismo: Uma expectativa passiva do fim do mundo.

Perante esse quadro, estamos hoje diante de duplo desafio:

1. Devemos voltar ao significado original do pensamento apocalíptico.
2. Devemos redescobrir a concepção escatológica original da teologia dos profetas.

O quadro religioso é marcado, ainda de maneira excessiva, por uma concepção alienante, conforme a qual a tarefa do cristão consiste em afastar-se deste mundo e preparar-se para o mundo novo. Frente a essa situação, é urgente a volta às verdadeiras bases bíblicas e a superação de tendências apocalíptico-milenaristas.

Ante uma atitude religiosa, para a qual este mundo e esta história não têm valor, porque em todo caso desaparecerão, é imperativa a reativação da antiga visão histórica de Israel. Visão, aliás, que encontramos de maneira específica também na pregação de Jesus. O eixo principal de sua pregação pode ser definido da seguinte maneira:

- ESTE MUNDO E ESTA HISTÓRIA SÃO O CAMPO DA AÇÃO SALVÍFICA DE DEUS.
- DEUS CONDUZIRÁ A HISTÓRIA RUMO A UMA PLENIFICAÇÃO TOTAL.
- O HOMEM É CHAMADO A PARTICIPAR DA TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO, RUMO A ESTA ÚLTIMA PLENIFICAÇÃO.

Recuperar essa concepção escatológica de esperança para a vida e esperança para o mundo, nos parece uma das tarefas mais urgentes para o discurso teológico e pastoral de hoje.

Para que esse novo início a partir das bases de nossa fé seja possível, devemos

primeiro conscientizar-nos sobre o conteúdo daquilo que podemos chamar o discurso escatológico tradicional dos séculos passados.

¹ Cf. Fernando Belo, *Das Markus-Evangelium, materialistisch gelesen*, p. 98: “Zaratustra proclama a salvação baseada num lugar interior de uma sabedoria revelada. Esta salvação se vai revelar pelo fogo, no dia do juízo final. Nesse dia, o redentor, o ‘vivo’, voltará, e os bons e maus receberão o seu devido destino. No contexto desse juízo aparece em Zaratustra a crença numa ressurreição da carne”.

² Cf. Georg Fohrer, *Geschichte Israels*, pp. 206ss.

³ Cf. J. Bright, *História de Israel*, pp. 488-561.

⁴ Cf. Richard A. Horsley e John S. Hanson, *Bandidos, Profetas e Messias*, pp. 26ss.

⁵ Cf. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*, vol. II, pp. 2707-2708.

⁶ Edmund Schopen, *Geschichte des Judentums im Orient*, p. 86.

⁷ Cf. Edmund Schopen, *Geschichte des Judentums im Orient*, p. 83.

⁸ J. Bright, *História de Israel*, p. 572.

⁹ Cf. J. Bright, *História de Israel*, pp. 569-582.

¹⁰ *Ibid.*, p. 577.

¹¹ Cf. José Luís Sicre, *Profetismo em Israel*, p. 443ss.

¹² Cf. G. von Rad, *Teologia do Antigo Testamento*, vol. 2, p. 300.

¹³ Cf. F.M. Marquardt, *Was dürfen wir hoffen*, vol. 2, p. 155.

¹⁴ CD-Rom “Bíblia”, comentário sobre o tema “apocalipse”, Ed. Loyola, 1997.

¹⁵ Cf. **1Sm 2,6**: ⁶É o Senhor que dá a vida e a morte, conduz à mansão dos mortos e daí faz voltar. Cf. **Sb 3,1-3**: ¹Quanto às almas dos justos, estão nas mãos de Deus e nenhum tormento as atingirá. ²Aos olhos dos insensatos parecem estar mortos: sua saída do mundo foi considerada uma desgraça, ³e sua partida de nosso meio, um aniquilamento; eles, porém, estão em paz. Cf. **Sb 4,7**: ⁷Mas o justo, ainda que morra prematuramente, estará em repouso. Cf. **16,13**: ¹³ És tu que tens poder sobre a vida e sobre a morte. Fazes descer às portas do Hades e daí retiras.

¹⁶ H. Vorgrimler, *Hoffnung auf Vollendung*, p. 30.

¹⁷ Cf. U. Kellermann, “Ueberwindung des Todesgeschicks in der alttestamentlichen Frömmigkeit”, em: *Zeitschrift für Theologie und Kirche* 73 (1976), pp. 259-282.

(Quando em certas traduções aparece o termo “alma”, não deve ser interpretado pelo enfoque da filosofia grega, mas pelo significado que o termo (nefesh) tem dentro do contexto cultural-religioso bíblico: “O homem corporal e global que vive”).

P. ex.: Cf. **Sl 16, 9-10**: ⁹Por isso se alegra meu coração e exulta minha alma; até minha carne descansa serena, ¹⁰porque não abandonarás minha alma no abismo nem deixarás teu fiel ver o fosso.

¹⁸ J. S. Croatto, “Apocalíptica e esperança dos oprimidos”, em *RIBLA* 7, 1990/3, p. 15.

¹⁹ Cf. a evolução do motivo, começando com textos proféticos (p. ex., Jr 34,8; Is 61,2) até as mensagens respectivas de Fátima e Lourdes, as concepções da “Nova Era” e os movimentos milenaristas atuais, com os seus milhões de adeptos.

²⁰ É isso que sugere por exemplo o *Dicionário enciclopédico das religiões*, que, na p. 1758, situa a origem do Milenarismo nos “apócrifos judaicos”.

²¹ Os textos respectivos são: Jr 25,11 e Jr 29,10.

²² Cf. Teodorico Ballarini (org.), *Introdução à Bíblia II/4, Os doze Profetas/Daniel*, Petrópolis, Vozes, 1978, pp. 266-271.

²³ Cf. em termos de exemplo: Georges Duby, *O ano mil*, Rio de Janeiro, ed. edições 70 (s.d.).

²⁴ Para o interessado, fazemos referência à numerosa literatura sobre o tema. Além disso, podem-se encontrar informações abundantes na INTERNET, realizando uma busca a partir da palavra “milenarismo”.

[25](#) Cf. Renold J. Blank, “Milenarismo e esperança escatológica”, em Vida Pastoral, maio de 1999, pp. 9 ss.

[26](#) Cf. Lc 1,51-54.

[27](#) Cf. Pablo Richard, Apocalipse, pp. 59-62.

[28](#) Cf. p. ex. a rejeição explícita no Catecismo da Igreja Católica, n. 676.

[29](#) Cf. p. ex. Meinrad Scherer Emunds, Die letzte Schlacht um Gottes Reich, Münster, ed. Liberación, 1989.

[30](#) Cf. Franz Josef Nocke, Eschatologie, pp. 29ss.

[31](#) Alexander Sand, “Jüdische und christliche Apokalyptik”, em A. Gerhards (org.), Die grössere Hoffnung der Christen, p. 60.

[32](#) Franz Josef Nocke, Eschatologie, p. 29.

[33](#) Segundo o FBI, somente nos Estados Unidos há 1500 cultos apocalípticos. (Cf. O Estado de São Paulo, 11 de julho de 1999, p. A 25).

[34](#) Cf. os capítulos respectivos neste livro.

[35](#) Uma vasta descrição destas tendências, começando com o seu surgimento nos primeiros séculos, e terminando com a menção de tendências milenaristas escondidas no atual catecismo e em declarações papais, se encontra em: Damian Thompson, Das Ende der Zeiten, Hildesheim, Claassen, 1997; VV.AA., Apokalyptische Aengste-Christliche Hoffnung, Freiburg, Paulus, 1991; Brian E. Daley, Origens da Escatologia cristã, São Paulo, Paulus, 1994.

[36](#) “Uma pesquisa de 1997 descobriu que um entre cada quatro americanos cristãos acredita que Jesus voltará enquanto estiverem vivos. Temores de apocalipse são alimentados pelos televangélicos como o reverendo Pat Robertson, cujo romance The End of the Age guarda bastante semelhança com o Livro das Revelações” (cit. cf. O Estado de São Paulo, 11 de julho de 1999, p. A 25).

Unidade IV

O DISCURSO ESCATOLÓGICO TRADICIONAL DA TEOLOGIA CRISTÃ

1

ORIGEM E SIGNIFICADO DO TERMO “ESCATOLOGIA”

O termo tradicional, com o qual foi denominada a reflexão sobre o destino último do homem e do mundo, é a noção “de novissimis”.

É só a partir do século IX que o termo “Escatologia” começa a ser usado de maneira geral. Ele surge pela primeira vez em 1677, na obra *Sistema Locorum Theologicorum*, do teólogo luterano A. Calov. No contexto católico, o termo aparece primeiro na obra de F. Oberthur, *Biblische antropologie* (Antropologia bíblica), publicada nos anos 1807-1810.

Por muito tempo, as reflexões escatológicas eram bem mais acentuadas no campo da teologia protestante. Na teologia católica, constatamos renascimento muito importante e original do pensamento escatológico a partir do Concílio Vaticano II. Os documentos mais significativos nesta área são:

- *Gaudium et Spes*, cap.3, n.39.
- *Populorum Progressio*, encíclica do Papa Paulo VI, sobretudo nn. 47 e 79.

A partir deste ponto de partida, começa uma reconsideração profunda das posições escatológicas. Ela dá início à superação progressiva da visão apocalíptica pessimista e à tentativa de recuperar a antiga dinâmica da esperança escatológica. Tenta-se redescobrir as dimensões históricas, políticas e sociais do REINO DE DEUS a partir de um enfoque teológico. Busca-se, muitas vezes por meio de discussões conflituosas, reconquistar o significado da história, compreendida como processo progressivo de construção do Reino de Deus. Construção dinâmica e dialética, no decorrer da qual esta história se aproxima cada vez mais do novo futuro de Deus. É neste processo de repensar a escatologia a partir de suas bases bíblicas, que se reativa também o dinamismo otimista e profundamente transformador da esperança.

2

EIXO PRINCIPAL DO DISCURSO ESCATOLÓGICO NA TEOLOGIA CATÓLICA ANTES DO CONCÍLIO VATICANO II: REFLEXÃO SOBRE “AS ÚLTIMAS COISAS” (“DE NOVISSIMIS”)

Dentro da teologia católica, da Patrística até meados do século XX, o enfoque das

reflexões escatológicas permanece basicamente o mesmo:

“de novissimis”

AS ÚLTIMAS COISAS DO HOMEM E DO MUNDO

2.1. A teologia patrística

Ela acentua mais a dimensão coletiva e histórica. Os seus temas de reflexão escatológica são em primeiro lugar:

- O FIM DO MUNDO
- O JUÍZO FINAL
- A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

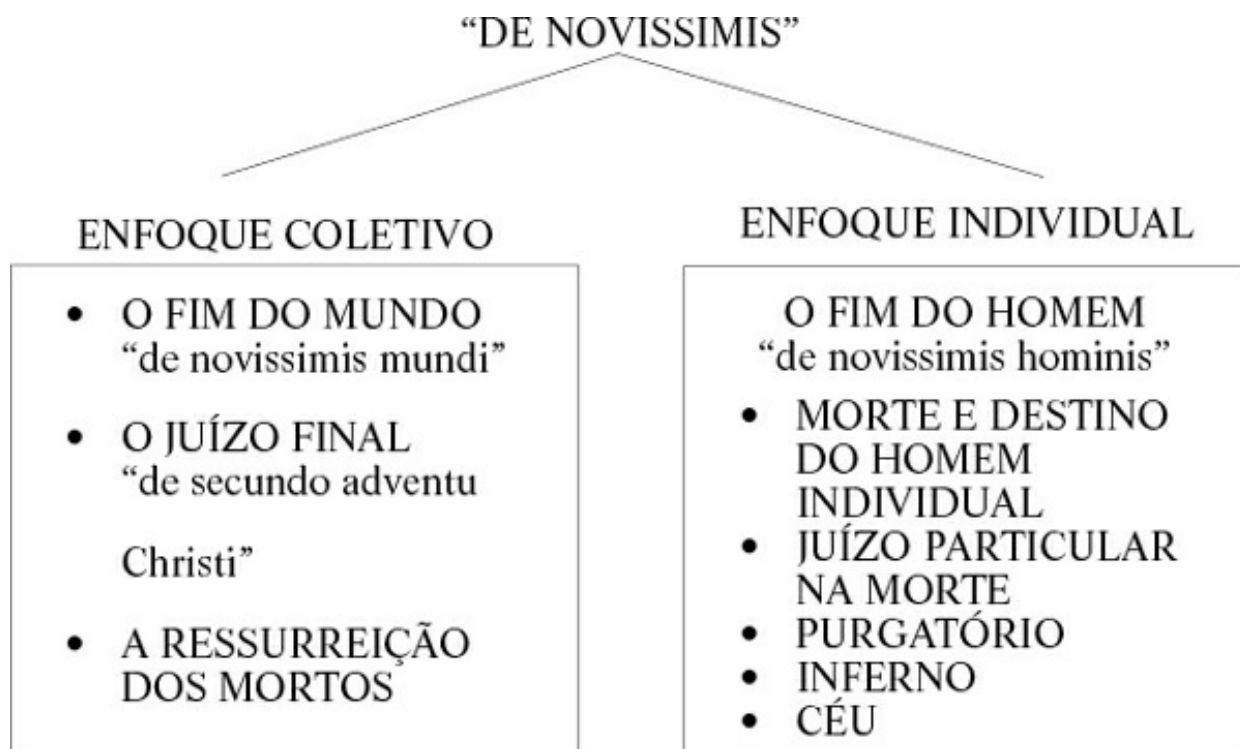
2.2. A teologia a partir dos séculos XIII-XIV

Ela se preocupa mais com a dimensão individual. Os temas da reflexão escatológica visam:

- A MORTE DO INDIVÍDUO
- O JUÍZO PARTICULAR
- PURGATÓRIO
- INFERNO
- CÉU

2.3. Os tratados clássicos “de novissimis”

Elaborados na Escolástica, sobretudo nos séculos XII-XIII por autores como Tomás de Aquino ou P. Lombardo, estes tratados sintetizam basicamente as reflexões dos séculos anteriores. Eles seguem a mesma divisão entre escatologia individual e escatologia do mundo, tratando em geral também dos mesmos temas:



2.4. A escatologia católica tradicional até o século XIX

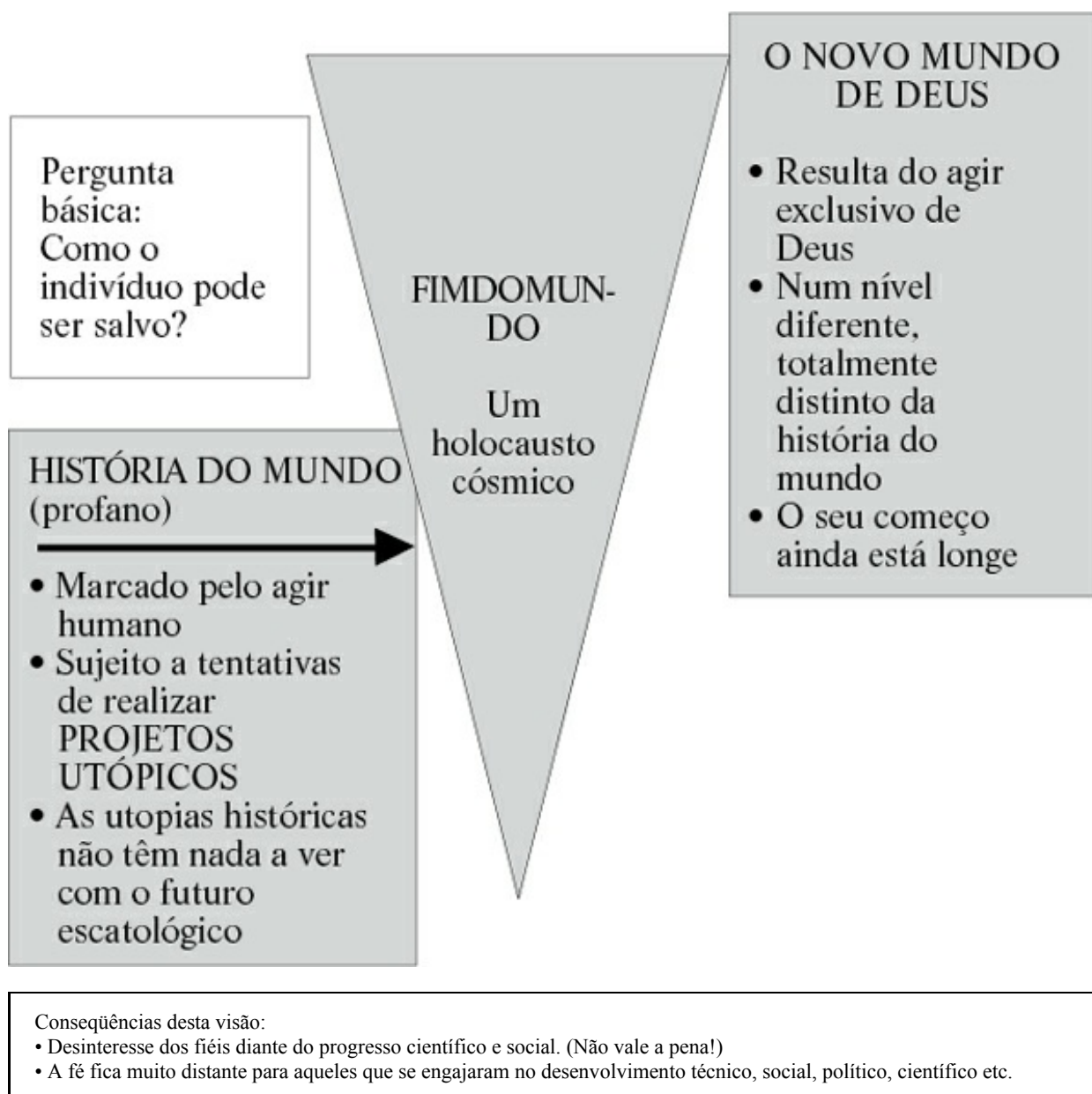
Ela segue a linha elaborada nos tratados “de novissimis”. O enfoque básico permanece marcado pelo pessimismo acentuado diante da história e do mundo. Encontramos no fundo o mesmo pressuposto que marca o pensamento apocalíptico: As “últimas coisas” do mundo e da história escapam totalmente ao agir do homem. Quem determina o fim da história é Deus. Ele age sozinho, destruindo este mundo e construindo depois outro mundo bem melhor. Este novo mundo, porém, ainda está muito distante da data presente.

A preocupação central não se dirige ao mundo, e sim muito mais à questão da salvação individual. Os títulos dos tratados mais usados revelam uma nítida distinção entre o mundo e a história atual, de um lado; e, de outro, o mundo novo do futuro.

- Das “últimas coisas”
- “de finibus hominis et mundi” (sobre o fim do homem e do mundo)
- “de novissimis” (sobre as novas coisas)
- “de extremis” (sobre os últimos acontecimentos)

2.5. A escatologia neo-escolástica do século XX

O enfoque, descrito no item anterior, permanece nas suas linhas mestras inalterado também na teologia neo-escolástica do século XX. No que diz respeito ao fim último da história deste mundo, a concepção geral pode ser representada de maneira bem clara através do seguinte esquema:



A não-valorização de tudo aquilo que é “mundo” e “história desde mundo” permanece sendo uma das características básicas da reflexão escatológica católica até os anos sessenta, pouco antes do Concílio Vaticano II.

A reflexão teológica sobre o último destino do mundo permaneceu ligada a uma visão apocalíptica, na qual grande parte do caráter utópico e revolucionário se havia perdido. O que se acentuou era a idéia de um holocausto cósmico para o mundo, e o perigo de uma possível perdição eterna para o indivíduo.

Podemos dizer, sem exagero nenhum, que essa visão apocalíptica reduzida e bastante pessimista se tornou uma das razões mais importantes para o *acentuado desinteresse dos cristãos diante do processo histórico do mundo*.

Gerações de cristãos interiorizaram um pensamento conforme o seguinte modelo: Se esta história e este mundo em todo caso estão predestinados a ser destruídos, então por que ainda se preocupar tanto com a transformação deles? Não vale a pena!

Todo apelo a uma transformação da situação histórica por razões religiosas deve soar tão absurda nos ouvidos dessa concepção, como quando se pedia engajamento

para a renovação de um prédio, informando ao mesmo tempo que o prédio será derrubado na semana que vem. Todo mundo diria o mesmo: Não vale a pena!

Há muitos cristãos que, de maneira consciente ou inconsciente, reagiriam exatamente assim:

Se este mundo for destruído através de um holocausto cósmico, para que então ainda investir tempo e energia para a transformação dele? Não vale a pena!

Se este mundo vai acabar no holocausto destrutivo do fim do mundo, a primeira preocupação do cristão só pode ser a de “salvar aquilo que não é destrutível”, quer dizer, salvar a própria alma.

Quanto a esta mentalidade se acrescenta ainda todo o quadro de medo diante da possível condenação no juízo individual. Chegamos exatamente àquela mentalidade alienante que marcou, e marca em muitos casos até hoje, o pensamento escatológico.

Além desse efeito para a mentalidade religiosa, encontramos na concepção neo-escolástica uma acentuada tendência estática. Diante do progresso científico que cada vez mais compreende este mundo e este cosmo a partir de um enfoque dinâmico e processual, a escatologia neo-escolástica persiste na maneira de pensar no mundo e em sua história dentro dos moldes do modelo histórico arcaico dos apocalipses: A história é uma justaposição de acontecimentos delimitados. Assim, porém, se perde toda perspectiva dinâmica de uma visão evolutiva da história.

A ESCATOLOGIA NEO-ESCOLÁSTICA CORRE O PERIGO DE:

- FUNDAMENTAR UMA RELIGIOSIDADE ALIENANTE
- COMPREENDER O MUNDO EM TERMOS ESTÁTICOS, EM VEZ DE PENSAR NELE COMO PROCESSO DINÂMICO...

O mesmo distanciamento progressivo entre escatologia e história, que marca o discurso escatológico da Igreja católica antes do Concílio, se torna visível de maneira mais expressiva ainda no discurso escatológico da teologia protestante. A partir de uma atitude ecumênica, que hoje se acentua cada vez mais, parece importante conhecer também pelo menos as grandes linhas, dentro das quais se desenvolveu esse discurso. Além disso, podemos constatar, na segunda parte do século XX, um progressivo diálogo ecumênico. Ele enriqueceu e está enriquecendo a compreensão das verdades escatológicas através de inspirações mútuas.

3

EIXO PRINCIPAL DO DISCURSO ESCATOLÓGICO NA TEOLOGIA PROTESTANTE: PERDA E RECUPERAÇÃO DA DIMENSÃO HISTÓRICA

3.1. Redução da escatologia a um discurso individualista sobre a imortalidade

A teologia iluminista do século XVIII acentuou muito a dimensão da moral individual. Dentro desse enfoque, o discurso clássico “de novissimis” é criticado. O que importa, dizem, não é a visão do futuro, mas a moralização do homem individual. Quem alcança a imortalidade é o homem moral; conseqüentemente, a preocupação deve basear-se no sujeito moral e não na história. O resultado desse enfoque teológico para a escatologia é o seguinte:

- A ESPERANÇA HISTÓRICA NUM FUTURO ESCATOLÓGICO COLETIVO FICA FORA DE ENFOQUE
- O INTERESSE ESCATOLÓGICO SE REDUZ À PREOCUPAÇÃO COM A IMORTALIDADE DA PESSOA
- A ESPERANÇA PARA O FUTURO SE CONCENTRA NO SUJEITO MORAL-INDIVIDUAL

Para Lessing, um dos grandes poetas e teólogos protestantes do século XVIII, Jesus é primeiramente o grande exemplo de um educador moral. A sua visão do REINO está diretamente ligada a uma moralização da humanidade. Por causa disso, diz Lessing, o caminho para chegar à meta de uma sociedade mais moralista é a educação moral do indivíduo.

É a partir de tal enfoque teológico que podemos compreender melhor a extrema individualização da fé, cujo reflexo constatamos até hoje. Está na mesma linha dessa individualização também outra redução do interesse escatológico, que podemos chamar de redução individualista da noção do Reino de Deus.

3.2. Redução do Reino de Deus a uma realidade puramente individualista

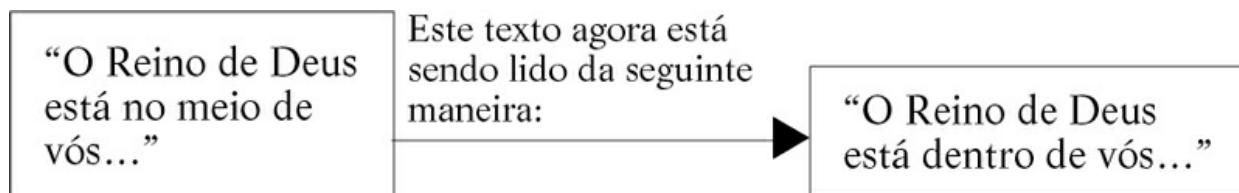
Em substituição à esperança escatológica histórica, acentua-se a esperança individual da salvação. O caminho para garantir esta salvação é a vida moralmente boa. Uma vida moral se realiza quando cada um, dentro de si, realiza aquilo que Jesus chamou de Reino de Deus.

A conseqüência dessa argumentação é que o Reino de Deus se realiza no coração do homem. Reino se torna uma noção totalmente individualizada. E se perde a esperança no Reino de Deus como processo dinâmico de transformação da história. Em vez dela, se formula a esperança no aperfeiçoamento do mundo pela educação dos indivíduos.

A PREOCUPAÇÃO COM A EDUCAÇÃO MORAL SUBSTITUI A PREOCUPAÇÃO COM A TRANSFORMAÇÃO DE ESTRUTURAS, CONFORME OS VALORES DO REINO
--

Quanto melhor, dizem, for a moral dos indivíduos, tanto melhor também será a situação da sociedade, formada por estes indivíduos. O mundo se aperfeiçoa pela moral crescente. A moral crescente, porém, se realiza no coração das pessoas.

Bem dentro da linha dessa interpretação está a maneira como se compreendem certos textos do Evangelho. Como exemplo, podemos mencionar Lc 17,21.



A partir de tal individualização, podem ser separadas também a fé no Reino de Deus, da fé na salvação individual. Essa salvação individual para a imortalidade deve ser postulada, conforme Immanuel Kant, para garantir “o aperfeiçoamento moral” do homem até além da morte.

Chegamos assim a uma atitude na qual se perdeu totalmente de vista a dinâmica transformadora da esperança escatológica. A fé cristã se torna questão de moral individual. Ela perde o seu potencial crítico e utópico, diante das estruturas históricas da sociedade.

3.3. Destruição da escatologia na teologia liberal do século XIX

Progredindo no caminho teológico-filosófico do Iluminismo, a teologia liberal protestante do século XIX chega a ponto extremado com David Friedrich Strauss. Seguindo idéias de Schleiermacher, D.F. Strauss professa uma idealização total da idéia da imortalidade. Conforme ele, imortalidade nada mais é do que a capacidade do espírito de transcender todas as coisas finitas e de formar idéias não-limitadas. A idéia da imortalidade, assim, está desligada do seu conteúdo real e se torna qualidade do espírito.

A conseqüência dessa idealização da noção da imortalidade é o desaparecimento da escatologia como esperança para o futuro.

O que conta é o presente, nada mais.

A ESCATOLOGIA PERDE A SUA DIMENSÃO DE FUTURO

Chegando assim à posição extremada, o discurso escatológico perdera toda a sua dimensão dinâmica para o futuro. Ao mesmo tempo, havia-se individualizado totalmente. Não mantinha mais nenhuma ligação com as dimensões históricas e estruturais da evolução da humanidade e do mundo.

3.4. Reconstrução de um novo discurso escatológico

Em razão dessa perda total da dimensão histórica da fé, foi possível começar a reconstrução de novo discurso escatológico a partir do século XIX. O passo mais importante neste processo parece ser exatamente a redescoberta dessa dimensão histórica antes abandonada. A partir dela, observamos em seguida uma progressiva superação do enfoque pessimista do pensamento apocalíptico.

Enquanto a teologia católica ainda mantinha basicamente as posições formuladas pela escatologia neo-escolástica, a teologia protestante, já desde o início do século XX, começa nova caminhada. Não é aqui o lugar para mostrar todas as suas etapas. Podemos, porém, pelo menos mencionar o primeiro passo, porque a redescoberta da dimensão histórica da escatologia, realizada na teologia protestante, converge em

muito para a evolução do pensamento escatológico, efetuada na teologia católica depois do Concílio Vaticano II.

3.5. A redescoberta da “dimensão histórica” da escatologia

O teólogo Johannes Weiss rejeita, no início do século XX, a posição de Lessing, segundo a qual o Reino de Deus não é mais do que símbolo para o crescimento moral da humanidade.

Para Weiss, Reino ainda não tem nada a ver com a idéia de evolução, mas, apesar disso, contém uma dimensão histórica. Essa dimensão, todavia, só visa o fim da história.

Reino de Deus é o símbolo para a total suspensão deste mundo e desta história.
--

A escatologia, assim, volta a ser doutrina sobre os acontecimentos no fim do mundo.

Este fim do mundo, porém, é acontecimento ainda muito distante. É futuro catastrófico, apocalíptico, porque significa a destruição do mundo e da história.

Constatamos igualmente, no processo do desenvolvimento do discurso escatológico do lado protestante, a redescoberta da dimensão histórica, embora a partir de um enfoque pessimista que volta às antigas concepções de um holocausto cósmico. Esse pessimismo é progressivamente superado em seguida, na teologia de importantes teólogos protestantes como:

- Albert Schweitzer, Escatologia conseqüente
- R. Bultmann, Escatologia existencial
- Karl Barth, Pan-Escatologia
- Jürgen Moltmann, Teologia da esperança

A evolução aqui esboçada da escatologia protestante não fica sem influência sobre a discussão escatológica da teologia católica. Questionada pelos acontecimentos históricos do século XX, toda a teologia cristã não podia escapar do desafio de responder às questões sobre o mundo, o seu rumo e o seu fim. Confrontado por perspectivas sombrias de um futuro cada vez mais incerto, o discurso escatológico foi confrontado com questões muito similares àquelas que tinham provocado as elaborações de modelos apocalípticos em Israel.

Só que o questionamento atual não se baseia mais numa fé absoluta na fidelidade de Deus. As perguntas são mais críticas, marcadas não só pelo fracasso de tantos projetos históricos e sociais, mas também pelo ceticismo profundo, diante das respostas teológicas tradicionais. Os problemas, porém, permanecem, tornando-se desafio cada vez mais urgente. Perante eles, o discurso escatológico tradicional, em muitos casos, tornava-se vazio, as suas respostas se revelavam alienantes, e por causa disso não convenceram mais. Os seus modelos foram progressivamente questionados pelas novas descobertas da cosmologia. Veio cada vez mais à tona aquilo que podemos chamar de “problemática do discurso escatológico tradicional”.

A PROBLEMÁTICA DO DISCURSO ESCATOLÓGICO TRADICIONAL

As possibilidades técnicas e científicas de influenciar e de planejar o futuro produzem, nas últimas décadas do século XX, um interesse renovado por esse futuro.

- Que futuro nos espera?
- Será que o futuro ainda tem futuro?
- Catástrofe climática ou holocausto atômico?
- A ciência do futuro resolverá todos os problemas?

Formulam-se lemas, projetos, anseios diante da dimensão que até há pouco tempo era totalmente alheia às interferências do homem. A futurologia começa a elaborar modelos do futuro. As ciências formulam projeções e previsões. Os sistemas políticos exprimem promessas. O futuro se torna o campo de previsões sérias e pesquisas científicas. Tudo isso provoca interesse cada vez mais acentuado na questão: como será o futuro?

Na formulação de respostas ante essa indagação, a escatologia está sendo desafiada hoje de maneira nova e urgente. Os seus modelos tradicionais não estão mais sendo aceitos de antemão e por todos. As suas respostas, em muitos casos, só produzem insatisfação.

Essa insatisfação do homem moderno e pós-moderno foi formulada muito acertadamente num artigo de Michael Van, publicado há vários anos numa coleção com o título significativo “Reconhecer os sinais dos tempos”. Aí podemos ler:

“Ainda na sua forma mais aperfeiçoada (a fé no além), vista do enfoque socioético, produz consequências psíquicas e sociais catastróficas. No passado abusou-se dela de maneira notória para seduzir homens explorados e oprimidos a resignar-se com o seu destino miserável e esperar vida melhor num mundo melhor depois da morte...

Ainda hoje, a fé firme no julgamento divino sobre este mundo corrompido; a convicção imperturbável de que Deus salvará isso tudo... produz no indivíduo e na massa uma letargia política. Ela gera aquela teimosia e paciência pequeno-burguesa que se interessam só pelo bem-estar pessoal e ficam insensíveis ao bem e ao mal da sociedade e do mundo como um todo. É uma atitude sempre prestigiada pelos dominadores de todos os tempos”.³⁷

O que é dito aqui, de fato, é um dos grandes problemas do discurso escatológico do passado. Em muitos casos, tal discurso realmente só falava do além e do fim do mundo, desviando a atenção dos problemas históricos e atuais e ensinando um desprezo acentuado do mundo.

Em muitos outros casos, também, tal discurso agradava aos poderosos, estivessem eles do lado político, econômico ou até religioso, porque esvaziava toda crítica e toda tendência revolucionária de antemão, com a designação de que todo este mundo não teria valor. Assim, a religião não lutou para superar as estruturas que geravam miséria, tornando-se verdadeiro “ópio para o povo”. Era sobretudo a crítica marxista da religião que acentuava tal acusação.

Em outros casos, finalmente, era o discurso escatológico que, em vez de provocar uma esperança confiante, encheu os corações de medo e pessimismo.

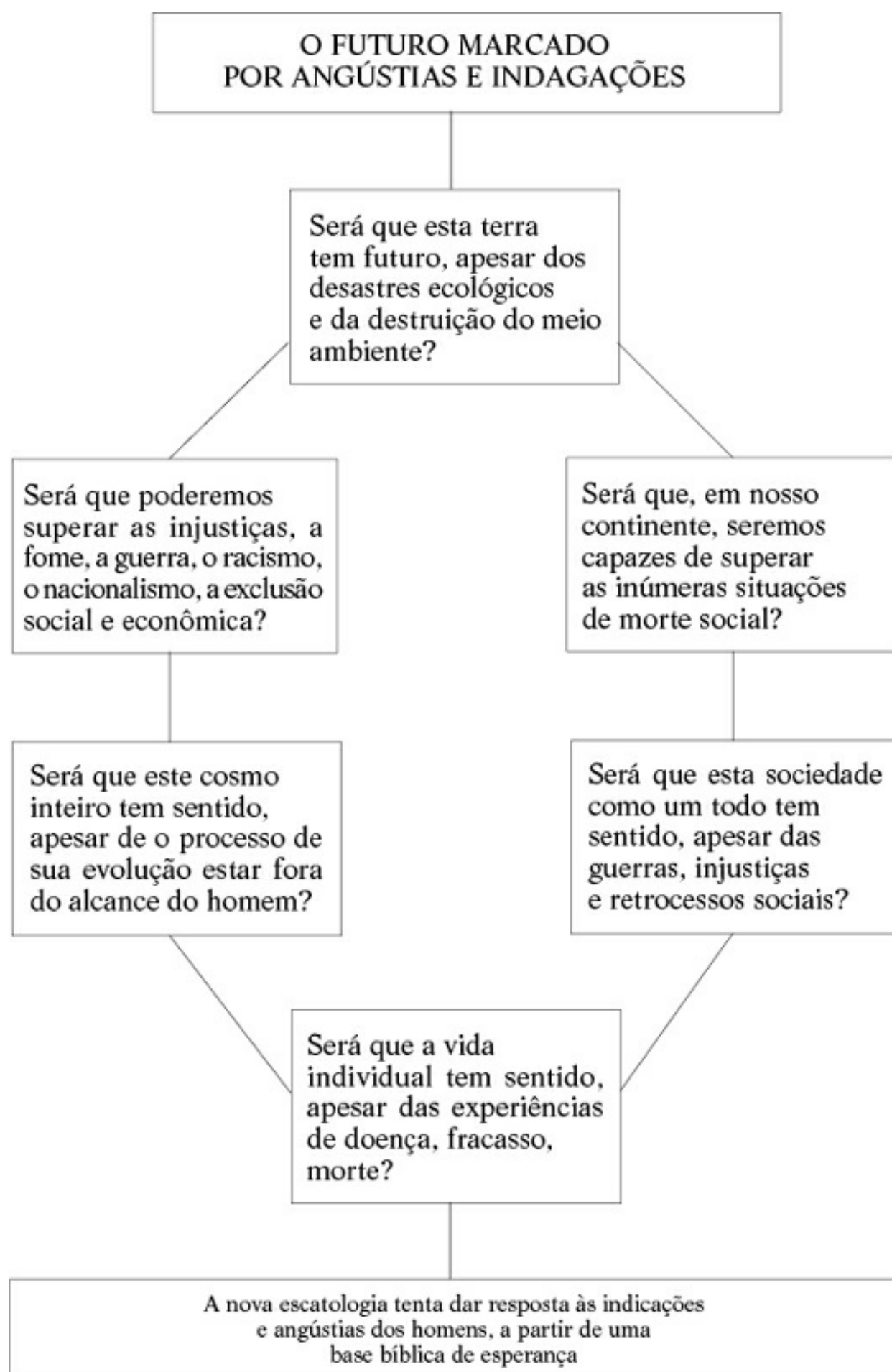
Devemos hoje, com toda a sinceridade, assumir a responsabilidade e confessar que muitas dessas críticas formuladas correspondem à verdade.

O DISCURSO ESCATOLÓGICO DO PASSADO ERA MUITAS VEZES ALIENANTE MESMO

Devemos, porém, de outro lado, também acentuar que tal discurso mudou. Diante dos muitos questionamentos do homem de hoje, a escatologia não se calou. Confrontada com as angústias e os anseios da época atual, a teologia não se deu por satisfeita com os modelos pessimistas das respostas de ontem.

A escatologia cristã das últimas décadas abriu, às pessoas de hoje, novos horizontes de esperança. Horizontes cujas bases se encontram na dinâmica de um Deus histórico, na esperança num Deus que conduz essa história, na convicção de que o fim último dessa história só pode ser a realização plena daquilo que chamamos “o plano salvífico de Deus”.

É a partir desses pressupostos que se formulou nas décadas passadas um novo discurso escatológico. Discurso que, de um lado, se mantém totalmente fiel às grandes verdades dogmáticas da tradição. Discurso, porém, que de outro lado tenta dar respostas aos anseios de hoje e de amanhã. Respostas, cujas bases não se encontram em algum planejamento utópico humano, mas nas grandes revelações bíblicas sobre os planos de Deus.



[37](#) Michael van Lay, “Das Leben der Toten”, em *Die Zeichen der Zeit erkennen*, Münster, 1988, p. 252.

Unidade V

**ESPERANÇA HISTÓRICA E ESPERANÇA
ESCATOLÓGICA NO DISCURSO TEOLÓGICO
CONTEMPORÂNEO**

1

TENDÊNCIAS E DESAFIOS PARA O DISCURSO ESCATOLÓGICO CONTEMPORÂNEO

Podemos constatar, no discurso escatológico contemporâneo, algumas tendências claramente acentuadas.

De um lado observamos:

- a) Um afastamento das descrições hipotéticas e muitas vezes fantasiosas de um final dos tempos, compreendido unicamente em termos de holocausto cósmico.
- b) A superação de um enfoque apocalíptico-milenarista pessimista, que tanto marcou as declarações dos séculos passados.

De outro lado constata-se, a partir daquilo que poderia ser chamado de “redescoberta da dimensão histórica da escatologia”, a conscientização cada vez mais forte de que a escatologia não é uma disciplina que está à margem da teologia, mas sim uma disciplina central. Poder-se-ia falar até que a dimensão escatológica é a dimensão central de toda a teologia cristã.¹

Dentro do contexto dessa conscientização, podemos formular os novos desafios para uma reflexão escatológica bíblica da seguinte maneira:

A escatologia de hoje e do futuro deve:

- a) Fazer descobrir a dimensão bíblica da esperança.
- b) Conscientizar sobre a dinâmica crítica e transformadora dessa esperança.
- c) Conscientizar sobre o lugar central da mensagem do reino de deus, dentro das reflexões sobre a última finalidade deste mundo e desta história.
- d) Conscientizar sobre o fato de que, a partir das bases bíblicas, as grandes verdades sobre fim do mundo, juízo final e parusia não devem necessariamente ser vistas dentro do contexto de um holocausto cósmico.

É a partir destes enfoques que a escatologia pode tornar-se de novo aquilo que era para o povo de Israel:

- ◆ Ponto de cristalização de todas as esperanças religiosas, sociais, históricas e cósmicas.
- ◆ Força dinâmica para a transformação deste mundo, conforme os grandes projetos históricos de Deus.
- ◆ Incentivo para a conscientização de que Deus realiza esses planos por meio de nós.

A transmissão das verdades escatológicas, a partir dos pressupostos mencionados, é hoje uma das tarefas mais urgentes, porque constatamos no quadro dos cristãos uma crescente desilusão com relação à capacidade da religião em transformar este mundo.

Em muitas comunidades, em vez de esperança, encontramos resignação. Em certos círculos religiosos, é grande a tentação de voltar ao antigo discurso alienante sobre um mundo ruim, que só pode desaparecer num holocausto cósmico. Para grande número de cristãos, a religião cristã perdeu o seu potencial de esperança e de otimismo, enquanto do outro lado, esses mesmos cristãos ficam cheios de anseios e de angústias diante de um mundo que não compreendem mais.

Diante de todo esse quadro fenomenológico, é imperativo mostrar que a dimensão

escatológica de nossa fé contém respostas também às indagações de hoje.

É essencial a conscientização de que o discurso escatológico, confrontado com as decepções e frustrações do homem de hoje, é capaz de preencher o vazio de um mundo que perdeu as suas utopias e as suas esperanças.

Baseados nas grandes verdades escatológicas, os cristãos são capazes de se tornarem de novo a força renovadora deste mundo, o fermento que transforma, o fogo que muda todas as coisas.

Para que isso aconteça, é importante conhecer a verdadeira dinâmica dos projetos históricos de nossa fé. Projetos que, em última análise, são os projetos de Deus. Nós somos chamados a realizá-los.

Para que os cristãos redescubram sua força de transformação histórica, necessitam conhecer a força transformadora de sua escatologia.

Por causa disso, queremos apresentar num primeiro passo as várias etapas, mediante as quais a nova escatologia do mundo chegou a ser formulada. Num segundo passo apresentaremos, a partir desses pressupostos, as conseqüências para uma visão dinâmica e processual daquilo que chamamos Reino de Deus, Fim do Mundo e Parusia.

2

OS PRECURSORES DA NOVA ESCATOLOGIA TRANSFORMADORA

2.1. Rudolf Bultmann e a escatologia existencial-presencial

Rudolf Bultmann (1884-1976) formulou em 1941 a exigência de uma desmitologização radical dos textos bíblicos. Para ele, todos os textos do Novo Testamento são, em primeiro lugar, testemunhos da fé, escritos a partir da perspectiva pós-pascal.² Por causa desse fato, também não tem sentido a interpretação temporal ou histórica das mensagens escatológicas da Bíblia, porque essas mensagens formam igualmente parte do revestimento literário-mítico da linguagem bíblica. Elas não pretendiam determinar no tempo os chamados “últimos acontecimentos”.

Toda interpretação temporal, bem como todo enfoque histórico da escatologia, perdem assim o seu sentido.



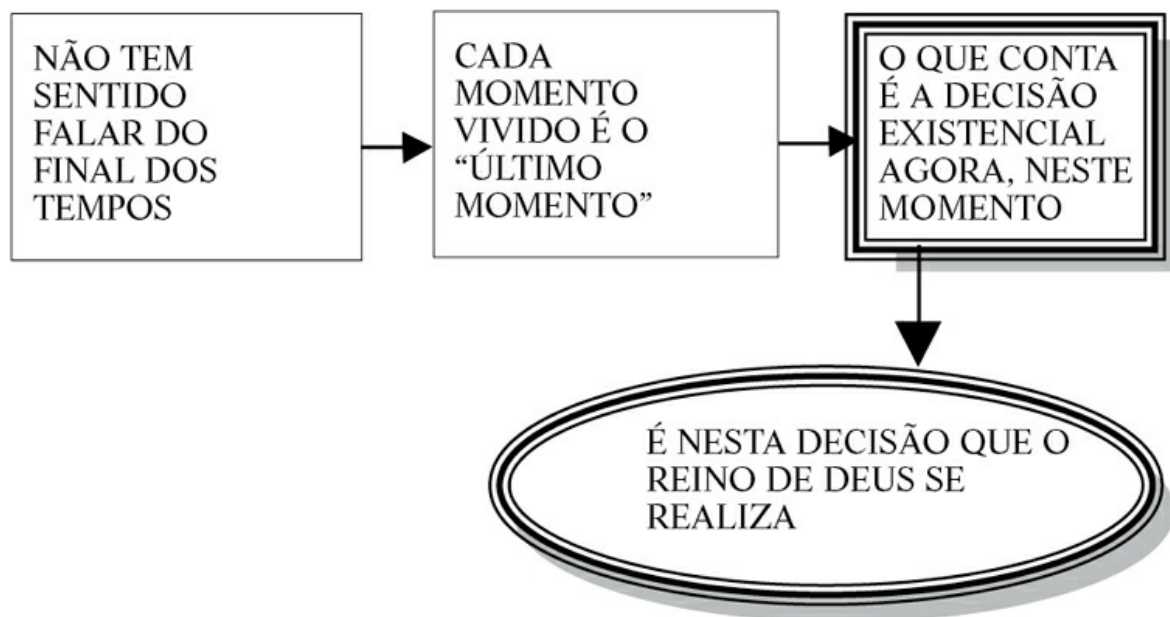
O que conta não é a história e sua transformação num processo contínuo. O que os

textos visam é o momento atual, no qual acontece cada vez de novo a situação de decisão.

O sentido da história se realiza no momento presente. Quando é vivido a partir de um compromisso com a fé cristã, esse momento se torna atualidade escatológica, nele se realiza o sentido da história.

“...É sempre na tua atualidade presente que se encontra o sentido da história, tu não o podes ver como espectador, só o podes ver nas tuas decisões responsáveis”.³

O momento presente se torna assim a situação escatológica decisiva. Cada momento é “o último momento” no qual o indivíduo é chamado à decisão.



Conforme o rumo que a história toma a partir da decisão tomada, o Reino de Deus está longe ou perto, independentemente de qualquer situação histórica ou de qualquer condição social.

Sendo assim, não só as imagens temporais, mas também as imagens espaciais como Céu ou Inferno, são imagens mitológicas. Não é olhando para elas que se decide a história, mas no momento atual da vida.

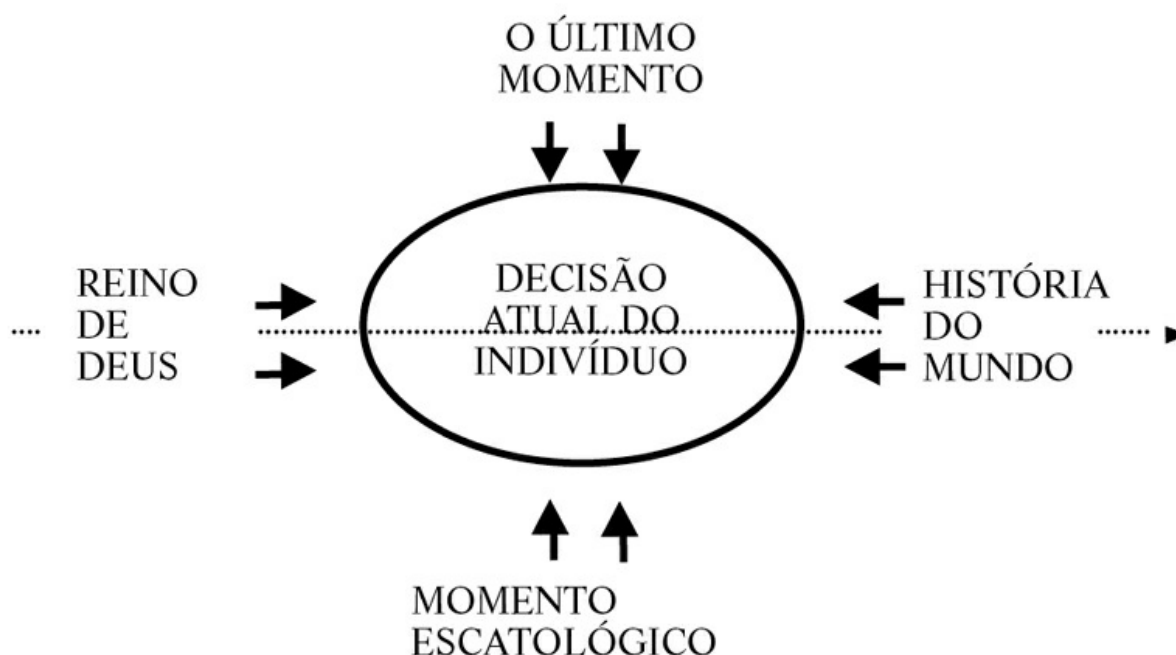
Todo momento de vida é o momento da alternativa existencial. “Em cada instante dorme a possibilidade de ser instante escatológico. Cabe a ti despertá-lo.”⁴

As conseqüências de tal concentração nas dimensões existenciais do momento são múltiplas:

- a) ACENTUA-SE A RESPONSABILIDADE EXISTENCIAL DO INDIVÍDUO
Ter fé = Decidir-se agora, converter-se agora
- b) A DIMENSÃO HISTÓRICA DA ESCATOLOGIA DESAPARECE
- c) A SALVAÇÃO NÃO É INTERLIGADA COM O PROCESSO HISTÓRICO
- d) A ESPERANÇA ESCATOLÓGICA E SUA DINÂMICA TRANSFORMADORA ESTÃO DESLIGADAS DO FUTURO HISTÓRICO DO MUNDO

Toda a esperança escatológica se concentra no momento da decisão atual do indivíduo. O futuro perde o seu significado escatológico. A realização dele acontece

na decisão existencial do momento presente.



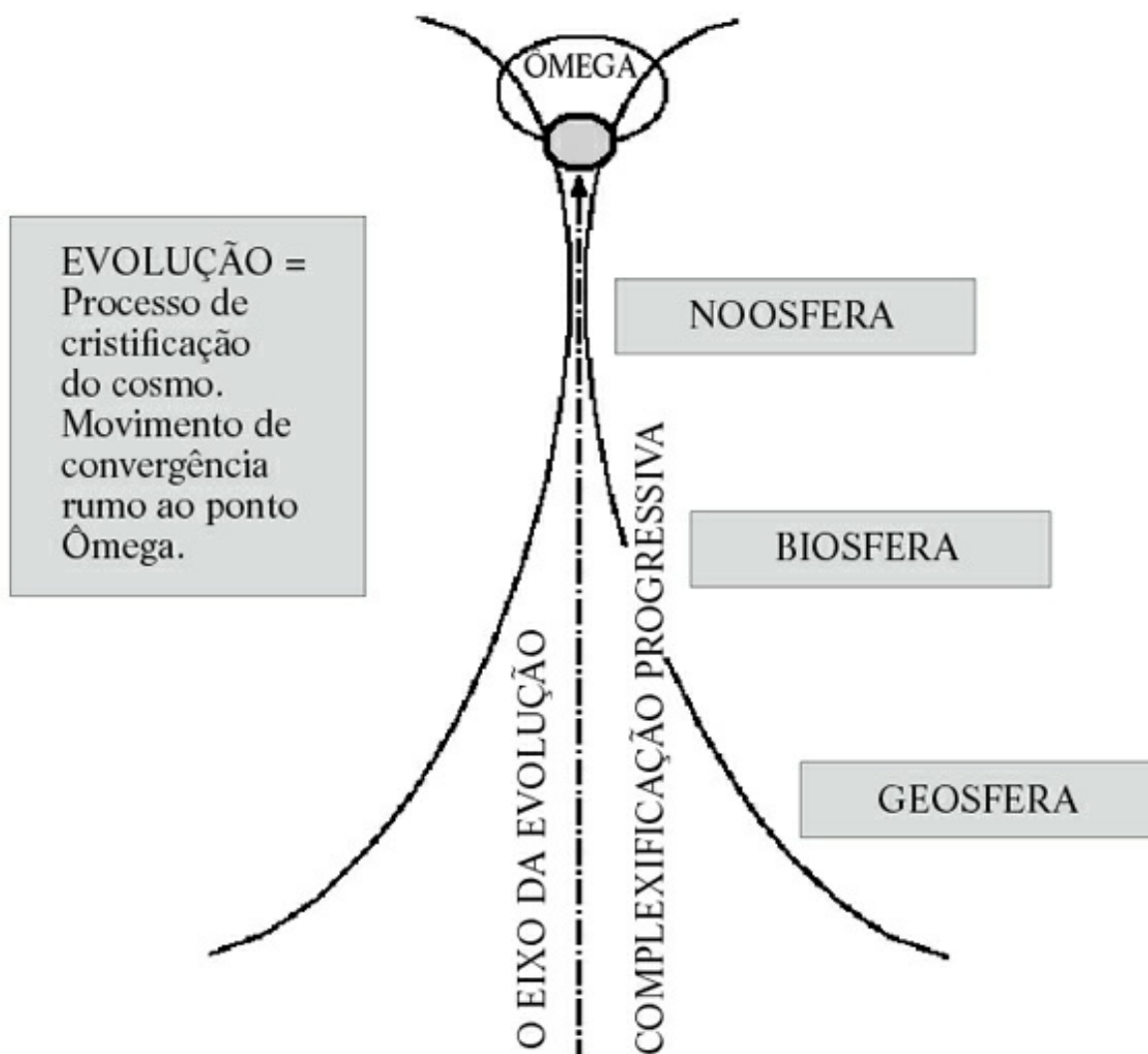
2.2. Teilhard De Chardin:

A evolução do mundo, vista como processo de cristificação

A grande preocupação de Teilhard de Chardin é: harmonizar os resultados cada vez mais evidentes da ciência sobre a evolução do cosmo, por meio das respostas da teologia e da sua história da salvação?

É a partir dessa perspectiva que ele desenvolve a sua grandiosa visão da evolução cósmica:

O cosmo inteiro converge, mediante um processo de complexificação progressiva, para um último centro: o ponto Ômega, fim último de toda evolução, estado de cristificação plena do cosmo, união com o Pai.



Esta “centrologia”, esta dinâmica, onde o cosmo inteiro segue rumo a um último centro divino, é o verdadeiro movimento histórico e cósmico da evolução. No seu fim, encontra-se a pessoa de Cristo. Centro de convergência, cerne gravitacional, no qual toda a indescritível dinâmica da evolução do cosmo encontra o seu cume e o seu último fim. Este fim, porém, é ao mesmo tempo um novo começo. O cosmo cristificado é entregue ao Pai. Teilhard vê a história inteira do cosmo a partir dessa perspectiva dinâmica e otimista.⁵ Uma história da progressiva revelação de Deus. Uma história da constante aproximação rumo a este Deus. Uma história que, em si, já é a aproximação daquilo que chamamos “a realização do plano salvífico de Deus”.

“A última fase desta imensurável revelação (de Deus no mundo), que coincide com a história do mundo, só pode ser a fase da conjugação — quando a atração divina... definitivamente terá arrancado dos determinismos baixos o espírito; aquele espírito que progressivamente foi produzido por todas as forças da terra.

Como terminará a evolução do espírito de nosso planeta? Talvez por uma transformação mais psíquica do que sideral, transformação que talvez possa parecer com a morte, que porém será de fato a emancipação do nível histórico-material e o êxtase em Deus”.⁶

Essa visão otimista do fim último do cosmo, projetada nas palavras de Teilhard de Chardin, resume não só a sua concepção dinâmica do processo evolutivo da cosmo.

Ela retoma também idéias formuladas por Paulo:

“Quando todas as coisas lhe tiverem sido submetidas, o próprio Filho se submeterá àquele que tudo lhe submeteu” (1Cor 15,28).

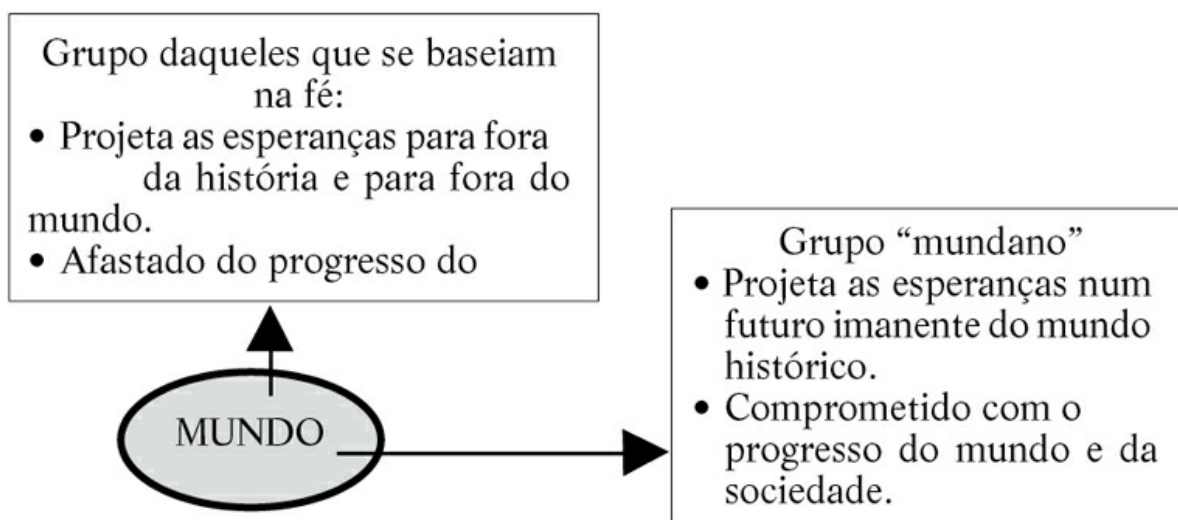
A história da evolução cósmica é, para Teilhard, ao mesmo tempo história da cristificação deste cosmo. Assim, porém, *ela é também história escatológica.*

O problema que tantas vezes impede essa visão global e dinâmica da história do cosmo é mais uma vez a presença de concepções dualistas, tão intrínsecas na religião cristã. Desde o neoplatonismo do século II d.C., tais concepções entraram no discurso teológico cristão. Junto com as influências gnósticas, também presentes, produziram como efeito aquela nítida distinção entre as coisas “espirituais” da fé e as coisas “materiais” do mundo. Distinção, aliás, que dessa forma nunca encontramos nos textos bíblicos.

No pensamento cristão, porém, ela se fixou de tal maneira que até hoje, para muitos cristãos, há uma clara separação entre a história material deste mundo e a história da salvação dele. A história da salvação pertence à esfera espiritual. Da história material e cósmica, porém, fazem parte todas as disciplinas que se preocupam com tal mundo material: a economia, a política, o social e também a ciência. Esferas que, conforme essa visão, não têm relevância nenhuma para as questões da salvação. Resultado de tal visão dicotômica, diz Teilhard, era também a formação de dois grupos de pessoas.

Uns projetaram as suas esperanças na história espiritual da fé e se retiraram do mundo. Outros, em contraposição, apoiaram as suas esperanças nas utopias imanentes do mundo e se afastaram da fé.⁷

A característica comum entre os dois grupos é a convicção de que a fé religiosa e a história do mundo são duas realidades separadas que não têm nada em conjunto.



O grande desafio para Teilhard de Chardin era superar tal antagonismo entre o mundo e a fé religiosa. Tal desafio se junta à preocupação de uma nova escatologia. Ela tenta ver o mundo dentro dos moldes de um processo evolutivo, cuja última finalidade é a plenificação em Deus.



UMA TEOLOGIA ESCATOLÓGICA QUE LEVA A SÉRIO
OS CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS SOBRE A EVOLUÇÃO, E AO MESMO TEMPO SE BASEIA NA FÉ,
NÃO PODE FAZER SEPARAÇÃO
ENTRE A HISTÓRIA EVOLUTIVA DO MUNDO
E A HISTÓRIA EVOLUTIVA DA SALVAÇÃO.

2.3. Documentos do Concílio Vaticano II, inspirados no enfoque de Teilhard de Chardin

A concepção otimista de Teilhard de Chardin inspirou muito o pensamento da década dos anos sessenta. Herbert Vorgrimler aponta para o fato de que até documentos do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje apresentam “em algumas declarações afinidade espiritual e verbal com Teilhard”.⁸ Ele cita dois textos da constituição *Gaudium et Spes*, dos quais apresentamos em seguida os elementos essenciais:

***Gaudium et Spes*, 39**

“Somos advertidos, com efeito, de que não adianta ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a si mesmo. Contudo, a esperança de uma nova terra, longe de atenuar, antes deve impulsionar a solicitude pelo aperfeiçoamento desta terra. Nela cresce o corpo da nova família humana que já pode apresentar algum esboço do novo século. Por isso, ainda que o progresso terreno deva ser cuidadosamente distinguido do aumento do Reino de Deus, contudo é de grande interesse para o Reino de Deus, à medida que pode contribuir para organizar a sociedade humana. Depois que propagarmos na terra, no Espírito do Senhor e por sua ordem, os valores da dignidade humana, da comunidade fraterna e da liberdade, todos estes bons frutos da natureza e de nosso trabalho, nós os encontraremos novamente, limpos contudo de toda impureza, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai o reino eterno e universal: ‘reino de verdade e vida, reino de santidade e graça, reino de justiça, de amor e de paz’. O Reino já está presente em mistério aqui na terra. Chegando o Senhor, ele se consumará”.

***Gaudium et Spes*, 45**

“O Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, ele próprio se encarnou, de tal modo que, como homem perfeito, salvasse todos os homens e recapitulasse todas as coisas. O Senhor é o fim da história humana, ponto ao qual convergem as aspirações da história e da civilização, centro da humanidade, alegria de todos os corações e plenitude de todos os seus desejos. A ele é que o Pai ressuscitou dos mortos, exaltou e colocou à sua direita, constituindo-o juiz dos vivos e dos mortos. Vivificados e congregados em seu Espírito, caminhamos para a consumação da história humana, que concorda plenamente com o seu desígnio de amor: ‘Reunir todas as coisas em Cristo, as que estão nos céus e as que estão na terra’ (Ef 1,10).

2.4. Bases filosóficas para superar uma escatologia alienante

As reflexões teológicas, que na segunda metade do século XX conduziram à superação de uma escatologia alienante, podem basear-se também numa sólida base filosófica.

Já mencionamos o esforço de Teilhard de Chardin, de tentando superar a separação entre “História do mundo” e “História da Salvação”. Na visão dele, “Deus cria o mundo como processo evolutivo... ele atrai todas as forças do universo e, no fim dos tempos, recolhe esse mundo e o introduz na sua glória. Há unidade sem falhas no devir do mundo; a criação é evolução, a evolução é nascimento do homem; o homem, no seu íntimo, está aberto em direção ao divino. Deus aparece com Jesus Cristo na história; Cristo dirige a humanidade, e com ela o universo, até a vida eterna”.⁹

Maurice Blondel, por sua vez, mostra como na própria natureza humana há uma “vontade querente” que impulsiona para a busca do infinito. Sendo esta “vontade” parte da própria natureza humana, ela é também parte do mundo. Por causa desse fato, podemos dizer que “Deus atrai para si, mediante o espírito humano, o impulso do mundo, e essa atração provoca a transformação do dinamismo humano em desejo de Deus”.¹⁰

Para Ernst Bloch (1885-1977), a realização do mundo e do homem “contém caráter de promessa, horizonte infinito de possibilidades. É ele que estimula esta natureza rumo a um futuro melhor, totalmente reconciliado”.¹¹

No seu famoso livro *Princípio esperança*, o marxista Bloch descreve o fim último de toda a dinâmica da história com noção tirada da linguagem religiosa-escatológica. Ele fala do “Reino”.

Essa noção, usada de maneira “desmitologizada”, denomina a grande utopia da liberdade absoluta, da superação de todas as alienações, da reconciliação entre o homem e o mundo. A Esperança, intrínseca neste mundo, age como princípio motor, impulsionando o homem a criar o reino. É um reino sem Deus, mas, por causa disso não deixa de ser a grande utopia no horizonte da história. Medard Kehl, referindo-se a J. Habermas, acentua que “o caminho rumo a este fim último pode ser chamado... História da salvação da humanidade; ele é mesmo uma história de salvação do cosmo”.¹²

Constatamos assim, nos pensadores mencionados, o esforço acentuado por responder aos anseios e às indagações sobre o futuro, a partir de um enfoque que envolve o mundo e sua história na totalidade. É no mundo e através do mundo que o homem realiza a sua história. A história do mundo, por sua vez, é também a história do homem. A esta interligação, Teilhard de Chardin acrescenta um terceiro elemento: A história do mundo é também a história de Deus com o mundo e com os homens.

Tais reflexões filosóficas ou filosófico-teológicas formam o pano de fundo para as novas formulações do discurso escatológico. Na sua realização e concretização se destacam, entre outros, os quatro caminhos mencionados em seguida. Podemos constatar neles um esforço acentuado de recuperar uma visão globalizante do

mundo:¹³

- A teologia da esperança (Jürgen Moltmann)
- A teologia política (Johann Baptist Metz)
- A teologia da libertação (Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, Jon Sobrino, João

B. Libânio)

- A teologia ecológica¹⁴

Nas concepções mencionadas encontramos respostas modernas ao duplo desafio de levar a sério o processo histórico-cósmico, e ao mesmo tempo respeitar os compromissos profundos da mensagem do Reino de Deus. No seu conjunto, refletem a nova visão escatológica que, depois do Concílio Vaticano II, começou a substituir os modelos tradicionais.

¹ Jürgen Moltmann, Teologia da esperança, pp. 2 ss.

² Cf. neste contexto também o livro muito interessante de Juan Luis Segundo: A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré, São Paulo, Paulus, 1997.

³ R. Bultmann, Geschichte und Eschatologie, p. 184.

⁴ R. Bultmann, op. cit., p. 184.

⁵ Cf. Teilhard de Chardin, Mundo, homem e Deus (textos selecionados por José Luiz Archanjo), pp. 98-104, 205-216; Teilhard de Chardin, Les directions de l'avenir, Paris, ed. du Seuil, 1973.

⁶ Teilhard de Chardin, O Espírito da Terra, cit. cf. "Die menschliche Energie", p. 63.

⁷ Teilhard de Chardin, Die Zukunft des Menschen (O futuro do homem), pp. 87-111.

⁸ Herbert Vorgrimler, Hoffnung auf Vollendung, p. 109.

⁹ Ladislaus Boros, Deus da esperança, p. 23.

¹⁰ Ladislaus Boros, op. cit., p. 32.

¹¹ Cit. Medard Kehl, Eschatologie, p. 341.

¹² Medard Kehl, Eschatologie, p. 34. Cf. também J. Habermas, Theorie und Praxis, p. 421.

¹³ O enfoque aqui apresentado se restringe às concepções escatológicas das teologias mencionadas. Para uma síntese mais global, cf. Rosino Gibellini, Teologia do século XX, pp. 279-382.

¹⁴ Um resumo sintético dos enfoques desta teologia se encontra em VV.AA., A Teologia da Libertação, balanço e perspectivas, pp. 57-64: "TL e discurso ecológico, o emergir de um novo paradigma".

Unidade VI

**A NOVA ESCATOLOGIA TRANSFORMADORA DO
MUNDO**

1

DEZ PRINCÍPIOS BÁSICOS DE UMA ESCATOLOGIA TRANSFORMADORA DO MUNDO

1.1. Compromisso entre escatologia e realidade histórica

O passo decisivo, rumo a uma escatologia engajada e transformadora do mundo, se fez no Concílio Vaticano II e nos anos depois. Era naqueles anos que o discurso escatológico voltou àquilo que tinha sido na época dos profetas: Transformador, inquietante, comprometido diretamente com a história concreta do mundo.

É essa história que de novo está sendo descoberta como o campo da ação de Deus no mundo.

A realidade de um Deus histórico está sendo compreendida de novo em todas as suas conseqüências, começando com o Deus de Abraão e Moisés, e terminando com Jesus, verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Este Jesus, porém, não ensinou e não viveu uma religião desengajada e fora da realidade. Ele, pelo contrário, se comprometeu com o mundo em nome daquilo que era o centro de sua mensagem: O REINO DE DEUS. Tal comprometimento, no entanto, não era teoria, mas vocação para a transformação da sociedade.

O primeiro que reformulou de maneira radical este compromisso da escatologia com a realidade histórica de hoje foi o teólogo protestante Jürgen Moltmann.¹⁵ Na sua obra *Teologia da esperança*, publicada em 1968, traduzida para o português em 1971, podemos ler a seguinte constatação programática:

“A escatologia cristã não fala do futuro. Ela tem seu ponto de partida numa determinada realidade histórica e prediz o futuro desta...”¹⁶

Com esse enfoque, supera-se o enfoque existencial de Bultmann. Ultrapassa-se também a fixação nas “últimas coisas” que marca tanto a escatologia neo-escolástica.

Em vez disso, o interesse volta para a antiga escatologia dos profetas. Volta àquela concepção esperançosa, conforme a qual Deus conduz este mundo no decorrer de seu processo histórico, rumo a uma finalidade última.

A teologia da esperança situa o discurso escatológico de novo numa base histórica e concreta.¹⁷ Ela supera as tentações de um discurso dualista, influenciado por concepções gnósticas. Com este passo, a escatologia volta de sua posição marginal, que tinha tido dentro do discurso teológico, para um lugar central.

1.2. Escatologia, centro e espinha dorsal da mensagem cristã

O centro da Boa Nova cristã consiste na convicção de que este mundo e esta vida não se perderão no nada. Toda a sua mensagem gira em torno da esperança de que o

fim último do indivíduo e da história será a sua plenificação e não a sua perdição.

Tal esperança, porém, é escatológica. Ela encontra a sua base em Jesus Cristo, e a partir dele, nas concepções originais de toda uma teologia profética.

“O cristianismo é total e visceralmente escatológico, e não só a modo de apêndice... O escatológico não é algo que adere ao cristianismo, mas é simplesmente o meio em que se move a fé cristã.”¹⁸

Com essas afirmações rejeita-se energicamente a tendência em vigor nos últimos séculos, a de tratar da escatologia como disciplina teológica marginal. Isso devido à convicção de que as “últimas coisas” estariam muito longe ainda.

Enquanto a escatologia só tratava delas, não havia razão de se preocupar muito com elas, porque, até elas realmente acontecerem, passaria muito tempo ainda.

Tudo isso muda, porém, quando o discurso escatológico está sendo compreendido de novo à maneira da teologia profética do Antigo Testamento. Uma escatologia que formula a resposta de esperança aos anseios humanos dentro da história, tal escatologia torna a ser essencial para os homens. Ela volta a ser mensagem de esperança. Esperança não em termos alienantes, mas à maneira da esperança do povo de Israel: como motor para o agir no presente e incentivo para a transformação.

É exatamente esta a esperança de que o mundo, hoje, necessita.

1.3. Esperança para um mundo que perdeu as esperanças

Para muitos, hoje, as esperanças históricas se esgotaram. As grandes utopias sociais fracassaram. Fala-se da “morte das utopias”.¹⁹ O mundo fica entregue às forças da utilidade e aos mecanismos do poder.

As esperanças se perderam no decorrer do complexo processo histórico, e cada vez mais pessoas ficam com os seus anseios históricos frustrados e desiludidos.

Elas buscam desesperadamente novos motivos de esperança sem encontrá-los.

É nesta situação que se põe com nova urgência a indagação pelo tipo de esperança propagada.

De que tipo de esperança o mundo precisa?

Como deve ser o conteúdo desta esperança?

Onde ela se encontra?

É diante dessas perguntas que se redescobre o discurso escatológico e seus motivos esperançosos.

Fica cada vez mais claro que não é o progresso científico ou político o último motivo para a esperança.

Os anseios para um mundo melhor também não se justificam por causa de fatos sociais ou de descobertas técnicas.

A capacidade de produzir seres humanos clonados não dispensa uma resposta sobre a indagação pelo sentido da vida e do mundo.

É perante esta situação que o discurso escatológico volta a acentuar que o fundamento de toda a existência do mundo e do homem é Cristo. “Ele é a nossa esperança” (Cl 1,27).

E a noção chave, onde esta esperança se concretiza, é aquela que se encontra no centro da palavra e do agir de Jesus: O REINO DE DEUS. Noção muitas vezes interpretada de maneira errada.

Realidade esquecida por longo tempo dentro do discurso escatológico, hoje ela volta a ser redescoberta. Não só redescoberta, mas reinstituída como noção chave de toda a nossa esperança. Como noção chave de todo o discurso escatológico.

1.4. REINO DE DEUS, noção chave de nossa esperança, noção chave de toda a escatologia

Toda a mensagem de Jesus Cristo culmina na declaração de que o Reino de Deus já começou. Nessa afirmação cristalizam-se e concretizam-se todas as esperanças históricas de sua época. Aquilo que foi prometido e esperado há séculos, tornou-se corpo, chegou a ser visível e tocável. O Reino de Deus começou e tornou-se centro e ponto cardeal da pregação e do agir de Jesus.

“Completaram-se os tempos, o Reino de Deus está próximo!” (Mc 1,15; Lc 10,9).

“Se expulso os demônios pelo dedo de Deus, é que chegou o Reino de Deus até vós!” (Lc 11, 20).

Se o Reino de Deus começou, então começou a salvação escatológica. A esperança alcançou uma base. A dinâmica de Deus invade o presente e transforma todas as coisas. Com isso, porém, se acrescentam novas dimensões à esperança do povo. Acende-se uma nova dinâmica na sua espera.

Se o Reino de Deus começou, então tudo pode mudar. Se o Reino de Deus começou, então o impossível se torna possível! Na época de Jesus, assim como hoje.

Para o povo de Israel e para a humanidade em sua totalidade. Porque este Reino, “de maneira irresistível, impele para a sua plenificação”.²⁰

Este Reino de Deus, de antemão, não é noção espiritual. É muito mais promessa concreta e definitiva, a partir da qual se abrem novas perspectivas de esperança. E apesar do fato de que o Reino até hoje não se realizou ainda em plenitude, as suas promessas permanecem. Elas se tornam ativas. Elas repercutem no presente. Elas questionam o hoje.

Todo o agir da Igreja está marcado pelas suas promessas, que ao mesmo tempo se tornam desafios. A Igreja inteira está a seu serviço.²¹ Toda a atuação dela no mundo se realiza “dentro do vasto horizonte de esperanças do futuro Reino de Deus, da futura justiça, da futura paz, da futura liberdade e dignidade do homem”.²² Estes valores do Reino, enquanto ainda não realizados, devem começar, e o seu começo se situa na conjuntura atual. Essa conjuntura pode ser transformada, e a transformação pode começar agora, neste momento, no contexto histórico-social de hoje.

É assim que a esperança numa futura realização plena dos valores do Reino começa a transformar o presente.

1.5. A esperança na realização futura do Reino de Deus transforma o presente

O “vasto horizonte de esperanças”, aos quais Moltmann se refere, em nada significa horizonte longínquo, espiritual e fora da história. Muito pelo contrário. Da mesma maneira como na época dos profetas e de sua esperança escatológica, esta

esperança, também hoje, repercute no presente. Ela não só repercute, mas questiona. “O futuro prometido faz nascer a crise do presente”, diz Rubem Alves.²³

A esperança é ativa e se torna o motor para o agir dentro deste mundo. Motor para um agir capaz de mudar tal mundo. Para um agir por meio do qual as promessas de um futuro Reino de Deus começam a se realizar nesta sociedade e nesta história. O mundo não é alheio ao Reino. O cosmo não é realidade desligada ou oposta às promessas do Reino. Bem ao contrário. Seus valores são parte de todo um programa de mudanças que neste mundo e nesta história devem começar. É esta a dinâmica transformadora da mensagem de um Reino de Deus que já começou. E por causa dessa dinâmica, este Reino transforma o presente.

“Não é possível falar da existência do crente em esperança e de abertura radical, e ao mesmo tempo afirmar que o mundo é um mecanismo... fechado em si mesmo, que objetivamente se distingue e se opõe ao homem”.²⁴

O mundo participa das promessas do Reino. Em sua totalidade, está comprometido com a dinâmica de um processo, no decorrer do qual os valores do Reino prometido estão se realizando. Esta é mais uma das grandes verdades escatológicas, recuperadas depois do Concílio Vaticano II.

A ESPERANÇA ESCATOLÓGICA TRANSFORMA O PRESENTE.
--

Do lado da teologia protestante, o já citado Jürgen Moltmann formula essa verdade de maneira clara e específica:

“A esperança do evangelho tem relação polêmica e libertadora não só com as religiões e ideologias dos homens, mas sobretudo com a vida real e prática dos homens e as circunstâncias em que se leva esta vida”.²⁵

Na teologia católica encontramos a mesma convicção, expressa em termos bem diretos pelos representantes das novas correntes teológicas depois do Concílio:

“Para a realização das promessas escatológicas, não basta a conversão individual dos cristãos. Exige-se prática sociopolítica crítica e transformadora”.²⁶

De tal prática não somente os teólogos atuais falam; ela está sendo acentuada também de maneira específica por documentos do Magistério da Igreja. Lembramos como exemplo a encíclica “Solicitude Social”, do papa João Paulo II, na qual podemos ler:²⁷

“Quem quisesse renunciar à tarefa... de melhorar a sorte do homem todo e de todos os homens... não cumpriria a vontade de Deus criador” (n. 30).

Essas palavras formulam nova concepção também da esperança escatológica. Não se trata mais de “aguardar” de maneira passiva o fim dos tempos e, entretanto, cuidar da própria santidade individual. A esperança, baseada na fé de que o Reino já começou, se torna ativa. Ela supera uma atitude estática, tornando-se processo de transformação.

O PRÓPRIO REINO DE DEUS PODE SER COMPREENDIDO COMO PROCESSO DINÂMICO, COMO PROCESSO HISTÓRICO EM DEVIR.
--

No decorrer desse processo se realizam progressivamente os valores do Reino. Esses valores, porém, não se concretizam de maneira automática, mas pelo agir humano, pelo comprometimento com a história e com sua transformação. É através desse compromisso que o cristão se torna ativo. Esse comprometimento é que é a sua missão neste mundo.

“Fazemos a experiência do Deus da história à medida que nos comprometemos com a realização do Reino...”²⁸

Tal realização, no entanto, não acontece mediante um agir mágico de Deus, mas no decorrer de um processo histórico de conversão do mundo. Os agentes desse processo são os cristãos. O mundo que se apresenta a eles é “um processo aberto”.²⁹ Quando, no decorrer desse processo, “os cristãos se descobrem rebeldes... inadaptáveis e perturbadores da ordem dominante... estão descobrindo o que de mais fundamental e primordial existe na história e na consciência da comunidade de fé”.³⁰

A partir dessa nova concepção de um cristão ativo e comprometido com o mundo, a escatologia contemporânea formula a sua nova concepção processual e transformadora. A partir dela, é possível falar de uma nova descoberta da missão dos cristãos dentro deste mundo.

“A certeza cristã da esperança torna-se prática na modificação do presente. Na espera da modificação divina, o homem modifica as suas relações”.³¹

1.6. O cristão tem a vocação de transformar de maneira ativa este mundo, conforme os critérios do Reino de Deus

Com base na concepção do Reino de Deus formulada por Jesus, compreende-se que este Reino não se realiza sozinho e de maneira automática. Conseqüentemente, não deve ser somente esperado e aguardado de maneira passiva.

A esperança escatológica é esperança ativa, que modela a vida e a sociedade. Por causa disso, o cristão não pode contentar-se com a propagação da fé e da esperança. Ser cristão significa ser chamado a colaborar na construção do Reino. Esta construção do Reino corresponde à transformação do mundo e da sociedade. São sobretudo os teólogos latino-americanos, mas também os representantes da chamada “teologia política” européia, que insistem nesta mesma idéia:³² “A fé contém uma dimensão política que lhe é inerente. Quando falam da ‘dimensão política da fé’, não se referem, como bem diz Assmann, a “uma dimensão de acréscimo ou de anexo, mas ao ato de fé como tal em seu contexto de práxis histórica”.³³

PARTICIPAR DA CONSTRUÇÃO DO REINO DE DEUS SIGNIFICA PARTICIPAR DA TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO E DA SOCIEDADE. NESTA TRANSFORMAÇÃO CONSISTE A CONVERSÃO DO MUNDO.
--

1.7. O cristão é chamado a converter o mundo

Não se conformar com este mundo assim como ele se apresenta, não só significa transformar-se em si-mesmo; significa transformar também o mundo ao mesmo

tempo. É nisso que se baseia a tarefa do cristão que se compreende como seguidor de Jesus Cristo.

Este Jesus chamou os seus seguidores à conversão. Em que consiste, no entanto, essa conversão? Para muitos cristãos, é a transformação de sua própria vida individual, conforme critérios religiosos ou morais definidos. Tal conversão, no entanto, só realiza uma parte dos que são critérios bíblicos de conversão.

A verdadeira conversão começa, é verdade, com a conversão individual, mas não termina aí. Toda conversão individual, em si, só tem valor instrumental, a fim de capacitar a pessoa na sua tarefa maior, que é a conversão do mundo. É este o segundo passo da verdadeira conversão. Comprometer-se com a transformação do mundo: não com uma transformação qualquer, mas com uma transformação conforme os critérios de Jesus. Eis o terceiro nível.

Esses critérios de Jesus, finalmente, são claramente identificados nos valores do Reino de Deus.

Toda conversão se apresenta, assim, como um processo complexo que começa no indivíduo, mas depois ultrapassa em muito a esfera individual.

A CONVERSÃO, para a qual Jesus chama, ultrapassa a esfera espiritual e individual.

♦ Uma interpretação “espiritualizante” do Reino é falsa!

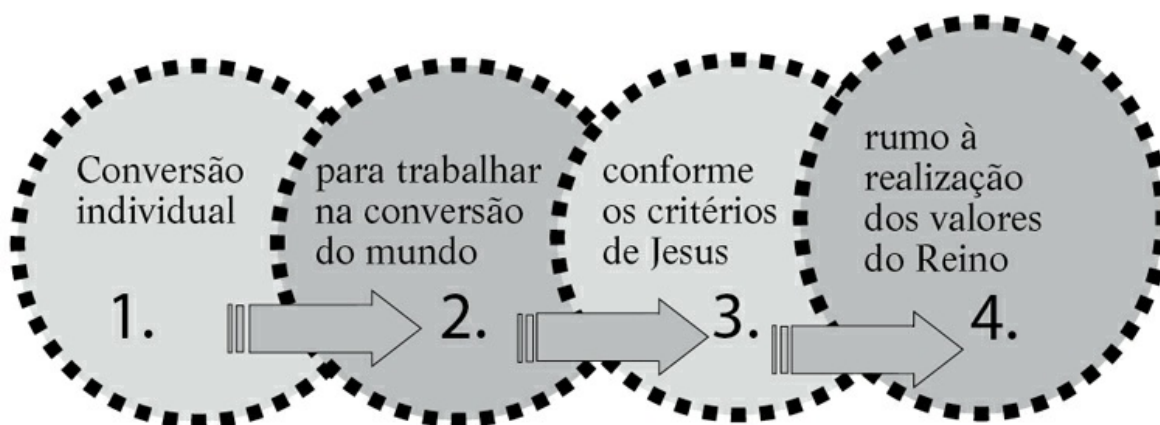
Razões:

- a) cf. a compreensão bíblica da conversão no AT (p.ex.: livro de Daniel)
- b) A concepção do Reino em JESUS
- c) O caráter dialético-processual do Reino
- d) A correlação intrínseca entre

Conversão – e – situação sócio-histórica



A dinâmica da conversão tem quatro passos.
Ela ultrapassa a dimensão individual!



A construção do Reino de Deus, à qual somos chamados, vai, pois, muito além da preocupação com a atitude das pessoas. Tem uma dimensão estrutural, porque a justiça, a paz, a verdade, prometidas pelo Reino, são conceitos sociais; referem-se também às relações dos homens entre si e com o mundo; referem-se às estruturas abaixo do nível fenomenológico. Sem esta dimensão, a fé da pessoa permanece mera abstração. A verdadeira fé desestabiliza estruturas e questiona instituições. Questiona o que existe, e o submete a julgamento. Os critérios desse julgamento, porém, são os valores do Reino de Deus. E a fé, luz desses critérios, supera o atual e procura fazer o presente corresponder sempre mais ao futuro prometido.

Realizar essa tarefa em todos os níveis da vida e da sociedade, eis a grande tarefa e a grande vocação do cristão.

1.8. A construção do Reino de Deus implica necessariamente compromisso social e político

Esta dimensão da escatologia atual foi acentuada sobretudo pelo teólogo católico Johann Baptist Metz, na sua Teologia política. Mas, está expressa da mesma maneira explícita em documentos oficiais do Magistério da Igreja. A segunda assembléia geral do sínodo dos bispos, no seu documento A Justiça no mundo, confirma de forma terminante tal concepção religiosa:

“A ação pela justiça e a participação na transformação do mundo aparecem-nos claramente como uma dimensão constitutiva da pregação do Evangelho, que equivale dizer, da missão da Igreja...”³⁴

Conforme essa visão, o cristão tem especial responsabilidade dentro do processo histórico, porque sua tarefa é a realização da Cidade de Deus no mundo.³⁵ A realização dessa “cidade”, porém, não depende só do agir de Deus. São os homens e mulheres que a preparam através de suas práticas políticas e sociais. Aquilo que eles começam, culminará na realização das grandes promessas escatológicas de um Reino da paz, da justiça, da verdade, do amor e da fraternidade.³⁶

“AS PROMESSAS ESCATOLÓGICAS DA TRADIÇÃO BÍBLICA,

LIBERDADE

PAZ

JUSTIÇA

RECONCILIAÇÃO,

NÃO PODEM SER PRIVATIZADAS. ELAS EXIGEM SEMPRE DE NOVO A RESPONSABILIDADE SOCIAL”.³⁷

Na acentuação da responsabilidade social, podemos ver a tentativa de superar o individualismo moralizante das épocas passadas. A teologia política rejeita a idéia, muitas vezes defendida até hoje, de que a transformação do mundo poderia ser realizada através da conversão moral dos indivíduos. Além dessa transformação, precisa-se de uma prática transformadora dentro dos níveis concretos da vida social, política e econômica. Posição esta que, aliás, está em total sintonia com a concepção bíblica da conversão, assim como nós a apresentávamos no capítulo anterior.

PARA A REALIZAÇÃO DAS PROMESSAS ESCATOLÓGICAS DO REINO, NÃO BASTA A CONVERSÃO INDIVIDUAL. EXIGE-SE A PRÁTICA SOCIOPOLÍTICA CRÍTICA
--

Essa prática transformadora, porém, inspira-se nos valores do Reino e no seu potencial de esperança.

1.9. A esperança escatológica cristã é força crítica transformadora. Com isso, ela alcança uma dimensão eminentemente política

O grande sinal de toda prática cristã é a sua esperança. Essa esperança tem sua base na prática de Jesus e tira sua força do fato de Deus ter ressuscitado esse Jesus.

É dessa maneira que todo o agir do cristão se baseia, em última análise, na esperança escatológica de que a morte nunca triunfará sobre aquele que se compromete com os valores do Reino de Deus. A consequência de tal orientação é a realização do que Teilhard de Chardin já havia exigido: a “aproximação, o entendimento e a cooperação entre o cristão, com a sua esperança, de um lado, e o homem ativo, comprometido no mundo e na sociedade, de outro lado; e os dois lutando por um mundo mais humano e mais justo”.³⁸

A esperança cristã, diz Metz, não é individual e espiritual. É, muito mais, força crítica diante de todos os sistemas sociais ou políticos que querem absolutizar-se. A partir dessa visão, a fé cristã recupera sua dimensão social e política. Dimensão que tinha desde a época de Jesus.³⁹ Dimensão, porém, negligenciada e muitas vezes negada a partir de uma compreensão puramente espiritualizante e individualista das verdades do evangelho. Interpretação, aliás, que em tantas épocas agradava muito aos interesses dos representantes de poderes profanos e religiosos.

Contra todas essas tendências, Metz mostra que

“o cristianismo do seguimento de Cristo não deve ser politizado posteriormente, copiando ou imitando modelos de ação e de constelações de poder político já existentes. Ele é político em si mesmo, como prática messiânica do seguimento de Cristo”.⁴⁰

1.10. O fato de Deus nos amar deve ser transmitido por mediações

A teologia contemporânea insiste cada vez mais na importância das mediações, na transmissão das verdades da fé.⁴¹ O bem conhecido teólogo latino-americano João Batista Libânio formula essa idéia de maneira bastante clara, nas suas reflexões sobre a necessidade das mediações históricas: “Toda experiência de Deus é aposteriorística. O homem realiza a experiência de Deus somente no encontro com o mundo circunstante... A experiência de Deus não é puramente formal, vazia, abstrata. Inscreve-se nas práticas históricas, nas determinações concretas, nas mediações humanas”.⁴²

A teóloga Dorothee Soelle insiste no fato de que não podemos unilateralmente espiritualizar o fato de Deus nos amar. Tal fato não é uma verdade a-histórica, e a sua concretização se dá dentro de acontecimentos concretos e históricos. Como toda a nossa experiência de Deus se fundamenta em mediações concretas, não é possível “dizer a um homem de forma imediata: ‘Deus te ama!’ Já que toda realidade é mediada no contexto do mundo e do social, essa frase também deve ser mediada no contexto político. Ela só terá sentido quando significar um movimento de mudança

do status quo”.⁴³

Comentando essa afirmação de Soelle, Alfredo Fierro acrescenta ainda a seguinte reflexão: “O amor aos homens... não é simples consequência ética do fato dogmático de que Deus nos ama. O próprio anúncio de que Deus ama os homens, para tornar-se significativo e verossímil, necessita da mediação política, do movimento prático que modifica a presente situação social”.⁴⁴

Para a teologia política, no entanto, esta modificação da situação social, na qual se anuncia e se realiza a aproximação do projeto escatológico de Deus, não segue caminho linear e progressivo. Haverá uma transformação abrupta, apocalíptica, no decorrer da qual a situação antiga será destruída. A história do mundo é uma história descontínua.

Nesse aspecto, a concepção histórica da teologia política se distingue fundamentalmente da posição defendida pelo autor do presente livro.⁴⁵

Johann Baptist Metz rejeita a tendência de “projetar o futuro de Deus... num esquema evolutivo”.⁴⁶ Ao invés disso, acentua a descontinuidade da história a partir de pressupostos apocalípticos.

SÍNTESE:

- a) A ESPERANÇA ESCATOLÓGICA SE CONCRETIZA NA MUDANÇA SOCIAL
- b) EXISTE UMA CORRELAÇÃO ENTRE O PLANEJAMENTO HUMANO E A ESPERANÇA NOS PLANOS ESCATOLÓGICOS DE DEUS
- c) A ESPERANÇA ESCATOLÓGICA EM DEUS SE TORNA MOTOR PARA UM AGIR TRANSFORMADOR
- d) ESSE AGIR DEVE TRANSFORMAR TODAS AS SITUAÇÕES HISTÓRICAS QUE NÃO CORRESPONDEM AOS VALORES DO REINO DE DEUS
- e) OS AGENTES DESSE AGIR SÃO AS PESSOAS HUMANAS, ATRAÍDAS E ENTUSIASMADAS POR ESSES VALORES.

2

O DISCURSO ESCATOLÓGICO É IMPOSSÍVEL SEM A DIMENSÃO HISTÓRICA

Falar do Reino de Deus significa falar do mundo e de sua história. É assim que Jesus o compreendeu, e a visão dele é a nossa única referência. É a partir desse pressuposto que podemos formular a profunda interligação entre escatologia e história.

Nunca, em todo seu agir com o homem, Deus tratou só de dimensões abstratas ou espirituais. As suas palavras se dirigem a pessoas concretas e as suas ações transformam situações reais. Isso vale também quando falamos de “salvação” ou de “Reino de Deus”. As duas noções se referem à realidade total. Elas implicam o ser humano completo, na sua situação histórica e social concreta. Esta profunda verdade foi recuperada de maneira especial pela teologia latino-americana da libertação.

Marcada por um contexto de opressão e de exploração, essa teologia conseguiu, de

modo carismático e profético, implantar de novo as verdades evangélicas na vida. O resultado dessa implantação foi a descoberta tão evidente, e apesar disso tão esquecida, de que Reino de Deus e situações de injustiça, de exploração e de opressão não combinam entre si. Tais situações, onde quer que sejam encontradas, com certeza são opostas à realidade denominada Reino de Deus.

ONDE HÁ INJUSTIÇA, NÃO PODE HAVER REINO DE DEUS.
ONDE HÁ REINO DE DEUS, NÃO PODE HAVER INJUSTIÇA.

Todavia, a grande vocação formulada pelo próprio Jesus era que os cristãos comesçassem com a construção deste Reino aqui e agora, na situação histórica concreta. A situação histórica concreta, no entanto, foi marcada por gritantes injustiças, opressões e exclusões em todos os níveis. Desafiada por uma constelação histórica específica, a teologia da libertação voltou, assim, à grande verdade evangélica de que, onde há tais situações, não há Reino de Deus, e onde se mata o povo, o Deus da vida está sendo desafiado. Desafiado de tal maneira que nenhum discurso escatológico é capaz de explicar o projeto de Deus; sem acrescentar que este projeto significa, já aqui, a superação de toda injustiça, matança e exclusão.

SALVAÇÃO, REDENÇÃO E REINO DE DEUS
SÃO REALIDADES QUE ABRANGEM A VIVÊNCIA INTEIRA DA PESSOA HUMANA, NÃO SÓ A SUA
DIMENSÃO
RELIGIOSA.

Tal constatação, no entanto, não podia persistir sem que houvesse conseqüências práticas. Dia a dia, os cristãos pedem na sua oração do “pai-nosso” que o Reino de Deus venha. O caminho para esta vinda, porém, passa necessariamente pela superação de todas as estruturas injustas. Elas podem encontrar-se em qualquer lugar, seja na história, no social, no político, seja no mundo do trabalho, nos meios de comunicação ou até na própria Igreja.

FALAR DE ESCATOLOGIA HOJE SIGNIFICA FALAR
DA NECESSIDADE DE SUPERAR TODAS AS SITUAÇÕES
E ESTRUTURAS OPOSTAS AO PROJETO HISTÓRICO
DE DEUS.

A REALIZAÇÃO DO REINO DE DEUS IMPLICA
A SUPERAÇÃO DE TODAS AS ESTRUTURAS INJUSTAS.

Não só significa a superação de estruturas injustas, mas também a superação de toda e qualquer situação oposta aos valores deste Reino. À medida que o Reino de Deus está sendo compreendido como UM PROCESSO HISTÓRICO QUE JÁ COMEÇOU, essa exigência fica bem evidente. Fica evidente, também, que tal trabalho não deve começar em futuro muito distante, mas a partir de agora, já, neste exato momento histórico.

A noção escatológica do Reino irrompe, assim, de maneira concreta e direta, na história atual.

TODA HISTÓRIA DO MUNDO É HISTÓRIA ESCATOLÓGICA. POR CAUSA DISSO PODEMOS TER ESPERANÇA

Uma vez recuperados os enfoques concretos da história e da vida, o discurso escatológico deixa definitivamente de ser um discurso sobre “os últimos acontecimentos”. Ao invés disso, torna-se de novo o que fora na época dos profetas: resposta concreta e direta aos anseios dos tempos atuais. Esses tempos, por sua vez, recuperam as dimensões, tantas vezes perdidas, de esperança escatológica, porque é dentro desta história que essas dimensões chegarão à sua plenificação.

Baseadas nessa convicção, as promessas de uma transformação de situações desesperadas voltam a efetuar, novamente, o seu incentivo transformador para o presente. A esperança se torna perspectiva concreta que incentiva para o agir.

A expectativa do REINO DE DEUS começa a ter conseqüências práticas na vida e na história. A partir do momento em que os cristãos novamente levarem a sério as palavras de Jesus sobre o Reino que já começou, eles perderão uma atitude passiva.

Ser cristão é mais do que “rezar pela vinda da Basileia (do Reino)”, é mais do que “preparar-se para o Reino”. Ser cristão supera a mentalidade segundo a qual o ser humano “não pode fazer absolutamente nada para preparar ou acelerar a sua vinda”.⁴⁷

Contra uma atitude passiva de “rezar e esperar”, a prática do seguimento de Jesus incentiva para o agir

Contra tal passividade, tantas vezes pregada no passado, a nova escatologia acentua a dinâmica da esperança que incentiva para o agir. Este agir, porém, acontece dentro da história.

“O Reino de Deus não é simplesmente uma utopia no horizonte da história”.⁴⁸ A esperança pelo Reino como presente de Deus irrompe na história atual. Incentiva as pessoas a começar já com a eliminação de tudo o que se revela obstáculo ao Reino. Nessa superação de situações do anti-Reino, o cristão reconhece a sua tarefa de seguir Jesus na sua prática de construção do Reino. O seu “seguir” significa iniciar uma prática de começar já com “realizações parciais desse Reino”.⁴⁹ A força para tal agir vem da certeza de que Deus plenificará por sua vez essas realizações parciais. Ele as plenificará porque, como diz Edward Schillebeeckx, “Reino de Deus não é um mundo transcendente, mas a plenificação da recuperação deste nosso mundo corrompido”.⁵⁰

Baseadas na esperança de que o próprio Deus realizará os valores do Reino em plenitude, as pessoas tornam-se capazes de começar já agora, na situação histórica concreta, a realização desses valores. A sua esperança de que a história do mundo tem um futuro escatológico se torna, assim, o motor para a realização de transformações na situação atual.

Essas transformações não se restringem a uma dimensão espiritual. Bem pelo contrário. Conforme o exemplo da prática de Jesus, implicam a realidade e a vida inteira. Implicam até mais. Jesus, na sua prática, optou de maneira preferencial pelos rejeitados, excluídos e pobres de sua época. Se Jesus agiu assim, todo verdadeiro seguidor dele deve fazer o mesmo.

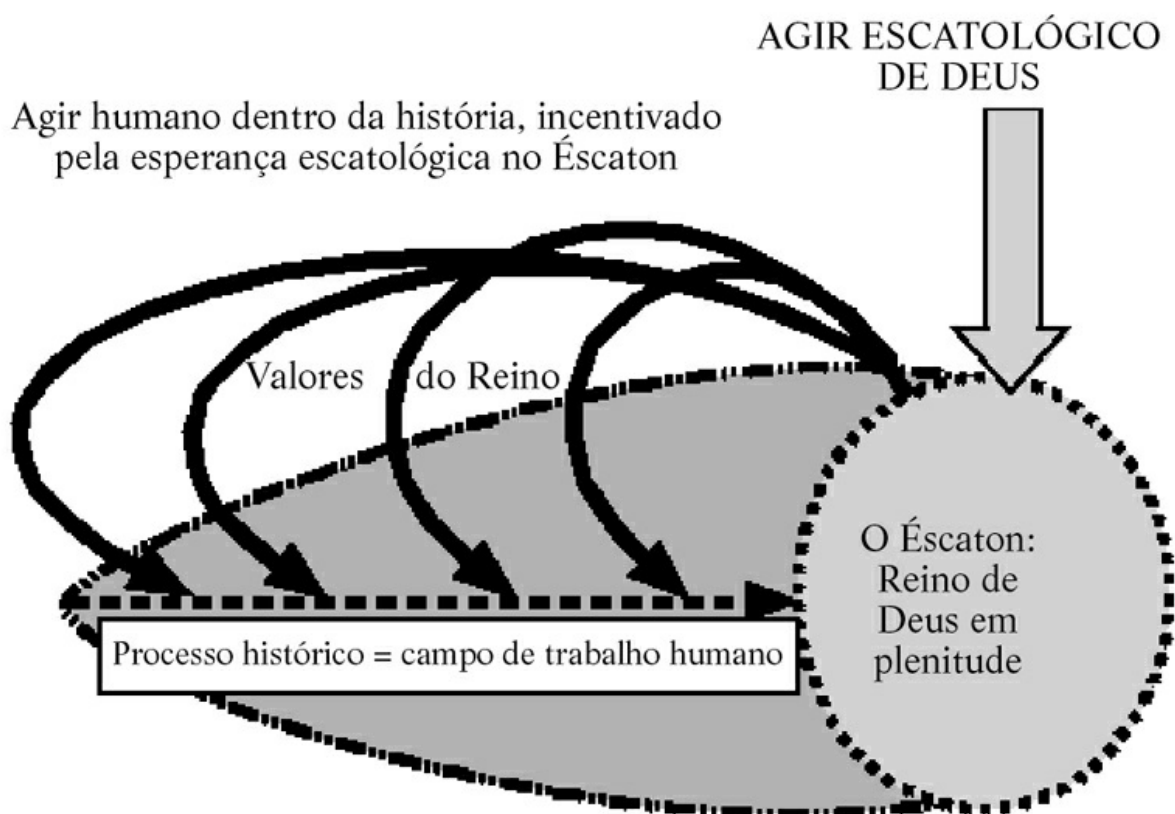
Edward Schillebeeckx define esse desafio do cristão em palavras bem claras: “Na situação sociopolítica e econômica de hoje, que é marcada por injustiças estruturais para a maioria da humanidade, não é só a diaconia caritativa que universaliza o Evangelho... mas sobretudo a diaconia política. Aquela que quer superar as causas dessa injustiça estrutural...”⁵¹

O documento da segunda assembléia do episcopado latino-americano em Puebla confirma a mesma tarefa para a Igreja inteira. Conforme Hernán Alessandri, o texto “mostra à Igreja o caminho a ser percorrido pela sua missão evangelizadora específica, para a transformação das estruturas de pecado”.⁵²

Trabalhar para a construção do Reino de Deus significa necessariamente, também, a realização da mesma opção que Jesus tomou.⁵³ Este Jesus “...poderia ser chamado o representante direto e insubstituível, aqui na terra, do Deus que age de maneira escatológica”.⁵⁴

No seu comprometimento com a causa dele, homens e mulheres se comprometem com o projeto escatológico de Deus. Sabem que, para pessoas humanas, não é possível realizar os valores do Reino em plenitude. O processo de transformação do mundo, no qual se empenham, “vencerá as raízes da opressão e da exploração do homem pelo homem somente com o advento do Reino”.⁵⁵ Mas a certeza de que isso acontecerá, porque Deus o prometeu, incentiva a começar já o que Deus, um dia, terminará. Toda a sua fé se define, assim, “como esperança de justiça real que se manifesta em atos de amor-justiça relacionados com a construção do Reino”.⁵⁶

Como resultado de tal atitude, a história inteira do mundo e todas as suas estruturas se apresentam como sendo o campo específico de trabalho para todos os que têm fé nas promessas de Deus.



Vista a partir dessa perspectiva escatológica da história, esta história em nada fica afastada do grande “futuro de Deus”. Pelo contrário, torna-se PROCESSO, através do qual e por meio do qual Deus realiza o seu projeto dentro da história. Projeto escatológico, que não fica distante dos homens e das mulheres que vivem neste mundo. Bem pelo contrário. Deus realiza o seu projeto ao lado deles e junto a eles. Eles e elas não são espectadores passivos, mas colaboradores ativos dentro de um processo cujo fim é a realização de todas as promessas escatológicas.

Síntese:

- a) O REINO DE DEUS COMEÇA DENTRO DAS ESTRUTURAS DESTE MUNDO.
- b) REINO DE DEUS É INCOMPATÍVEL COM AS ESTRUTURAS DE INJUSTIÇA, EXPLORAÇÃO E EXCLUSÃO.
- c) REINO DE DEUS SIGNIFICA NECESSARIAMENTE A SUPERAÇÃO DE TAIS ESTRUTURAS DENTRO DO CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO, SOCIAL E RELIGIOSO.

4

O PROJETO ESCATOLÓGICO DE DEUS DEVE SER COMPREENDIDO EM TERMOS DE PROCESSO DINÂMICO

É urgente, para o pensamento teológico, abandonar os seus modelos estáticos e

adotar para as suas reflexões a noção de PROCESSO. Toda a história da salvação se apresenta como imenso processo histórico de vida. A vida nunca é estática. A vida é dinâmica. O projeto escatológico de Deus é projeto de vida, portanto é processo dinâmico.

Durante séculos, os modelos elaborados pela linguagem teológica trabalharam com noções estáticas e não dinâmicas. A salvação era acontecimento, o fim do mundo era acontecimento, e também o Reino de Deus foi compreendido como sendo realização única e ocorrência determinada em certo momento.

Aprendíamos, entretanto, pelas ciências da natureza, que no cosmo a absoluta maioria, talvez até todos os acontecimentos, se realizam dentro de uma dinâmica processual. Aprendíamos pela sociologia que, na sociedade, praticamente tudo se concretiza em processos dinâmicos e, na maioria dos casos, dialéticos.

No mundo, praticamente tudo se realiza através de processos dinâmicos e muitas vezes dialéticos.

Olhando para os textos bíblicos, encontramos também aí um pensamento processual. O agir de Deus verifica-se no processo histórico. As suas ações são preparadas e amadurecem no decorrer de uma caminhada com progressos e retrocessos. Não há motivo para ignorar esses fatos históricos, quando se trata de verdades da fé, como salvação, Reino de Deus ou fim do mundo.

Acostumamo-nos, no passado, a interpretar essas verdades em perspectiva estática. Devemos aprender a vê-las pela ótica dinâmica de processos.

As grandes verdades escatológicas como
SALVAÇÃO, REINO DE DEUS, FIM DO MUNDO, devem ser apontadas dentro da ótica de PROCESSOS
DINÂMICOS.

Os processos nunca são estáticos. Processo significa dinâmica, significa na maioria das vezes também dialética. Dialética por sua vez, porém, implica conflitos.

Os grandes acontecimentos escatológicos
são *processos dinâmicos, dialéticos e conflituosos*.

A partir do momento em que compreendemos essa verdade fundamental, compreendemos melhor a atuação de Deus na história. Atuação que visa à salvação do mundo e à salvação da pessoa humana. Mas esta salvação não é acontecimento estático que nos envolve de maneira passiva. Realiza-se através de um processo dinâmico, com conflitos e lutas, com progressos e retrocessos e, às vezes, com malogros. Mas, em todos os fracassos, em todas as decepções, permanece a esperança de que, finalmente, as promessas do Deus fiel se realizarão. É essa esperança, afinal, que incentiva, como motor, as atuações na história. É por causa da esperança na salvação que as pessoas não desistem da luta. É por causa da esperança que essa salvação significará vida em plenitude, e que agora, já nas condições atuais, os cristãos tentam realizar os valores da vida. Os valores que serão plenificados por Deus na salvação definitiva, no éskaton.

Essa realização nos tempos presentes, porém, não é ato mágico. É, muito pelo contrário, processo dinâmico, ligado ao esforço humano e à sua atuação constante

dentro da história.

O “ÉSKATON”, ISTO É, A PLENITUDE DE VIDA
A SER ALCANÇADA NO FINAL DOS TEMPOS,
INCENTIVA AGORA A TRANSFORMAR O MUNDO
EM DIREÇÃO ÀQUELE IDEAL PROMETIDO.

Essa transformação do mundo se realiza dentro das condições concretas da situação atual.

5

A SALVAÇÃO ESCATOLÓGICA É PROCESSO QUE PRESSUPÕE NECESSARIAMENTE UMA FASE DE LIBERTAÇÃO

Na América Latina e em outros países do chamado Terceiro Mundo, as condições sociais são marcadas por situações de fome, de desemprego e de exploração. São situações de morte e não de vida. Salvação, porém, significa vida.

Baseada numa perspectiva de fé, a esperança nessa vida plena, que será dom e graça de Deus, incentiva, numa situação concreta de morte, a superar essa mesma situação. Incentiva a transformá-la em situação de vida, porque este é também o projeto de Deus. A essa iniciativa que chamamos de “libertação”.⁵⁷

Tal libertação jamais poderia limitar-se somente às condições sociais, políticas ou econômicas. Libertação, a partir do enfoque evangélico, sempre deve abranger o homem inteiro e global, dentro de seu mundo inteiro e global, a partir dos valores do Reino de Deus. Enquanto, em algumas dessas dimensões, em vez de estruturas de vida encontramos estruturas que geram morte, aí devem começar uma libertação de tais estruturas de morte e um processo de conversão, através do qual essa morte seja transformada em vida.

NA CONDIÇÃO ESPECÍFICA DE PAÍSES DO TERCEIRO MUNDO, O PROCESSO DE UMA LIBERTAÇÃO INTEGRAL E EVANGÉLICA DE SITUAÇÕES DE MORTE APRESENTA AS SEGUINTE CARACTERÍSTICAS:

- A INICIATIVA VEM DAS CAMADAS POBRES DO POVO.
- O SEU PROJETO LIBERTADOR VAI MUITO ALÉM DAS DIMENSÕES SOCIAIS, PORÉM COMEÇA AÍ.
- O SEU AGIR SE INCENTIVA NUMA PERSPECTIVA DA FÉ NUM DEUS DA VIDA, QUE QUER LIBERTAR DA MORTE.

5.1. Correlação entre salvação e libertação

Não podemos falar de escatologia, sem implicar nesta noção o mundo inteiro com toda a sua história. Mas, da mesma maneira, tampouco podemos falar de salvação, sem um processo de libertação. É sobretudo a teologia latino-americana que tem o mérito de haver conscientizado sobre esta verdade profunda. Verdade, aliás, que foi assumida com pleno vigor pela própria Igreja. Esta, de um lado, confirmou pelo seu

Magistério o claro compromisso pela libertação integral e plena do homem.⁵⁸ Por outro lado, a Igreja sempre e com todo direito rejeitou “substituir o anúncio do Reino pela proclamação das libertações puramente humanas.”⁵⁹ Uma verdadeira libertação deve basear-se no Reino de Deus. Este Reino, no entanto, abrange sempre o ser humano inteiro, com todas as suas dimensões, começando no mais íntimo do indivíduo e terminando nas mais gerais: sociais, políticas, econômicas e religiosas. Em todas essas dimensões podemos encontrar situações de morte. Sendo, porém, a verdade do Reino de Deus uma verdade de vida, todas essas situações de morte são opostas ao Reino. Por causa disso podemos dizer que “acolher o Reino de Deus implica abandonar” a cultura da morte e “assumir” a libertação que leva à cultura da vida. É o que se assume com o termo bíblico “conversão”.⁶⁰

A SALVAÇÃO É PROCESSO QUE PASSA PELA LIBERTAÇÃO

DEUS QUER A SALVAÇÃO DO MUNDO

“Deus enviou seu Filho ao mundo... para que o mundo seja salvo por meio dele” (Jo 3,17).

SALVAÇÃO = TER VIDA EM PLENITUDE

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Problema:
INFLUENCIADA POR INTERPRETAÇÕES GNÓSTICAS OU NEOPLATÔNICAS, A DIMENSÃO DE VIDA MUITAS VEZES SÓ FOI ATRIBUÍDA ÀS “COISAS ESPIRITUAIS”.

Base bíblica:
VIDA, NA LINGUAGEM BÍBLICA, SIGNIFICA SEMPRE A VIDA EM TODAS AS SUAS DIMENSÕES.

O Deus da Bíblia nunca trata só com almas espirituais.

O Deus da Bíblia sempre trata com o ser humano integral, histórico e concreto.

- ♦ SALVAÇÃO SIGNIFICA QUE DEUS QUER DAR VIDA EM PLENITUDE, NÃO SÓ A UMA DIMENSÃO ESPIRITUAL DO SER HUMANO.
- ♦ SALVAÇÃO SIGNIFICA VIDA PLENA PARA A PESSOA INTEIRA E PARA O MUNDO INTEIRO, DE MANEIRA INTEGRAL E TOTAL, EM TODAS AS SUAS DIMENSÕES.



Esta salvação é um processo que já começou!

A PRECONDIÇÃO PARA ESTA VIDA EM PLENITUDE É A LIBERTAÇÃO DE TODAS AS SITUAÇÕES CONCRETAS DE MORTE, CONFORME O EXEMPLO E PRÁTICA DE JESUS.

Situações de morte

- ♦ Miséria
- ♦ Fome
- ♦ Doença
- ♦ Exploração
- ♦ Opressão
- ♦ Exclusão

CINCO PRINCÍPIOS BÁSICOS DE UMA ESCATOLOGIA QUE LIBERTA

A partir de seu esforço explícito de recuperar as bases bíblicas da fé, a teologia latino-americana de libertação deu importante contribuição à formulação de um novo discurso escatológico. O enfoque de sua argumentação pode ser resumido em cinco princípios básicos:

1. Salvação é conceito escatológico, “implica a totalidade do mundo em Deus.”⁶¹
2. O processo de salvação implica necessariamente libertação de todas as situações de morte.
3. A libertação de todas as situações de morte deve começar já. Ela, porém, terminará só por ocasião da plenificação do Reino.
4. O processo de salvação-libertação é processo dialético-conflitivo.
5. “Crescimento autêntico do mundo é também crescimento do Reino de Deus.”⁶²

Nas reflexões a seguir, tentaremos sintetizar os aspectos mais importantes desses princípios, no que diz respeito às suas implicações escatológicas.

1. Primeiro princípio: Salvação é conceito escatológico, implica a totalidade do mundo em Deus

Deus quer a salvação da pessoa humana, sim. Mas quer muito mais. O objetivo final do plano salvífico de Deus é a salvação do mundo inteiro, do cosmo inteiro. É o mérito da recente teologia ecológica: conscientizar no momento atual sobre a necessidade “de uma nova mentalidade e consciência da relação do ser humano com o cosmos”.⁶³

Deste cosmo participam todas as dimensões, incluindo a dimensão corporal. Dimensão corporal, no entanto, significa história. Aquilo que tem corpo, tem história. Sendo assim, nunca podemos ver o ser humano desligado de sua história. E nunca, também, é possível falar da história da pessoa humana sem incluir a história de seu contexto. Contexto que, aliás, vai muito além do contexto geográfico, incluindo todas as relações com o mundo e com Deus.

“A salvação... alcança o homem em sua totalidade e de um modo radical... É salvação... de todo o homem, com todas as dimensões de sua existência: interioridade, corporeidade, vida comunitária, econômica, sociopolítica, cultural etc.”⁶⁴

Por muitos séculos, esta verdade fundamental foi obscurecida por uma interpretação dualista do mundo. Nela se estabeleceu distinção ontológica entre alma imortal, portadora das promessas escatológicas, e mundo material, campo das ações políticas, econômicas e sociais do homem. Este mundo material era visto longe de qualquer dimensão salvífica. Tal pensamento é heresia neoplatônica e gnóstica, mas nem por isso deixou de influenciar até hoje o pensamento cristão.⁶⁵

Contra toda tentação platônico-gnóstica, e em sintonia com a tradição bíblica, devemos acentuar que a vontade salvífica de Deus abrange o mundo em sua

totalidade, com toda a sua história e todas as suas estruturas. “Se Deus é o Deus da vida”, diz Franz Hinkelammert, “ele é o Deus da possibilidade humana concreta de viver”.⁶⁶

DEUS QUER SALVAR A TOTALIDADE DO MUNDO!

A partir de seu significado bíblico, salvação significa “vida em plenitude”, e o processo de salvar quer dizer “alcançar a vida em plenitude”. Eis exatamente o projeto escatológico de Deus. Deus quer conduzir este mundo e este cosmo, com toda a sua história, a uma situação de vida em plenitude. Neste projeto, porém, as pessoas humanas estão convidadas a se envolverem também.

É característica predominante do agir de Deus realizar os seus planos mediante a colaboração humana. Tal fato vale também para a história da salvação e seu processo dinâmico. As pessoas não são chamadas a esperar o dom da vida, a salvação do mundo numa atitude passiva. A salvação do mundo tampouco é acontecimento mágico, realizado por Deus no final dos tempos. Ela, bem pelo contrário, é processo em andamento, dinâmica que já começou, história de Deus com o mundo, e dessa história somos desafiados a participar.

SALVAÇÃO É PROCESSO DINÂMICO
DENTRO DO PROCESSO DINÂMICO
E DIALÉTICO DA HISTÓRIA.

O objetivo de todo este processo de salvação do mundo só pode ser a vida, porque Deus é o Deus da vida. Esta vida em plenitude, que é o projeto de Deus para o mundo, nenhum ser humano pode realizar totalmente. É dom e graça de Deus. Todavia, o ser humano é capaz de aproximar-se já agora desse ideal. É exatamente para isso que Deus nos chama. No decorrer da história, são as pessoas humanas que, pelo seu trabalho e esforço, devem começar uma caminhada. Nesta caminhada, elas devem progressivamente substituir as situações de morte por situações de mais vida.

Esse processo se realiza na luz da fé e é guiado pela esperança escatológica. Ele está sendo chamado de “libertação”.⁶⁷

LIBERTAÇÃO É O PROCESSO, NO DECORRER DO QUAL AS ESTRUTURAS DE MORTE ESTÃO SENDO
TRANSFORMADAS EM ESTRUTURAS DE VIDA
CONFORME OS PROJETOS ESCATOLÓGICOS DE DEUS

Tal libertação abrange o indivíduo, mas da mesma maneira todas as estruturas nas quais este indivíduo deve viver. Tudo está sendo destinado a ser libertado da morte e ser libertado para a vida em Deus. Eis o projeto escatológico de Deus, que implica o mundo inteiro, a história inteira e o cosmo inteiro.

2. Segundo princípio: O processo de salvação implica necessariamente uma libertação de todas as situações de morte

Se Deus quer a salvação do mundo inteiro e se esta salvação significa processo rumo a uma vida em plenitude, então fica evidente que no decorrer desse processo as

situações de morte devem ser superadas. A superação plena e completa só pode ser obra de Deus. Mas começar com esta superação já, aqui, dentro das situações concretas e históricas, é tarefa das pessoas humanas.

Nessa tarefa fica evidente que a presencialização da vontade salvífica de Deus deve começar onde as situações de morte tornam-se as mais gritantes. É a partir dessa consideração que vem à tona a importância de uma opção preferencial pelos pobres.⁶⁸ Ela, em primeiro lugar, baseia-se na opção do próprio Deus e de sua “paixão... pelo pobre”.⁶⁹ Sua base se fundamenta no fato de o próprio Jesus, muito antes da Igreja latino-americana, ter formulado e vivido a sua opção preferencial pelos pobres. A insistência, com a qual se deve lembrar essa opção hoje, decorre da constatação de que, “depois de três décadas que os primeiros escritos de G. Gutiérrez e Medellín, de certo modo, reafirmavam essa consciência, vemos que os pobres estão mais próximos da morte do que da vida”.⁷⁰

A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES FAZ PARTE INTEGRAL DE TODO COMPROMETIMENTO
COM O PLANO ESCATOLÓGICO DE SALVAÇÃO

Como o projeto escatológico de Deus é um projeto de vida, fica evidente que não pode coexistir com situações e estruturas que geram morte. A vida é possibilitada, superando-se tais estruturas. A vida cresce quando cada vez mais pessoas começam a gerar situações de verdadeira fraternidade, cooperação, justiça e amor.

Cabe repetir que, em termos bíblicos, todos esses são valores concretos, realizados nas circunstâncias concretas da história. Não é lícita a espiritualização por meio da qual é possível abstrair a dor e a miséria concreta dos indivíduos, proclamando que tal dor não tem importância, porque Deus recompensará tudo num futuro Reino de Deus.

Uma das características centrais, pelas quais Deus se deu a conhecer no decorrer da história, é a sua qualidade de go’el. Deus é go’el, isto é, defensor dos que já não têm defensor.⁷¹

E como go’el, o agir deste Deus visa a todas as situações concretas, nas quais algum ser humano se encontre ameaçado pela morte: morte biológica, morte social, morte cultural ou qualquer outra morte que ameace a vida. Vale a pena lembrar a atuação de Jesus, para confirmar esse fato.

DEUS, SENDO “GO’EL”,
ISTO É, DEFENSOR DAQUELE QUE NÃO TEM MAIS
DEFENSOR, CHAMA AS PESSOAS, PARA QUE ELAS
TAMBÉM SE TORNEM
“GO’EL”.

À medida que as pessoas assumem essa vocação, desencadeiam um processo de libertação que gera concretamente mais justiça, fraternidade, amor e liberdade. Tal libertação, porém, é o caminho para a realização dos projetos escatológicos de Deus. Aquele projeto pelo qual Deus, num processo dinâmico de conversão do mundo, quer transformar a nossa realidade histórica.

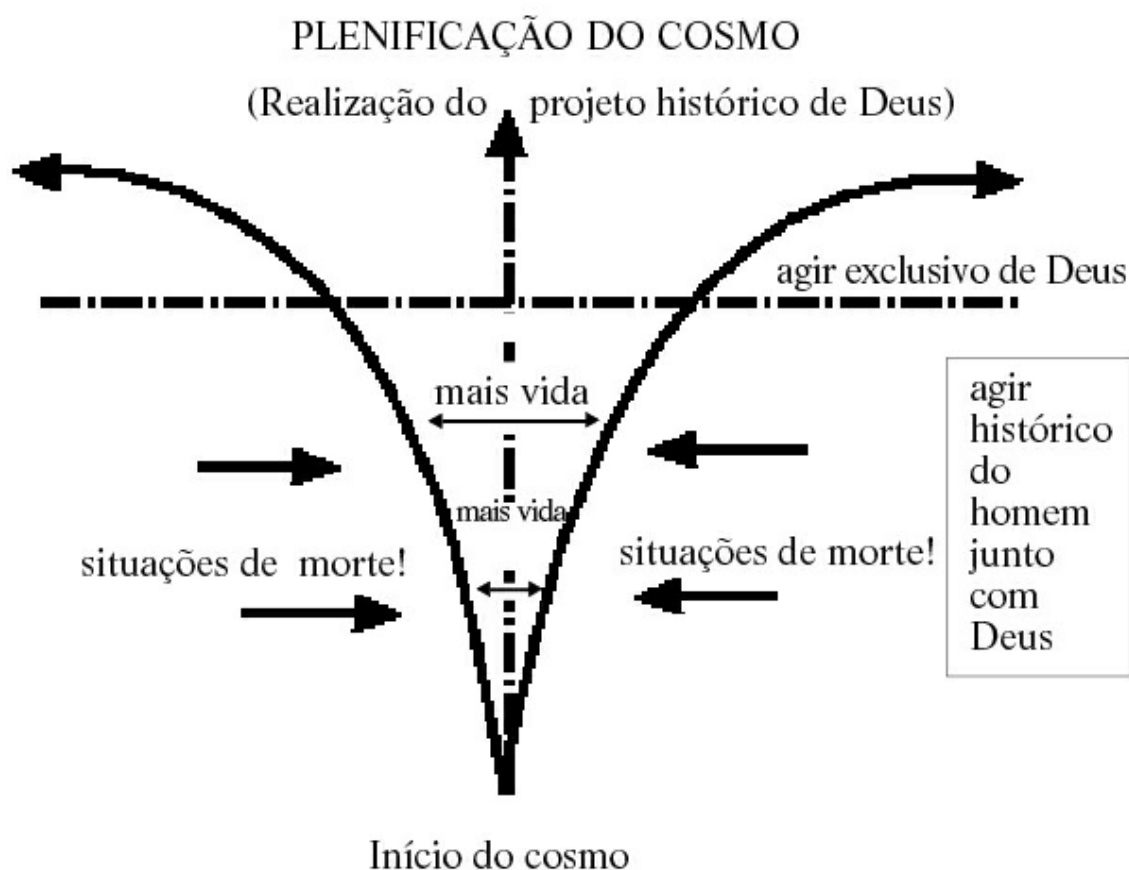
O eixo dessa transformação significa mudança de situações de menos vida em situações de mais vida; significa renovação de tudo que é; significa aproximação

progressiva do mundo rumo à única fonte de vida, que é ele mesmo, Deus, a salvação plena, a vida plena, cume e fim último de todo o processo histórico e cósmico.

SALVAÇÃO É PROCESSO CÓSMICO
DE APROXIMAÇÃO A DEUS.

Compreendida assim, a fé na salvação perde o seu sentido individualista e espiritualista e recupera a sua verdadeira dimensão cósmica. Dimensão digna do Deus criador, que ama a sua criação; toda a sua criação, não só as esferas “espirituais” dela. Esse Deus quer que tudo o que ele fez participe de sua vida, tenha vida em plenitude, alcance a salvação.

Visto a partir desse enfoque, evidencia-se, também, que o processo dessa salvação não se pode restringir somente a uma pressuposta dimensão espiritual. São parte dele igualmente as chamadas dimensões materiais. E caso nelas haja estruturas que impeçam a vida, o processo de salvação implica também a libertação de tais estruturas e situações. É aí que a salvação começa, mas não pára aí.



3. Terceiro princípio: A libertação de todas as situações de morte deve começar já. Ela, porém, terminará só por ocasião da plenificação do Reino

A libertação de todas as estruturas de morte e injustiça, seja na vida do indivíduo, seja no processo histórico do mundo, nunca poderá ser realizada pelo próprio esforço humano. Mas, pode e deve ser começada. Ela pode ser antecipada em situações

específicas e com estruturas definidas.

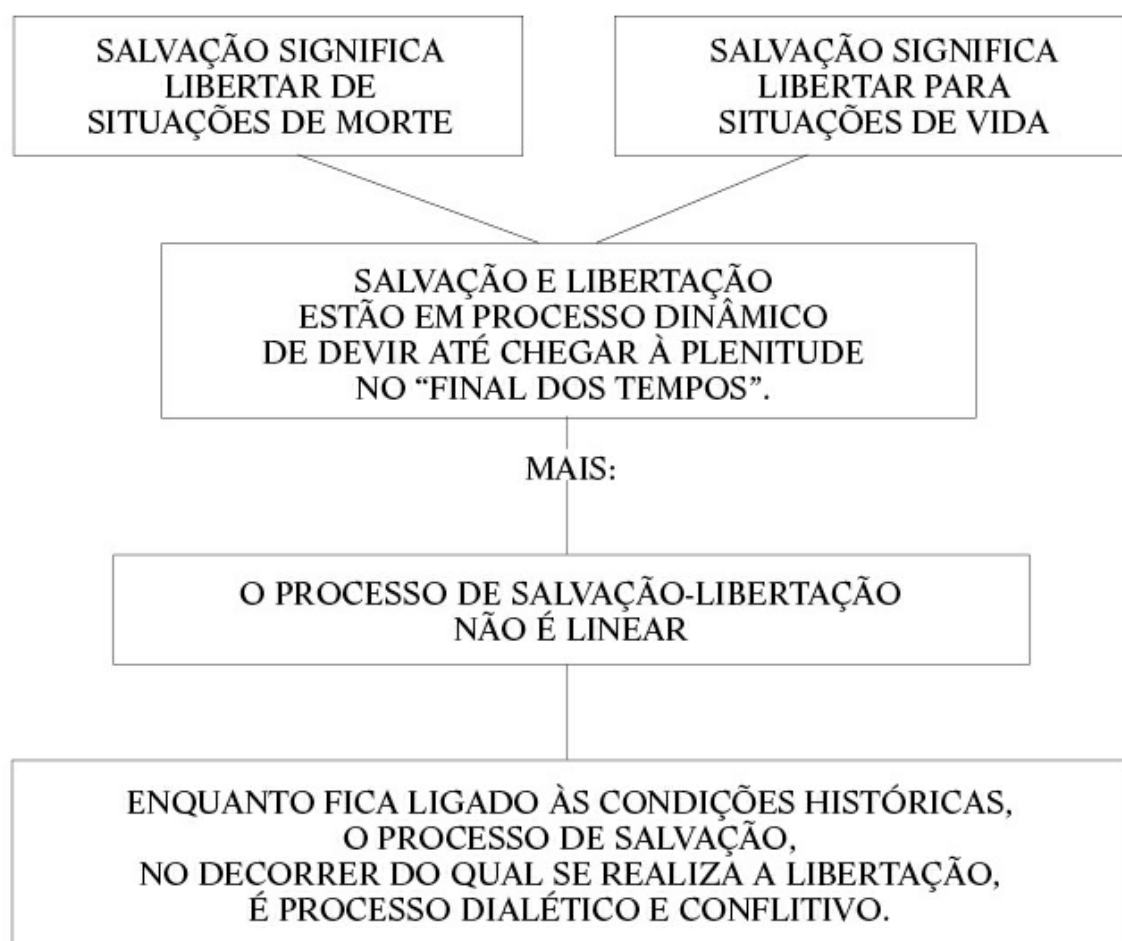
Assim, o processo rumo ao ideal escatológico já começa. De fato, já começou, porque o processo da salvação do mundo, por parte de Deus, já começou. Tal processo, entretanto, implica libertação progressiva de todas as situações de morte. Será plenificado por Deus, quando esta história alcançar seu último fim.

Tal fato não significa atitude de passividade, por parte dos homens e mulheres. Bem pelo contrário. Significa incentivo a começar já a obra, seguindo o chamado de Jesus e motivado pela esperança escatológica.

O Concílio Vaticano II, mais uma vez, formulou essa dupla face da esperança escatológica em termos bem significativos:

“A esperança escatológica não diminui a importância das tarefas terrestres, mas antes apóia o seu cumprimento com motivos novos”.⁷²

Esses objetivos novos podemos encontrá-los no objetivo divino de vida em plenitude. Objetivo cuja plenificação permanece obra de Deus, cuja aproximação progressiva, porém, já se faz no decorrer do processo histórico. À dinâmica da aproximação histórica chamamos processo de libertação. Dinâmica constante, a qual abrange todas as dimensões da vida. Dinâmica que se torna mais urgente naquelas situações em que a vida é ameaçada. Diante dessa verdade, vale recordar mais uma vez o fato de a Bíblia compreender a vida sempre de maneira global, concreta e direta.



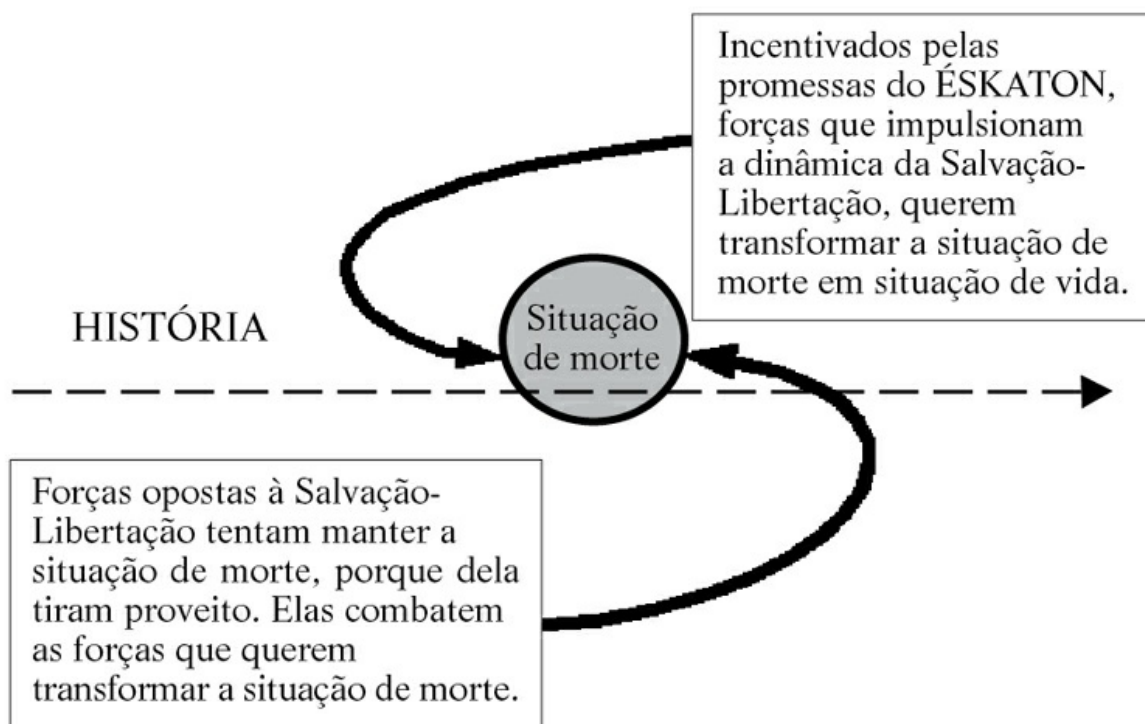
4. Quarto princípio: O processo de salvação-libertação é processo dialético-conflitivo

A dialética do processo de salvação-libertação é consequência de sua historicidade. É consequência, também, da decisão dos seguidores de Deus de começarem já com a realização dos valores escatológicos do Reino de Deus.

A partir do momento em que pessoas e grupos começam a transformar situações de morte em situações de mais vida, encontrarão oposição. Encontrarão outros grupos, outras pessoas, outros interesses que não querem que tais valores se realizem. Encontrarão resistência por parte de todos os que tiram proveito de situações de morte. Entre esses, de um lado, e aqueles que querem realizar valores do Reino se estabelece um conflito.

Tal conflito marca todo o processo histórico. É, no fundo, o conflito entre os valores do Reino de Deus e os antivalores do anti-reino. Em qualquer lugar onde se tenta transformar situações de morte em situações de vida, pode haver tal reação. Talvez as forças da morte reajam, lutando contra as forças do Reino.

O PROCESSO DE SALVAÇÃO-LIBERTAÇÃO
É PROCESSO DIALÉTICO-CONFLITIVO



A luta contra as forças transformadoras do Reino pode ser travada com muitos meios. É possível o uso da força, mas é possível também o uso de todo tipo de manipulação e de difamação. As forças da morte usam a morte para defender seus interesses. Faz parte destes meios também o uso de argumentos religiosos e teológicos.

Constatamos, nesse processo, o mesmo fenômeno que já marcou a vida do próprio

Jesus. Ele, em nome de Deus, denunciou um sistema de morte. Mas esse sistema reagiu contra ele e, na sua reação, usou argumentos teológicos. Jesus foi condenado em nome de Deus. Em nome de uma falsa concepção de Deus, é óbvio. Mas, na época, muitos, com boa-fé, acreditaram nos argumentos usados. Assim também hoje. Há até cristãos que se deixam seduzir por supostos argumentos religiosos. Há cristãos que não percebem como as forças do anti-Reino tentam usar os próprios cristãos, para impedir as transformações rumo ao Reino de Deus.

AS FORÇAS OPOSTAS À TRANSFORMAÇÃO
DAS SITUAÇÕES DE MORTE PODEM ATÉ USAR
ARGUMENTOS RELIGIOSO-TEOLÓGICOS
PARA IMPEDIR TAL TRANSFORMAÇÃO.

É nesta situação que vale, mais uma vez, a grande mensagem do Concílio Vaticano II: devemos “discernir os espíritos”. As palavras podem ser tão teológicas quanto quiserem. Os atos religiosos podem atrair quantos seguidores quiserem. Enquanto na sua base mantêm situações de morte, não são de Deus. Enquanto, em vez de libertar para mais vida, querem manter situações de dependência, de infantilidade, de opressão disfarçada, não são de Deus. Tal verdade vale para todas as dimensões da história, para a vida social, política e econômica, para a vida privada. Vale até para a própria Igreja.

O projeto de Deus é um projeto de libertação-salvação para mais vida. Esse processo está em andamento. A sua plenificação, porém, fica nas mãos de Deus.

5. Quinto princípio: “Crescimento autêntico do mundo é também crescimento do Reino de Deus”⁷³

A escatologia transformadora do mundo se baseia na verdade fundamental de uma correlação entre mundo e Reino de Deus. O projeto escatológico de Deus não se realiza fora do mundo, mas aqui, no desenvolvimento concreto e autêntico deste mundo. Ao mesmo tempo, porém, este projeto vai muito além de tudo o que chamamos mundo. Ou assim como Antônio do Carmo Cheuiche o formula: “Embora seja independente da cultura, o Reino que o Evangelho proclama é vivido por homens profundamente ligados a determinada cultura. E a construção do Reino não pode renunciar a servir-se de elementos da cultura e das culturas humanas”.⁷⁴

A verdade aqui formulada se torna uma das bases da nova escatologia. O Reino de Deus, apesar de ultrapassar toda dimensão humana, realiza-se a partir dessa dimensão. É nela que incentiva uma práxis concreta de transformação das estruturas de morte. Enquanto essas estruturas diminuem, o mundo entra num processo de desenvolvimento autêntico. Participar dele “é um imperativo para todos e cada um dos homens e das mulheres, e também para as sociedades e as nações; em particular, para a Igreja católica...”⁷⁵

À medida, porém, que se participa desse desenvolvimento autêntico do mundo, toma-se parte da construção do Reino de Deus. À medida que o desenvolvimento produz o crescimento das dimensões de vida, podemos dizer que estão presentes os valores do Reino daquele Deus do qual Jesus fala e cujo projeto transmite. Esse Deus

“ ‘sonha’ um mundo diferente, novo, renovado, digno do ser humano e digno de Deus”.⁷⁶

TODO DESENVOLVIMENTO AUTÊNTICO DO MUNDO REALIZA VALORES DO REINO DE DEUS.

No seu livro *Jesus Cristo libertador*, Leonardo Boff formulou esta verdade fundamental já nos anos 1970: “Reino de Deus é a revolução e a transfiguração total, global e estrutural desta realidade, do homem e do cosmo, purificados de todos os males e repletos da realidade de Deus. Reino de Deus não quer ser outro mundo, mas o velho mundo transformado em novo”.⁷⁷

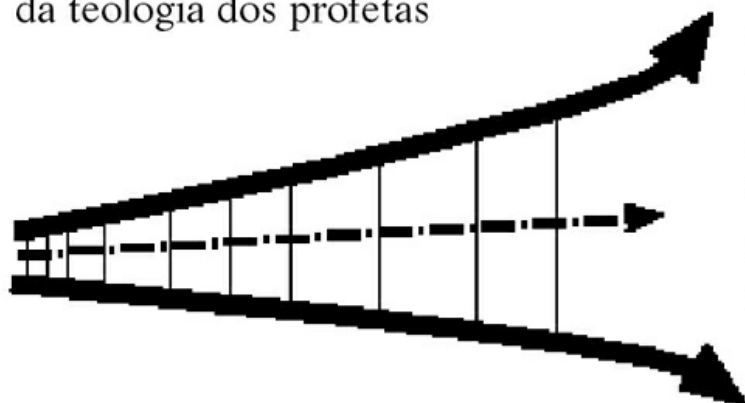
Há íntima correlação entre o autêntico desenvolvimento humano e o crescimento do Reino de Deus.⁷⁸ É a partir dessa base que a nova escatologia pode desenvolver também um novo relacionamento entre religião e mundo, entre o agir social e o agir religioso. Não é mais possível dividir este mundo em uma dimensão profana e uma dimensão religiosa. Tudo é religioso, porque a história de Deus se descobre olhando através da história humana. A vinda do Reino de Deus “é inteira e completamente obra de Deus”, mas “é também e completamente obra do homem”.⁷⁹

O que se formula aqui, a partir de um enfoque da teologia européia contemporânea, encontra ponto por ponto a sua correspondência nas declarações dos teólogos latino-americanos. Citamos, como exemplo, o que Gustavo Gutiérrez escreveu em 1990 na revista *Concilium*: “A presença de Deus se realiza aí onde o seu Reino começa a se impor. O Deus de Jesus é o Deus do Reino que entra na história... O Deus da Bíblia não se deixa separar de seu plano, de seu Reino. Por consequência, toda tentativa de o encontrar e de o compreender, desligando-o de sua ligação com o Reino, significa, em termos bíblicos, fazer ídolo, construir um deus conforme a nossa imagem e os nossos desejos”.⁸⁰

Ante a tentação de esquecer essa profunda verdade, dom Pedro Casaldàliga adverte, por sua vez, que há risco de “fazer do seguimento uma ‘imitação’ mimética descontextualizada (‘eu sou de Jesus e Jesus é meu...’), sem a vivência histórica do mandamento novo. Por isso se deve insistir num seguimento que seja ‘assumir a causa de Jesus’, que é o Reino, adotando as atitudes maiores de Jesus (sua abertura total ao Pai... sua abertura total ao próximo...)”.⁸¹

É baseada em tais parâmetros que a escatologia contemporânea recupera passo a passo aquela concepção dinâmica e processual do Reino de Deus, que marca a teologia profética da época antes do exílio.

Concepção histórico-escatológica
da teologia dos profetas



História do mundo:

Processo progressivo
e dialético, no decorrer
do qual o esperado
“reinado de deus”
se aproxima
de sua realização.

Deus realiza os seus planos dentro deste mundo é no decorrer do processo histórico que ele, numa dialética dinâmica e conflitiva, finalmente vencerá todas as forças da morte. E tudo isso ele não o realiza mediante ato mágico, não. Deus nunca age assim. Atua por meio do agir dos que escolheu como seus colaboradores: os homens e as mulheres que se deixam seduzir por ele,⁸² para começar uma obra, cujo fim só Deus conhece. Obra para a qual, em última análise, só temos uma única analogia: a caminhada do povo eleito rumo ao país prometido, país onde corre leite e mel. Uma realidade que não se alcança por meio de passos mágicos, mas iniciando-se uma caminhada, junto com Deus, nas mãos de Deus, superando todos os obstáculos e vencendo todas as resistências e todas as decepções, porque Deus está conosco.

7

UM NOVO RELACIONAMENTO ENTRE OS SERES HUMANOS E O SEU AMBIENTE, A TERRA

Por muitos séculos, devido ao projeto desenvolvimentista da modernidade, a terra nada mais era do que um campo a ser explorado. Contra tal mentalidade, a recente teologia ecológica quer conscientizar para o fato de que a terra faz parte do projeto escatológico de salvação. Sendo assim, estamos perante a exigência de compreender também a realidade processual do Reino a partir de mais um enfoque. Construir o Reino implica a necessidade de “escutar e responder aos gemidos da terra”.⁸³ Porque esta terra, por sua vez, é “maltratada e machucada pela fúria desenvolvimentista do projeto conquistador e dominador da modernidade”.⁸⁴

Visto a partir da perspectiva do Reino de Deus, porém, o mundo inteiro deve ser compreendido como sistema aberto para Deus; e Deus, por sua vez, se revela como sendo um Deus aberto para o mundo.

A consequência de tal ampliação de perspectiva é abrir níveis totalmente novos de

compreensão. A partir deles, devemos incluir às nossas considerações teológicas também dimensões como a seguinte: “A construção do Reino, obra de Deus conosco, pressupõe a salvação da terra. Romper a camada de ozônio é retardar o advento do Reino”.⁸⁵

O COSMO INTEIRO É UM IMENSO SISTEMA
ENTRELAÇADO, CUJO FIM ÚLTIMO
É A PLENIFICAÇÃO NO REINO DE DEUS.
NESTA PLENIFICAÇÃO SE REVELA QUE DEUS TAMBÉM FAZ PARTE DESTE SISTEMA.

As conseqüências desse enfoque, inspirado também pelos novos modelos científicos e sociológicos de um mundo evolutivo, apontam na mesma direção, formulada já pela teologia da libertação: há interligação direta entre o processo histórico deste mundo, a nossa relação com as dimensões cósmicas e o agir de Deus. Os seres humanos não vivem num espaço fechado e isolado. O cosmo inteiro, do qual o homem faz parte, se revela como imenso sistema entrelaçado.

“A lei mais universal é a sinergia”, afirma Leonardo Boff, “a sintropia, o inter-retro-relacionamento, a colaboração, a solidariedade cósmica, a comunhão e fraternidade/sororidade universais”.⁸⁶ A sigla teológica para esta inter-relação cósmica é mais uma vez o Reino de Deus. Noção central da nova escatologia.

Jürgen Moltmann, na sua teologia ecológica, fala da mesma interligação, usando modelos mais científicos. “Do ponto de vista teológico, o mundo é compreendido como sendo sistema aberto, participatório e antecipatório, quando se compreende a história da criação em termos de uma ação recíproca entre o Deus transcendente do mundo e o Deus imanente ao mundo”.⁸⁷

Tal reciprocidade entre Reino de Deus, mundo e processo histórico torna-se cada vez mais um dos grandes novos enfoques da escatologia. A base para tal ampliação de perspectiva em nada se encontra em alguma ideologia ou moda, mas no próprio agir de Jesus, na sua mensagem e na sua vida.

8

A MISSA, IMAGEM DO PROCESSO ESCATOLÓGICO DO MUNDO

Fomos acostumados, durante séculos, a ver e interpretar a missa sob o enfoque de “sacrifício”, de celebração memorial da páscoa, de evento comunitário e de muitos outros aspectos, formulados e fundamentados no decorrer da história do discurso teológico; a todos eles devemos acrescentar ainda o que podemos chamar de *caráter escatológico da missa*.

A MISSA REFLETE O PROCESSO
ESCATOLÓGICO DO MUNDO.

Um dos argumentos-chave de nossas reflexões sobre o processo escatológico da história e do mundo é que nada se faz sem a colaboração do homem. O processo da construção do Reino de Deus começa no trabalho e no esforço humanos. É a partir dele, e por meio dele, que Deus começa a realização de seus planos.

Deus toma a sério a liberdade humana. Se o homem não colabora, os planos de Deus não vão para frente. A plenificação do Reino, que é obra exclusiva de Deus, não pode realizar-se sem a preparação deste Reino, no decorrer do processo histórico. Essa preparação, no entanto, é tarefa e obrigação do homem.

Compreendendo toda a dinâmica dialética da história a partir desse enfoque, descobrimos na missa um espelho fiel e muito real do que chamamos de processo escatológico da construção do Reino de Deus.

Também na missa o homem apresenta primeiro o que ele fez: pão e vinho, frutos da terra e do trabalho do homem. Nunca haverá missa, se o homem não trouxer primeiro o pão e o vinho. Produtos humanos, elaborados pelo esforço humano. Preparados para se tornarem mais, para serem plenificados, mas preparados pelos homens.

- No OFERTÓRIO, Deus aceita o que o homem preparou: pão e vinho. É o que somos capazes de fazer. Nenhuma pessoa humana poderia transformar aquele pão e vinho em algo mais. Mas aquilo de que éramos capazes de realizar, realizamos. Preparamos pão e vinho. Com isso, esgotaram-se as nossas possibilidades. E agora ofertamos a Deus o que fomos capazes de realizar.
- Na CONSAGRAÇÃO, agora, é o próprio Deus agindo. Mas, Deus não começa a partir do zero. Não joga fora o que as pessoas humanas prepararam. Não! É a partir do que elas fizeram, a partir do trabalho delas que Deus age. O agir dele plenifica a obra humana, elevando-a a um nível infinitamente superior. O pão e o vinho se tornam o corpo e o sangue de Jesus Cristo. Esta plenificação é obra de Deus. Mas nunca haveria corpo e sangue de Cristo se o homem, antes, não preparasse o pão e o vinho.

Da mesma maneira como acontece na transformação do pão e do vinho, não haverá plenificação do Reino se o homem, primeiro, não preparar tal plenificação. Essa preparação, no entanto, significa começar já com a realização, dentro da história, dos grandes valores do Reino de Deus.

- Na COMUNHÃO, vivemos o reflexo do que denominamos vontade salvífica de Deus. Todo agir de Deus visa à felicidade do ser humano. Deus não transforma pão e vinho, nem plenifica o Reino para si mesmo. Ele o faz para as pessoas humanas. Devolve o resultado de sua plenificação ao próprio homem, dando infinitamente mais do que aquilo que este homem lhe ofertou. O Deus generoso devolve, de mão-cheia, “uma boa medida, calcada, agitada a transbordar” (Lc 6,38). É assim que Deus age na missa; é assim que Deus age também no imenso processo histórico da realização do seu Reino.

Compreendendo a missa também dessa forma, ela se torna paradigma, modelo exemplar do agir de Deus neste mundo. Agir que nunca acontece no vazio. Agir que conta com o agir humano, o qual pressupõe este agir, para depois plenificá-lo e, uma vez plenificado, devolvê-lo às pessoas humanas. Presente de Deus a elas, dom e graça

de um Deus generoso.

Assim é Deus. Este é seu ser e seu agir. Ele não o revela só na missa. Este seu ser e seu agir, ele os revela também no processo histórico da construção do Reino. Construção à qual chamou os homens e as mulheres para colaborarem. A missa se torna o modelo dessa colaboração.

A COLABORAÇÃO ENTRE HOMEM E DEUS,
NA MISSA,
É MODELO DA COLABORAÇÃO QUE SE REALIZA
NA CONSTRUÇÃO DO REINO.

¹⁵ Uma síntese de sua “Teologia da esperança” se encontra em Rosino Gibellini, A teologia do século XX, pp. 279-300.

¹⁶ Jürgen Moltmann, Teologia da esperança, p. 3.

¹⁷ Sobre as críticas, que a Teologia da Libertação formula diante da concepção da esperança em Moltmann, cf. p. ex.: Alfonso Garcia Rubio, Teologia da Libertação, política ou profetismo, pp. 92-94.

¹⁸ Jürgen Moltmann, Teologia da esperança, p. 2.

¹⁹ Cit. Cf.: J. B. Libânio, “Perspectivas e desafios futuros da teologia da libertação”, em Zildo Rocha (org.), Helder, o Dom, p. 137.

²⁰ Cf. Helmut Merklein, “Eschatologie Im Neuen Testament”, em H. Althaus (org.), Apokalyptik und Eschatologie, p. 14.

²¹ Concílio Vaticano II, Gaudium et spes, nn. 39, 45, 72.

²² Jürgen Moltmann, Teologia da esperança, p. 392.

²³ Rubem Alves, Da esperança, p. 109.

²⁴ Jürgen Moltmann, Teologia da esperança, p. 68.

²⁵ Jürgen Moltmann, Teologia da esperança, p. 395.

²⁶ Cf. J. B. Metz, Zur Theologie der Welt, p. 86.

²⁷ Sollicitude social, carta encíclica de João Paulo II (Sollicitudo rei socialis), Paulinas, São Paulo 1988: “A obrigação de se empenhar pelo desenvolvimento dos povos não é somente um dever individual... É um imperativo para todos e cada um dos homens e das mulheres e também para as sociedades e as nações; em particular, para a Igreja católica e para as outras Igrejas e comunidades eclesiais” (n. 32), op. cit., p. 58.

²⁸ Benjamin Gonzalez Buelta, O Deus oprimido, Rio de Janeiro, 1989, p. 133.

²⁹ Rubem Alves, Da esperança, p. 113.

³⁰ Rubem Alves, op. cit., p. 126.

³¹ Jürgen Moltmann, Gott in der Revolution, p. 74.

³² Sobre a relação entre teologia política e teologia da libertação, cf. Alfonso Garcia Rubio, Teologia da Libertação: política ou profetismo?, pp. 95-100.

³³ Samuel Silva Gotay, O pensamento cristão revolucionário, p. 167.

³⁴ Citado conforme Documentos Pontifícios 184, A justiça no mundo, Sínodo dos Bispos, Vozes, Petrópolis, 1978.

³⁵ J.B. Metz, Zur Theologie der Welt, p. 86.

³⁶ Parece-nos essencial, neste contexto, lembrar que também para Jesus, no seu agir histórico, a dimensão política era uma das dimensões-chave de todo o seu agir. Quem apresenta esse fato e as suas deturpações posteriores de maneira bem clara é Juan Luis Segundo, no seu excelente livro: A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré (cf. sobretudo as pp. 167-179). Cf. também Juan Luis Segundo, Que mundo? Que Homem? Que Deus?, pp. 318-322. Cf. também Juan Luis Segundo, Que mundo? Que homem? Que Deus?, pp. 318-322.

- [37](#) J. B. Metz, *Zur Theologie der Welt*, p. 105.
- [38](#) Dietrich Wiederkehr, “Der sichere Tod und die unsichere Eschatologie”, em F. Dexinger, *Tod, Hoffnung, Jenseits*, p. 169.
- [39](#) Em termos de exemplo, basta lembrar o conteúdo especificamente político de certas afirmações ou atitudes do Jesus histórico: A sua opção em favor e defesa dos excluídos de sua época, p. ex.: Lc 2,8-20; 15; 16,19-31; Mc 1,14; Mt 8,1-3; 9,27-30.36; 20,29-34. A sua proclamação programática em Lc 4,18ss. A resposta à indagação sobre o imposto: Mc 12,1-12.13-17. As declarações em torno do lugar do templo: Mc 11,15-18. As bem-aventuranças, Lc 6,20; 7,22; Mc 5,1-11. Sua opção pelo serviço e contra o poder: Lc 22,26-27.
- [40](#) J. B. Metz, *Para além de uma religião burguesa*, p. 37.
- [41](#) Cf. como exemplo: João Batista Libânio, *Teologia da libertação. Roteiro didático para um estudo*, pp. 173 ss.
- [42](#) João Batista Libânio, *Teologia da libertação*, pp. 107-108.
- [43](#) Dorothee Soelle, *Teologia política*, p. 78, cit. cf. Alfredo Fierro, *O evangelho beligerante*, p. 79.
- [44](#) Alfredo Fierro, *O evangelho beligerante*, p. 79.
- [45](#) Cf. neste contexto os capítulos sobre Reino de Deus e fim do mundo, na unidade VII deste livro. Neles se defende uma volta à concepção histórica da teologia profética, conforme a qual o processo histórico é contínuo, dinâmico e dialético, rumo à sua plenificação. O próprio Jesus, na sua concepção do Reino de Deus, insere-se nessa linha da teologia histórica dos profetas e não na concepção apocalíptica da história.
- [46](#) J. B. Metz, *Glaube in Geschichte und Gesellschaft*, p. 153.
- [47](#) Cf. G. Lohfink, em *Orientierung* 7 (54), 15 de abril de 1990, pp. 75s.
- [48](#) L. Boff e Cl. Boff, *Da libertação*, p. 81.
- [49](#) J. Sobrino, *Cristologia a partir da América Latina*, p. 86.
- [50](#) E. Schillebeeckx, *Menschen, die Geschichte von Gott*, p. 175.
- [51](#) *Ibid.*, p. 217.
- [52](#) Hernán Alessandri, *O futuro de Puebla*, Paulinas, São Paulo, 1982, p. 78.
- [53](#) Cf. neste contexto o estudo muito interessante de Jorge Pixley e Clodovis Boff, *Opção pelos pobres*, ed. Vozes, Petrópolis, 1987, sobretudo pp. 73-127.
- [54](#) Helmut Merkel, “Jesus, Kündiger des Reiches Gottes”, em W. Kern, H. J. Pottmeyer e M. Seckler, (orgs.), *Handbuch der Fundamentaltheologie II*, Friburgo-Basel-Viena, 1985, p. 169.
- [55](#) Gustavo Gutiérrez, *Teologia da libertação*, p. 171.
- [56](#) Samuel Silva Gotay, *O pensamento cristão revolucionário*, p. 167.
- [57](#) Sobre o significado amplo do termo “libertação”, cf. João Batista Libânio, *Teologia da libertação. Roteiro didático para um estudo*, pp. 137-155, de maneira especial pp. 144-146.
- [58](#) Cf. Paulo VI, encíclica *Evangelii Nuntiandi*, nn. 30-39. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em PUEBLA, nn. 480-506.
- [59](#) Paulo VI, *ibidem*, n. 34. Também: João Paulo II, encíclica *Sollicitudo rei socialis*, n. 46.
- [60](#) Roberto Oliveros, “Visão da pessoa humana e da sociedade”, em: Santo Domingo, *Ensaio teológico-pastoral*, Vozes, Petrópolis, 1993.
- [61](#) Leonardo Boff, *Teologia do cativo e da libertação*, p. 99.
- [62](#) *Idem*, *ibidem*, p. 100.
- [63](#) João Batista Libânio, “Perspectivas e desafios futuros da teologia da libertação”, em Zilda Rocha (org.), *Helder, o Dom*, p. 145.
- [64](#) Alfonso Garcia Rubio, *Teologia da Libertação, política ou profetismo?*, Loyola, São Paulo, 1977, p. 118.
- [65](#) Cf. Alfonso Garcia Rubio, *op. cit.*, p. 118: “Uma noção de salvação que se realize já nas tarefas terrestres de construção de um mundo humano, embora evidentemente nelas não se esgote, está ausente na grande maioria dos cristãos latino-americanos”.
- [66](#) Hugo Assmann e Franz Hinkelammert, *A idolatria do mercado*, p. 435.

[67](#) Cf., como exemplos, as reflexões de Xabier Pikaza, sobre “Processo de libertação”, em: Xabier Pikaza, *Anunciar a liberdade aos cativos*, pp. 32-41, 159-216, 333-406; Severino Croatto, *Êxodo, uma hermenêutica da liberdade*, Paulinas, São Paulo, 1981.

[68](#) Há inúmeros documentos do Magistério, assim como declarações e pronunciamentos dos últimos Papas, nos quais a Igreja, de maneira clara e indiscutível, adota essa opção como sua. Mencionamos, como exemplo, a Instrução sobre alguns aspectos da teologia da libertação, em cuja introdução lemos: “A Igreja se propõe... a lutar, com os seus próprios meios, pela defesa e promoção dos direitos do homem, especialmente na pessoa dos pobres”.

[69](#) João Batista Libânio, “Perspectivas e desafios futuros da teologia da libertação”, em: Zilda Rocha (org.), *Helder, o Dom*, p. 140; idem, *Teologia da libertação, roteiro didático para um estudo*, pp. 114-115, 129.

[70](#) João Batista Libânio, “Perspectivas e desafios futuros da teologia da libertação”, em Zilda Rocha (org.), *Helder, o Dom*, p. 140.

[71](#) Cf. Juvenal Arduini, *Horizonte de esperança*, pp. 58-94; João Batista Libânio, *Teologia da libertação, roteiro didático para um estudo*, pp. 112s.

[72](#) *Gaudium et spes*, n. 21.

[73](#) Leonardo Boff, *Teologia do cativo e da libertação*, p. 100.

[74](#) Antônio do Carmo Cheuiche, *Cultura e evangelização*, pp. 47-48.

[75](#) Encíclica *Sollicitudo Socialis*, do papa João Paulo II, n. 32.

[76](#) José Maria Vigil, “Crer como Jesus. A espiritualidade do Reino”, em *Globalizar a esperança*, p. 96.

[77](#) Leonardo Boff, *Jesus Cristo Libertador*, p. 66.

[78](#) Cf. também a encíclica *Sollicitudo Socialis*, do papa João Paulo II, sobretudo o cap. IV, nn. 27-34.

[79](#) Cf. G. Lohfink, “Die Not der Exegese mit der Reich Gottes Verkündigung Jesu”, em *Theologische Quartalschrift* 168 (1988), p. 4.

[80](#) Gustavo Gutiérrez, em *Concilium* 26 (1999), p. 70.

[81](#) Pedro Casaldàliga, “Sabemos de que espírito somos?” em *Vida Pastoral* 211 (XLI), março/abril de 2000, pp. 2-3.

[82](#) Cf. Jr 20,7.

[83](#) Marcelo Barros, *Globalizar a esperança*, pp. 119-130.

[84](#) J. B. Libânio, *Helder, o Dom*, p. 145.

[85](#) Antônio Estêvão Allgayer, *Jesus e os excluídos do Reino*, p. 115.

[86](#) Leonardo Boff, *Ecologia, Grito da terra, Grito dos pobres*, p. 43.

[87](#) J. Moltmann, *Gott in der Schöpfung*, p. 214.

Unidade VII

**NOÇÕES FUNDAMENTAIS DO DISCURSO
ESCATOLÓGICO CONTEMPORÂNEO**

A. O REINO DE DEUS

1

O GRANDE DESAFIO: RECUPERAR O SIGNIFICADO ESCATOLÓGICO DO REINO DE DEUS

Na primeira metade do século XX, a interpretação teológica da noção do REINO DE DEUS acentuava sobretudo o seu sentido abstrato: “o fato de que Deus reina”.¹

A partir dos novos enfoques, abertos pelo Concílio Vaticano II e pela redescoberta da dimensão histórico-transformadora da escatologia, fundamenta-se cada vez mais a convicção de que a noção Reino de Deus (basiléia tou theou) “nunca pode ser pensada sem ligação com a sociedade”. Isso pelo simples fato de a noção em si exprimir o exercício de um poder dentro das dimensões sociais.²

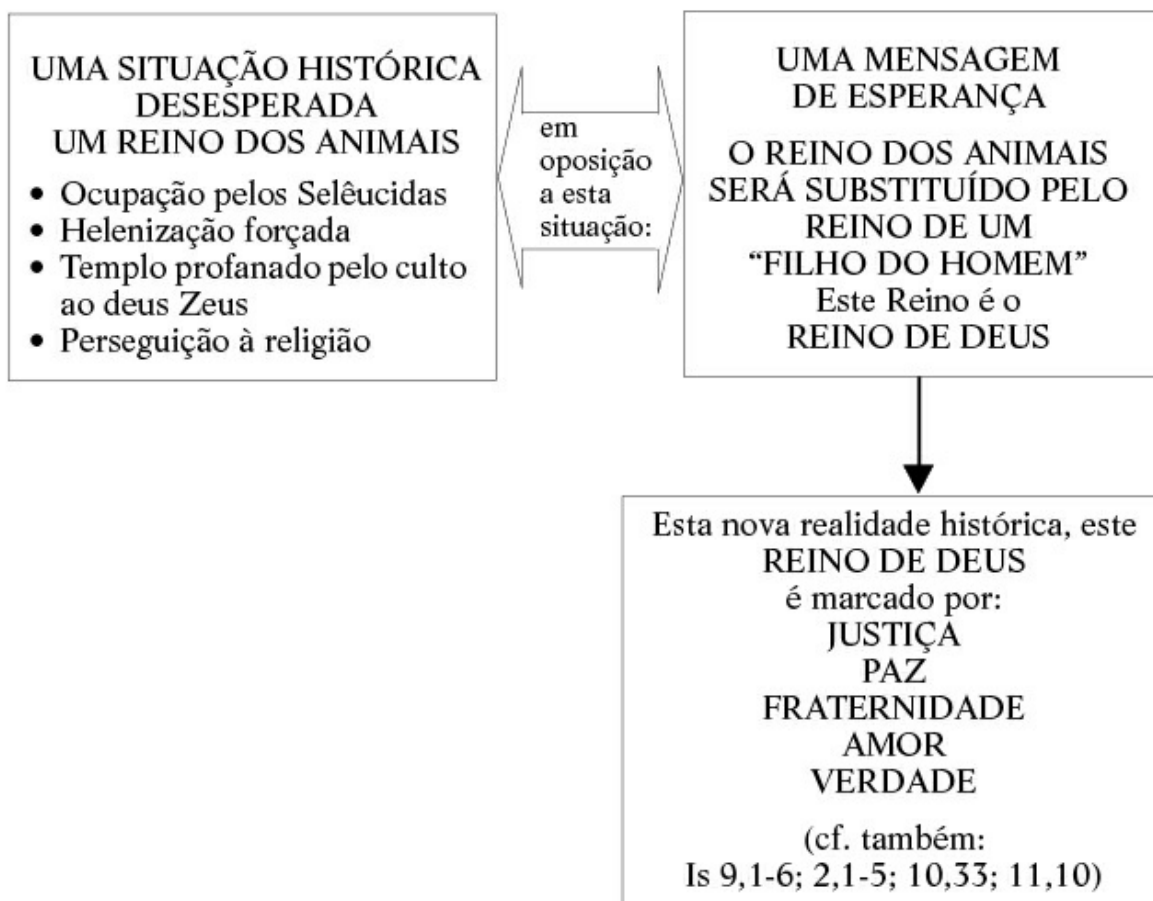
Esta relação sócio-histórica da noção se acentua, ainda, quando as fontes veterotestamentárias do conceito Reino de Deus no livro de Daniel (sobretudo 2,44; 7,13; 7,18; 7,27) são levadas em consideração. Em situação histórica desesperada, a mensagem do Reino de Deus estabelece uma esperança radical no Deus que, como único, ainda é capaz de superar as forças da morte. Forças que na época em nada eram abstratas, mas se manifestaram muito concretamente nas perseguições e opressões do império helênico-selêucida.³

Igualmente concretas eram as esperanças numa alternativa histórica contra a opressão do império; alternativa, cujo autor seria o próprio Deus. Reinando, ele mesmo estabeleceria nova realidade histórica, marcada pela paz e pela justiça, como já foi descrita nos textos proféticos (cf., p. ex., Is 9,1-6; 2,1-5; 10,33-11,10).

No livro de Daniel, este Reino de Deus é apresentado na figura do “Filho do Homem” que reinará em oposição aos reinos dos “animais” (Dn 7,2-8). O seu Reino é “ao mesmo tempo o Reino de Deus”.⁴ Uma nova realidade histórica alternativa, em oposição aos “animais”.

Significado da noção REINO DE DEUS

Aparece de maneira explícita pela primeira vez no livro de Daniel (redação: 184-168 a.C.) cf. Daniel 2,44; 7,13; 7,18; 7,27



Historicamente, dentro do contexto histórico do livro de Daniel, a noção “Reino de Deus” tem clara conotação sócio-histórica. Significa a grande alternativa histórica contra o reino dos animais e seus contravalores. Jesus já encontra este significado fixado na sua época. É a partir desse significado que o termo aparece também em textos do Novo Testamento.⁵

O discurso escatológico contemporâneo recuperou, de maneira acentuada, a dimensão sócio-histórica e estrutural daquilo que é Reino de Deus. Isso, contudo, sem esquecer que a realidade desse Reino vai muito além de todas essas dimensões.

“Reino de Deus é a presença ativa, salvífica e reconfortante de Deus entre os homens, aceito e esperado por eles... Reino de Deus é um ‘Reino dos homens’, um reino humano, em oposição aos impérios que, em Dn 7, foram simbolizados por imagens de animais, símbolos de impérios, onde reina o poder do mais forte”.⁶

Reino de Deus torna-se assim “a forma essencialmente determinante para o agir ante os outros homens e para a relação com o mundo”.⁷

Essas poucas citações, assim como as exposições a seguir, mostram e mostrarão o novo enfoque dinâmico que marca as reflexões escatológicas atuais:

Reino de Deus não exprime uma realidade abstrata.
SIGNIFICA, MUITO PELO CONTRÁRIO, UMA REALIDADE HISTÓRICA E CONCRETA, NA QUAL SE INTERLIGAM
O AGIR HUMANO E O AGIR SALVÍFICO DE DEUS.

- REINO DE DEUS:
- UM PROJETO DINÂMICO DE ESPERANÇA DENTRO DA HISTÓRIA
 - CONTRA OS PROJETOS HISTÓRICOS DOS “ANIMAIS”
 - CONTRA A EXPECTATIVA PESSIMISTA DE UM HOLOCAUSTO CÓSMICO.

2

A NOÇÃO “REINO DE DEUS” TEM LONGA TRADIÇÃO DENTRO DO PENSAMENTO BÍBLICO

A esperança de que Deus, como Senhor da história, transformará essa história, tem longa tradição dentro do pensamento bíblico. A sigla para essa esperança era a expectativa numa situação em que Deus reina. Tal situação, mais tarde, foi chamada um “Reino de Deus”.

Mencionaremos em seguida alguns dos textos mais significativos, onde a noção aparece dentro dos textos bíblicos:

Pequena concordância da noção do Reino de Deus

Sb 10,10	Lc 7,28	At 14,22	Mt 7,21
	9,2	19,28	8,11
Mt 12,28 (Lc 11,20)	9,11	28,23	11,11
19,24 (Mc 10,25)	9,27	28,31	11,12
(Lc 18,25)	9,60		13,11
21,31	9,62	Rm 14,17	13,24
21,43	10,9	1Cor 4,20	13,31
	10,11	6,9	13,33
Mc 1,15	13,18	6,10	13,44
4,11 (Lc 8,10)	13,20	15,50	13,45
4,26	13,28		13,47
4,30	13,29	Gl 5,21	13,52
9,1	14,15	Ef 5,5	16,19
9,47	17,20	Cl 4,11	18,1
10,14 (Lc 18,16)	17,21	1Tm 2,12	18,4
10,15 (Lc 18,17)	18,29	2Tm 1,5	18,23
10,23 (Lc 19,24)	19,11		19,12
10,24	21,31		19,14
12,34	22,16		19,23
14,25 (Lc 22,18)	22,18		20,1
15,43 (Lc 33,51)		Mt 3,2	22,2
	Jo 3,3	4,17	23,13
Lc 4,43		5,3	25,1
(8,1; 16,16; At 8,12)	At 1,3	5,19	
7,20	8,12	5,20	

Reino dos Céus:

O Reino de Deus no NT

(Citações de: CD-ROM: Bíblia, Tradução ecumênica, São Paulo, Ed. Loyola, s.d.)

Mt 12,28 “Mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós”.

Mt 19,24 “E vos digo ainda: é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha, do que entrar um rico no Reino de Deus”.

Mt 21,31 Qual dos dois fez a vontade do pai? Responderam-lhe: O primeiro. Então Jesus lhes disse: “Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas estão vos precedendo no Reino de Deus”.

Mt 21,43 Por isso vos afirmo que o Reino de Deus vos será tirado e confiado a um povo que produza seus frutos.

Mc 1,15 “Completo-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Convertei-vos e crede no Evangelho”.

Mc 4,11 Ele disse: “A vós foi dado o mistério do Reino de Deus, mas aos que são de fora tudo se lhes

propõe em parábolas”.

Mc 4,26 E dizia: “O reino de Deus é como um homem que joga a semente na terra”.

Mc 4,30 Dizia ainda: “Com que vamos comparar o Reino de Deus, ou em que parábola vamos representá-lo?”

Mc 9,1 E lhes disse: “Eu vos asseguro: alguns dos que aqui se encontram não morrerão antes de verem chegar com poder o Reino de Deus”.

Mc 9,47 E se teu olho for para ti ocasião de pecado, arranca-o. É melhor entrares com um só olho no Reino de Deus do que com dois seres lançado no inferno”.

Mc 10,14 Vendo isso, Jesus se aborreceu e lhes disse: “Deixai vir a mim as crianças e não as impeçais, pois o Reino de Deus é daqueles que são como elas”.

Mc 10,15 “Eu vos asseguro: Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, jamais nele entrará”.

Mc 10,23 Jesus olhou em volta e disse aos discípulos: “Como será difícil para os que têm riquezas entrar no Reino de Deus”.

Mc 10,24 Os discípulos se espantaram com estas palavras. Jesus, porém, insistiu: “Meus filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus!”

Mc 10,25 “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”.

Mc 12,34 Jesus, vendo que ele tinha falado com sabedoria, disse-lhe: “Não estás longe do Reino de Deus”.

Mc 14,25 “Eu vos asseguro: Já não beberei do fruto da videira até o dia em que beberei vinho novo no Reino de Deus”.

Mc 15,43 Veio José de Arimatéia, um membro ilustre do tribunal dos judeus que também esperava o Reino de Deus. Ele entrou com coragem na casa de Pilatos e pediu o corpo de Jesus.

Lc 4,43 Ele, porém, lhes disse: “É preciso que eu anuncie a boa-nova do Reino de Deus também às outras cidades, porque é para isso que fui enviado”.

Lc 6,20 Levantando os olhos para os discípulos, Jesus dizia: “Felizes sois vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus”.

Lc 7,28 “Eu vos digo: Entre os nascidos de mulher, não há ninguém maior do que João. Mas o menor no Reino de Deus é maior do que ele”.

Lc 8,1 Logo depois, Jesus andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a boa-nova do Reino de Deus.

Lc 8,10 E ele respondeu: “A vós foi dado conhecer os mistérios do Reino de Deus; aos outros, só em parábolas, de maneira que olhando não enxerguem e, ouvindo, não compreendam”.

Lc 9,2 E enviou-os para proclamar o Reino de Deus e curar os enfermos.

Lc 9,11 Mas a multidão ficou sabendo e o seguiu. Jesus os recebeu, falava-lhes do Reino de Deus e curava todos os necessitados de cura.

Lc 9,27 “Eu vos asseguro: Alguns dos que aqui se encontram não morrerão antes de verem o Reino de Deus”.

Lc 9,60 Jesus, porém, lhe respondeu: “Deixa que os mortos enterrem os seus mortos; tu, porém, vai e anuncia o Reino de Deus”.

Lc 9,62 Jesus lhe respondeu: “Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás serve para o Reino de Deus”.

Lc 10,9 “Curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: ‘O Reino de Deus está próximo de vós’.”

Lc 10,11 “Até a poeira de vossa cidade, que se pegou aos nossos pés, sacudimos contra vós; mas sabeis que está próximo o Reino de Deus”.

Lc 11,20 “Mas, se é pelo dedo de Deus que expulso os demônios, então o Reino de Deus chegou até vós”.

Lc 13,18 E Jesus dizia: “A que se assemelha o Reino de Deus, e com que vou compará-lo?”

Lc 13,20 Disse ainda: “Com que vou comparar o Reino de Deus?”

Lc 13,28 “Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, Isaac e Jacó e todos os profetas no Reino de Deus, ao passo que vós sereis lançados fora.”

Lc 14,15 Ouvindo isso, um dos convidados disse-lhe: “Feliz aquele que comer pão no Reino de Deus”.

Lc 16,16 “A Lei e os Profetas chegaram até João. Desde então se anuncia o Reino de Deus, e cada um se esforça para entrar nele.”

Lc 17,20 Interrogado pelos fariseus, quando chegaria o Reino de Deus, Jesus respon deu-lhes: “O Reino de Deus não vem ostensivamente”.

Lc 17,21 “Nem se poderá dizer “está aqui” ou “está ali”, porque o Reino de Deus está no meio de vós”.

Lc 18,16 Mas Jesus as chamou para si, dizendo: “Deixai vir a mim as criancinhas e não as impeçais, pois o Reino de Deus é daqueles que são como elas”.

Lc 18,17 “Eu vos asseguro: Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, jamais nele entrará”.

Lc 18,24 Vendo-o assim triste, Jesus disse: “Como é difícil para os que têm riquezas entrar no Reino de Deus!”

Lc 18,25 “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”.

Lc 18,29 Jesus respondeu: “Eu vos asseguro: Ninguém que deixou casa, mulher ou irmãos, pais ou filhos por amor do Reino de Deus...”

Lc 19,11 Tendo eles ouvido isso, Jesus acrescentou uma parábola. É que estava próximo de Jerusalém e eles pensavam que o Reino de Deus logo ia manifestar-se.

Lc 21,31 “Assim também, quando virdes acontecer estas coisas, fícai sabendo que está próximo o Reino de Deus”.

Lc 22,16 “Pois eu vos digo: Nunca mais a comerei, até que ela se realize no Reino de Deus”.

Lc 22,18 “Pois eu vos digo: Não mais beberei deste vinho até que chegue o Reino de Deus”.

Lc 23,51 Ele não tinha concordado com a decisão dos outros nem com seus atos. Era de Arimatéia, cidade da Judéia, e esperava o Reino de Deus.

Jo 3,3 Jesus respondeu: “Na verdade eu te digo: quem não nascer do alto, não pode ver o Reino de Deus”.

Jo 3,5 Jesus respondeu: “Na verdade eu te digo: quem não nascer da água e do Espírito Santo, não pode entrar no Reino de Deus”.

At 1,3 Depois da paixão, apresentou-se vivo a eles, dando-lhes muitas provas, aparecendo durante quarenta dias, e falando das coisas referentes ao Reino de Deus”.

At 8,12 Mas quando creram em Filipe, que lhes anunciava o Reino de Deus e o nome de Jesus Cristo, batizavam-se homens e mulheres.

At 14,22 Ali animaram os discípulos, exortando-os a permanecerem na fé, e diziam: “É preciso passar por muitas tribulações para entrar no Reino de Deus”.

At 19,8 Paulo entrou na sinagoga e falou com liberdade por três meses, discutindo e persuadindo sobre o Reino de Deus.

At 20,25 “Agora sei que já não vereis meu rosto, vós todos por quem passei pregando o Reino de Deus”.

At 28,23 Marcaram um dia, e muitos foram procurá-lo na casa em que estava hospedado. Pregou-lhes a doutrina do Reino de Deus, desde a manhã até à noite, e procurava convencê-los da verdade de Jesus, pela Lei de Moisés e pelos Profetas.

At 28,31 ...pregando o Reino de Deus e ensinando com toda a liberdade e sem obstáculo as coisas a respeito do Senhor Jesus Cristo.

Rm 14,17 ...porque o Reino de Deus não é comida nem bebida, senão justiça, paz e alegria no Espírito Santo.

1Cor 4,20 Pois o Reino de Deus não consiste em palavras, porém em ações.

1Cor 6,9 Não sabeis que os injustos não possuirão o Reino de Deus? Não vos iludais: nem os imorais,

nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os pederastas,

1Cor 6,10 Nem os ladrões, nem os avaros, nem os bebedores, nem os insultadores, nem os assaltantes, possuirão o Reino de Deus.

1Cor 15,50 “Mas isto vos digo, irmãos: a carne e o sangue não podem possuir o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção”.

Gl 5,21 “...invejas, bebedeiras, orgias e outras como estas, das quais vos previno como fiz antes, pois quem praticar tais coisas não será herdeiro do Reino de Deus.”

Cl 4,11 Jesus, chamado justo, também manda saudações. Dos que vieram da circuncisão, estes são meus únicos colaboradores no reino de Deus, tendo-me sido de grande consolação.

2Ts 1,5 Tudo isto constitui um indício do justo juízo de Deus e de que sereis considerados dignos do Reino de Deus, pelo qual sois.

3

REINO DE DEUS DEVE SER COMPREENDIDO A PARTIR DA MENSAGEM E DO AGIR DE JESUS

“Reino de Deus está essencialmente ligado à pessoa de Jesus de Nazaré. O Novo Testamento mantém este fato numa de suas mais antigas lembranças, dizendo que, com Jesus, o Reino de Deus, Deus ele mesmo, vem para bem perto de nós. Reino de Deus deve conseqüentemente ser compreendido e qualificado a partir da vida de Jesus...”⁸ Aquilo que Schillebeeckx formula aqui de maneira bem direta, deve tornar-se a base de toda a reflexão sobre o Reino. Não há outra possibilidade. A partir do Novo Testamento, Jesus e a sua concepção do Reino se tornam o grande e único paradigma para toda e qualquer interpretação. Devemos compreender o Reino de Deus assim como Jesus o compreendeu. E, à medida que se descubre discrepância entre a nossa visão e a visão de Jesus, somos chamados a mudar as nossas concepções. É esta a verdade profunda que na escatologia contemporânea está sendo tomada muito a sério.

Devemos compreender “Reino de Deus” assim como Jesus o compreendeu. Quando a nossa visão não corresponde à visão dele, somos nós que devemos mudar a nossa concepção!

4

REINO DE DEUS, O CONCEITO DOMINANTE NA PREGAÇÃO E NO AGIR DE JESUS

O núcleo central de toda a atuação de Jesus é o Reino de Deus. Jesus não pregava a si mesmo, nem a Deus nem a Igreja. Jesus *pregava o Reino de Deus e sua vinda*.⁹

A expressão aparece 121 vezes nos textos dos sinóticos, e destas, 106 vezes “é posta na boca de Jesus”.¹⁰ Jon Sobrino, com todo o direito, chama o Reino “a realidade que dava sentido a toda a sua atividade”.¹¹ Vida e mensagem de Jesus giram em torno do Reino de Deus. É para isso que ele falou, e é por causa disso que foi rejeitado pela instituição religiosa da sua época. Porque a sua compreensão daquilo que é o Reino não correspondia à concepção dominante.

Do ponto de vista histórico, podemos afirmar que, neste choque de concepções divergentes do Reino, encontramos o núcleo central para a compreensão de Jesus e de seu destino. Analisando as palavras sobre o Reino de Deus, formuladas por Jesus, se descubrem suas verdadeiras intenções.

Por causa disso, é de suma importância saber o que esta noção significava para ele. Em que medida a sua compreensão do Reino correspondia à compreensão corrente de sua época? Em que medida Jesus discordava? Em que medida formulava interpretação nova?

Eis as perguntas importantes também para a nossa compreensão do Reino. Ela será autêntica à medida que corresponder à interpretação de Jesus. Ela será falsa à medida que não estiver em sintonia com a concepção dele.

Formulando essa afirmação fundamental, devemos conscientizar-nos primeiro de que a mensagem do Reino de Deus não era novidade para a época de Jesus. Muitos, antes dele, haviam falado desse Reino. Muitos, depois dele, iam proclamá-lo também. Na sua época, havia uma febre de expectativas de um Reino de Deus, incentivado pelas interpretações do livro de Daniel. Os 490 anos, proclamados como período histórico até o início do Reino, tinham passado.¹²

Todo mundo esperava a vinda do reinado de Deus. Muitos a anunciavam em voz alta.

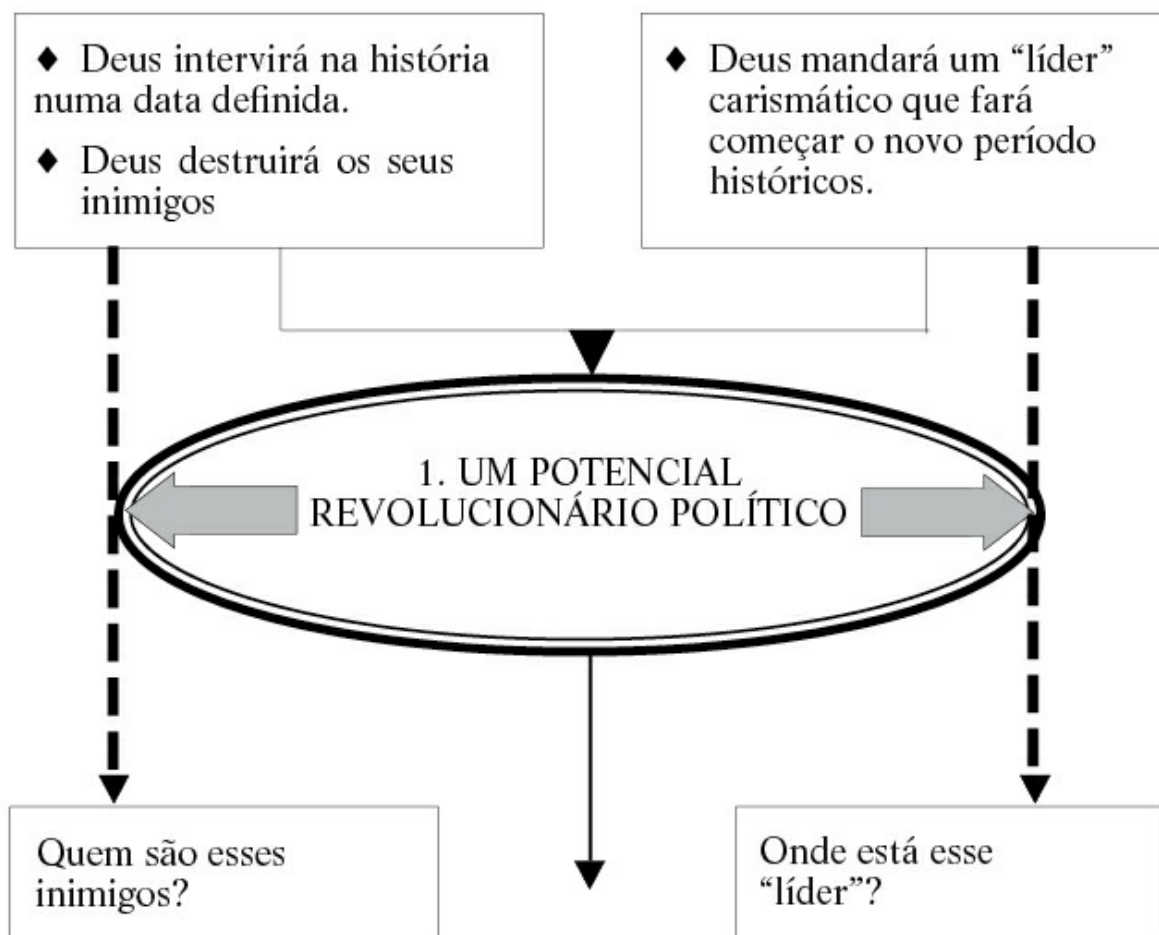
Onde, no entanto, está a novidade na mensagem de Jesus?

Para que possamos responder a essa indagação, torna-se necessária uma breve retrospectiva às expectativas do Reino de Deus que estavam em vigor na época de Jesus.

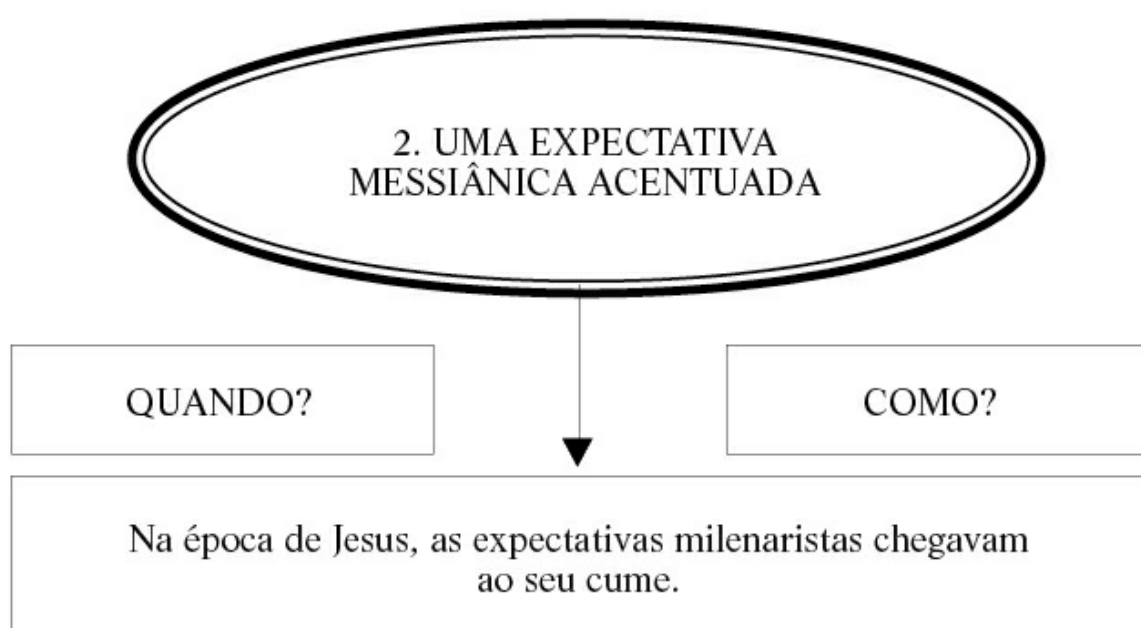
5

AS EXPECTATIVAS DO REINO DE DEUS NA ÉPOCA DE JESUS

5.1. Formação de um potencial revolucionário



5.2. Uma expectativa messiânica cada vez mais acentuada



5.3. Indagações milenaristas específicas na época de Jesus

1) Quem são os inimigos de Deus,
que Javé destruirá?

→ Resposta: OS ROMANOS

2) Como será o fim?

→ Resposta: UM HOLOCAUSTO CÓSMICO

→ (produz medo!)

3) Quando será esse fim?

Resposta: CÁLCULOS DE DATAS PARA O FIM DO MUNDO

Base: Os textos respectivos do livro de Daniel.

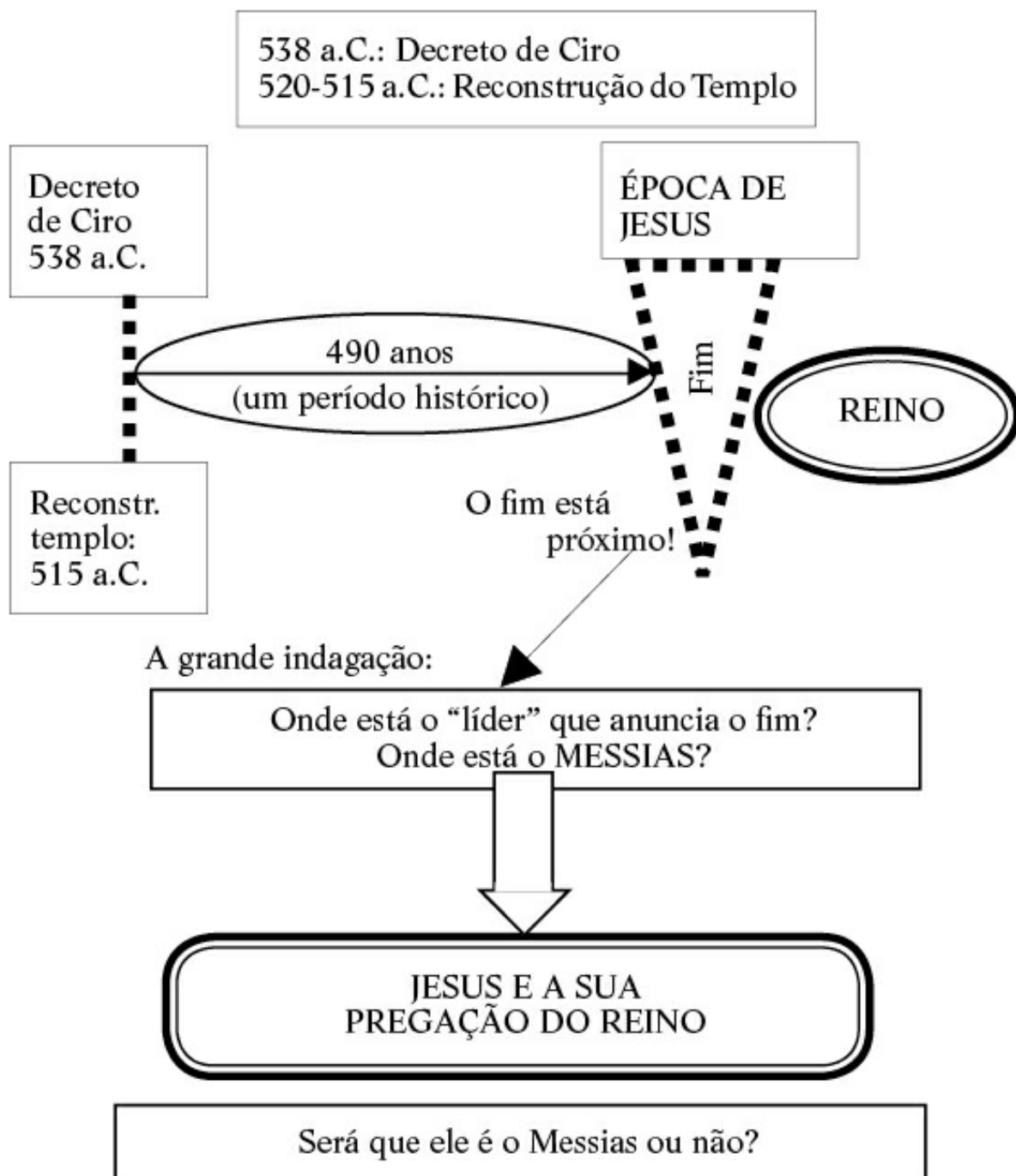
Tradições apocalípticas extrabíblicas.

Os cálculos milenaristas, para fixar uma data, na qual iria começar o Reino, alcançavam um significado específico na época de Jesus, porque no seu tempo haviam acabado os 490 anos estabelecidos no livro de Daniel.

Baseada no texto de Dn 9,25, a situação histórica se apresentava da seguinte maneira:

5.4. Cálculos sobre a data do fim do mundo, baseados no livro de Daniel

Fim do mundo = 70 semanas de anos = 490 anos após a declaração do decreto sobre a restauração de Jerusalém. (Dn 9,25)



6

JESUS E AS EXPECTATIVAS DO REINO NA SUA ÉPOCA

Mostramos nos esquemas dos capítulos anteriores como Jesus, com a sua mensagem do Reino de Deus, se tornou centro da discussão religiosa de sua época.

A questão do Reino preocupava os teólogos e o povo.¹³ Pregadores e visionários o

anunciavam e, além disso, havia pelo menos quatro teologias bem definidas e formuladas sobre como viria a ser esse Reino. Podemos chamar essas acentuações teológicas distintas pelas seguintes denominações:¹⁴

6.1 a expectativa apocalíptica

6.2 a expectativa legalista do templo

6.3 a expectativa política

6.4 a expectativa escatológica

6.1. A expectativa apocalíptica

Diante das falências históricas de Israel, a teologia apocalíptica mantém viva a esperança na fidelidade de Javé. Apesar de tudo — apesar da destruição do reino davídico, apesar do exílio, perseguição pelos selêucidas, ocupação pelos romanos — Deus é fiel! As falências históricas não podem ser a sua última palavra. Javé não deixará seu povo sucumbir. Ele o salvará.

O único caminho, porém, para salvar o povo perdido, para reverter a situação desesperada do mundo, é uma intervenção específica de Deus. Tal intervenção, no entanto, significa a destruição do mundo e da história atual. “A salvação por parte de Deus não é mais possível nesta história e neste mundo, como a esperança javista e profética a tinham esperado”.¹⁵ A salvação tem como precondição a destruição de tudo aquilo que era. Destruição do mundo, destruição da história, holocausto cósmico.

Salvação, na concepção apocalíptica, implica o fim deste “eon”, o fim desta história. A compreensão do grande juízo de Javé, proclamado pela teologia profética, está sendo ampliada. Não é mais o julgamento dos ímpios, mas a ruína do cosmo inteiro. Uma aniquilação da história como um todo. O mundo e a história em sua totalidade devem desaparecer. Só assim se abrirá espaço para um mundo novo, uma nova criação de Deus.¹⁶

É importante frisar que, apesar dessa perspectiva aparentemente negativa, também a teologia apocalíptica buscava manter a esperança “apesar de tudo”, numa situação desesperada.¹⁷ Também ela busca “reconstruir a consciência do povo”.¹⁸

Só que, na época de Jesus, tal tentativa estava cada vez mais ligada a um questionamento milenarista: Até quando a situação desesperada ainda permanecerá? Quando, enfim, essa época de tribulações passará? Quanto tempo ainda demorará, até o fim?

A resposta a essas indagações era a promessa de que o fim estaria próximo! Este “eon” estaria chegando ao seu fim. O messias que anunciaria o começo deste fim já estaria em algum lugar.

Como consequência de tal acentuada expectativa milenarista, o tempo da época de Jesus era visto como os “últimos tempos”. O fim do mundo estava próximo, na expectativa dos adeptos da corrente apocalíptica. Com isso estava próxima a última época de decisão e de conversão ante o fim iminente.

É nesse contexto de “esperança iminente” que se deve ver a pregação do Batista, e também o convite à conversão, formulado pelo próprio Jesus.

Em resumo, Jesus, com a sua mensagem do Reino de Deus, se viu confrontado

com a seguinte expectativa, formulada pela corrente apocalíptica de sua época:

Expectativa apocalíptica

- ♦ Transformação escatológica = FIM DO MUNDO
- ♦ Este fim é iminente
- ♦ Depois, surgirá algo totalmente novo: O REINO
- ♦ Este Reino é obra exclusiva de Deus. (4Esd 4,35; Dn 8,13; Ap 6,10)

Jesus não se encaixa nessas expectativas apocalípticas vigentes do REINO.

6.2. A expectativa legalista do templo

“Na literatura rabínica mais tardia, o Reino de Deus está intimamente relacionado com a Torá”.¹⁹

A misericórdia de Deus se restringe àqueles que a seguem fielmente.²⁰

O resultado de tal substituição do antigo sistema da dádiva é um legalismo acentuado, cujos representantes e defensores são as classes dominantes em torno do templo, os detentores do poder religioso e ideológico e, em última análise, a própria instituição religiosa. Ela se apóia na lei, que sustenta por sua vez o seu poder.²¹

É convicção básica de todos os representantes desse sistema casuístico e legalista que a realização do Reino de Deus dependeria, em primeiro lugar, da observância escrupulosa da lei. Seguir a lei é condição indispensável para que Deus reine. Por causa disso, quem não segue a lei impede a vinda do Reino. Quem não segue a lei se torna obstáculo a ele. Quem não segue a lei é excluído da salvação.

Encontramos aqui a base para o rigorismo legalista dos fariseus. É por causa desse legalismo que eles se tornaram intolerantes “diante dos pecados e dos pecadores do povo; porque são eles que impedem a vinda do Reino de Deus”.²² Pecador é aquele que não observa a lei. Esta lei culminava nos “três pontos considerados de máxima importância: a lei do sábado, da pureza ritual e do pagamento dos impostos”.²³

Expectativa legalista do templo

Observância escrupulosa da lei = Precondição para a vinda do Reino.
Quem não observa a lei, impede a vinda do Reino.

É em contraste com esse legalismo rigoroso do templo que devemos ver a pessoa e o agir de Jesus. Conforme toda a expectativa dos representantes da instituição religiosa da época, o messias, quando vier, deverá exigir necessariamente o seguimento escrupuloso da lei.

Jesus vem com a clara pretensão de ser o messias.²⁴ Mas, ele não prega o seguimento cego da lei. Pelo contrário! Em tantas e tantas ocasiões, ele mesmo não a observa. Em tantas e tantas ocasiões, ele a transgride.

“O sábado é para o homem e não o homem para o sábado” (Mc 2,27).

Uma lei religiosa não é de antemão vontade de Deus, só porque foi declarada lei religiosa. Uma lei, sustentada em nome de Deus pela instituição religiosa, pode ser usada para oprimir o povo. Uma lei que não serve à vida, é deslegitimizada, mesmo

quando formulada pela instituição religiosa.

Em nome desses princípios, Jesus não observa a lei do sábado, mas cura mesmo neste dia.²⁵

Ele despreza a lei da pureza, tocando em impuros e comendo com eles.²⁶

A sua atitude perante os impostos exigidos é mais que subversiva. A famosa frase dele “dai, pois, a César o que é de César, e a Deus, o que é de Deus” (Mc 12,13-17), usa o próprio rigorismo dos representantes do legalismo para demonstrar a falsidade deles. Porque se se deve dar a Deus o que é de Deus, então não se pode escravizar o povo, porque o povo é de Deus. Não se pode tolerar a ocupação da terra por um invasor romano, porque a terra é de Deus. Não se pode ceder os frutos da terra aos romanos, provocando a fome do povo, porque esses frutos são de Deus.

Mas, a instituição religiosa não interpretava dessa forma. Para ela, quem transgride a lei não pode ser o messias.²⁷ Quem transgride a lei, torna-se obstáculo à vinda do Reino. E Jesus transgride a lei.²⁸

Ele não pode ser o messias. Ele se torna obstáculo à vinda do Reino.

Era essa a atitude de todos os representantes da corrente legalista, inclusive da instituição religiosa oficial, o Templo.

Jesus não se encaixa nas expectativas do REINO formuladas pela instituição religiosa oficial de sua época.

6.3. A expectativa política

Diante das falências históricas de Israel — destruição do reino davídico, exílio, perseguição na época dos macabeus, ocupação romana — a esperança na fidelidade de Deus deve ser mantida. Essas falências não podem ser a situação final. Deus não deixará o seu povo sucumbir, salvá-lo-á. Tal salvação se realizará por um enviado especial, um messias. Ele realizará a esperança, libertando o povo da ocupação romana e restituindo um Reino de Deus.²⁹

A convicção nesta libertação messiânica, apesar de não ser dominante, estava presente também na época de Jesus. Vestígios de tais aspirações até entraram nos textos dos Sinóticos. Mencionamos como exemplo Jo 6,14-15.³⁰

Nos textos de Qumrã, fica evidente a expectativa de um messias, do qual se esperava “que resgatasse Israel da dominação de governantes estrangeiros e mesmo que obtivesse vitória sobre as nações”.³¹

Os representantes mais acentuados de tal expectativa político-escatológica eram os essênios e os zelotas. Estes últimos, diz E. Hoornaert, “cultivavam a idéia de uma ‘guerra santa’ contra o poderio romano”.³²

De maneira mais ou menos explícita, a mesma idéia encontrava-se também em vários outros movimentos de libertação messiânica. O grande obstáculo para a realização do Reino era a ocupação pelos poderes estrangeiros. A restauração do Reino tem conseqüentemente caráter primordialmente político, incluindo, caso necessário, até atos terroristas ou revolta armada.

Expectativa política:

|_____|

Jesus não se encaixa nas expectativas do REINO formuladas pelos grupos político-revolucionários de sua época

6.4. A expectativa escatológica (profética)

A expectativa de um messias encontra-se também no centro da quarta grande corrente religiosa que marcou a época de Jesus: a corrente escatológico-profética.

Deus não deixará o seu povo nessa situação desastrosa. Enviará um Messias, com o qual Javé realizará o seu Reino. A ação escatológica por excelência será a abolição de toda guerra e o restabelecimento de um reino da paz.³³ “Desta forma, o reinado universal de Javé, estando em vigor de forma escondida desde a criação, tornar-se-á realidade histórica-empírica a partir de Israel”.³⁴

Ligadas a essa visão messiânico-escatológica, encontramos nos vários movimentos proféticos duas características fundamentais:

A salvação messiânica se realizará depois de um julgamento sobre os ímpios

“Desde Elias e Amós”, dizem os autores da obra *Bandidos, Profetas e Messias*, “os profetas populares haviam anunciado o castigo iminente de Deus...”³⁵ Tal anúncio encontramos também na época de Jesus. Ele se encontra no centro da pregação de João Batista.³⁶

O que, no entanto, realmente importava nessas mensagens de tradição profética, não é tanto o juízo. É muito mais a esperança de que depois. Deus estabelecerá uma nova história de justiça e de paz, dentro das circunscrições históricas e concretas do mundo. Quem liderará esta nova história será o enviado de Javé, o messias.

Esse messias, porém, está sendo visto cada vez menos como rei poderoso. A sua descrição mudou no decorrer dos séculos, aproximando-se sempre mais da imagem do Servo, do humilde. O cume deste processo, encontramos em Zc 9,9, onde o messias está descrito como sendo um pobre que vem “montado num jumento”.³⁷

“Eis que o teu rei vem a ti: ele é justo e vitorioso, humilde, montado sobre um jumento”.

Não nos parece errado identificar este texto com a cena da entrada messiânica de Jesus em Jerusalém (Jo 12,12-16 ; Mt 21,1-11). Assumindo aquilo que foi dito pelo profeta Zacarias, Jesus confirma mais uma vez a sua messianidade.

A figura do messias esperado perde progressivamente o seu caráter de poderoso, e se aproxima da imagem do humilde, do servo, do pobre.

É exatamente nesse contexto que devemos situar a atuação e a pregação de Jesus. Ele, pelo menos em parte, se encaixa nas expectativas escatológico-proféticas de sua época³⁸ (p. ex., Is 2,4; 25,8; 65,17), apesar de constataremos nele também enfoques que o distinguem dessas expectativas.

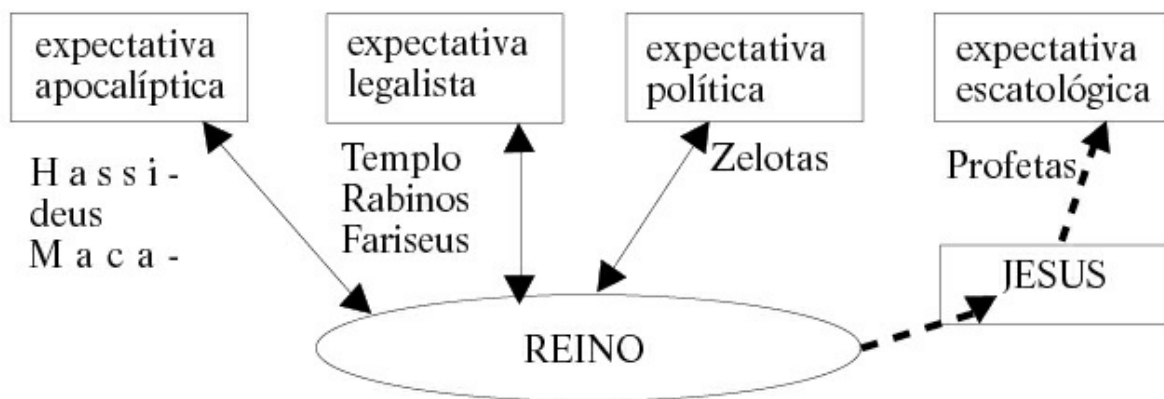
Expectativa escatológico-profética

- ♦ O Reino (de paz e justiça) vem depois do JULGAMENTO SOBRE OS ÍMPIOS E INFIÉIS (Is 61,2...)
- ♦ Acentuação da expectativa de um MESSIAS.
- ♦ Este MESSIAS perde progressivamente as características de “poderoso”, e se aproxima da imagem do humilde, do servo, do pobre.

Jesus, em parte, deixa-se identificar com as expectativas profético-escatológicas de sua época.

O seu chamado à conversão se dirige também às expectativas falsas daquilo que é Reino de Deus.
Convertam-se! Mudem de concepção!
Compreendam que Reino de Deus não é assim, como vocês imaginavam!

6.5. A concepção do Reino, formulada por Jesus, contradiz em grande parte as expectativas reinantes na sua época



Por causa disso:

A pregação do Reino está ligada a uma dupla
CONVERSÃO:

“O Reino de Deus está próximo – CONVERTAM-SE!”
(Mc 1,14-15) (121 vezes nos Sinóticos)

dimensão
individual

mudar de
atitude pessoal

dimensão
estrutural!

mudar de
concepção do Reino

EM JESUS, A CONCEPÇÃO DE REINO TRAZ
UM NOVO TIPO DE ESPERANÇA.

ELEMENTOS DISTINTIVOS NA CONCEPÇÃO JESUÂNICA DO REINO DE DEUS

Toda a pregação e atuação de Jesus devem, de antemão, ser vistas no contexto religioso e sociocultural, marcado pelas quatro expectativas esboçadas no capítulo anterior.

Jesus se move numa sociedade marcada pelas discussões e reflexões sobre o Reino de Deus. Sociedade impregnada pela espera ansiosa da vinda iminente desse Reino.

A questão era como viria, e na resposta a essa indagação predominavam as concepções formuladas pelas correntes apocalípticas.

Analizando a pregação de Jesus sobre o Reino de Deus, podemos previamente afirmar que Jesus aproveitou desse clima apocalíptico e dos conceitos já presentes do Reino.³⁹

Mas, ao mesmo tempo, devemos constatar como fato que a sua própria mensagem sobre o Reino não se identifica com nenhuma das quatro expectativas existentes na sua época. A concepção de Jesus é original. Ela ultrapassa em muitos elementos as expectativas anteriores, e em muitos as corrige.⁴⁰

A concepção do Reino, formulada por Jesus, é original.
Ela não se deixa identificar com nenhuma das quatro expectativas já presentes na sua época.

Para sintetizar o específico da mensagem de Jesus sobre o Reino, devemos num primeiro momento definir de maneira acentuada os elementos distintivos dele. Chegamos assim a uma primeira comparação com as expectativas vigentes na sua época. Comparação que mostra o que o Reino de Deus não é.

NA CONCEPÇÃO DE JESUS, O QUE O REINO DE DEUS NÃO É:

♦ CONTRA A EXPECTATIVA APOCALÍPTICA

O REINO DE DEUS NÃO COMEÇA DEPOIS
DO FIM DESTE MUNDO
O REINO DE DEUS JÁ COMEÇOU!

Lc 17,21: O Reino de Deus está no meio de vós...

Lc 11,20: Se expulso os demônios... é que chegou certamente
o Reino de Deus até vós.

♦ CONTRA A EXPECTATIVA LEGALISTA

O REINO DE DEUS NÃO SE CONQUISTA PELA OBSERVÂNCIA ESCRUPULOSA DA LEI.
O REINO IRROMPE COMO DOM E GRAÇA
DE DEUS.

Mt 19,14: Deixai vir a mim as criancinhas... porque delas
é o Reino de Deus.

Lc 6,20: Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.

Mt 9,13: Misericórdia quero, e não o sacrifício.

♦ CONTRA A EXPECTATIVA POLÍTICA

JESUS NÃO É MESSIAS POLÍTICO.

Jo 6,16: Jesus, percebendo que pretendiam levá-lo para fazê-lo rei, retirou-se outra vez, sozinho, para o monte.

♦ CONTRA A EXPECTATIVA PROFÉTICA

JESUS ELIMINA A AMEAÇA DO “DIA DE JAVÉ”, VISTO COMO DIA DE JUÍZO TERRÍVEL.

Is 61,1-4, comparado com Lc 4,18-19: A proclamação programática de Jesus elimina a menção do “dia da vingança de Javé” em Isaías.

8

A ORIGINALIDADE ESPECÍFICA DA CONCEPÇÃO DO REINO, DE ACORDO COM JESUS

8.1. No agir de Jesus se revela aquilo que é Reino de Deus

O agir de Jesus e a sua concepção do Reino de Deus questionam as concepções defendidas pelas instituições estabelecidas de sua época. Mas não só isso. Muitas vezes Jesus até as rejeita.

Com inquietante firmeza, Jesus situa o Reino no meio da história concreta. Isso, em si, ainda não é novidade. Mas, com a autoridade daquele que fala em nome de Deus, declara que os primeiros destinatários deste Reino não são os seguidores de leis e doutrinas, mas os pobres. Aqueles que, na sua época, eram rejeitados exatamente por aquelas leis que a instituição religiosa dizia que eram a condição para o Reino chegar. Contra elas e contra todos os legalistas do templo, Jesus formula a sua verdade escandalosa, que é a verdade de Deus sobre o seu Reino:

“Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6,20).

Verdade declarada contra todas as convenções sociais e religiosas de sua época e do templo. Declarada com a autoridade daquele que fala em nome de Deus. Verdadeiro homem e verdadeiro Deus. “Ele ensina como alguém que tem autoridade...” (Mt 7,29), dizia o povo, e nisso tinha razão. Ele falava com a autoridade de Deus.

Baseado nessa autoridade, Jesus liga de novo a sua concepção do Reino com a

escatologia dos profetas. Mas, com a mesma autoridade, muda de maneira soberana também elementos significativos da concepção deles.⁴¹ Na sua mensagem e no seu agir se destaca passo a passo aquilo que aos olhos do próprio Deus significa Reino de Deus.

Esta informação, porém, a exemplo de toda a revelação divina, não está sendo dada através de conceitos abstratos e noções intelectuais. Aquilo que Deus propõe, quando fala de seu Reino, se revela através de ações concretas e experiências históricas. Estas ações são ações de Jesus, e no agir de Jesus encontramos o agir de Deus no entanto, em todo lugar, onde Deus age, acontece o Reino de Deus. Esta verdade fundamental foi expressa de maneira muito clara por Jon Sobrino: “Deus”, diz ele, “se dá a conhecer não diretamente em si mesmo, mas através de uma situação... Deus se traduz por Deus reina, age”.⁴²

Aceitando essa visão, e acreditando ao mesmo tempo que o agir de Jesus se iguala ao agir de Deus, podemos conseqüentemente formular a seguinte equação fundamental:

JESUS É VERDADEIRO HOMEM E VERDADEIRO DEUS.
ALI, ONDE JESUS AGE, DEUS AGE.
ALI, ONDE DEUS AGE, ACONTECE O REINO DE DEUS!
NO AGIR DE JESUS ACONTECE REINO DE DEUS

A revelação daquilo que Deus propõe, quando fala do Reino de Deus, não se faz de maneira abstrata e teórica. Em toda a sua história com os homens, Deus nunca se revelou por teorias e conceitos, mas através de experiências concretas. Este mesmo paradigma vale também para a revelação sobre o Reino de Deus. Aquilo que é Reino de Deus se revela a partir do agir de Jesus, porque este Jesus é Deus.

O REINO DE DEUS SE CONHECE A PARTIR
DO AGIR CONCRETO DE JESUS

“Se expulso os demônios pelo dedo de Deus, é que sem dúvida nenhuma o Reino de Deus chegou até vós” (Lc 11,20).

Se queremos saber quais as características fundamentais do Reino de Deus aos olhos do próprio Deus, devemos analisar o agir de Jesus. Na sua atuação, elas aparecem. Nas suas ações, elas transparecem. Na prática concreta dele, Deus as revela.

8.2. A característica estrutural de todo agir de Jesus é este: transformar situações de morte em situações de vida

Sintetizando os paradigmas estruturais do agir de Jesus, descobrimos logo que no agir dele podemos distinguir quatro níveis específicos de ação:

Os quatro níveis do agir de Jesus:

1. JESUS CURA DOENTES.
2. JESUS PERDOA PECADOS.
3. JESUS ACEITA OS EXCLUÍDOS.
4. JESUS REVITALIZA MORTOS.

A todos esses quatro níveis do agir de Jesus, é comum a mesma característica. Situações de menos vida são transformadas em situações de mais vida. Situações de morte são transformadas em situações de vida. Esta morte pode ser uma morte em nível biológico, psíquico, social ou religioso, o paradigma fica o mesmo.

- ♦ Ficar doente, cego ou leproso significava para a época de Jesus exclusão da vida social e religiosa. Doenças, sobretudo cegueira ou lepra, são estigmas religioso-sociais que excluem. Exclusão, porém, corresponde a uma morte social.

Curando tais enfermos, Jesus reintegra os doentes na sociedade, ampliando o seu espaço de vida.

- ♦ Ser pecador significava uma morte religiosa antes da morte biológica. Os pecadores são os malditos de Deus. E quem está sendo declarado maldito de Deus pela instituição religiosa, se torna um morto.⁴³ Perdoando os pecadores, Jesus abre novo espaço de vida para eles. Espaço de vida na sociedade e espaço de vida perante Deus.
- ♦ Ser pobre, na sociedade de Jesus, era o estigma da rejeição por parte de Deus, e além disso a razão de todo tipo de exclusão. Optando pelos pobres e excluídos, Jesus mostra que Deus não os abandonou, mas que eles, pelo contrário, estão dentro de sua atenção especial. Isso, porém, significa vida.
- ♦ Revitalizando mortos, Jesus prova diante de todos que ele é Senhor também da morte, o Deus da vida, que veio “para que tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Descobrimos em todas estas ações de Jesus o mesmo elemento comum: De situações de menos vida se passa para situações de mais vida. De situações de opressão, se passa para situações de libertação. Quando isso é assim, e quando no agir deste Jesus se revela de fato aquilo que é Reino de Deus, então detectamos nestas características estruturais de sua prática, uma das mais bem fundamentadas características do Reino: Quando Reino de Deus acontece, situações de opressão estão sendo superadas. Quando Reino de Deus acontece, situações de menos vida estão sendo transformadas em situações de mais vida.

Quando Reino de Deus acontece, situações de opressão estão sendo superadas. Quando Reino de Deus acontece, situações de menos vida estão sendo transformadas em situações de mais vida.
--

Baseados na práxis de Jesus, podemos assim concluir que o Reino de Deus se realiza em toda e qualquer ação, em que se superam situações de morte. Podem ser situações de morte biológica, social, política, econômica ou religiosa. Toda opressão é de alguma maneira uma situação de morte. Deus, porém, quer a vida. Quando ele reina, não pode haver morte. Quando Deus reina, só há vida. Alterar situações de menos vida em situações de mais vida é o caminho para realizar o Reino de Deus. Eis a característica básica que se destaca pela análise estrutural do agir de Jesus. Agir no qual, como já demonstramos, se realiza o Reino de Deus.

Em todos os quatro níveis estruturais do agir de Jesus SE TRANSFORMAM SITUAÇÕES DE MORTE EM SITUAÇÕES DE VIDA!
--

Conclusão:

CONSTRUÇÃO DO REINO SIGNIFICA TRANSFORMAÇÃO DE TODAS AS SITUAÇÕES DE MORTE EM SITUAÇÕES DE VIDA!

8.3. Jesus convida a imitar o seu próprio agir

Reino de Deus não acontece só no agir do próprio Jesus. Reino de Deus acontece sempre que homens e mulheres agem da maneira como Jesus agiu. Seguindo o exemplo dele, realizam no seu atuar sinais da presença do Reino.

Eis o último significado do grande chamado de Jesus: “Vem e segue-me!” (Mc 1,17; 2,14; 10,21). Seguir a ele significa, neste contexto, fazer o mesmo que ele fez.

Jesus convida os seus seguidores, para que eles e elas sigam o mesmo rumo dele. Isso porém significa que agem de tal maneira que nos seus atos transparece aquilo que é o Reino de Deus. Não é só Jesus que na sua prática torna realidade o Reino. Ele chama os seus seguidores a fazer o mesmo.

Jesus chama os seus seguidores a fazer o mesmo que ele fez, isto é: AGIR DE TAL MANEIRA QUE, NO SEU AGIR, O REINO DE DEUS SE TORNE REALIDADE CONCRETA E VISÍVEL.

Conforme o exemplo de Jesus, somos chamados a realizar em nosso agir valores do Reino de Deus. É essa a única conclusão possível, quando queremos tomar a sério o chamado ao seguimento, formulado por ele mesmo.

Seguir a Jesus significa agir da mesma maneira como Jesus agiu!

As ações dele, no entanto, não se situavam no campo espiritual e abstrato. Eram ações muito concretas, entrelaçadas com a situação pessoal, sociocultural, religiosa e política das pessoas. Eram atividades, cuja última conseqüência sempre culminava nisto: GERAR MAIS VIDA; SUPERAR OPRESSÕES; ABRIR NOVOS HORIZONTES.

Ser cristão significa exatamente o mesmo. Agir assim, como Jesus agiu!

O REINO DE DEUS COMO JESUS O EXEMPLIFICA:
♦ SUPERAR TODAS AS OPRESSÕES
♦ COMEÇAR NO AGIR CONCRETO
♦ ABRIR NOVOS HORIZONTES DE VIDA

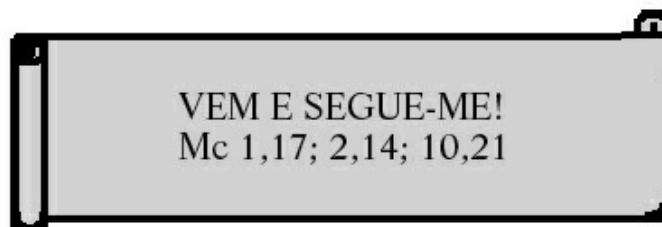
A consciência da dimensão concreta do Reino de Deus se perdeu no decorrer da história. Muitos cristãos esqueceram o significado histórico daquilo que é o Reino, e todos aqueles que não eram interessados numa transformação de situações de injustiça, de exploração e de poder, sustentavam com toda a força as interpretações espiritualizantes do Reino.⁴⁴ Um Reino espiritual não os incomodava. Um Reino de Deus, porém, enraizado na vivência concreta da sociedade teria questionado os seus pseudovalores ou os teria mostrado como falsos.

Perante essa situação, é tarefa urgente da escatologia atual redescobrir o exemplo

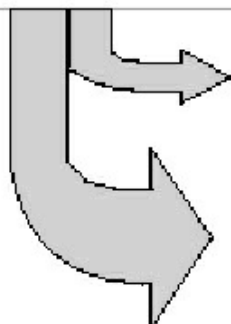
do próprio Jesus. É tarefa urgente de todo discurso escatológico, que não quer ser alienante, conscientizar sobre a vocação escandalosamente prática e direta do cristão.

Vocação que hoje também está ameaçada de se esvaziar.

Vocação que no fundo se resume numa única expressão:

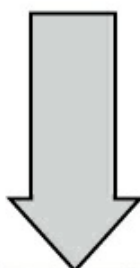


Seguir Jesus significa que JESUS CONVIDA PARA IMITAR O SEU PRÓPRIO AGIR!

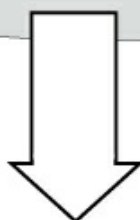


Reino de Deus não acontece só no agir de Jesus!

REINO DE DEUS ACONTECE TAMBÉM QUANDO HOMENS E MULHERES AGEM ASSIM, COMO JESUS AGIU!



Seguir a Jesus =
Trabalhar para que o Reino de Deus
comece já, aqui e agora.



OS PARÂMETROS PARA ESSE TRABALHO SÓ PODEM SER O AGIR E AS OPÇÕES DO PRÓPRIO JESUS!

As quatro opções fundamentais de Jesus

- OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES
- OPÇÃO PELA PESSOA HUMANA E CONTRA O LEGALISMO
- OPÇÃO PELA MISERICÓRDIA
- OPÇÃO PELO SERVIÇO E CONTRA O PODER

8.4. No agir de Jesus se tornam realidade as antigas profecias sobre o Reino de Deus

No agir de Jesus se realiza aquilo que Isaías tinha profetizado sobre o início do reinado de Deus. Quando este reinado começar, acontecerá aquilo que o profeta formulou em textos como Is 26,19; 29,18-19; 35,4-6; 61,1-4.

Is 26,19: “Nesse dia... os vossos mortos reviverão, os seus cadáveres ressuscitarão, despertarão jubilosos os que jazem no sepulcro”.

Is 29,18-19: “Nesse dia, os surdos ouvirão as palavras do livro; e livres de obscuridade e de trevas, os olhos dos cegos verão.

Os oprimidos voltarão a alegrar-se no Senhor e os pobres exultarão no Santo de Israel”.

Is 35,4-6: “Tomai ânimo, não temais. Olhai, o vosso Deus aproximou-se, vem executar a vingança; é chegada a retribuição de Deus, vem em pessoa salvar-nos. Então se abrirão os olhos do cego, e se desimpedirão os ouvidos do surdo, o coxo saltará como um veado, e a língua do mudo dará gritos de alegria”.

(cf. Mt 11,5; At 3,8)

Is 61,1-5: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu. Enviou-me a levar a boa nova aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos, e pôr em liberdade os prisioneiros; para promulgar o ano da graça de Javé, o dia da vingança do nosso Deus...”

Quando nós analisamos o agir de Jesus, constatamos que na práxis dele acontece palavra por palavra aquilo que Isaías tinha profetizado como sinal do início do reinado de Deus.

Os textos do profeta se tornam assim a grande confirmação da messianidade de Jesus. A comprovação de que, com ele, o reinado anunciado se tornou de fato realidade.

Não é por acaso que o próprio Jesus, indagado sobre a questão se era o Messias (Mt 11,2-5), recorre na sua resposta exatamente a esses textos.⁴⁵ A confirmação de sua messianidade, assim como a prova do início verdadeiro do reinado de Deus na terra, não se dá por palavras, mas com referência aos atos realizados.

Se Isaías, nas suas profecias, prediz que os sinais do início do reinado de Deus são estes, se no agir de Jesus tais sinais de fato acontecem, então — eis a conclusão — vocês têm a prova de que o Reino de Deus chegou de verdade (Mc 1,5; 9,1; Lc 10,9-10; 10,27; 17,21).

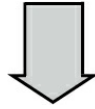
Podemos observar o mesmo procedimento também quando Jesus formula o seu programa na sinagoga de Nazaré (Lc 4,18-19). Mais uma vez, recorre às palavras de Isaías para mostrar que no seu próprio agir está acontecendo aquilo que o profeta tinha dito. A práxis se torna a prova disto que Jesus diz:

O REINO DE DEUS COMEÇOU!

NO AGIR DE JESUS SE TORNAM REALIDADE AS ANTIGAS PROFECIAS SOBRE O REINO DE DEUS!

→ cf.: Pergunta dos discípulos de João: “Você é o Messias?” (Mt 11,2-5)

→ cf.: Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4,18-19)



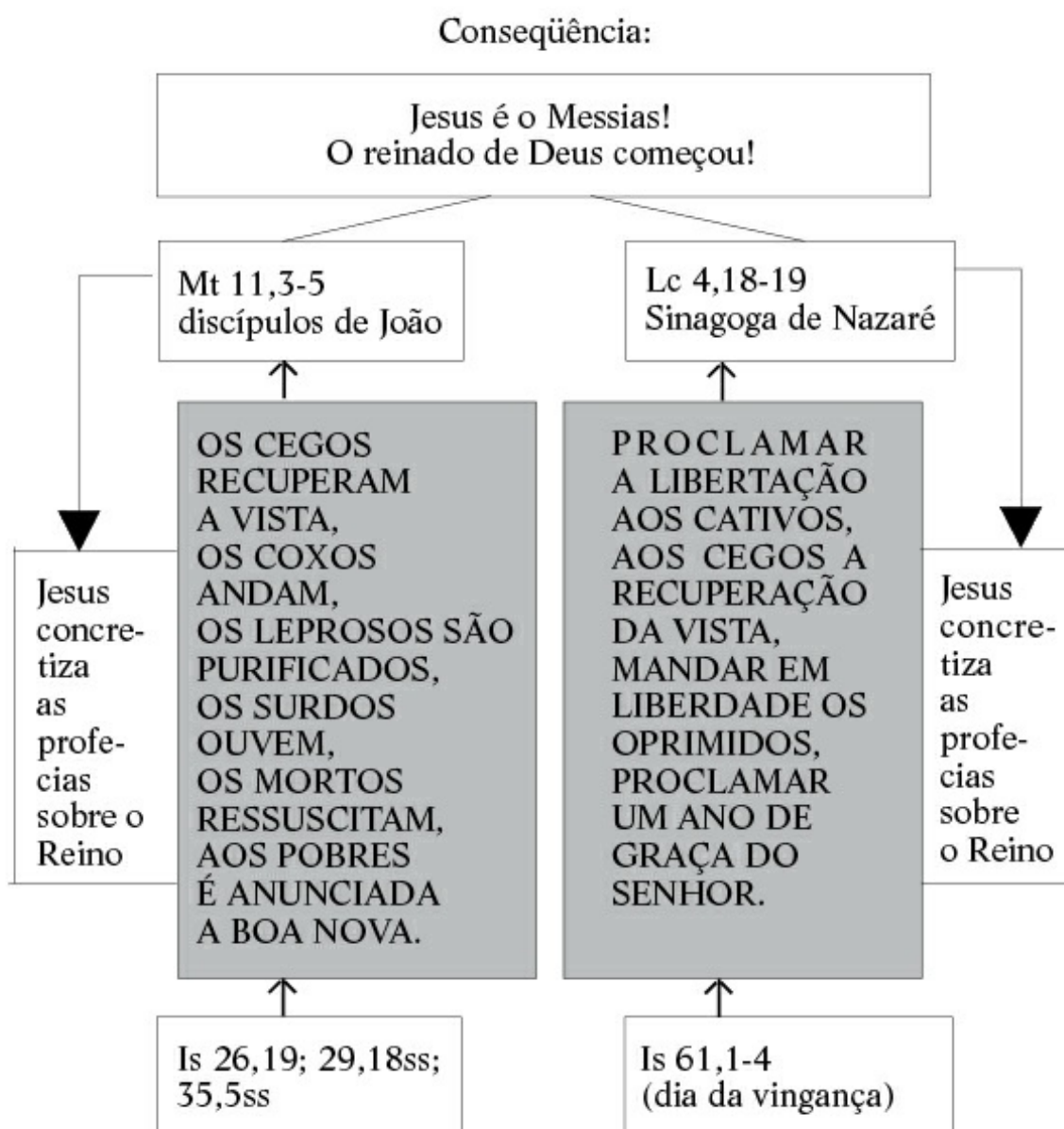
Jesus recorre aos textos messiânicos de ISAÍAS. (anuncia os “sinais do Reino”)

Isaías profetizou sobre como
será, quando Deus reinar.



Com Jesus, estas profecias se
tornam realidade!





8.5. No seu agir, Jesus vai além daquilo que foi anunciado nas profecias citadas

a) *Jesus declara um ano jubilar*

Nas profecias citadas não se menciona “o ano da graça do Senhor”. Não se fala da grande instituição do “ano jubilar”,⁴⁶ mencionado claramente por Jesus na sua proclamação programática em Lc 4,18-19.

Jesus, porém, o inclui no seu programa do Reino de Deus, formulando assim de fato uma “boa nova aos pobres”. Boa nova porque, conforme podemos ler em Dt 15 e Lv 25, o ano jubilar significava na sua essência o seguinte:⁴⁷

- ◆ Perdão de todas as dívidas
- ◆ Libertação dos escravos
- ◆ Devolução da terra ao seu primeiro proprietário

Já antes da época de Jesus, e até hoje, constatamos todo tipo de tentativas para espiritualizar essas exigências de Deus. De fazer delas uma cerimônia cültica ou um

símbolo religioso.

O agir de Jesus não justifica nenhuma dessas tentativas de fuga no figurativo. A sua mensagem é clara e direta. “Eu vim para proclamar uma ano de jubileu”, “um ano da graça do Senhor”. Boa nova para todos os marginalizados, mas péssima nova para todos aqueles que querem eternizar as estruturas de distribuição desigual. No tempo de Jesus assim como hoje. Todos eles sempre tentaram interpretar essas palavras de maneira espiritual e religiosa, porque assim elas perdem o seu caráter provocador.

Tal manobra não interessa a Jesus, e por causa disso ele “escandalizará as elites”,⁴⁸ na sua época e nos dias atuais; as elites políticas, sociais, econômicas e até religiosas.⁴⁹ Jesus, em todo o seu agir, orienta-se numa clara opção preferencial pelos pobres. “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6,20).

b) Jesus cura leprosos, paradigmas daquilo que significa exclusão

Além da clara acentuação da “opção preferencial pelos pobres”, a concepção do Reino em Jesus supera ainda em outro aspecto as profecias de Isaías. O profeta não menciona a cura de leprosos. Para a ideologia religioso-social da época de Jesus, a lepra significava o sinal claro de maldição divina. O leproso é impuro e excluído de toda comunhão com os homens e com Deus.

Jesus não compartilha tal discriminação. Quando Deus reina, ninguém é excluído. E por causa disso, Jesus cura os leprosos. Sinal visível da chegada do Reino de Deus. Curando leprosos, Jesus desmascara essa suposição como falsa. Quando Deus reina, ninguém é excluído!

c) Jesus expulsa demônios

Isaías, nas suas proclamações, tampouco fala da expulsão de demônios. Jesus também neste campo ultrapassa as profecias. No seu agir, cura até aquelas doenças que na época foram interpretadas como possessão demoníaca. Quando Deus reina, nenhum poder do mal vai permanecer. Quando o Reino de Deus acontece, todo mal está sendo superado e todo medo diante de qualquer tipo de personificação do mal pode ser esquecido. Deus é mais forte que qualquer poder do mal!⁵⁰

No seu agir, Jesus ultrapassa as expectativas de Isaías

QUANDO DEUS REINA:

- ♦ SUPERAM-SE TODAS AS DESIGUALDADES SOCIAIS QUE EXCLUEM (UM ANO DE GRAÇA)
- ♦ CURAM-SE TODAS AS DOENÇAS QUE EXCLUEM (CURA DE LEPROSOS)
- ♦ VENCEM-SE TODAS AS FORÇAS DO MAL QUE EXCLUEM (CURA DE DOENÇAS, INTERPRETADAS COMO POSSES-SÃO DEMONÍACO)

8.6. No seu agir, Jesus elimina as ameaças das antigas profecias

Na proclamação daquilo que significa início do Reino de Deus, Jesus não só ultrapassa em vários elementos as expectativas formuladas por Isaías. Em outros aspectos, com a mesma atitude soberana, elimina palavras do profeta.

Fazia parte da proclamação profética a expectativa de um grande dia de julgamento por ocasião do início do reinado de Deus. Este julgamento era chamado

também “o dia de Javé”. O dia em que Deus julgaria os ímpios. O dia em que Javé aniquilaria os seus inimigos com ação terrível e poderosa. O dia de sua vingança, que produziria o terror de todos aqueles que não seguiam os seus mandamentos.

Esse dia está sendo esperado em toda a tradição profética, e as suas descrições se tornam cada vez mais aterradoras. Aquilo que no início era descrição da vitória de Javé sobre os inimigos de Israel, com o tempo alcançou o significado de um tribunal cósmico terrível. O seu efeito era o medo, e as suas consequências as tentativas de fugir daquele dia e a busca de caminhos para nele não sucumbir.

Jesus, nem na sua proclamação programática nem na sua declaração messiânica perante os discípulos de João, faz menção de um dia da vingança de Javé.

Ele cita palavra por palavra o texto de Isaías, e até acrescenta elementos, mas, de outro lado, deixa de lado a segunda parte do versículo Is 61,4, onde o profeta fala daquele dia. Jesus não o menciona. Para Jesus, o reinado de Deus não começa com um dia da vingança de Deus.⁵¹ Não começa com ameaça que gera temor. Para Jesus, o Reino de Deus irrompe como graça de Deus, como Boa Nova que elimina todo terror.

NA SUA PROCLAMAÇÃO PROGRAMÁTICA, TIRADA DE ISAÍAS 61,1-4, JESUS ELIMINA A PARTE DO VERSÍCULO QUE FALA DE UM DIA DA VINGANÇA DE JAVÉ.

8.7. O agir de Jesus dá ênfase muito especial à opção preferencial pelos pobres

No agir de Jesus e na sua atuação do Reino de Deus, descobrimos como destaque especial a sua opção preferencial pelos pobres. Tal opção não é novidade nenhuma dentro da tradição bíblica. O próprio Javé, nos textos do AT, aparece sempre de novo como o “go’el”, o defensor daqueles que não têm defensor.⁵² O mesmo encontramos em Jesus. Quando Deus reina, não pode haver nem excluídos nem oprimidos nem pobres.

“Em seu ministério”, diz Martin Volkmann, “Jesus se dirige primordialmente à população oprimida: ele veio para proclamar libertação aos oprimidos (Lc 4,18); escolhe seus discípulos mais próximos entre trabalhadores simples (pescadores – Mc 1,16-20; coletor de impostos – Mc 2,14); sente-se enviado para os doentes, marginalizados, oprimidos (Mc 2,17; Mt 11,28; Lc 6, 20-26). Em suma: seu ministério se destina primordialmente aos “pobres da terra... Com isso ele rompe os padrões estabelecidos entre as elites da época”.⁵³

Quando Deus reina, superam-se as distinções sociais e os seus mecanismos de exclusão. Eis mais uma das grandes verdades, transmitidas pelo agir de Jesus. Verdades, aliás, que tinham tal impacto social e político, que devemos ver aqui a razão central de sua condenação por parte das elites sociais e religiosas. “A divisão que a mensagem de Jesus vem trazer (Mt 10,34 e par.) deve-se a que os valores representados pelo Reino atacam os interesses contrários daqueles que estavam instalados na sociedade de Israel”.⁵⁴ E não só de Israel, devemos acrescentar, mas também de hoje.

OS POBRES QUE JESUS ACOLHE

- ♦ Trabalhadores, camponeses, pescadores, pastores (Lc 2,8-20; Mc 1,14)
- ♦ Leprosos (Mt 8,1-3)
- ♦ Cegos (Mt 9,27-30; 20,29-34)
- ♦ Doentes em geral (Mt 4,23-25; 8,16-17; 9,35; 15,29-32)
- ♦ Abandonados pelas autoridades (Mt 9,36; 15,29-32)
- ♦ Mendigos (Lc 16,19-31)
- ♦ Pecadores públicos (Mt 9,10-13; 11,18-19; Lc 10,29-37)
- ♦ Pagãos (desprezados pelos judeus) (Mt 8,5-11; 15,21ss)

CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DO REINO DE DEUS conforme Jesus (o que acontece quando Deus reina)

A)

- ♦ OS HOMENS ESTÃO SALVOS. — DEUS ESTÁ PERTO.
- ♦ TODAS AS SITUAÇÕES DE OPRESSÃO SUPERADAS. (FRATERNIDADE EM VEZ DE OPRESSÃO)
- ♦ A MORTE PERDE O SEU PODER. (HÁ VIDA EM PLENITUDE!)
- ♦ OS PEQUENOS, POBRES E EXCLUÍDOS OU VEM A BOA NOVA DE QUE DEUS ESTÁ DO LADO DELES.
- ♦ TODAS AS DEPENDÊNCIAS QUE OPRIMEM SERÃO SUPERADAS.

B)

- ♦ NA ATUAÇÃO DE JESUS SE REALIZAM AS ANTIGAS IMAGENS DE ESPERANÇA, FORMULADAS PELOS PROFETAS.
- (Cf. Is 26,19; 29,18; 35,4ss; 58,6; 61,1ss.)

C)

- ♦ AS EXPECTATIVAS PROFÉTICAS SÃO ATÉ ULTRAPASSADAS.
- PROCLAMAÇÃO DE UM ANO DE GRAÇA
- CURA DE LEPROSOS
- EXPULSÃO DE DEMÔNIOS

- ♦ DO OUTRO LADO, PORÉM, É ELIMINADA A PUNIÇÃO DOS ÍMPIOS E A AMEAÇA DE UM DIA DE VINGANÇA DE JAVÉ.
- (Cf. a diferença na declaração de Jesus em Lc 4,18-19, e no texto base de Is 61,1-4. — O texto de Lucas é citação textual de Isaías, mês sem mencionar “o dia da vingança”, próprio do texto de Isaías.)

O REINO É TRANSFORMAÇÃO DE SITUAÇÃO MÁ, DE SITUAÇÃO DE
OPRESSÃO...
A AÇÃO DE DEUS SÓ PODE SER CONCEBIDA COMO SUPERAÇÃO DE
SITUAÇÃO NEGATIVA.⁵⁵

9

QUANDO CHEGA O REINO DE DEUS? O CARÁTER “ESCATOLÓGICO” E “HISTÓRICO” DO REINO

Jesus se apresenta na sua mensagem o no seu agir como profeta.⁵⁶ Conforme as palavras de Juan Luis Segundo, ele até “se apresentou como o profeta da alegria”.⁵⁷ O grande tema desse profeta, o seu programa e o centro de sua mensagem é O REINO DE DEUS. Este Reino, no entanto, não está sendo proclamado como algo que vai acontecer num futuro muito longe ainda. Jesus tampouco o apresenta como realidade espiritual e fora do mundo.

Toda a sua atuação faz perceber que o Reino está iminente, próximo. “Um governo, em que Deus finalmente faz sua vontade na terra, vem para estabelecer-se”.⁵⁸

A grande questão que se põe ante este anúncio é aquela que os próprios seguidores de Jesus formularam em tantas ocasiões: QUANDO ESTE REINO VAI COMEÇAR?

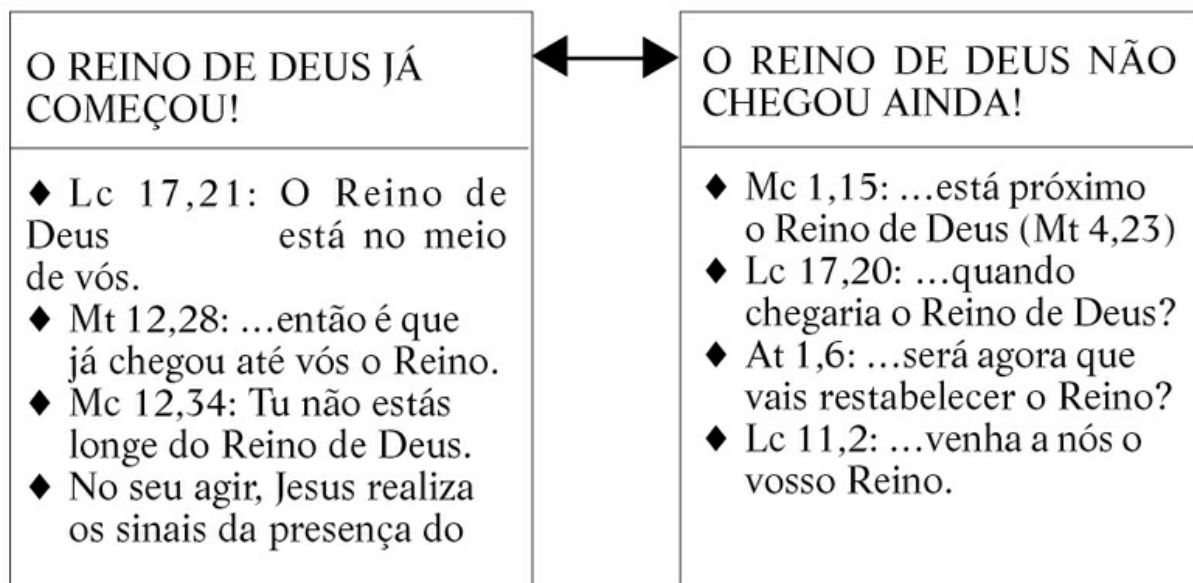
A resposta, dada pelo próprio Jesus, parece à primeira vista ambígua. De um lado, temos a impressão que o reinado de Deus, anunciado por Jesus, deve ser compreendido como realidade futura. Como algo que não começou ainda, mas que está para vir.

De outro lado, no entanto, encontramos textos que declaram de maneira bem clara que essa nova realidade já começou. Ela já chegou. A nova realidade, marcada pela realização dos desejos de Deus na terra, já começou; ela está presente, realizada, chegada. Nos capítulos anteriores, insistimos que ela já teria começado no agir de Jesus.⁵⁹

Como resolver essa aparente contradição?

Como superar a tensão entre os textos que declaram o Reino como presente, realizado, e outros, onde este mesmo Reino aparece como expectativa para o futuro?

AS PROCLAMAÇÕES DE JESUS SOBRE O REINO ESTÃO MARCADAS PELA TENSÃO ENTRE O “JÁ” E O “AINDA NÃO”



Enquanto continuamos compreendendo o Reino de Deus a partir de um modelo estático, nunca poderemos resolver de maneira satisfatória essa aparente contradição. Uma realidade, ou é ou não é; ou começou ou não começou ainda!

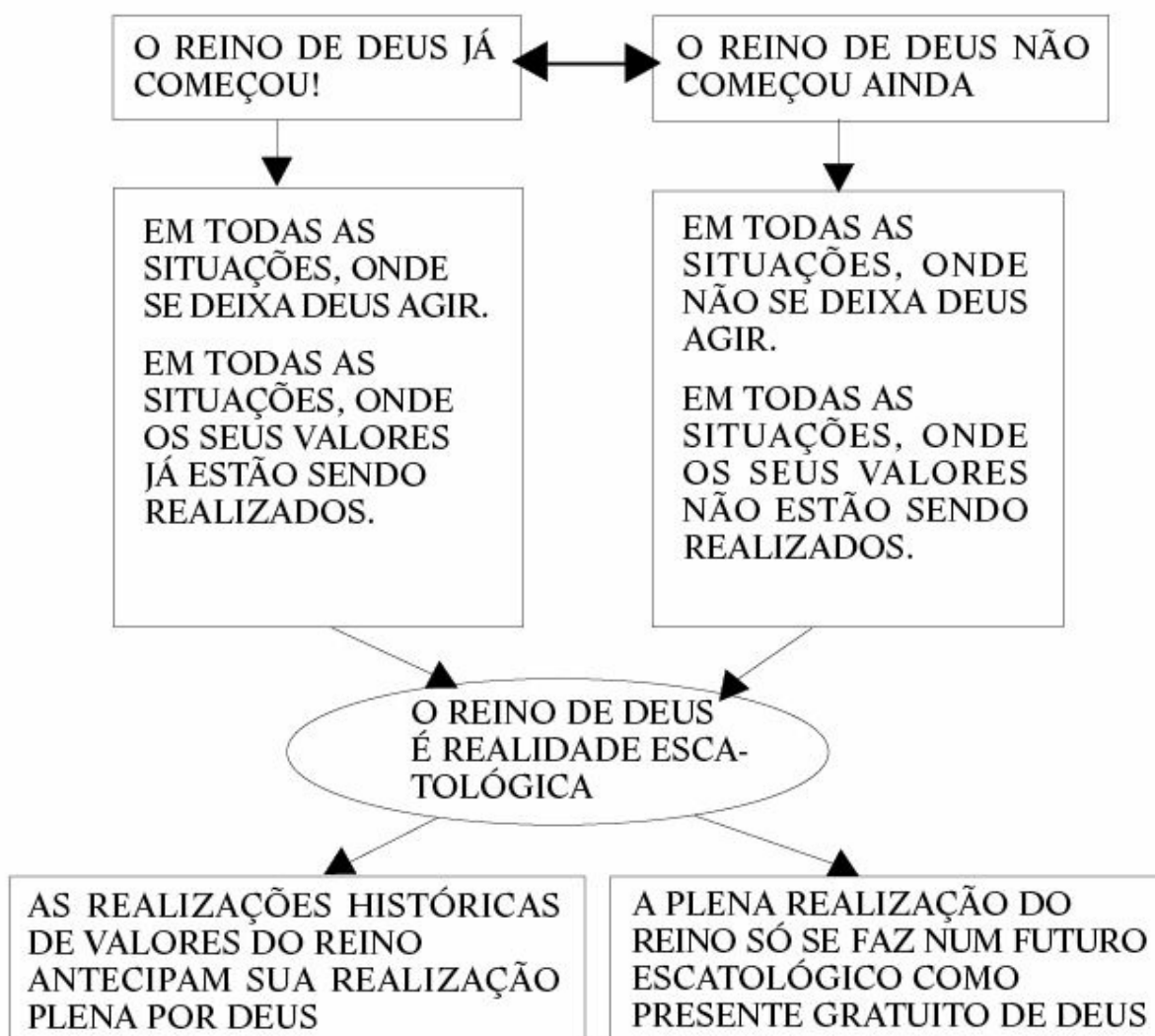
A partir de uma concepção estática e imóvel, se deve argumentar assim, e no passado muitas vezes se argumentou assim.

Só que o Reino de Deus não é estático. O Reino de Deus é dinâmico, é processo, e quando Jesus fala dele, o apresenta assim, como processo ativo e vivo que transforma toda a realidade à maneira de um fermento que modifica e altera a realidade presente (Mt 13,33).

É a partir desse modelo que devemos compreender o Reino. Como realidade escatológica em processo de devir.

O REINO DE DEUS É REALIDADE DINÂMICA EM PROCESSO DE DEVIR
DENTRO DAS ESTRUTURAS HISTÓRICAS.

Sendo assim, se revela a aparente contradição entre o “já” e o “ainda não” do Reino como falsa. Reino de Deus é processo. Em todas as situações, onde os seus valores já se realizam, esse Reino está presente. Em todas as situações, porém, onde os valores do Reino não foram realizados, o Reino de Deus não chegou ainda.



O REINO DE DEUS É PROCESSO DINÂMICO E DIALÉTICO DENTRO DA HISTÓRIA

Com base na maneira como Jesus apresenta o Reino de Deus, fica evidente que este Reino não pode ser realidade estática que irrompe como um todo, já pronto nesta história. Jesus, pelo contrário, o vê dentro da dinâmica processual do crescimento. Um processo de vida crescente dentro da história. Esse processo está sendo apresentado como:

- ♦ Grãos que germinam e crescem (Mc 4,26; 4,30; Lc 13,18; Mt 13,24ss)
- ♦ Fermento que transforma a massa (Lc 13,21; Mt 13,33)
- ♦ Uma propriedade, onde servos devem fazer render o dinheiro (Lc 19,11-23)

A partir do momento em que compreendemos a realidade do Reino assim, em termos de um processo dinâmico dentro do mundo, fica evidente que tal processo não chegou ainda ao seu fim. Começou, sim; está em andamento, sim; a sua plenificação, porém, só será alcançada num futuro escatológico.

Sendo o Reino assim um processo em andamento dentro da história, fica evidente também que esse Reino começa constantemente em muitos lugares e em muitas ocasiões. Mas, ao mesmo tempo, diminui e desaparece simultaneamente em muitos outros lugares e ocasiões.

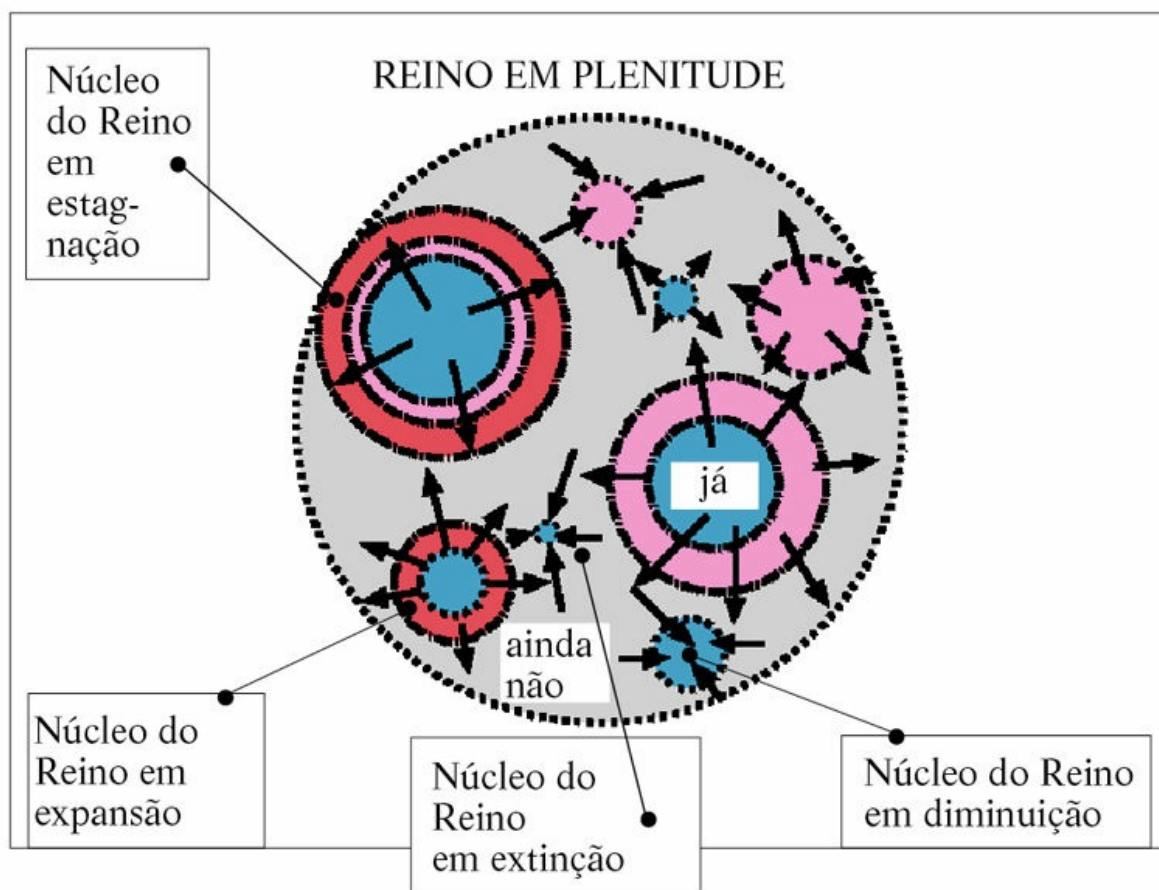
Toda a estrutura do mundo se apresenta como sendo em constante movimento. Aparecem núcleos do Reino em lugares muito diversos, sempre quando e onde são realizados valores do Reino. Não é o Reino em plenitude, mas em seu estado embrionário, crescente. O Reino em gestação.

Estes núcleos se desenvolvem. Mas, ao mesmo tempo e nos mesmos lugares aparecem focos opostos que impedem o crescimento.

Em certos lugares, essas forças são mais fortes do que os fatores propícios ao Reino. Os núcleos embrionários desaparecem, diminuem ou são destruídos.

Mas, enquanto eles estão sendo eliminados, em outros lugares aparecem novos começos. Dessa maneira, todo este processo que denominamos REINO DE DEUS se apresenta como processo vivo e dialético, presente em todos os lugares, onde a mensagem de Jesus Cristo é ouvida, seguida, combatida ou rejeitada. O Reino se manifesta como processo dinâmico-dialético dentro do mundo.

Reino de Deus:
UM PROCESSO DINÂMICO e DIALÉTICO DENTRO DO MUNDO
(o “já” e o “ainda não”)



Compreendendo a realidade do Reino desse modo dinâmico, desaparece a aparente contradição entre o “já” e o “ainda não” deste Reino.

Em vez disso, compreendemos que este Reino acontece de modo simultâneo e muito dinâmico em todos os lugares onde Deus age. O mesmo Reino, de outro lado, não acontece ainda em todas aquelas situações onde Deus não pode agir, porque está impedido por forças opostas a ele. O próprio Evangelho nos apresenta o Reino dessa forma dinâmica, processadora e dialética, na parábola do semeador (Mt 13,1-23).

O REINO DE DEUS
É UM PROCESSO DINÂMICO
E DIALÉTICO DENTRO DA HISTÓRIA

Compreendendo o Reino de Deus dessa forma, COMO PROCESSO, fica evidente também que ele acontece dentro do contexto histórico.

É experiência que se faz agora. É convite a pôr em prática, já, aquilo que chamamos os valores do Reino. É chamado a seguir Jesus, realizando sinais que se tornarão os núcleos daquilo que, num futuro determinado por Deus, será Reino de Deus em plenitude.

Esses sinais são sinais de esperança escatológica. Aquilo que nesses núcleos já começou será o início, o ponto de partida para muito mais. Será o ponto de partida para a realização de um mundo novo. Esse mundo novo é anunciado já nas transformações, realizadas nas estruturas históricas, sociais, econômicas, políticas e religiosas atuais.

É essa a dimensão de esperança, a partir da qual podemos dizer que o Reino de Deus é mais do que realização mundana; ele tem dimensão escatológica.

Visto a partir desse ângulo, fica evidente também que a atitude do cristão, perante o mundo, não pode ser aquela de um “esperar passivo”. Não podemos aguardar que Deus mude o mundo enquanto nós cuidamos da santificação de nossa alma. Jesus não nos chamou para isso.

Deus realiza o seu Reino através de nós, pelo menos até o limite daquilo de que nós somos capazes. Por causa disso, somos chamados a começar já com a transformação de todas as estruturas que não correspondem aos valores do Reino. Essa é a tarefa dos homens e mulheres de todas as épocas. É para essa tarefa que Jesus nos chamou!

A TAREFA HISTÓRICA DO CRISTÃO E DA CRISTÃ É ESTA:

- ♦ PROCURAR QUE SE REALIZEM OS VALORES DO REINO NA SOCIEDADE
- ♦ COMEÇAR JÁ COM A TRANSFORMAÇÃO DAS ESTRUTURAS DESTE MUNDO, SABENDO QUE SOMOS INSTRUMENTOS INDIGNOS NA MÃO DE DEUS

11

COMEÇAR COM A CONSTRUÇÃO DO REINO JÁ, É TAREFA HISTÓRICA DOS HOMENS E DAS MULHERES

11.1. O processo de construção do Reino se realiza a partir dos fracos e pobres, e não se baseia nos poderosos

Através das experiências feitas na Igreja dos países da América Latina se descobriu nova maneira de ser Igreja. Uma Igreja a partir dos pequenos, dos humildes e dos pobres. Na sua luta por situações mais humanas, esses nossos irmãos vivem com intensidade renovada os objetivos formulados por Jesus na sua proclamação do Reino de Deus. Este Reino, para eles, não é utopia inacessível que se realizará depois da morte. Não é realidade que simplesmente deve ser esperada de maneira passiva. Eles compreendem o seu agir e as suas lutas como seguimento de Jesus. Na sua fé, realizam a grande verdade: Deus age a partir dos fracos e constrói as suas obras com instrumentos que não parecem adequados aos olhos dos homens.

Tal fato aparece como característica fundamental do agir de Deus, desde quando este Deus de dirigiu a Abraão. Ele transparece em Moisés, e a própria vida de Jesus é a sua confirmação. As palavras dele não deixam dúvida nenhuma sobre os mecanismos, a partir dos quais o Reino cresce.

“São os ‘pequenos’ que o rodeiam (Mc 11,11). O Reino sofre violência (Mt 11,12), ele vem como mistério (Mc 4,10), é reconhecido por poucos (Lc 12,32)... Não vem com espetáculo, mas já está no meio de nós (Lc 17,20s), de tal maneira que se deve acreditar que já está perto (Mc 11,14). Deve ser deduzido a partir dos ‘sinais dos

tempos' (Lc 12,54ss ; Mc 13,28). Assim, o Reino, proclamado por Jesus, tem necessariamente a forma de algo de baixo".⁶⁰ Algo que foi ocultado "aos sábios e doutores" e revelado "aos pequeninos" (Mt 11,25; Lc 10,21).

11.2. No processo de construção do Reino, a Igreja tem papel primordial

A Igreja se compreende com todo o direito como sendo um instrumento escolhido de Deus. Instrumento que tem a tarefa específica de anunciar o Reino de Cristo. Assim o diz de maneira expressiva o Concílio Vaticano II:

"...a Igreja, enriquecida com os dons de seu fundador, e observando fielmente os seus preceitos de caridade, humildade e abnegação, recebeu a missão de anunciar o Reino de Cristo e de Deus, de estabelecê-lo em todos os povos, e deste Reino constituiu na terra o germe e o início. Entrementes ela, enquanto cresce paulatinamente, anela pelo Reino consumado, e com todas as suas forças espera e suspira unir-se ao seu Rei na glória" (Lumen Gentium 6).

Desenvolvendo este pensamento, o Concílio continua na mesma Constituição dogmática: "Este povo messiânico tem como objetivo dilatar cada vez mais O REINO DE DEUS, iniciado pelo próprio Deus na terra, até que, no fim dos tempos, ele mesmo o leve à consumação" (LG 9b).

"Por isso, a prometida restauração que esperamos já começou em Cristo, é levada adiante na missão do Espírito Santo e por ele continua na Igreja" (LG 129).

Afirmações semelhantes encontramos também na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: "A Igreja tem um fim salutar e escatológico que não pode ser atingido plenamente senão na vida futura. Contudo, ela já está presente aqui na terra, composta de homens que são membros da cidade terrestre e que têm a vocação de formar já na história do gênero humano a família dos filhos de Deus, que deve crescer sempre até a vinda do Senhor" (GS 40b, cf. também: 45a e 93a).

Em todos esses textos transparece como verdade fundamental aquilo que Medard Kehl formula com as seguintes palavras: A Igreja "pode ser já, na história, a antecipação do Reino de Deus que transcende e consoma toda a história. De outro lado, ela permanece, em vista de sua limitação humana pecaminosa, também radicalmente diversa desse Reino... ela permanece a caminho, peregrinando e buscando, rumo à consumação definitiva da promessa".⁶¹

11.3. O processo de construção do Reino também pode acontecer fora do ambiente cristão e religioso

Esse processo dialético, no decorrer do qual a realidade do Reino cresce dentro deste mundo, não se faz só naquelas situações onde cristãos estão agindo.

Os valores do Reino crescem também em muitos outros lugares. Eles crescem em pontos onde talvez nem se fala de Jesus, mas onde as pessoas tentam realizar valores que correspondem aos valores do Reino de Deus.

O processo, chamado REINO DE DEUS, se pode realizar em lugares dentro e fora do ambiente cristão e religioso
--

No decorrer dos anos passados, descobrimos assim que ao lado de nossas comunidades religiosas há muitas outras comunidades e grupos, amigos de bairro, grupos de rua, sindicatos, organismos de defesa dos direitos humanos, organizações de sustento aos presos e outros mais.

Todos esses grupos e organizações, quando os analisamos a fundo, estão também realizando no seu trabalho valores do Reino de Deus, sem por isso, necessariamente, ter bases religiosas.

Encontramos as mesmas características também nos movimentos ecológicos, que lutam pela preservação de um mundo destruído pela ganância dos homens. Os seus esforços também são passos rumo ao objetivo de manter ou recuperar para este mundo a capacidade de ser espelho de seu Criador.

Vistos dessa maneira, descobrimos de fato muitos e muitos núcleos vivos e ativos de Reino de Deus em processo de crescer. Nesses núcleos, a formação do Reino já começou. Na realização de seus planos, Deus não é limitado aos instrumentos canonizados por instituições religiosas.

Até o rei Nabucodonosor, inimigo declarado do Povo de Israel, pôde ser chamado por Deus “meu servo” (Jr 27,6). Da mesma maneira, este mesmo Deus pode também se servir de outros movimentos e forças fora da Igreja, e até fora da religião, para deixar surgir através deles os núcleos do Reino. O reconhecimento dessa dinâmica do Reino se encontra de maneira explícita também em documentos do magistério de nossa Igreja. Assim por exemplo no n. 20 da encíclica “Redemptoris missio” do Papa João Paulo II, ou no documento da Santa Sé, “Diálogo e Anúncio”, de 1991.

O REINO DE DEUS COMO PROCESSO É ORGANISMO VIVO, ATIVO EM MUITOS E MUITOS NÚCLEOS AGENTES, DENTRO E FORA DA IGREJA.

11.4. O processo de construção do Reino pode ser combatido até por agentes dentro do ambiente cristão e religioso

Dentro da dinâmica do crescimento do Reino, é importante também a conscientização sobre outra verdade incômoda: Os opositores ao Reino não se encontram só do lado dos ímpios, dos ateus, de todos aqueles que andam debaixo da bandeira dos inimigos de Deus. Seria fácil, se só eles impedissem a vinda do Reino.

O processo histórico, porém, é mais complexo, e mais complexo também é o processo pelo qual se forma o Reino de Deus.

Assim como o próprio povo escolhido às vezes agiu contra o seu Deus, também é possível que a própria Igreja e os próprios cristãos, em vez de servir ao Reino, possam tornar-se forças opostas, inimigos do Reino de Deus. Tal agir, em muitos casos, pode até ser motivado por boa fé. Os textos bíblicos apresentam para tal agir um exemplo significativo: A repreensão a Jesus, formulada por Pedro, em Mt 16,23, com certeza tinha as melhores intenções. Apesar disso, Jesus a rejeita com as palavras mais duras: “Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um estorvo...”.

Esta cena, muito além de ser simplesmente relato de um episódio, contém grave advertência para todos os tempos da história cristã: Até os seguidores mais íntimos de Jesus, até a Igreja ou seus representantes, qualquer pessoa ou qualquer movimento dentro daqueles que se declaram seguidores de Jesus, quando pensam “pensamentos

de homens e não de Deus”, podem tornar-se obstáculos à realização do Projeto de Deus. Quem, porém, impede esse projeto, é um “Satanás”.

Vale nesse contexto mais uma vez e com urgência renovada a grande exortação do Concílio Vaticano II: Devemos discernir os espíritos!

11.5. O processo de construção do Reino também pode ser combatido com argumentos religiosos e teológicos

A dura verdade, mencionada no capítulo anterior, se agrava ainda mais, quando olhamos a partir da experiência do próprio Jesus. A sua mensagem do Reino, o seu convite à conversão, não foram combatidos em primeiro lugar pelos ímpios e pelos inimigos de Deus.

Quem os combateu em primeiro lugar eram certas pessoas piedosas, os representantes da instituição religiosa, os estudiosos da fé, em uma palavra, as elites. Nas palavras de Martin Volkmann, porém, “Jesus se distancia claramente do posicionamento da elite: ele contesta sua interpretação da vontade de Deus e reprova a sua postura ético-política”.⁶² A reação contra uma tal crítica da situação estabelecida era violenta, como se sabe. E os argumentos e ataques que essas elites censuradas usavam, recorriam em muitos casos à linguagem teológica e religiosa. Jon Sobrino, no seu artigo sobre “O aparecimento do Deus da vida em Jesus de Nazaré”, formula este fato histórico de maneira muito clara:

“Jesus constata que existem concepções de Deus diferentes e até opostas. Mas constata, também, que ações contrárias à realidade e à vontade de Deus são justificadas em nome de uma determinada concepção de Deus”.⁶³

Aquilo que era a experiência de Jesus também é a experiência de seus seguidores, durante todos os tempos e todas as épocas: O Reino de Deus e o seu crescimento podem ser combatidos também com argumentos religiosos. Falsos argumentos, é óbvio, não baseados em “coisas de Deus, mas dos homens” (Mt 16,23). Argumentos, porém, que às vezes estão sendo usados até por bons cristãos. Tal verdade talvez não esteja sendo ouvida com bons ouvidos pelos representantes das religiões cristãs. Mas, apesar disso, ela é verdade, e cabe a nós admitir com toda a humildade que sempre de novo devemos examinar os nossos argumentos e motivos, comparando-os com os parâmetros de Jesus Cristo. A advertência do Concílio de “discernir os espíritos” não perdeu nada de sua atualidade.

Essa constatação nos conduz de volta a uma conscientização sobre outra característica básica do Reino de Deus, que é a dialética. O processo, no decorrer do qual se constrói o projeto histórico de Deus, não é só um processo dinâmico de vida; é também profundamente marcado por tensões dialéticas.

12

O CARÁTER DIALÉTICO DO REINO DE DEUS

A construção do Reino de Deus é processo dinâmico-conflitivo dentro da história.

Tal processo não é “idéia”, ideal espiritual, longe de qualquer ligação com o mundo. Pelo contrário, está em andamento dentro das estruturas do mundo. É a grande esperança para o futuro deste mundo. Esperança dinâmica e escatológica. Esperança que se torna motor para o agir.

Este agir, porém, provoca reações, e isso porque o processo de construção do Reino “se opõe de maneira polêmica a todas aquelas forças que agora lutam pelo poder sobre o mundo, oprimindo à maneira de ‘animais’ todo humanismo”.⁶⁴

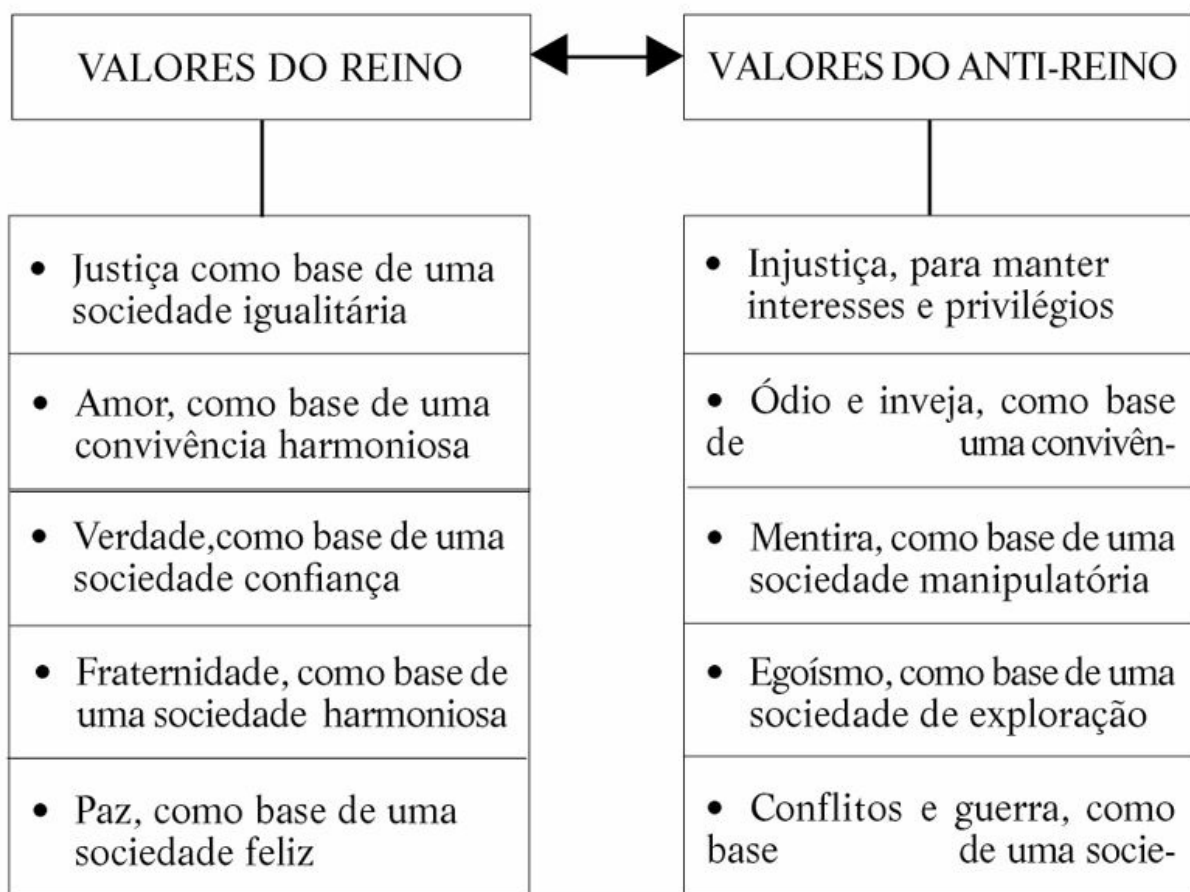
A reação contra tais forças produz aquilo que podemos chamar de “dialética extrínseca” do processo da formação do Reino.

12.1. A dialética extrínseca do processo da construção do Reino

A partir do momento em que grupos ou pessoas tentam realizar na história valores do Reino de Deus, eles entram em conflito com forças ou interesses opostos, contrários à implantação desses valores. Forças interessadas em basear a convivência humana em modelo igualitário se chocam com outras, interessadas em manter vantagens ou privilégios pessoais ou grupais.

Interesses em superar situações de injustiça entram em conflito com outros que querem manter essas situações, porque delas tiram proveito. A exigência de paz se confronta com os interesses daqueles que lucram com conflitos e guerras. A busca de justiça se confronta com tendências de exploração. Fraternidade se defronta com desejos de poder e dominação.

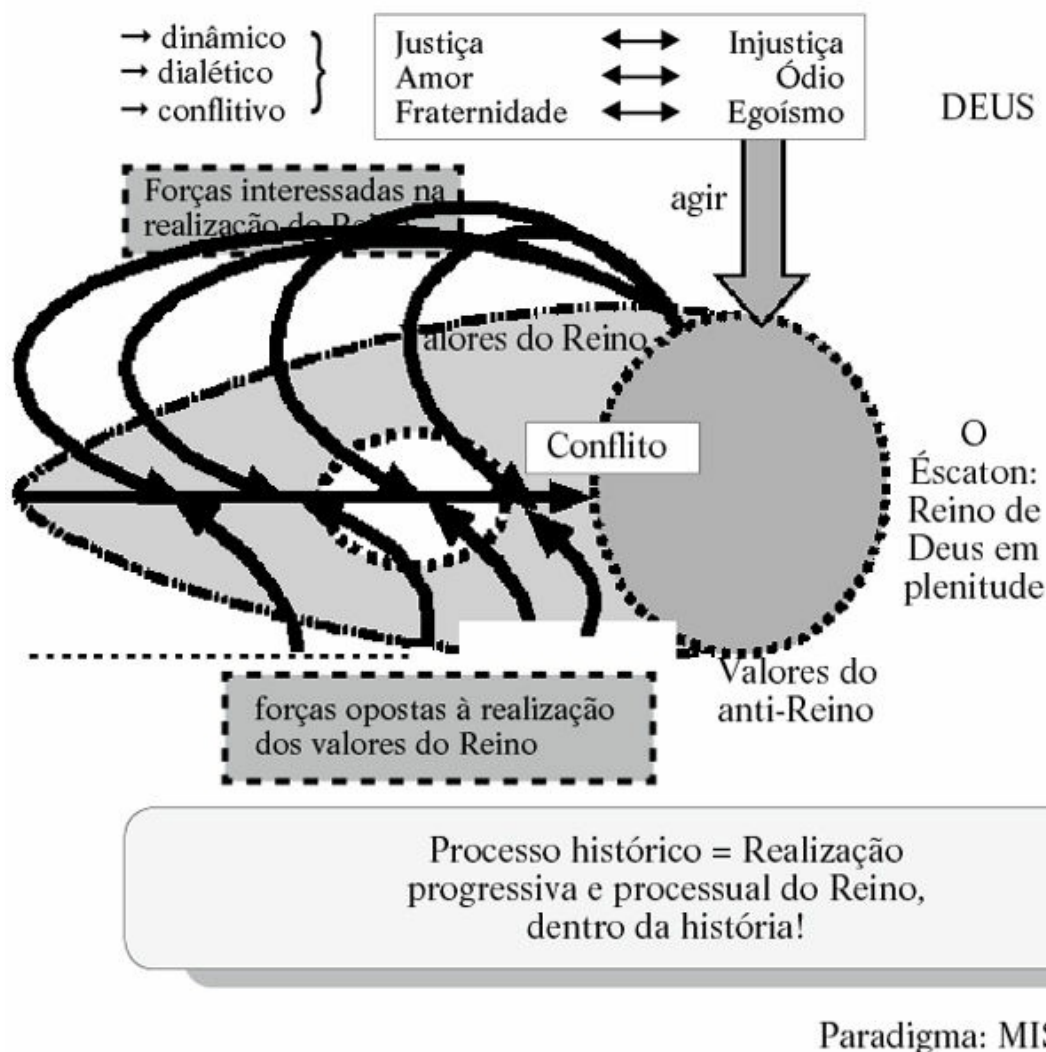
Todo o processo da construção do Reino apresenta-se assim como imensa dinâmica dialética. Nela se concretiza a dialética daquilo que chamamos o processo da salvação do mundo.



O processo da construção do Reino de Deus em geral não é um processo pacífico e harmonioso. Isso ocorre devido às forças do anti-Reino, que reagem contra as forças do Reino de Deus. Impulsos para realizar valores do Reino estão sendo combatidos por interesses opostos.

Nessa dialética histórica, pode ser que as forças do anti-Reino se revelem de maneira aberta. Pode ser que os seus interesses se identifiquem, ficando visíveis para todos.

A DIALÉTICA EXTRÍNSECA DO PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DO REINO DE DEUS



Mas, pode ser também que tais forças ajam de maneira oculta. Pode ser que o anti-Reino, por sua vez, até use argumentos religiosos ou teológicos, para combater o Reino. A grande e dolorosa verdade, mencionada no capítulo 11.5, faz parte de todo o processo histórico da construção do Reino. É ela que se esconde, por exemplo, nas fortes tentativas de propagar uma religiosidade unilateralmente emocionalizada. Uma religião das emoções que produz o conforto espiritual, mas que em nada se interessa pela transformação do mundo. Uma religião voltada para o indivíduo e afastada do mundo. Tal religião agrada muito a todo sistema interessado no poder, na exploração e na manipulação. Mas, será que agrada a Jesus e à sua concepção do Reino de Deus? É contra esse perigo, aliás, que o próprio Jesus já advertiu seus seguidores: “Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes” (Mt 7,15). “Distinguir os espíritos” se revela, de novo, como tarefa urgente para todos aqueles que querem trabalhar na construção do Reino.

Esse caráter dialético da construção do Reino de Deus faz com que toda a realização histórica do projeto dele se apresente como processo dialético e conflitivo dentro da história. O processo, através do qual Deus conduz esta história e este cosmo à sua salvação final, não é um processo linear. Ele é marcado por progressos e retrocessos, por avanços e regressos, porque dele participam forças humanas. Dele

fazem parte os interesses humanos, e enquanto esses interesses não correspondem aos interesses do Reino, podem combater o Reino. Ou devem se converter.

É nossa convicção de fé, entretanto, que toda essa dialética, apesar das suas oscilações entre progresso e retrocesso, apresenta em termos históricos uma progressiva aproximação aos valores do Reino. O Reino está crescendo. O projeto de Deus está em andamento dentro da história, mesmo quando, em certas épocas, esse projeto parece estar sendo sufocado. Tal experiência faz parte da dialética. No seu total, o Reino cresce e o anti-Reino diminui. Eis a certeza da fé que possibilita aos seguidores de Jesus agirem, apesar de tudo. Cheios de esperança. Sabendo que o seu projeto vencerá, porque é o projeto de Deus. E Deus é fiel.

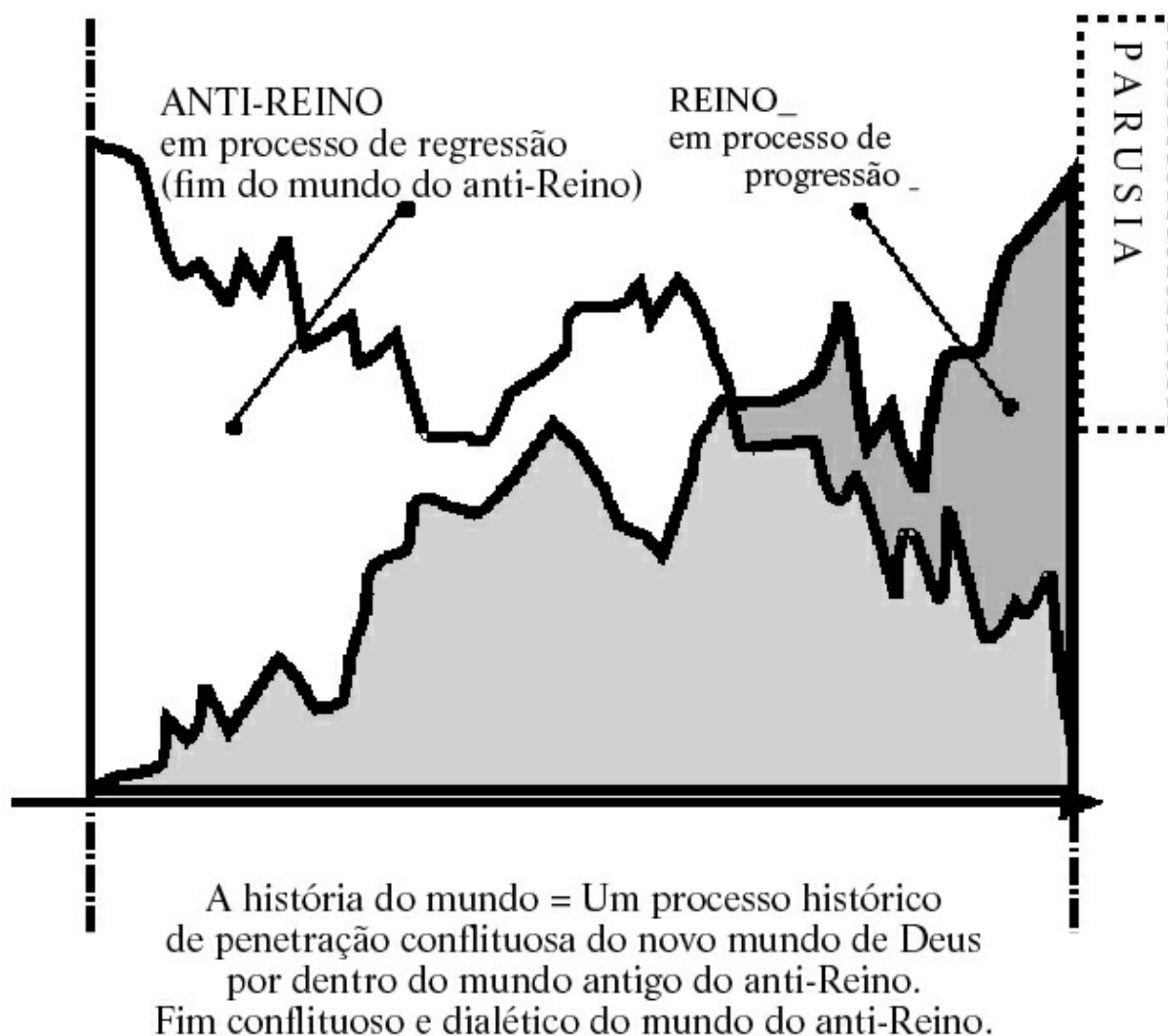
APESAR DE PROGRESSOS E RETROCESSOS, O REINO CRESCE, E O ANTI-REINO DIMINUI, PORQUE O PROJETO DE DEUS COM CERTEZA TRIUNFARÁ.

É baseada nessa convicção, que a religião cristã, a partir de sua escatologia, pode novamente tornar-se aquilo que era nos primeiros séculos: uma força revolucionária, de transformação do mundo. Uma proposta alternativa e atrativa, diante de todas as propostas dos “animais”, sejam estes animais o Império Romano ou o Neoliberalismo do século XXI ou qualquer outra ideologia.

O Reino de Deus é proposta alternativa e transformadora, porque é a proposta de Deus.

A realização dessa proposta pode ser visualizada por um gráfico, onde de um lado se vê o progresso na realização dos valores do Reino. Este progresso não é linear, mas dialético. Todavia, apesar dessa dialética, o processo em si é progressivo. De outro lado, se vê a diminuição da importância do anti-Reino. Esta diminuição também é dialética, mas, na sua totalidade, marca um regresso cada vez mais acentuado até o seu fim. O que triunfará nessa história é o projeto de Deus.

A VINDA DO REINO DE DEUS
UM PROCESSO DIALÉTICO E CONFLITIVO
DO FIM DO ANTI-REINO E
DO SURGIMENTO DO REINO
DENTRO DA HISTÓRIA



12.2. A dialética intrínseca do Reino de Deus

Além da dialética extrínseca, imposta de fora, o processo de construção histórica do Reino de Deus apresenta ainda outra dialética, aqui denominada a dialética “intrínseca” do Reino. Esta dialética está presente em toda situação e em todo lugar, onde se fala do Reino. Ela faz parte do próprio ser dele. É a tensão entre aquilo que se pode conseguir pelo esforço humano, e aquilo que significa O REINO DE DEUS EM PLENITUDE.

Até meados do século XX, a escatologia tradicional havia deslocado a mensagem central do Reino de Deus numa dimensão totalmente transcendente. O Reino foi identificado com o céu, e assim desligado de qualquer conteúdo sócio-histórico.⁶⁵

De outro lado, surgiram como reação tentativas de identificar o Reino de forma total com a história concreta do mundo. O resultado disso era que o Reino havia sido definido como sendo sociedade sem classes ou identificado com certas utopias sociais e políticas da época.

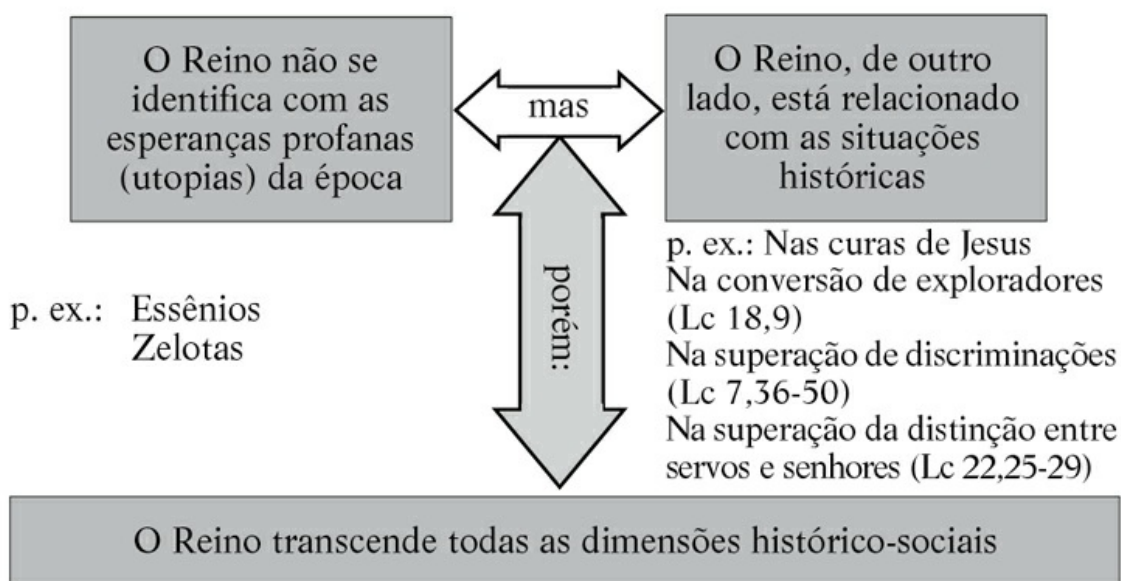
A própria Igreja, só a partir do Concílio Vaticano II, se desligou de um modelo que a definiu como sendo a realização do Reino de Deus na terra.⁶⁶

Diante de tantas interpretações antagônicas, vale a pena voltar outra vez ao perfil do Reino, traçado nos textos neotestamentários. Descobrimos neles exatamente aquilo que é chamado aqui de “dialética intrínseca” desse Reino. Isso porque, de um lado, o Reino proclamado por Jesus não se identifica com as esperanças e expectativas sociorreligiosas da época de Jesus.⁶⁷ De outro lado, porém, são os valores do Reino que questionam de maneira crítica exatamente essas estruturas, exigindo a sua conversão.

E o mesmo Reino, por fim, apresenta ainda dimensões que ultrapassam totalmente todos os níveis históricos e socioeconômicos, alcançando o futuro não realizável pelo esforço humano. Futuro que, segundo Karl Rahner, só pode ser chamado de “absoluto”.

No seu livro *Da Libertação*, Clodovis e Leonardo Boff traçam de maneira bem clara as distinções entre os três níveis aqui mencionados. Podemos denominar estes níveis como sendo os três pólos daquilo que chamamos de “dialética intrínseca do Reino”. O esquema seguinte tenta visualizar, no essencial, as exposições dos dois autores.⁶⁸

A dialética intrínseca do processo da construção do Reino de Deus



p. ex.:

- ♦ O perdão dos pecados
- ♦ A ressurreição dos mortos
- ♦ A comunhão fraterna entre Deus e os homens

A não-observância ou a negação dessa dialética intrínseca do processo chamado “Reino de Deus”, parece ser uma das causas para as interpretações unilaterais deste Reino. Interpretações estas que podem ser observadas no decorrer de todo o discurso escatológico.

Quer se trate de interpretação totalmente transcendente, quer, pelo contrário, de

redução unicamente social, sempre se eliminam dimensões essenciais da maneira como Jesus compreendeu o Reino. Para ele, este Reino continua sendo um processo sempre dinâmico e profundamente dialético dentro da história. Ao mesmo tempo, todavia, tal processo transcende toda a história,⁶⁹ alcançando caráter escatológico.

13

O CARÁTER ESCATOLÓGICO DO REINO DE DEUS

Olhando para a situação histórica, constatamos a todo momento que há muitas situações ainda, nas quais Deus não pode agir. Estas situações impedem a revelação definitiva daquilo que é o Reino de Deus. Embora ele se anuncie naqueles núcleos onde pelo esforço humano já foram realizados valores do Reino, este Reino é sempre mais. A sua plena realização escapa das mãos humanas e permanece dom e graça de Deus. Ela é esperada, e esta esperança, por sua vez, se torna o motor e o incentivo para começar desde já com a construção daquilo que só Deus pode terminar e plenificar. Deus o fará, mas a sua plenificação se sustenta naquilo que nós já fizemos. E enquanto nós não o fizermos, Deus também não o plenificará. Lembramos aqui o paradigma da missa, apresentado em capítulos anteriores. Enquanto nós não apresentamos o pão, Deus não realiza a transformação deste pão em seu corpo.

A partir do momento, porém, em que através de nosso esforço chegamos a realizar aquilo de que somos capazes, Deus assume. Isso vale na missa e vale também na construção do Reino de Deus.

Os homens e as mulheres nunca serão capazes de realizar o Reino de Deus em plenitude. Mas, eles são capazes de começar. Deus, depois, plenificará aquilo que eles começaram. Esta plenificação, por sua vez, ultrapassará todas as expectativas humanas. O próprio Deus se torna o último destino do homem e o futuro escatológico do mundo.

A conseqüência dessa perspectiva excede toda dimensão puramente histórica ou social. Isso porque “não só o homem, mesmo aquele que peca, mas a criação como um todo, têm o próprio Deus como futuro. Com isso, se abre uma nova dimensão do tempo. O passado, o presente e o futuro se tornam provisórios no seu imediato e são relacionados num horizonte essencialmente superior. O presente atual, as decisões a serem tomadas aqui e agora, abrangem mais do que a finitude atual. No aqui e agora está em jogo o futuro absoluto”.⁷⁰

A conscientização sobre o caráter escatológico das decisões atuais, por sua vez, acentua a urgência de começar desde já com a construção de um futuro que, finalmente, desembocará no futuro absoluto de Deus.

A palavra-chave para esse começo se encontra na noção de **conversão**. Esta conversão, porém, além de sua dimensão individual e religiosa, contém também proporções sociopolíticas e econômicas muito acentuadas. Juan Luis Segundo mostra esse aspecto de maneira convincente nas suas reflexões sobre Jesus como sendo “o

profeta do Reino de Deus”.⁷¹ É nessa conversão progressiva que se baseia a esperança de podermos realizar um futuro melhor.

CONVERTEI-VOS,
O REINO DE DEUS ESTÁ PRÓXIMO!
(Lc 1,15)

14

O REINO DE DEUS EM PROCESSO DE ACONTECER EXIGE CONVERSÃO

Todo o agir de Jesus é marcado pela expectativa de um começo iminente do reinado salvífico de Deus⁷² (cf. Mc 9,1). É a partir dessa expectativa que fica evidente a exigência de uma “metanóia”, de uma conversão em todos os níveis. Porque, se Deus reinará, não pode mais haver nenhuma situação oposta aos critérios dele, nem no coração humano, nem nas estruturas sociais e religiosas, dentro das quais este ser humano vive.

Se o Reino de Deus está próximo e até já se iniciou, então os antigos critérios do anti-Reino devem ser superados. As falsas concepções de um Reino político ou legalista são corrigidas, os vales aterrados e as vias sinuosas transformadas em retas.⁷³ Convertam-se, o Reino de Deus está próximo! (cf. Mc 1,15).

Quando este Reino de Deus está próximo, as estruturas de poder e de subordinação devem acabar. O domínio dos animais (Dn 7) está sendo quebrado, e as relações entre as pessoas humanas alcançam uma nova dimensão de fraternidade.⁷⁴ Esta nova dimensão deve começar já, e por causa disso a conversão precisa ser iniciada. Nela se antecipa a presença salvífica de Deus entre os homens. Nela já se realiza aquilo que com certeza será concretizado em plenitude.

A conversão antecipa a presença salvífica de Deus entre os homens.

A expectativa do Reino e a exigência de conversão não podem ser separadas. Elas ficam interligadas, tanto na pregação de Jesus, quanto no desafio constante para todos os seus seguidores. Essa conversão, no entanto, é sempre uma conversão integral. Não pára no indivíduo. Ela abrange a totalidade da vivência humana, com todas as dimensões e todos os aspectos da vida, individuais, sociais, econômicos, religiosos e políticos (cf. Gaudium et Spes, 43).

A conversão, iniciada pela esperança vitoriosa do começo de um reinado salvífico de Deus, alcança radicalidade total; na época de Jesus, assim como hoje e no futuro. E esta mensagem, nunca devemos esquecer, é uma Boa Nova, uma atitude que traz alegria, esperança e felicidade para todos.

Na boca, a evocação pela conversão alcança caráter de Boa Nova, de alegria, de mensagem festiva!

A radicalidade dessa mensagem marca toda a expectativa do Reino, e conseqüentemente também todo o processo de sua construção histórica. Ele sempre permanece marcado pela conversão. Esta conversão, porém, não é ato único e singular. Ela, bem pelo contrário, permanece um “processo nunca encerrado, tanto em nível pessoal quanto em nível social. Porque, se o Reino de Deus passa por realizações históricas, não se esgota nem se identifica com elas” (Puebla 193). A conversão é processo dinâmico, assim como a vida é processo dinâmico e como o Reino o é.

Tal processo, porém, deve realizar-se em pelo menos três níveis. Níveis que, no seu conjunto, formam a unidade da vida, mas que podem ser distinguidos da seguinte maneira:



15

O REINO DE DEUS EM PROCESSO DE ACONTECER ABRE NOVOS HORIZONTES DE ESPERANÇA

15.1. A esperança do Reino não aliena

O mundo de hoje precisa de esperança que não aliene. E o mundo de amanhã precisará mais ainda. Onde, porém, encontrar bases e sustento para tal esperança?

As grandes utopias sociais do século XX se desfizeram. As esperanças das massas do povo não foram realizadas. Os cristãos, em muitos casos, perderam as suas esperanças. As promessas da indústria de propaganda se revelaram alienantes. Já a religiosidade emocionalizada do neopaganismo, do neopentecostalismo, da Nova Era e de outros tantos movimentos novos se revelou como sendo vazia. O homem do século XXI desconfia das promessas esperançosas, mas, ao mesmo tempo, está desesperadamente em busca de tais promessas.

É nesta situação que a esperança do Reino de Deus se oferece de novo como alternativa. Alternativa válida, porque em sua base há a promessa de um Deus da vida. Em nome da esperança desse Reino, estamos sendo convocados a superar as falsas esperanças alienantes de uma religiosidade pós-moderna e amorfa.

A esperança do Reino de Deus é concreta. Ela faz crescer a vida. Incentiva para uma caminhada, rumo a mais vida. Impulsiona para que se comece um processo dinâmico de transformação. Transformação do mundo e transformação da Igreja. Os critérios dessa transformação, porém, são encontrados no agir de Jesus e em seus valores do Reino.

- ♦ A ESPERANÇA DO REINO É CONCRETA
- ♦ ELA FAZ CRESCER EM BUSCA DA PLENITUDE
- ♦ ELA INCENTIVA A CAMINHADA RUMO A MAIS VIDA
- ♦ ELA COMEÇA UM PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO
- ♦ ELA REALIZA MAIS AMOR, MAIS JUSTIÇA,
MAIS VERDADE, MAIS FRATERNIDADE, MAIS PAZ
- ♦ ELA FAZ AMAR

Enquanto se baseia nesses valores do Reino, nossa esperança produz uma dinâmica transformadora, rumo a um mundo onde haverá menos injustiça, menos egoísmo, menos conflitos e menos mentiras.

Enquanto essa esperança, porém, só sustenta o bem-estar espiritual dos fiéis, não é a esperança do Reino, porque aliena. Enquanto a esperança se fecha de maneira passiva em si mesma, aguardando que Deus mude as coisas deste mundo, ela não é a esperança do Reino, porque aliena.

Enquanto a esperança só olha para o além da morte, desprezando este mundo, ela não é a esperança do Reino, porque aliena.

- ♦ A FALSA ESPERANÇA É INATIVA E SÓ AGUARDA
DE MANEIRA PASSIVA UM MUNDO MELHOR.
- ♦ A FALSA ESPERANÇA SE CONCENTRA
NA SALVAÇÃO DA ALMA.
- ♦ A FALSA ESPERANÇA É VINGATIVA,
AGUARDANDO QUE DEUS PUNA OS INIMIGOS
E NOS FAÇA TRIUNFAR DEPOIS DA MORTE.

A verdadeira esperança do Reino é vitoriosa e invencível no seu poder transformador, porque nela age o Espírito de Deus.⁷⁵ Um Espírito impetuoso, como sabemos, imprevisível, e incômodo às vezes até aos representantes religiosos. Um Espírito, no entanto, que não aliena, mas que desperta. Um Espírito que questiona as

classes hierarquizadas dentro e fora das instituições religiosas. Um Espírito que questiona a rejeição da mulher, rejeita as barreiras entre as pessoas e derruba todas as distinções de classes e privilégios sociais, políticos, econômicos e religiosos.

Tal Espírito da esperança evoca uma sociedade e uma Igreja, nas quais não haverá mais barreiras, mas sim amor. E aqueles que falam línguas diferentes, no sentido real ou figurativo, se encontrarão todos juntos numa nova comunidade de irmãos e irmãs. É esta a grandiosa imagem escatológica, transmitida por At 2,1-13.⁷⁶

A expectativa do Reino de Deus incentiva tal esperança. Contra todas as aparências, contra todos os pessimismos. É este o plano de Deus. Jesus falou que tal plano já está em andamento. O que, então, pode ainda frear o nosso agir transformador?

15.2. A esperança do Reino é transformadora

“Para Jesus”, escreve Jon Sobrino, “Deus ‘é’ enquanto cria comunidade e solidariedade humana”.⁷⁷ Para que, numa sociedade marcada pelo egoísmo e pela competição, tal solidariedade possa surgir, essa sociedade deve ser transformada. Tal transformação é obra de todos aqueles que se chamam cristãos.⁷⁸ Eles e elas são chamados a começar já, em todos os níveis, com a realização de comunhão e de fraternidade plenas entre os homens; na vida pessoal, social, econômica, política e religiosa.

“A comunhão que se há de construir entre os homens, abrange-lhes todo o ser, desde as raízes do amor, e há de se manifestar em toda a sua vida, até na sua dimensão econômica, social e política. Produzida pelo Pai, o Filho e o Espírito, é a comunhão de sua própria comunhão trinitária” (Puebla, 215).

Com base na convicção de que o Reino já começou, se incentiva a esperança na possibilidade das transformações a partir das quais se realiza tal comunhão. E esta esperança, uma vez incentivada, é invencível. Nada a faz recuar, nenhum poder a pode reprimir. Sabe que a sua expectativa se realizará, e por causa disso já pode começar com a transformação de tudo aquilo que não corresponde ao seu ideal.

A ESPERANÇA NA PLENIFICAÇÃO DO REINO DE
DEUS INCENTIVA PARA A REALIZAÇÃO
DOS VALORES DESSE REINO.

ESSA REALIZAÇÃO, PORÉM, SIGNIFICA A
TRANSFORMAÇÃO DE TUDO AQUILO QUE
NÃO CORRESPONDE A ESSES VALORES.

De tal esperança, os sistemas de poder têm medo. E por causa disso, fazem de tudo para que os cristãos não se conscientizem sobre ela. Fazem de tudo para que os cristãos continuem numa atitude de esperança alienante. Porque, a partir do momento em que redescobrirem a dinâmica de sua esperança, os seguidores de Jesus vão recuperar a força de sua origem, o poder revolucionário dos primeiros séculos de sua história, a dinâmica subversiva daquilo que é O REINO DE DEUS. Este Reino, como todo mundo sabe e já esqueceu, se orienta em valores como pobreza e serviço, amor e fraternidade, e onde ninguém é excluído.

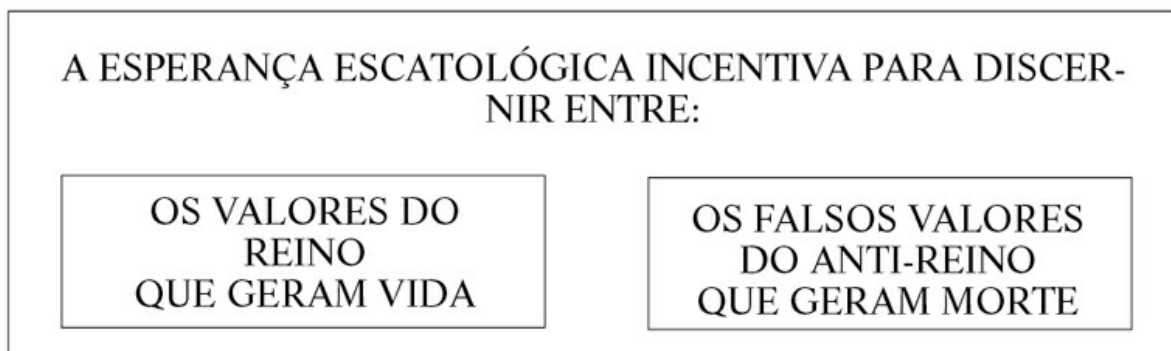
A partir do momento em que os cristãos começarem a recuperar a sua verdadeira esperança escatológica, novamente se tornarão fermento (Mt 13,33), sal da terra (Mt

5,13), cidade sobre o monte, luz do mundo (Mt 5,14).

Disso, os detentores do poder têm medo, e com toda a razão. Porque essa esperança é mais forte do que qualquer poder.

15.3. A esperança do Reino é profética

A esperança na plenificação do Reino, uma vez incentivada, começa a discernir. Começa a distinguir entre os falsos valores dos falsos deuses, que geram morte, e os valores do Deus verdadeiro que geram vida.



Tal esperança está muito longe da esperança passiva de salvar a sua alma. Uma tal esperança incomoda. Ela é incentivada pelo Espírito de Deus, e este Espírito nunca se apresentou como guardião de uma situação estabelecida. Em nome desse Espírito, incentivado pela esperança do Reino, homens e mulheres começam a questionar o mundo à maneira dos profetas.

O profeta anuncia os valores de Deus.
O profeta denuncia os falsos valores do anti-Reino.

Por causa desse seu anúncio, o profeta incomoda. Dentro e fora do mundo. Dentro e fora da Igreja. A esperança escatológica se torna assim a recuperação da grande tradição profética do Antigo Testamento. Em nome dos valores do Reino de Deus, tal profetismo, hoje, deve até tornar-se aquilo que Clodovis Boff denomina “profecia contracultural”... “contra o atual processo neoliberal” ou contra todos os outros processos que privilegiam “o ídolo do dinheiro”, ⁷⁹ o ídolo do poder, o ídolo da hegemonia, da elitização ou de qualquer outro mecanismo excludente.

15.4. A esperança escatológica é esperança “apesar de” fracassos, retrocessos e sofrimentos

A esperança escatológica é incondicional. Apesar de tudo! Apesar de fracassos e retrocessos! Mesmo que todos os indícios declarem que certa realização é impossível, a esperança escatológica acredita no impossível. Eis a sua força. Contra todas as aparências, sejam elas o poder de um império romano ou a força arrogante de um projeto de globalização neoliberal. A esperança escatológica sabe que nenhum desses projetos têm futuro. O único futuro verdadeiro é o futuro de Deus. E este futuro foi

confirmado e decidido pelo próprio Deus. Na ressurreição de seu Filho, este Deus, uma vez por todas, demonstrou para a humanidade inteira que é mais forte que a morte. Que é mais forte, também, que todos os projetos de morte. Na época de Jesus, hoje e no futuro!

Pela ressurreição de seu Filho, o próprio Deus confirmou que tudo aquilo que este seu Filho proclamou, acontecerá.

- O Reino de Deus, do qual ele falou, se realizará.
- Os projetos dos “animais” desaparecerão.

Eles serão substituídos pelo projeto do “filho do homem”, que é o próprio Jesus Cristo.

Tudo isso Deus confirmou, ressuscitando Jesus. Esta sua ressurreição “é a comprovação de que o Reino da vida, que é o Reino de Deus, agora, se desenvolve como processo invencível e dinâmico, até chegar à sua plenitude na parusia. Assim se confirma, na Páscoa, não só a nossa esperança individual, mas também a grande esperança para o mundo: O FIM ÚLTIMO DESTE MUNDO NÃO É O REINO DA MORTE E DO PECADO, MAS O REINO DE DEUS”.⁸⁰

A partir do momento em que os seguidores de Jesus compreenderem essa profunda verdade de sua fé, não haverá mais nada que os possa segurar. Baseados na sua convicção de que a morte nunca terá a última palavra, eles serão capazes de começar desde já, na situação atual, com a transformação de todas as estruturas de morte. Eis o seu chamado. Eis a sua força.

- Cristão pessimista não pode existir!
- Cristão com medo, sem ânimo, é coisa impossível.

O grande desafio para uma religião cristã do futuro é duplo:

De um lado, o pessimismo diante dos poderes do anti-Reino deve ser superado, mesmo quando estes poderes, às vezes, parecem triunfar em todos os lugares.

De outro lado, é necessário que se supere uma religiosidade alienante, cujo único objetivo é buscar conforto espiritual e sentir as emoções de uma presença especial de Deus.

O desafio para os seguidores de Jesus é duplo:

- ◆ Superar um pessimismo medroso e passivo perante todas aquelas situações onde valores de anti-reino parecem dominar.
- ◆ Superar uma religiosidade alienante, cuja única preocupação é a busca de conforto espiritual e de um sentimento vazio da presença de Deus.

Ambas as atitudes deixam o sal perder a sua força (cf. Lc 14,34; Mc 9,50). Às duas atitudes se aplica a palavra de Jesus: “Se o sal se tornar insosso... não presta para a terra, nem é útil para adubar: jogam-no fora” (Lc 14,35).

A esperança escatológica é o sal que não perdeu a sua força e que por causa disso transforma o mundo. Tal esperança “não é o otimismo que espera para o além da morte, para além da injustiça e da opressão, mas é esperança contra a morte, contra a injustiça e a opressão. Quando no Novo Testamento se pede ao cristão que dê razão à sua esperança (1Pd 3,15), é no contexto de perseguição, quer dizer, na situação em que a injustiça parece triunfar sobre o bem... A esperança surge, precisamente, no momento em que parecia estar desaparecendo, e o bem e o amor deixam de triunfar”.⁸¹

Aquilo que valeu para as épocas da perseguição pelo império romano, vale da mesma maneira também hoje. A esperança escatológica é uma esperança “apesar de tudo”. E é exatamente nisso que persiste sua força irresistível.

16

AS CINCO DIMENSÕES DE TODA ESPERANÇA ESCATOLÓGICA

A esperança escatológica não é esperança estéril. Ela é ativa. Ela é profética. Ela é motor para um agir que tem como base o agir do próprio Jesus.

Nas ações dele se concretizaram todas as esperanças escatológicas, formuladas por Isaías. Em sua proclamação programática de Nazaré (Lc 4,18-19), Jesus identifica o seu agir e a sua mensagem com tais esperanças. Segundo suas próprias palavras, Deus o ungiu para concretizá-las todas, e muitas outras mais. A vida dele se torna assim a concretização de todas as esperanças num futuro Reino de Deus. Este Reino já começou, e neste fato se baseiam as esperanças históricas e escatológicas de seus seguidores até hoje.

Esperanças, aliás, que em nada se restringem às expectativas passivas e espirituais, bem pelo contrário. As promessas, formuladas por Jesus e realizadas no decorrer de sua vida, se referem a dimensões de vida bem concretas. E por causa dessas promessas, são concretas também as esperanças que se fundamentam nelas.⁸²

Baseados nessas promessas, podemos distinguir pelo menos cinco dimensões, nas quais a esperança escatológica se torna ativa. Todas essas dimensões, por sua vez, têm como ponto de referência uma das cinco grandes opções de Jesus:⁸³

- ♦ OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES
- ♦ OPÇÃO PELO SERVIÇO E CONTRA O PODER
- ♦ OPÇÃO PELA MISERICÓRDIA E CONTRA O LEGALISMO RELIGIOSO
- ♦ OPÇÃO PELA JUSTIÇA E CONTRA TODA E QUALQUER OPRESSÃO
- ♦ OPÇÃO PELA VIDA INTEGRAL DO HOMEM

16.1. Esperança na transformação de estruturas econômicas que geram pobreza

TODA A VIDA DE JESUS É MARCADA POR UMA
OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

Apesar de todas as tentativas, dentro e fora da Igreja, de relativizar a clara e explícita opção de Jesus pelas camadas excluídas e pobres de sua época, devemos lembrar com insistência que tal opção faz parte indispensável da esperança do Reino. Ela é a Boa Nova transmitida para eles (cf. Lc 4,18).

Tal opção foi reconfirmada e acentuada também na IV Conferência do Episcopado Latino-americano em Santo Domingo.⁸⁴ Ela tem como base A OPÇÃO

PREFERENCIAL DE JESUS PELOS POBRES.

Tal opção é inegável. Ela ocupa lugar central na mensagem e no agir dele. As bem-aventuranças a exprimem de maneira explícita.⁸⁵ A sua proclamação programática⁸⁶ a coloca em lugar central. O próprio Jesus escolheu o seu lugar social entre os pobres. Ele acolheu os pobres, desafiando o veredicto de condenação divina e de impureza que pesava sobre eles.⁸⁷

Sendo a vida e o agir de Jesus paradigma daquilo que significa Reino de Deus, podemos concluir de maneira convincente que, quando Deus reina, não pode haver exclusão por razões econômicas, não pode haver mais a estratificação da sociedade em pobres e ricos. Quando Deus reina, toda pobreza, toda exclusão social e econômica serão superadas.

Quando Deus reina:

- ♦ Não pode haver exclusão por razões econômicas.
- ♦ Não pode mais haver a estratificação da sociedade em pobres e ricos.
- ♦ Toda pobreza e toda exclusão social e econômica serão superadas.

Baseados nessa esperança paradigmática, os seguidores de Jesus estão sendo desafiados a começar desde já a construção de tal situação, onde esse paradigma do Reino possa ser realizado.

16.2. Esperança na superação de estruturas políticas que geram opressão

TODA A VIDA DE JESUS É MARCADA POR UMA
OPÇÃO PELO SERVIÇO E CONTRA O PODER

Todo poder que não serve, oprime. E todo poder que se declara necessário para manter a ordem das coisas, se torna opressivo também. Esta profunda verdade foi analisada e denunciada de maneira bem clara pelos “Novos Filósofos” dos anos 80 do século XX.⁸⁸ Ela, muito antes, está sendo denunciada pelo próprio Jesus.

“Deus enviou-me para proclamar aos cativos a liberdade,
para despedir em liberdade os oprimidos...” (Lc 4,18)

A sua proposta de Reino de Deus se torna uma PROPOSTA ALTERNATIVA contra uma estrutura social onde tudo gira em torno de mecanismos de poder.

“Os reis das nações têm poder... mas, entre vocês não seja assim!”

“Quem governa seja como aquele que serve!” (Lc 22,24-26)

“Eu estou no meio de vocês como quem está servindo” (Lc 22,27)

“Quem quiser ser grande, que se torne o servo de todos e lave os pés de seus irmãos” (O lava-pés, Jo 13,4-16)

Além dessas afirmações bem claras de Jesus, formuladas aos seus seguidores de todos os tempos, observamos no seu agir também uma rejeição acentuada de todo poder opressor.

Tal rejeição se articula ante o poder religioso do templo, a partir do momento em que tal poder se torna opressivo para o povo.⁸⁹ Ela está sendo formulada também contra o poder político opressor. “O mundo político não é o Reino de Deus, mas pode

corresponder ou não à justiça de Deus”⁹⁰

A declaração de Jesus de que se deve dar “a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César” (Mc 12,13-17), se encaixa com destaque no contexto desta alternativa, dentro da qual se rejeita toda opressão política. Porque, a partir da dica de Jesus se levanta na hora a indagação: “O que é de Deus?”

Conforme a convicção religiosa da época:

- O povo é de Deus (cf. Mc 12,1-12)
- A terra é de Deus
- Os frutos da terra são de Deus
- O templo é de Deus (cf. Mc 11,15-18)
- Jerusalém é de Deus

Quando se junta tudo aquilo que no contexto religioso-político de Israel era considerado propriedade de Deus, não resta mais nada para César. A sua opressão se revela injusta, oposta à vontade do próprio Deus. Oposta à realidade alternativa de um Reino de Deus.

Aquilo que vale para César, vale para todo e qualquer poder opressor de todas as épocas.

Quando Deus reina:

- Não pode haver opressão política.
- Não pode haver prisões.
- Não pode haver impostos em nome de um Senhor que na realidade não é Senhor.
- Não pode haver estruturas de dominação.

Quando Deus reina, tudo isso precisa desaparecer.

Quando Deus reina, todas as estruturas de poder serão eliminadas e substituídas por estruturas de serviço fraterno.

Baseados nessa esperança paradigmática, os seguidores de Jesus estão sendo desafiados a começar desde já a construção de tal situação, onde esse paradigma do Reino de Deus se realize.

16.3. Esperança na superação de estruturas religiosas que geram opressão

TODA A VIDA DE JESUS É MARCADA POR UMA
OPÇÃO PELA MISERICÓRDIA E CONTRA O
LEGALISMO RELIGIOSO

Todo o conflito constante entre Jesus e a instituição religiosa de sua época, o templo, deixa-se reduzir a esta fórmula:

Jesus combate um legalismo religioso que esmaga o ser humano em nome de uma lei.

Jesus conseqüentemente situa a pessoa humana acima da lei. E quando está diante da alternativa entre lei e pessoa, escolhe sempre o lado da pessoa.

Por causa disso,

- ♦ declara que: “O sábado é para o homem e não o homem para o sábado!”(Mc 2,27).

- ♦ Faz compreender que cuidar de um ser humano em perigo é mais importante do que o serviço no templo (Lc 10, 25ss).
- ♦ Os pecados ele perdoa de graça, e não através do cumprimento de exigências legalistas sacrificiais. Exigências, aliás, que os pobres não podiam cumprir, porque lhes faltava o dinheiro para comprar os sacrifícios exigidos. Por isso, sempre ficavam com os seus pecados (Lc 5,20, Mt 9,2; Mc 2,5; Lc 7,47).
- ♦ Provoca até de maneira pessoal os detentores do poder religioso, para manter o seu direito de perdoar de graça. “...quem de vocês estiver sem pecado, que jogue a primeira pedra!” (Mt 9,6; Jo 8,7).

A sua proclamação de que Deus o enviou “para despedir em liberdade os oprimidos” (Lc 4,19) se refere também aos oprimidos por causa de um legalismo religioso.⁹¹ Deus rejeita tal legalismo e censura os seus defensores:

→ “Ai de vós, doutores da lei, porque carregais os homens com fardos difíceis de levar e nem sequer com um dedo tocais nesses fardos” (Lc 11,46).

O critério básico de Deus não é o cumprimento de um código de leis, nem mesmo de uma lei religiosa, mas a vida do ser humano.

Contra toda mentalidade de um legalismo religioso, o agir de Jesus fundamenta assim a nossa quarta dimensão de esperança escatológica:

QUANDO DEUS REINA:

- ♦ NÃO PODEM REINAR MECANISMOS DE OPRESSÃO RELIGIOSA QUE EXCLUEM
- ♦ NÃO HAVERÁ EXCLUSÃO NENHUMA
- ♦ NÃO HAVERÁ EXCLUSÃO, NEM POR CAUSA DE ALGUM CÓDIGO DE DIREITO RELIGIOSO
- ♦ NÃO HAVERÁ LEGALISMOS RELIGIOSOS QUE CONDENAM
- ♦ O SER HUMANO É MAIS IMPORTANTE QUE A LEI

Baseados nessa esperança paradigmática, os seguidores de Jesus estão sendo desafiados a começar desde já a construção de tal situação, onde esse paradigma do Reino de Deus seja realizado.

16.4. Esperança na superação de todas as estruturas sociais e socioeconômicas que geram opressão

TODA A VIDA DE JESUS É MARCADA POR UMA
OPÇÃO PELA JUSTIÇA E CONTRA TODA OPRESSÃO

Consequência direta dessa opção é a opção preferencial pelos pobres, mencionada no início deste capítulo. Ela está sendo realizada por Jesus em toda a sua prática de vida. A sua expressão mais específica aparece na proclamação programática em Nazaré:

“Deus me enviou para proclamar um ano de jubilo por parte do Senhor” (Lc 4,19).

Sobre o significado deste ano de jubilo e suas intenções na manutenção de uma estrutura socioeconômica justa, já falamos em capítulos anteriores.

Na declaração de tal ano de graça por parte de Jesus, culmina a sua volta às tradições proféticas e suas fortes exigências de uma justiça social.

Jesus se encaixa nessas tradições. As suas palavras não podem ser espiritualizadas, assim como aconteceu com as exigências do ano jubilar na história de Israel.

Palavras e agir de Jesus se tornam o grande paradigma daquilo que é Reino de Deus.

QUANDO DEUS REINA:

- ♦ AS ESTRUTURAS INJUSTAS SERÃO CORRIGIDAS
- ♦ OS MECANISMOS DE OPRESSÃO SOCIAL E ECONÔMICA SERÃO SUPERADOS
- ♦ AS ESTRUTURAS SOCIOECONÔMICAS SERÃO REESTABELECIDAS CONFORME O PRINCÍPIO IGUALITÁRIO

Tal mensagem não era “Boa Nova” para todos. E permanece não sendo Boa Nova para muitos grupos de interesse de hoje. Apesar disso, Jesus a formulou.

Baseados na esperança de que as palavras dele são os paradigmas para o agir, os seus seguidores estão sendo desafiados a começar desde já a construção de tal situação, onde esses paradigmas do Reino sejam realizados.

16.5. Esperança na superação de todas as estruturas opostas à vida

TODA A VIDA DE JESUS É MARCADA POR UMA
OPÇÃO PELA VIDA INTEGRAL DA PESSOA HUMANA

Para muitos cristãos, o termo vida, formulado em contexto religioso, só se refere à vida espiritual. Conseqüentemente, ligam também o Deus da vida somente com as dimensões espirituais da vida.

A vida, porém, não pode ser fragmentada. A vida é uma só. Quando dizemos que Deus é Deus da vida, exprimimos que este Deus se interessa por todas as dimensões da vida.

Tal verdade se torna evidente em Jesus, do qual declaramos que é verdadeiro homem e verdadeiro Deus. No agir dele se manifesta o Deus da vida. E como os textos mostram, este Deus se compromete de fato com a vida integral da pessoa humana.

- ♦ Por causa disso, Jesus cura doentes, porque doença, na sua época, mais do que hoje, significa falta de vida, significa restrição de vida e situação de morte. Quando Deus reina, só pode haver situação de vida.

“Deus... me enviou... para anunciar... aos cegos a recuperação da vista” (Lc 4,18).

Além de todo significado espiritual, essa recuperação significa para o cego uma ampliação de suas dimensões de vida. Significa mais vida, e com isso encontramos de novo o lema do Deus da vida.

- ♦ Jesus multiplica pães, para saciar a fome da multidão. Além de todo significado espiritual e simbólico do gesto, essa multiplicação nos lembra que a falta de comida significa ameaça à vida, restrição da vida, situação de morte.

No seu gesto, Jesus se compromete com a vida no seu sentido integral e global, que implica também a necessidade de saciar a fome.

O mesmo constatamos no episódio em que Jesus permite arrancar espigas e comê-

las, apesar de ser sábado (Mt 12,1ss; Mc 2,32). A vida concreta e integral do homem tem preferência acima da lei.

- ♦ Jesus perdoa pecados, e de novo, num nível mais elevado, transforma situações de morte em situações de mais vida. Porque todo pecado é restrição de vida, é situação de morte.
- ♦ Jesus denuncia o legalismo do templo em todas as situações onde a lei esmaga a vida, gerando situações de morte.

Em todas as situações, onde Jesus age, se revela assim o Deus da vida, que cuida da vida integral dos seres humanos.

Sendo que o agir dele é paradigma daquilo que significa Reino de Deus, encontramos neste agir também o fundamento para a quinta dimensão da esperança escatológica:

- ♦ QUANDO DEUS REINA, CUIDA DO SER HUMANO INTEGRAL, TAMBÉM DOS ASPECTOS FÍSICOS E CORPORAIS DA VIDA.
- ♦ QUANDO DEUS REINA, TODA SITUAÇÃO DE MORTE SERÁ SUPERADA.
 - ♦ NÃO HAVERÁ MAIS FOME NEM DOR NEM DOENÇA.
 - ♦ QUANDO DEUS REINA, TODA E QUALQUER ESTRUTURA QUE GERA MORTE SERÁ SUPERADA E SUBSTITUÍDA POR ESTRUTURAS QUE GERAM VIDA.

Baseados nessa esperança paradigmática, os seguidores de Jesus estão sendo desafiados a começar desde já a construção de tal situação, onde tais paradigmas do Reino possam ser realizados.

17

ESPERANÇA ESCATOLÓGICA, MOTOR PARA O AGIR, TAMBÉM HOJE E NO FUTURO

A proclamação da proximidade do Reino de Deus é uma Boa Nova.⁹² A sua mensagem é motivo de alegria. Quando o Reino de Deus está próximo, uma nova situação histórica é possível!

Isso vale para a época de Jesus, como vale para hoje e para o futuro.

Quando o Reino de Deus está próximo, a dominação do mundo conforme os princípios dos “animais” (cf. livro de Daniel) pode ser quebrada. Estes animais podem se chamar império babilônico, império selêucida, império romano, império colonizador, capitalismo, comunismo, neoliberalismo, neopaganismo, ou como quer que sejam denominados. Quando o Reino de Deus começa, temos a certeza de que o domínio de todos esses impérios pode ser substituído por situações “humanas”, situações históricas que seguem os princípios de um “filho do homem”.

Este “filho do homem” é Jesus. A partir dele e com ele começa uma nova história.

Tal história, é verdade, permanece marcada por conflitos e tensões dialéticas. Mas, os seus princípios humanos, com certeza, irão triunfar!

Triunfarão porque a realização deles está inclusa nos planos históricos de Deus.

A partir dessa certeza absoluta de sua fé, o cristão de hoje pode começar a transformar desde já todas as situações, marcadas pelos princípios dos “animais”.

É esta a sua vocação. E num mundo que perdeu a esperança, o cristão é chamado a incentivar a realização daquele mundo que corresponde aos planos de Deus. Assim, a esperança recupera a dinâmica que tinha no início da história de Israel. Esperança transformadora que pode agir a partir da certeza de que Deus está ao seu lado.

Deus falou em Jesus que o Reino já começou.
Deus declarou em Jesus que o anti-Reino já está superado.

Com base nisso, o cristão está sendo chamado a seguir Jesus. Seguir Jesus, porém, significa fazer acontecer o Reino de Deus em toda e qualquer situação, começando pelas dimensões do indivíduo e terminando com a transformação das estruturas do mundo.

Convertam-se, o Reino de Deus está próximo!

É com essa dinâmica que a realização progressiva e processual do Reino dentro da história pode realizar-se.

18

REALIZAÇÕES CONCRETAS DO REINO DE DEUS

18.1 Reino de Deus não é uma realidade puramente espiritual

Com base em tudo aquilo que foi exposto nos capítulos anteriores, podemos de maneira definitiva rejeitar toda tentativa de situar o Reino de Deus unilateralmente numa dimensão transcendente. Reino de Deus não é realidade distante do mundo, puramente espiritual. Reino de Deus também não se situa numa dimensão depois da morte.

Todas essas interpretações não levam em consideração aquilo que os textos bíblicos nos falam sobre esse Reino. Começando pelos textos proféticos, passando pelo livro de Daniel e terminando em Jesus, é sempre o mesmo: Reino é uma realidade ligada à história concreta, mas que vai além desta história. A construção do Reino é processo que se inicia dentro dessa história, conforme o exemplo de Jesus. Processo dialético, no decorrer do qual os valores do Reino, passo a passo, estão se sobressaindo em relação aos contravalores do anti-Reino.

Esse processo já começou. E os seus sinais se tornam visíveis nas muitas realizações concretas de Reino, que nós encontramos dentro dessa história. Sinais que se tornam visíveis também nas situações de conflito, onde valores do Reino se confrontam com valores do anti-Reino. Sinais que vêm à tona até naqueles momentos em que pessoas ou grupos ou interesses estão esmagando os valores do Reino. O processo, através do qual o Reino cresce, é dialético. Quem cria essa dialética não são mecanismos anônimos, mas decisões humanas.

18.2. As realizações concretas de Reino são interligadas com as decisões humanas

A proclamação do Reino de Deus por Jesus Cristo apresenta uma característica fundamental:

O REINO NÃO ACONTECE SEM A COLABORAÇÃO HUMANA

O agir de Deus no mundo é um agir através de nós. As pessoas humanas não são meros espectadores do Reino, mas agentes ativos dele.

Encontramos de novo a profunda analogia entre a missa e o processo histórico do Reino. Da mesma maneira como Deus não se faz presente na eucaristia, se o homem não trazer primeiro o pão e o vinho, Deus também não quer realizar o seu Reino, se o homem não participar.

SEM A COLABORAÇÃO DAS PESSOAS HUMANAS,
DEUS NÃO QUER REALIZAR O REINO

Estamos novamente sendo confrontados com o mistério da liberdade humana. Em toda a sua história com os homens, Deus sempre respeitou esta liberdade. Deus nunca se impõe. Deus formula propostas, e a pessoa humana tem a liberdade de aceitá-las ou rejeitá-las. Isso vale também para o Reino de Deus.

Em seu livro *Kirchenträume*, Norbert Lohfink formula esse fato de maneira muito concreta. Deus, diz ele, considera os homens capazes de criar uma sociedade alternativa. Uma sociedade na qual, por livre e espontânea vontade, realizem os valores propostos por ele. Valores que culminam no grande projeto de um Reino de Deus.⁹³

Este projeto, apesar de transcender o mundo, também é inserido nas estruturas deste mundo. Por causa disso, tomam parte dele todas as estruturas sociais, políticas e econômicas, assim como também as religiosas.

O REINO, COMO PROCESSO, FICA INSERIDO
NAS ESTRUTURAS SOCIAIS, POLÍTICAS, ECONÔMICAS
E RELIGIOSAS DESTE MUNDO,
MAS TAMBÉM TRANSCENDE A TODAS ELAS.

Sendo assim, esse Reino se apresenta como processo em devir, como dinâmica profunda, cujo fim escapa às mãos humanas, de cuja construção, porém, nós também formamos parte.

Deus nos convida a continuar aquele projeto que ele iniciou em Jesus Cristo. E por trás desse convite se torna visível aquela imagem de Deus que já transparece em Jesus Cristo. Não um Deus onipotente e dominador, como o apresentou a tradição filosófica grega. Não um Deus que manda e exige determinantemente a observância da lei, assim como o apresentaram tantos representantes do poder dentro da história.

O que transparece em Jesus é o Deus que respeita a pessoa humana. O Deus que faz propostas. O Deus impotente que não manda, mas que implora e que pede. O Deus do amor.

POR TRÁS DA CONCEPÇÃO DO REINO EM PROCESSO
DE DEVIR, TRANSPARECE A IMAGEM DE UM DEUS

Perante essas propostas, a pessoa humana é confrontada com a necessidade de tomar decisões, assumir atitudes. E estas atitudes têm relações concretas e diretas com a maneira de agir no mundo, assim como o exemplo de Jesus o demonstra. Sendo assim, também o Reino de Deus na sua plenificação futura “não é fenômeno desligado do mundo ou fora do mundo. Tal plenificação diz respeito à determinação futura da sociedade atual”.⁹⁴ É assim que Wolfgang Pannenberg formula a correlação entre o mundo atual e a proposta do Reino de Deus.

18.3. Reino de Deus, projeto alternativo contra as poderosas macroestruturas de um mundo globalizado

A correlação entre o mundo atual e a proposta do Reino de Deus se torna cada vez menos evidente hoje, diante das poderosas macroestruturas que se formaram a partir das décadas passadas. Essas estruturas, com todo o seu imenso potencial e poder, parecem muito pouco propícias à evolução de um reino de fraternidade, de igualdade e de ternura.

Perante elas, Herbert Vorgrimler formula de maneira explícita a pergunta se tais estruturas, de algum modo, ainda são capazes de se deixar guiar pela energia afetuosa do amor; por aquele amor que em nada é imperativo e ditatorial, mas muito mais um rio suave que não modela através de sua força bruta, mas sim pela persuasão do tempo que passa.

Um olhar para dentro da história mostra de fato que as tentativas de realizar os valores do Reino por intermédio de macroestruturas fracassaram todas. Pode-se começar pelo sonho de uma realeza poderosa em Israel e terminar com a idéia de uma cristandade prestigiosa, seja na Idade Média, seja hoje.

Do outro lado, devemos insistir no fato de que Jesus, em sua época, não tinha falado de uma vinda simbólica do Reino. Jesus proclamava a sua vinda real. Mas, ele convocou as pessoas a realizá-lo de maneira “pontual-situativa”, em pequenas comunidades, em situações bem determinadas. Para Vorgrimler, tais “comunidades de comunicação ideal” com certeza não são realizáveis em organizações de massa. Mas, estes inícios do Reino de Deus existem em todo lugar: em relações a dois bem-sucedidas, em comunidades eclesiais de base, em chassidim judaicas, em grupos ahisma indianos... Seria possível, pergunta ele, “que aqui, apesar de tudo, continuasse viva a vontade de Deus de caminhar com os homens?”⁹⁵

Fato histórico é que o próprio Jesus não imaginava os modelos alternativos de seu Reino como sendo organizações de massa ou instituições macroestruturais. A sua visão parece ter sido muito mais aquela de pequenas comunidades alternativas, dentro das macroestruturas existentes. Fermento na massa. Pequenas células, capazes de sobreviver em todas as circunstâncias, revolucionárias na sua influência e no seu modelo de viver. Células transformadoras, inseridas no mundo, que influenciam este mundo de baixo para cima. Projeto alternativo para aquela época e também para hoje. Projeto que, desde a sua formulação, está numa tensão dialética com a tendência de todo poder, de se organizar em macroestruturas.

O projeto de Jesus não era um projeto de poder. E mais uma vez estamos sendo desafiados hoje, e em todas as épocas, a seguir o modelo dele; a transformar as estruturas, para que estas se convertam conforme o modelo dele; de ser fermento que incomoda, transforma e inspira à conversão.

19

OS NÚCLEOS AGENTES DO REINO EM PROCESSO ESTÃO INSERIDOS, COMO SINAIS ALTERNATIVOS, NO SISTEMA ENTRELAÇADO DA SOCIEDADE

O Reino de Deus não é estático. É organismo vivo que age. É organismo alternativo dentro das outras organizações dessa sociedade.

Para compreender a dinâmica de seu ser, não podemos parar numa visão do Reino vivida em pequenas comunidades de comunicação ideal. É verdade que, no momento atual, o processo do Reino parece se manifestar sobretudo ali. Todavia, tais comunidades não são isoladas. São inseridas como núcleos agentes num sistema complexo e entrelaçado, ao qual damos o nome de sociedade.

Dentro desta sociedade, formam um rastro transformador, que se enlaça de maneira dinâmica e dialética com o sistema como tal.

Esses núcleos agentes não são passivos, são fermento ativo. Reagem, influenciam e estão sendo influenciados. Eles são sinais de UM SISTEMA ALTERNATIVO DE VIDA E DE SOCIEDADE. Sinais que testemunham, contra todos os sistemas de poder e de ter, que tal vida alternativa é possível. Que tal sociedade alternativa é possível. São sinais de contradição, antagonistas com o sistema em vigor, mas apesar disso constituem parte desse sistema. Assim é o Reino de Deus em processo.

Sendo ativa, influencia o sistema e o transforma com a força de fermento, pela força atrativa e transformadora de seus núcleos.

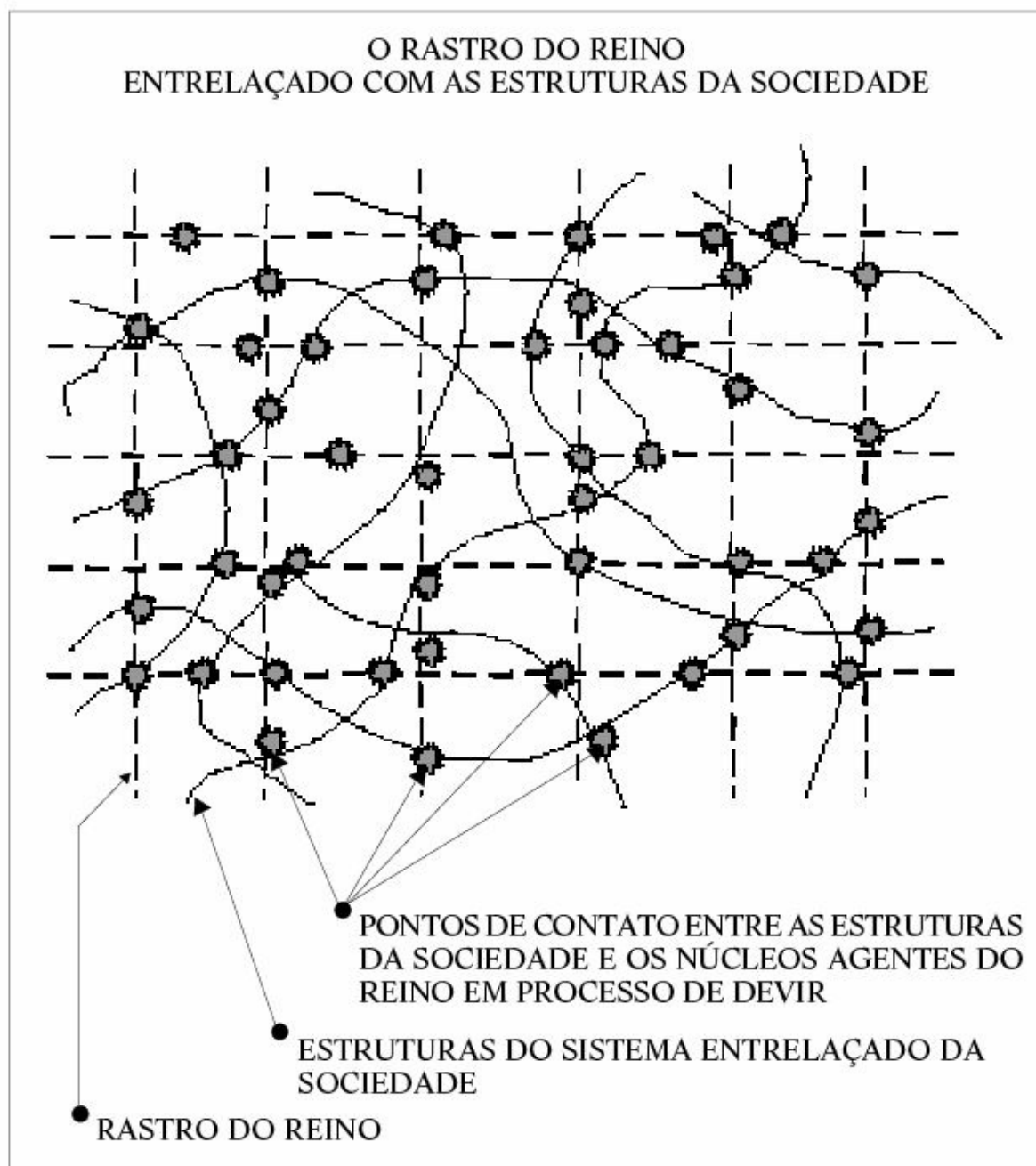
OS NÚCLEOS AGENTES DO REINO EM PROCESSO
FORMAM UM RASTRO TRANSFORMADOR
QUE SE ENLAÇA DE MANEIRA DINÂMICA
E DIALÉTICA COM AS ESTRUTURAS DO SISTEMA
ENTRELAÇADO DA SOCIEDADE.

É ATRAVÉS DESSES NÚCLEOS AGENTES E ATIVOS QUE DEUS TRANSFORMA, PASSO POR PASSO, ATÉ AS MACROESTRUTURAS DA SOCIEDADE.

Tal transformação, porém, não se realiza pela força bruta ou pela coação, mas por

um processo contínuo e constante, como a água, à qual, com o tempo, nem a pedra dura resiste.

DEUS, POR INTERMÉDIO DOS NÚCLEOS AGENTES
DO REINO, TRANSFORMA ATÉ AS MACROESTRUTURAS DESSA SOCIEDADE.
TAL TRANSFORMAÇÃO, PORÉM, SE REALIZA PELA FORÇA SUAVE E CONSTANTE DENTRO DA HISTÓRIA,
À MANEIRA DA ÁGUA QUE, COM O TEMPO,
VENCE ATÉ A PEDRA MAIS DURA.



QUANTO MAIS DENSO O RASTRO, TANTO MAIS NUMEROSOS SERÃO OS PONTOS DE
CONTATO COM AS ESTRUTURAS DA SOCIEDADE, RESULTANDO EM INFLUÊNCIA CRESCENTE
DA FORÇA TRANSFORMADORA E ALTERNATIVA DO REINO.

O POVO DE DEUS DEVE RECUPERAR A SUA CONFIANÇA DE SER AGENTE TRANSFORMADOR

Diante do desafio de ser fermento ativo e transformador, os cristãos estão sendo confrontados hoje com uma problemática inquietante. Através de uma história milenar, o povo de Deus foi acostumado a esperar tudo “de cima”. O seu papel era aquele de “ovelha obediente”, a ponto de perder até a noção de sua responsabilidade como “filhos de Deus” e “herdeiros do Reino”.⁹⁶

Mantido nessa atitude por séculos, o povo perdeu a consciência de sua dignidade. Esqueceu que não recebeu “espírito de escravos para recair no medo, mas espírito de filhos adotivos... herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (Rm 8,14-17). Esquecendo-se, porém, desta vocação, os cristãos perderam também a confiança na sua capacidade de serem agentes capazes de transformar este mundo e esta Igreja, rumo ao Reino de Deus. Até mesmo este Reino se transformou, na sua compreensão, numa realidade transcendente, fora do mundo, a ser alcançada depois da morte.

POR UMA HISTÓRIA MILENAR DE SUBMISSÃO, O POVO DE DEUS PERDEU A SUA CONFIANÇA DE SER AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO RUMO AO REINO DE DEUS.

O Reino de Deus se esvaziou para um céu distante ou para as “instituições santas”. Essa atitude de alienação muitas vezes foi sustentada também por uma catequese que sucumbiu à tentação de pregar muito mais o poder da instituição eclesial, em vez de proclamar o serviço ao Reino de Deus.

Diante de tal passado, estamos sendo desafiados hoje, de maneira explícita, a recuperar a consciência de co-responsabilidade pessoal na construção do Reino de Deus.

CADA INTEGRANTE DO POVO DE DEUS DEVE
RECUPERAR HOJE A SUA CONSCIÊNCIA DE SER
PESSOALMENTE RESPONSÁVEL PELA CONSTRUÇÃO
DO REINO DE DEUS.

Construir o Reino de Deus, porém, não pode ser reduzido a uma noção individualista de santificação pessoal. Reino de Deus é noção social. O próprio termo “reino” implica relações sociais. Um reino não é construído por um único indivíduo, como tampouco consiste apenas nele.

REINO DE DEUS É TAREFA SOCIAL.
NÃO PODE SER REDUZIDO A UMA DIMENSÃO INDIVIDUAL

Em vez, porém, de delegar essa tarefa social a determinadas macroestruturas, e depois aguardar, até que elas ordenem o que deve ser feito, devemos hoje incentivar

todos os filhos de Deus à ação. Ação que se baseia na sua responsabilidade de “herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (Rm 8,17). Ação, cujo objetivo é a participação na realização do grande projeto escatológico de Deus. Participação ativa, num espírito de comunhão e participação, incentivado e motivado por uma Igreja que se compreende como servidora e instrumento desse projeto.

21

O REINO DE DEUS, A GRANDE UTOPIA NUM MUNDO QUE PERDEU AS UTOPIAS

O fim do século XX, assim como o início do século XXI, são marcados pela perda acentuada das grandes utopias:

- O **Comunismo**, utopia de tantos povos, se desfez.
- O **Socialismo** entrou em profunda crise de identidade.
- A **Ciência** se revela incapaz de realizar o sonho de um mundo mais humano.
- Os grandes ideais do **Iluminismo** se evaporaram na propaganda de sistemas totalitários.
- Até dentro da própria Igreja parece estiar-se o grande advento do **Concílio Vaticano II**, sob o rigorismo de um neoconservadorismo medroso.

Em todos os lugares, constatamos aquilo que J.B. Libânio denominou “síndrome de falência das grandes utopias”.⁹⁷

O mundo, porém, precisa de utopias, porque são elas os fundamentos da esperança!

Um mundo sem esperança afunda em crises de sentido cada vez mais profundas. Nenhuma promessa de satisfação consumista poderá preencher o vazio dos corações de seus integrantes. As manifestações de uma religiosidade sem conteúdo, orientada unicamente no efeito emocional, também devem necessariamente fracassar. O vazio dos corações aumenta e as frustrações se agravam.

Nessa situação surge, mais do que nunca, a necessidade de anunciar e de proclamar a este mundo, carente de esperanças, a grande mensagem do Reino de Deus.

AS PESSOAS TÃO FRUSTRADAS DE HOJE PRECISAM MAIS DO QUE NUNCA DESTA MENSAGEM DE ESPERANÇA:

A TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO, RUMO A UMA
SITUAÇÃO CONFORME OS CRITÉRIOS HUMANOS
DE DEUS, JÁ COMEÇOU!

No decorrer de uma concepção espiritualizante da religião cristã, a grande mensagem de esperança de Jesus foi reduzida a uma expectativa de um além distante. Assim, porém, não podia desenvolver o seu potencial utópico. Ela se tornava discurso alienante e em muitos casos alienador.

Uma interpretação distorcida separava a esperança religiosa de tudo aquilo que era

chamado Reino de Deus. Tal Reino não teria nada a ver com utopia. O espaço dela, assim se dizia, seria “tão fechado à transcendência teológica, como o espaço da teoria social, da qual forma parte”.⁹⁸ Vestígios de tal distinção transparecem até na concepção formulada por J.B. Libânio, no seu excelente livro sobre Utopia e esperança cristã. Aí podemos ler: “O pensamento utópico é antropocêntrico, a tradição bíblica da esperança é teocêntrica”.⁹⁹

Contra todas essas tentativas de separar a história utópica humana da história da revelação, o grande teólogo Edward Schille-beeckx insiste de maneira convincente no fato de que toda história de Deus é sempre uma história deste Deus com os homens. “A salvação de Deus se realiza primeiro dentro da realidade do mundo e da história”.¹⁰⁰ Sendo que a sigla para esta salvação é a grande verdade de um Reino de Deus em processo de acontecer, devemos redescobrir urgentemente a profunda dimensão utópica desse processo.

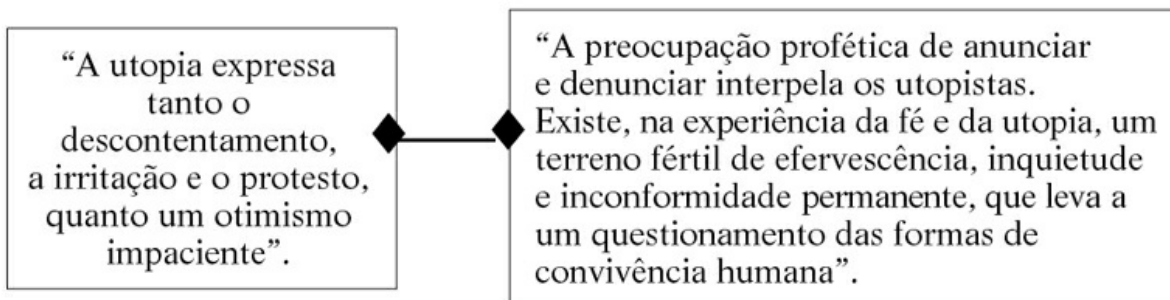
- ♦ A mensagem do Reino de Deus contém eminente força utópica.
- ♦ Ela é utopia e mais do que utopia!
- ♦ Ela é antropocêntrica, mas vai além de todo antropocentrismo.
- ♦ Ela abre o olhar para o a dimensão transcendente, sem esquecer a realidade histórica concreta. Numa situação marcada pela falência das grandes utopias; numa época profundamente carente de respostas ao anseio por sentido, a mensagem do Reino é capaz de preencher como nunca o vazio existencial de toda uma época.

NUMA ÉPOCA EM QUE AS GRANDES UTOPIAS SOCIAIS FRACASSARAM, NUMA ÉPOCA QUE CARECE DE RESPOSTAS PERANTE A QUESTÃO DO SENTIDO DA VIDA E DO SENTIDO DA HISTÓRIA, A MENSAGEM DO REINO DE DEUS PODE ABRIR NOVOS HORIZONTES DE ESPERANÇA.
--

21.1. Aproximação entre esperança escatológica e utopia social, no discurso escatológico contemporâneo

A aproximação entre esperança escatológica e utopia social reflete de certa maneira o caminho do discurso escatológico na segunda metade do século XX. Desde uma “escatologia apolítica” se recuperou de novo uma posição, segundo a qual, “toda teologia escatológica deve converter-se em teologia política no sentido de teologia crítica perante a sociedade”.¹⁰¹

Dentro dessa perspectiva se realiza também a conscientização sobre a força utópica do Reino de Deus. “A grande esperança do ‘Reino de Deus’, da ‘Jerusalém do alto’ e do ‘banquete celestial’ representa o horizonte utópico... da mensagem de Cristo”.¹⁰² A partir de tal perspectiva, podemos visualizar a interligação entre utopia e mensagem do Reino, também pela justaposição de duas frases de Jacques Vervier:



No decorrer das flutuações entre a atitude progressiva e o neoconservadorismo dentro da teologia, tentativas de negar tal correlação sempre podem ocorrer. Na verdade, porém, ela é inegável, porque possui profunda base bíblica.

Os seus pontos centrais estão resumidos na síntese esquemática seguinte. Ela segue, na sua essência, o livro de A. Fierro, *O evangelho beligerante*.¹⁰³

Síntese

A CORRELAÇÃO ENTRE ESPERANÇA ESCATOLÓGICA E UTOPIA SOCIAL

1. Definição de “utopia”:

“UMA IMAGEM ESTIMULANTE E PROPULSORA DA AÇÃO, QUE SUGERE ALTERNATIVAS HISTÓRICAS MUITO DIFERENTES DAS ATUALMENTE DADAS E QUE SE BASEIA NA VALORIZAÇÃO DO HOMEM E DE SUA FELICIDADE COLETIVA (op. cit., p. 264)”.

2. Elementos básicos:

- ♦ Tem força revolucionária
- ♦ Critica a realidade estabelecida
- ♦ Pretende mudar a situação
- ♦ Quer estabelecer uma ordem diferente da estabelecida

UTOPIA ABRE NOVOS HORIZONTES PARA A REALIZAÇÃO DOS DESEJOS HUMANOS.

3. Relação entre esperança escatológica e utopia

3.1. Posição da escatologia tradicional (K. Rahner, J. Moltmann)

UTOPIA:
FANTASIAS HUMANAS
QUE SONHAM COM UM
FUTURO DIFERENTE

TEOLOGIA:
TEM A FUNÇÃO DA CRÍTICA
DE QUALQUER
REPRESENTAÇÃO UTÓPICA

3.2. Posição da escatologia transformadora (Schillebeeckx, Gutiérrez)

UTOPIA:

- ◆ PERTENCE AO CAMPO DA TEORIA SOCIAL
- ◆ NÃO TEM ESPAÇO PARA A TRANS-

TEOLOGIA:

- ◆ FÉ TAMBÉM TEM FUNÇÃO POLÍTICA E SOCIAL
- ◆ FÉ PODE AGIR COMO UTOPIA CRÍTICA NO

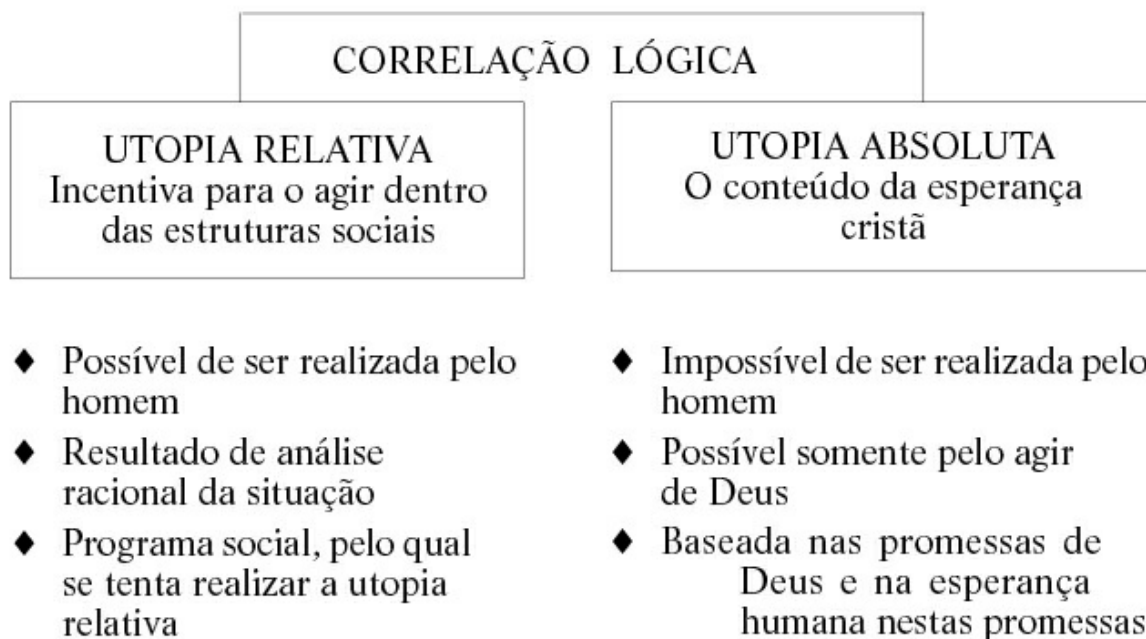
Schillebeeckx:

“A mensagem evangélica tem importância, de forma indireta, no terreno político e social, concretamente enquanto utopia... A expectativa cristã e o sermão da montanha desempenham o papel de utopia eficaz, que deve exercer pressão contínua em todas as questões sociais e políticas” (E. Schillebeeckx, Concilium 36, pp. 419-420).

Gutiérrez:

“A fé e a ação política não entram em relação correta e fecunda, senão pelo projeto de criação de um novo tipo de homem em sociedade diferente, através da utopia” (Gutiérrez, Teologia de la liberación”, pp. 316-317).

3.3. Distinção entre utopia relativa e utopia absoluta (Gollwitzer)



A UTOPIA RELATIVA É ALGO COMO A “ILUSTRAÇÃO” DAQUILO QUE SERIA A UTOPIA ABSOLUTA DO REINO DE DEUS

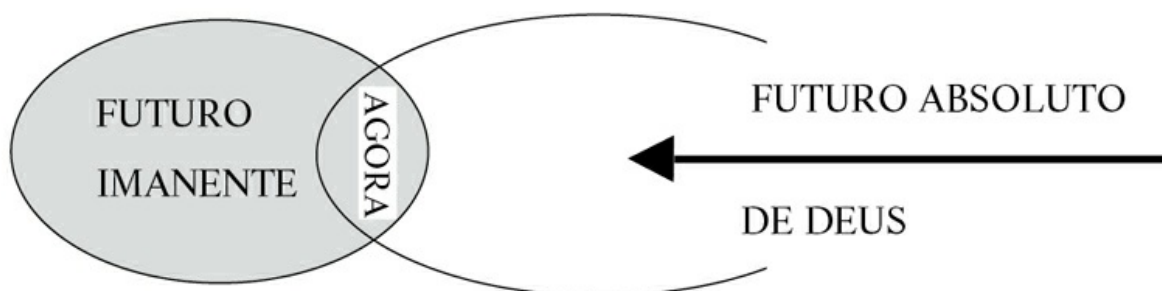
A utopia relativa “exibe a sociedade terrena desejada, como um reflexo do Reino de Deus sob as condições deste mundo”.

“Da utopia absoluta da nova sociedade no Reino de Deus deriva a utopia terrena e relativa, como imagem diretriz para a modificação das relações existentes, demonstrando toda injustiça, servidão e abuso do poder” (A. Fierro, op. cit., p. 270).

21.2. A “reserva escatológica”

A relação entre UTOPIA SOCIAL e a ESCATOLOGIA pode ser representada também pelo modelo de dois círculos que em parte se entrelaçam um no outro, mas

que não são congruentes. Além disso, devemos acrescentar que a esperança escatológica nunca é fechada. Ela sempre forma um SISTEMA ABERTO PARA DEUS.



“Precisamente por não se identificar com nenhum ideal terreno, a escatologia cristã mantém poder crítico distanciador diante de qualquer utopia”.¹⁰⁴

Esta frase de A. Fierro, que por sua vez se inspirou em J.B. Metz e Helmut Gollwitzer, formula de maneira acentuada o elemento distintivo que separa a escatologia, apesar de toda aproximação, da utopia social.

O FUTURO ESCATOLÓGICO
PASSA POR PROJETOS UTÓPICOS,
MAS
ULTRAPASSA QUALQUER PROJETO UTÓPICO.

É com esta fórmula que poderíamos definir aquilo que denominamos “reserva escatológica”. Conforme a esperança cristã, este mundo, na sua totalidade, tem futuro aberto para o transcendente. Um futuro absoluto e definitivo, que vem de Deus e que ultrapassa qualquer realização humana.¹⁰⁵

REINO DE DEUS NA SUA PLENIFICAÇÃO
É SEMPRE MAIS DO QUE QUALQUER REALIZAÇÃO
HISTÓRICA HUMANA.

Esta verdade fundamental também está implícita na “reserva escatológica”. Da mesma maneira, porém, faz parte dessa reserva o fato de que o futuro absoluto, previsto por Deus, não se realiza fora da atividade humana.

“Salvação para o mundo”, diz Medard Kehl, “só pode realizar-se... quando os homens concordam de maneira concreta com a resposta já dada por Jesus; resposta constituinte do Reino, baseada na promessa do Pai de estabelecer seu Reino entre nós.”¹⁰⁶

Mas, entre esta vontade do Pai que quer dar ao mundo um futuro absoluto, e a liberdade humana, existe uma tensão dialética. Os homens querem realizar as suas utopias sociais. A questão é em que medida o conteúdo dessas utopias corresponde aos planos de Deus. É por causa disso que já Karl Rahner, na sua “Teologia do Futuro”, estabeleceu a clara distinção entre o “futuro imanente” e o “futuro absoluto”. Foi também esta a denominação utilizada no desenho anterior. Para Rahner, esses “dois futuros” podem ser definidos da seguinte maneira:

FUTURO IMANENTE:

O CONTEÚDO DAS UTOPIAS SOCIAIS.

- ♦ Pode ser alcançado pelos esforços humanos.
- ♦ Não é determinado, mas sempre aberto.
- ♦ É ligado à liberdade e à espontaneidade humana.

FUTURO ABSOLUTO:

TRANSCENDE O CONTEÚDO DE QUALQUER UTOPIA.

- ♦ É a plenificação do futuro imanente na dimensão infinita de Deus.
- ♦ Revela que o mundo é aberto para o transcendente, não só para situações finitas.
- ♦ A realização desse futuro é dom e graça de Deus.

21.3. Além de toda utopia, a escatologia fala da última finalidade deste mundo e deste cosmo

Confrontadas com as angústias humanas que buscam segurança e soluções, não só as utopias, mas também a escatologia estão sendo desafiadas. A situação social está marcada pela insegurança generalizada. Catástrofes ecológicas e demográficas se tornam possíveis. A exclusão econômica de grande parte da população parece ridicularizar a opção de Jesus pelos pobres e sua proposta de sociedade alternativa. Impérios financeiros e econômicos cada vez mais poderosos fazem com que essa proposta pareça um sonho sem conteúdo.

Onde, nesta perda de perspectiva histórica generalizada, ainda há lugar para uma promessa escatológica?

Como manter a esperança numa situação de desespero para muitos?

De que maneira acreditar que este mundo caminha rumo a um futuro absoluto, cujo fim está nas mãos de Deus?

E caso tal futuro realmente exista, como o processo de sua construção desembocará enfim na sua plenificação?

Hoje, a escatologia está confrontada com estas e com muitas outras indagações semelhantes. Perante uma situação que para muitos parece desesperadora, é grande a tentação de voltar às respostas tradicionais, dadas por toda uma história de milenarismo apocalíptico.

Contra tal solução, a escatologia do século XXI é chamada a lembrar que até as respostas apocalípticas em nada eram respostas pessimistas. Ela deve recuperar o sentido original do pensamento apocalíptico. Pensamento que não esperava primordialmente o fim deste mundo, mas muito mais uma transformação radical da situação. Como autor desta transformação, identificava-se Deus. Por causa disso, as respostas apocalípticas eram respostas de esperança em situações desesperadoras. É um dos resultados trágicos de sua história de recepção, na qual não ficava mais nada da esperança, senão a expectativa de uma destruição do mundo.

Contra o pessimismo dessa concepção milenarista, a escatologia cristã está sendo desafiada a reacender a esperança. Ela o pode concretizar, pois é dentro do contexto da esperança escatológica que é possível redescobrir a concepção dinâmica de um Reino de Deus em processo de devir dentro da dinâmica dessa história. Processo que já começou, que está em andamento, e no decorrer do qual Deus conduz este mundo e

este cosmo rumo à sua última finalidade.

É a partir desse enfoque dinâmico que também se pode recuperar nova compreensão daquilo que tradicionalmente foi chamado O FIM DO MUNDO. Concepção digna e cheia de confiança. Visão processual que supera o negativismo e o medo do milenarismo apocalíptico, a fim de recuperar a profunda dinâmica da esperança bíblica.

¹ Cf. I. Neutzling, O Reino de Deus e os pobres, p. 32; J. Jeremias, Neutestamentliche Theologie I, 1971, p. 101.

² Cf. N. Lohfink, “Das Königtum Gottes und die politische Macht”, em Das Jüdische am Christentum, pp. 73-75.

³ Cf. os capítulos respectivos na Unidade II do presente livro. Cf. também J. Bright, História de Israel, São Paulo, Paulus 1980; José Luís Sicre, Profetismo em Israel, Petrópolis, Vozes, 1996; H. H. Rowley, A importância da literatura apocalíptica, São Paulo, Edições Paulinas, 1980; Pablo Richard, Apocalipse, Vozes, Petrópolis, 1996.

⁴ W. Kellner, O Filho do homem, p. 48.

⁵ Sobre a concepção do Reino de Deus na pregação e no agir de Jesus, vide os capítulos respectivos.

⁶ Edward Schillebeeckx, Menschen, die Geschichte von Gott, p. 152.

⁷ P. Hünemann, “Reich Gottes, Sinn und Ziel der Geschichte”, em H. Althaus, Apokalyptik und Eschatologie, p. 119. Cf. também: Jon Sobrino, Cristologia, pp. 62-67, 364-365.

⁸ Edward Schillebeeckx, Menschen, die Geschichte von Gott, pp. 152-153.

⁹ Jon Sobrino, Cristologia, pp. 61-62.

¹⁰ A. Barreiro, Os pobres e o Reino, pp. 85-86. “A intervenção escatológica de Deus, a vinda de seu Reino (ver Mc 9,1 par; Lc 22,18; 17,20; Mt 6,10 par) é anunciada por Jesus como próxima, iminente” (ver Mc 1,15 par; Mt 10,7; Lc 10,9.11; Lc 11,20; Lc 21,31; Mt 12,28)” (Barreiro, op.cit., p. 86).

¹¹ Jon Sobrino, Cristologia, p. 61.

¹² Cf. os capítulos respectivos na Unidade III deste livro, sobretudo cap. 6.2: O milenarismo judaico-cristão.

¹³ Cf. Eduardo Hoornaert, O movimento de Jesus, Vozes, Petrópolis, 1994.

¹⁴ Para estudos mais aprofundados, cf. em termos de exemplos: E. Morin, Jesus e as estruturas de seu tempo; I. Neutzling, O Reino de Deus e os pobres, pp. 33-38; G.V. Pixley, O Reino de Deus, pp. 77-85; J. Sobrino, Cristologia; Michel Clévenot, Enfoques materialistas da Bíblia; J. Jeremias, Jerusalém no tempo de Jesus; Eduardo Hoornaert, O movimento de Jesus.

¹⁵ Medard Kehl, Eschatologie, p. 120.

¹⁶ Lembramos os capítulos respectivos sobre o surgimento do pensamento apocalíptico. Neles foi mostrado como a origem desta nova concepção de esperança desesperada se deve situar nos séculos III-I a.C., dentro da problemática específica de um contexto sociopolítico, marcado pelo domínio estrangeiro sobre Israel, com profundas frustrações e decepções. Cf. também: J. Severino Croatto, “Apocalíptica e esperança dos oprimidos”, em: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana 7 (3), pp. 8-21. Pablo Richard, Apocalipse, reconstrução da esperança, pp. 23-29, 49-69.

¹⁷ Cf. p. ex.: 4 Esd 4,35; Dn 8,13; Ap 6,10.

¹⁸ Pablo Richard Apocalipse, p. 61.

¹⁹ I. Neutzling, O Reino de Deus e os pobres, p. 35.

²⁰ Cf. Eduardo Hoornaert, O movimento de Jesus, p. 56.

²¹ Cf. J. Jeremias, Jerusalém no tempo de Jesus, p. 208-360, sobretudo pp. 317ss. Michel Clévenot, Enfoques materialistas da Bíblia, p. 58.

²² Franz Josef Nocke, Eschatologie, p. 41.

²³ Eduardo Hoornaert, O movimento de Jesus, p. 56.

[24](#) Cf. Jo 4,26.

[25](#) Cf. Mt 12,1 “Os discípulos arrancam espigas no sábado”. Mt 12,9 “Jesus cura no sábado” (também Mc 3,1 ; Lc 6,6). Lc 13,10 “Jesus cura uma mulher no sábado”. Lc 14,1 “Jesus cura um hidrópico no sábado”. Jo 5,1 “Jesus cura um enfermo no sábado”. Jo 9,1: “Jesus cura um cego no sábado”.

[26](#) Cf. Mc 7,1-23; Mt 15, 1-20; Mt 23; Mt 25.

[27](#) Cf. Jo 9,16: “Então alguns dos fariseus diziam: ‘Esse homem não é de Deus, pois não guarda o sábado’”.

[28](#) As atitudes de Jesus perante as normas estabelecidas:

1. Perante as divisões criadas pelo egoísmo e pela segurança humana

Mc 1,22

Mc 2,15-16

Mc 7,34

Mc 7,37-38

Mc 2,2

Mc 2,13

Mc 3,7-8

Mc 3,20

Lc 7,2-5

Jo 8,10-11

Jo 4,46-49

Jo 7,49

2. Perante a observância do sábado

Mc 2,27.32-36

Lc 6,6-10

Lc 13,10-17

Lc 14,1-6

Lc 6,5

Jo 5,8-10

Jo 9,14-16

Jo 5,17 (comp. tamb: Jo 9,16)

3. Perante o jejum, a esmola e a oração

Mc 2,16

Mc 2,21

Lc 7,34

Lc 6,16-18

Mt 6,5

Mt 6,1-2

4. Perante a distinção entre “próximos” e “não próximos”

Lc 10,29-37

5. Perante o culto e o templo

Lc 2,41

Jo 2,13

Jo 2,23

Jo 2,14-15

Jo 2,19

Jo 4,21-23

Jo 5,1

Jo 7,10

Jo 10,22

6. Perante a distinção entre o legalmente puro e impuro

Mc 7,5

Mc 1,41

Mc 7,15

Mc 7,19-23

Mt 23

Mt 25

7. Perante a distinção entre fariseu e publicano, entre “santo e pecador”

Lc 18,9-14

Lc 6,15

Lc 10,29-37

Mt 22,21

Mt 9,9

Mt 21,31

Mc 2,14

Jo 4,7

8. Perante a norma estabelecida da lei de Deus

Mt 5,21-22

Mt 5,27-28

Mt 5,31-32

Mt 5,33-34

Mt 5,38-39

Mt 5,43-44

Jo 14,6

[29](#) Sobre as expectativas políticas em torno de Jesus, cf. Donizete Scardelai, *Movimentos messiânicos no tempo de Jesus*, de maneira específica as pp. 247-265: “Jesus e a tradição da realeza popular”.

[30](#) Depois da multiplicação dos pães, a multidão diz: “Este é, na verdade, o profeta que está para vir”...

[31](#) Richard A. Horsley e John S. Hanson, *Bandidos, Profetas e Messias*, pp. 101-102.

[32](#) Eduardo Hoornaert, *O movimento de Jesus*, p. 64.

[33](#) Cf. Is 11,6ss; 10,33; 11,10; 2,1-5 ; Ez 34,25ss.

[34](#) M. Kehl, *Eschatologie*, p. 108.

[35](#) Richard A. Horsley e John S. Hanson, *Bandidos, Profetas e Messias*, p. 157.

[36](#) Richard A. Horsley e John S. Hanson, *op. cit.*, p. 157. Interessante para o contexto é o capítulo sobre “Profetas e movimentos proféticos”, pp. 125-164.

[37](#) Cf. M. Kehl, *Eschatologie*, p. 108: “A figura do rei-messias prometido como concretização desta nova sociedade toma no Antigo Testamento progressivamente traços mais humildes, mais simples, como os do pastor e do servo que guiará o povo de Javé (Mq 5,1-5; Ez 34,23s). Finalmente é representado até como ‘pobre’, montado num jumento (c 9,9)”.

Cf. também N. Lohfink, *Die messianische Alternative*, pp. 12-26; W.H.Schmidt J. Becker, *Zukunft und Hoffnung*, pp. 60ss; José Luis Sicre, *Profetismo em Israel*, Petrópolis, Vozes, 1996.

[38](#) Cf. Textos referenciais:

→ (Sf 1,14-18; 2,1-3; 11-20; Is 2,4; 11,6ss; 25,8; 61,2; 65,17)

→ Cf. Mq 5,1-5 ; Ez 34,23s

→ Zc 9, 9: O messias vem como “pobre, montado num jumento”.

→ Mt 21,1-11; Mc 11,1-11; Lc 19,29-40; Jo 12,12-15.

[39](#) Cf. Friedrich Wilhelm Marquardt, *Was dürfen wir hoffen wenn wir hoffen dürften?*, pp. 362-395.

[40](#) Cf. “A síntese das novas experiências do Reino” em João Batista Libânio, *Teologia da revelação a partir da modernidade*, pp. 216-227.

[41](#) Cf. Juan L. Ruiz de la Peña, *La Pascua de la creación*, p. 90: “O pregador de Nazaré reivindica para si um mais de relevância ante toda a economia anterior, ele é mais que o Batista (Mt 11,11), mais que Jonas (Mt 12,41), mais que Moisés (Mt 5,21), mais que o templo e o sábado (Mt 12,6.8).

[42](#) Jon Sobrino, *Cristologia*, pp. 65-66.

[43](#) Cf. a caracterização dada pelo fariseu àqueles que não observam a lei, e que por causa disso são “pecadores”: “...essa gentilha que ignora a lei são uns malditos!” (Jo 7,49).

[44](#) Nota Exegética: Um exemplo típico de tal espiritualização é a interpretação frequentemente muito distante de seu verdadeiro conteúdo, que se dá a Lc 4,19: “proclamar um ano de graça do Senhor”.

Em muitos casos, este “ano de graça” é interpretado espiritualmente como “graça espiritual divina” etc., enquanto na realidade se trata de noção repleta de significado político, econômico e social.

Explicação histórica para a compreensão de Lc 4,19: “proclamar um ano de graça do Senhor” (cf. Lv 25,10-13):

“Santificareis o quinquagésimo ano, proclamando no país A LIBERDADE DE TODOS OS QUE HABITAM NELE. Este ano será para vós jubileu, cada um de vós recobrará a sua propriedade e voltará para a sua família...”

A legislação sobre o ano jubilar (ano de graça) contém as seguintes idéias fundamentais (cf. notas da Bíblia Sagrada, Difusora bíblica, Lisboa, p. 165):

- 1) “Qualquer forma de escravidão tem limite cronológico.
- 2) A parentela tem o dever de ajudar aquele que se encontra em necessidade.
- 3) A fraternidade que deve reinar entre os concidadãos, deve manifestar-se de forma concreta.
- 4) Todo cidadão tem o direito fundamental à propriedade...
- 5) O alto domínio de Deus é a salvaguarda do direito de todos”.

“O jubileu era, além do mais, uma instituição de grande valor social para a vida do povo hebreu: no ano jubilar deviam ser libertados os escravos israelitas e os bens imóveis deviam voltar ao primeiro dono. Desse modo, evitava-se a sua acumulação nas mãos de pequeno número de indivíduos.”

45 Cf. José Luiz Sicre, “O quadrante”, vol. I, Introdução aos Evangelhos, p. 325: “...as citações do Antigo Testamento (Is 53,3 e 35, 5-6) apontam para um complemento essencial: tudo o que ocorre não são fatos isolados... mas cumprimento das antigas promessas; estão em estreita relação com as esperanças formuladas no passado”.

46 A exigência de observância do ano jubilar não aparece no texto citado de Isaías, mas é uma das constantes dentro da tradição profética.

47 Dt 15,1.11-15

A cada sete anos, você celebrará o ano da remissão das dívidas. Isso quer dizer o seguinte: Todo credor que tenha emprestado alguma coisa a seu próximo, perdoará o que tiver emprestado.

...

¹¹ E porque não cessará de haver pobres no meio da terra, eu te dou este mandamento: abrirás tua mão largamente para teu irmão, para teu indigente e para teu pobre na tua terra.

¹² Se dentre teus irmãos hebreus, um homem ou uma mulher se tiver vendido a ti, e se ele te serviu como escravo durante seis anos, no sétimo ano tu o deixarás partir livre de tua casa. ¹³ E quando tu o deixares partir livre de tua casa, não o deixarás partir de mãos vazias; ¹⁴ cobri-lo-ás de presentes • com o produto de teu rebanho, de tua eira e de teu lagar: pois o que lhe deres te vem da bênção do Senhor, teu Deus. ¹⁵ Tu te lembrarás de que eras escravo na terra do Egito e que o Senhor teu Deus te resgatou. Por isso é que hoje te dou este mandamento.

Lev 25, 8-16

⁸ Contarás sete semanas de anos, isto é, sete vezes sete anos; este período de sete semanas de anos representará, portanto, quarenta e nove anos. ⁹ No sétimo mês, no dia dez do mês, farás ressoar a trompa para uma aclamação; no dia do Grande Perdão fareis ressoar a trompa em toda a vossa terra; ¹⁰ declarareis santo o quinquagésimo ano e proclamareis na terra a libertação para todos os habitantes; será para vós um jubileu; cada um de vós voltará ao seu patrimônio, e cada um de vós voltará a seu clã. ¹¹ Será um jubileu para vós, o quinquagésimo ano: não semeareis, não ceifareis o que tiver brotado por si, não vindimareis a vinha que não foi tratada...

Nesse ano do jubileu, cada um de vós retomará a sua propriedade. ¹⁴ Se fazeis comércio — quer vendas alguma coisa a teu compatriota, quer compres alguma coisa dele — que ninguém dentre vós explore o seu irmão: ¹⁵ comprarás do teu compatriota levando em conta os anos decorridos desde o jubileu, e ele te venderá levando em conta os anos de colheitas. ¹⁶ Quanto mais anos faltarem, tanto maior será o teu preço de compra; quanto menos anos faltarem, tanto menor será o teu preço de compra; pois o que ele te vende é um certo número de colheitas.

48 Antônio Estêvão Allgayer, Jesus e os excluídos do Reino, p. 34.

49 Cf. neste contexto as muitas parábolas nas quais Jesus trata de “apontar a resistência que certos antivalores opõem ao Reino” (vide: Juan Luis Segundo, A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré, p. 188; cf. também: op.cit., pp. 187-192 e 198-208).

50 Sobre o tema de “Satanás” e “Diabo”, cf. o ótimo texto de Juan A . Ruiz de Gopegui, SJ , fev. 1998, internet: <http://www.redemptor.com.br/logos-rd/teologia/FIGURA.html>

O ponto de vista oposto se encontra em: João Evangelista Martins Terra, *A angelologia de Karl Rahner*, pp. 269-337.

[51](#) Da mudança do significado daquilo que foi chamado o “dia do grande julgamento”, se falará no contexto dos capítulos sobre a paixão de Jesus e o sentido apocalíptico da cruz.

[52](#) Cf. em termos de exemplos os muitos textos bíblicos, enumerados por: Juvenal Arduini, *Horizonte de esperança*, pp. 55-94.

[53](#) Martin Volkmann, *Jesus e o templo*, p. 116.

[54](#) Juan Luis Segundo, *Que mundo? Que homem? Que Deus?*, p. 321.

[55](#) J. Sobrino, *Cristologia*, p. 68. Cf. também Nocke, *Eschatologie*, pp. 41-45.

[56](#) Cf. Juan Luis Segundo, seguindo as afirmações de Käsemann: “Com Jesus, estamos muito mais perto dos antigos grandes profetas de Israel”. Em Luis Segundo, *Que mundo? Que homem? Que Deus?*, p. 311.

[57](#) Juan Luis Segundo, *Que mundo? Que homem? Que Deus?*, p. 313.

[58](#) Juan Luis Segundo, *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré*, p. 148

[59](#) Cf. J. Ernst, *Herr der Geschichte, Perspektiven der lukanischen Eschatologie*, pp. 55-63. Leonardo Boff, *Do lugar do pobre*, pp. 91ss. Leonardo Boff, *Da Libertação*, pp. 77ss. Jon Sobrino, *Cristologia*, pp. 86-88. *Const. Dogmática Lumen Gentium*, 5-6.

[60](#) Heinz Schürmann, *Gottes Reich – Jesus Geschick*, p. 49 (em parte, o texto foi parafraseado).

[61](#) Merdard Kehl, *A Igreja, uma eclesiologia católica*, p. 87; cf. também pp. 86-88.

[62](#) Martin Volkmann, *Jesus e o templo*, p. 116.

[63](#) Jon Sobrino, op. cit., em: VV.AA., *A luta dos deuses*, São Paulo, ed. Paulinas, 1982, p. 118. (O autor menciona como exemplo clássico de tal argumentação teológica Mc 7,1-31 (Mt 15,1-20).)

[64](#) Jürgen Moltmann, *Mensch, Christliche Anthropologie in den Konflikten der Gegenwart*, p. 161.

[65](#) As razões dessa identificação entre Reino e Céu são em grande parte uma falsa interpretação da noção “Reino dos céus”, usada pelo evangelista Mateus. A exegese mostra de maneira unânime que o uso desta noção tem a sua razão no caráter cultural do texto de Mateus. O seu evangelho foi escrito a partir de um enfoque teológico muito ligado à antiga tradição judaica. Os destinatários eram comunidades predominantemente judaicas. Dentro dessa tradição, era costume substituir o nome “Deus” por outros apelativos, p. ex. “céus”. Em termos de conteúdo, não há diferença nenhuma entre a noção “Reino de Deus”, usada pelos outros evangelistas, e a noção “Reino dos céus”, usada por Mateus.

[66](#) Neste contexto, vale a pena mencionar aquilo que Herbert Vorgrimler escreveu sobre o tema, dentro do contexto escatológico: “A análise exegética minuciosa da concepção neotestamentária do Reino de Deus deveria ter eliminado este perigo (de identificar a Igreja como sendo o Reino de Deus). A Igreja oferece múltiplas possibilidades para a realização pontual-situativa do Reino de Deus (em comunidades eclesiais de base, em nível social e caritativo, em pequenos grupos de fiéis) ...mas, em sua forma institucional, ela não ganha vantagem nenhuma na melhor realização do Reino de Deus; pelo contrário. Não só pelos pecados de seus membros, mas também pela ‘dureza do coração’ de sua prática eclesiástico-jurídica e pela hipertrofia de suas instituições, ela obstrui o olhar para os ‘éskata’ e impede a presença do Reino de Deus entre os homens” (cit. cf. Herbert Vorgrimler, *Hoffnung auf Vollendung*, pp. 105s).

[67](#) Cf. cap. 6 da unidade VI, Parte A: O Reino de Deus.

[68](#) Clodovis e Leonardo Boff, *Da Libertação*, pp. 69-112.

[69](#) Cf. Heinz Schürmann, *Gottes Reich-Jesu Geschick*, pp. 65-152: “Das Zeugnis der Redequellen für die Basiléia-Verkündigung Jesu” (O testemunho das fontes orais para a proclamação da Basiléia por parte de Jesus).

[70](#) P. Hünemann, “Reich Gottes, Sinn und Ziel der Geschichte”, em: Heinz Althaus (org.), *Apokalyptik und Eschatologie*, pp. 114-115.

[71](#) Juan Luis Segundo, *Que mundo? Que homem? Que Deus?*, pp. 309-322, de maneira específica pp. 318-322: O Reino e a chave política do Jesus histórico.

Cf. também Juan Luis Segundo, *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré*, pp. 142-179.

[72](#) Cf. Josef Blank, *Der Jesus des Evangeliums*, p. 163.

[73](#) Cf. Lc 3, 4-6; Is 40,3-5.

[74](#) Cf. Edward Schillebeeckx, *Menschen, die Geschichte von Gott*, pp. 151-154

- ⁷⁵ Cf. Jürgen Moltmann, *O Espírito da vida*, pp. 71ss.
- ⁷⁶ Cf. Renold J. Blank, “A dinâmica escatológica do Espírito Santo”, em *Revista de Cultura Teológica* n. 25 (VI) 1998, pp. 7-17.
- ⁷⁷ Jon Sobrino, *Cristologia*, p. 364.
- ⁷⁸ Ela é obra também de muitos outros que não se chamam cristãos, mas que, apesar disso e muitas vezes sem saber, estão colaborando na construção do Reino. Cf. cap. 11.3, Unidade VII, parte A, do presente livro.
- ⁷⁹ Cf. Clodovis Boff, “Uma Igreja para o próximo milênio” em *Vida Pastoral*, 197, (XXXVIII) 1997, p. 15.
- ⁸⁰ Renold J. Blank, “O significado escatológico da ressurreição”, em *Revista de Cultura Teológica* n. 20 (IV), 1997, p. 88.
- ⁸¹ Jon Sobrino, *Cristologia a partir da América Latina*, p. 242.
- ⁸² Uma curta referência a esta fundamentação das cinco dimensões de esperança escatológica já se encontra numa publicação do atual bispo de Basiléia, Suíça, no seu livro *Kurskorrektur* (Mudança de rumo), pp. 113-114.
- ⁸³ Cf. Jürgen Moltmann, *O Espírito da vida*, pp. 127-139.
- ⁸⁴ Cf. p. ex. n. 296: “Assumino com renovado ardor a opção evangélica preferencial pelos pobres, em continuidade com Medellín e Puebla.”
- ⁸⁵ Cf. Lc 6,20; 7,22; Mc 5,1-11.
- ⁸⁶ Lc 4,18; Mt 13,54-58; Mc 6,1-6.
- ⁸⁷ Cf. a maneira como o Talmud fala dos pobres: “Quem dá sua filha a um homem deste desprezível povo, a dá como pasto a um leão.”
“Não espouse a filha de um homem do povo baixo, pois ela é um monstro e suas mulheres são répteis malditos”.
Um reflexo desse desprezo se encontra até em Jo 7,49: “Os sacerdotes e fariseus se referem aos pobres com as seguintes palavras: “Essa gentinha que ignora a lei, são uns malditos!”
(Cit. cf. Morin, *Jesus e as estruturas de seu tempo*, p. 138; vide também M. Clévenot, *Enfoques materialistas da Bíblia*, pp. 55-58).
- ⁸⁸ Cf. em termos de exemplo: Michel Foucault, *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, ed. Graal, 1985.
Bernard Henri-Lévy, *Le testament de Dieu*, Paris, ed. Grasset, 1979.
Uma referência muito sintética à temática mencionada se encontra em Renold J. Blank, “A força libertadora do monoteísmo”, em *Revista de Cultura Teológica* n. 5 (I) out/dez, 1993.
- ⁸⁹ Cf. em termos de exemplo: As censuras de Jesus contra os escribas e fariseus. A rejeição das leis da pureza.
- ⁹⁰ Jürgen Moltmann, *O Espírito da vida*, p. 137.
- ⁹¹ Cf. Jo 7,49: “... este povo que não conhece a lei são uns malditos!”
- ⁹² Cf. Juan Luis Segundo, *Que mundo? Que homem? Que Deus?*, p. 313: “Jesus se apresentou como o profeta da alegria”. Juan Luis Segundo, *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré*, p. 165: “A crucifixão e as teologias que muito rapidamente se apoderam desse fato inaudito, uma vez recuperada a fé em Jesus, deixaram uma sombra de falsa austeridade e tristeza sobre a vida daquele que foi o profeta da alegria de Deus”.
- ⁹³ Cf. Norbert Lohfink, *A Igreja dos meus sonhos*, São Paulo, ed. Paulinas, 1986.
- ⁹⁴ W. Pannenberg, *Theologie und Reich Gottes*, p. 43.
- ⁹⁵ Herbert Vorgrimler, “Was fuer ein Gott der letzten Dinge?” em *Orientierung* 20 (46), 1982, p. 226.
- ⁹⁶ Em termos de exemplo, vale a pena lembrar que, ainda no início do século XX, o papel deste povo de Deus foi definido assim: “Somente o colégio de pastores tem o direito e a autoridade para dirigir e governar. A plebe não tem direito nenhum, a não ser o de se deixar governar como rebanho obediente que acompanha o seu pastor” (Papa Pio X, *Encíclica Vehementer*, n. 12, 1906). Toda esta concepção mudou totalmente a partir do Concílio Vaticano II. Cf. p. e. *Lumen Gentium*, nn. 32-38. Documento de Santo Domingo, nn. 94-101, textos sobre o “Protagonismo do leigo”.
- ⁹⁷ J.B. Libânio, *Utopia e esperança cristã*, p. 135.
- ⁹⁸ Cit. cf.: A. Fierro, *O evangelho beligerante*, p. 265.
- ⁹⁹ J.B. Libânio, op. cit., p. 152.

[100](#) Edward Schillebeeckx, *Menschen, die Geschichte von Gott* (Homens, a história de Deus), p. 35. Cf. também: Jürgen Moltmann, *O espírito da vida*, pp. 17-19 (Moltmann mostra como foi superada “a falsa alternativa entre a revelação divina e a experiência humana do Espírito Santo”).

[101](#) J. B. Metz, “El problema de uma teologia política”, em *La fe y la realidad sociopolítica*, Concilium 36 (17). Cf. A. Fierro, *O evangelho beligerante*, p. 251.

[102](#) Jacques Vervier, *Utopia cristã e racionalidade econômica*, p. 170 (cf. também: pp. 164-172).

[103](#) Cf. A. Fierro, *O evangelho beligerante*, pp. 261-287. Certas frases são citações textuais.

[104](#) *Ibid.*, p. 270.

[105](#) Cf. neste contexto a palestra muito revelativa de PD Dr. Mathias Heesch, na reunião anual 1999, da sociedade Karl-Heim para o diálogo entre teologia e ciências da natureza: A questão do início e do fim do mundo, no contexto de uma antropologia sistemática-teológica e de uma ciência hermenêutica da religião. Internet: <http://www.ulm.org/khg/tagung99.htm>.

[106](#) Medard Kehl, “Hoffnung auf ein neues Zeitalter”, em: A. Gerhards, *Die grössere Hoffnung der Christen*, p. 124.

B. O FIM DO MUNDO

1

ESPERANÇA ESCATOLÓGICA E EXPECTATIVA DE UM FIM DO MUNDO

Nas Unidades II e III do presente livro já foi mostrado o fato fundamental de que, nos textos bíblicos do Antigo Testamento, encontramos dois modelos específicos da teologia da história.

O primeiro, sustentado primeiramente pelos profetas, foi denominado aqui como “modelo escatológico”.

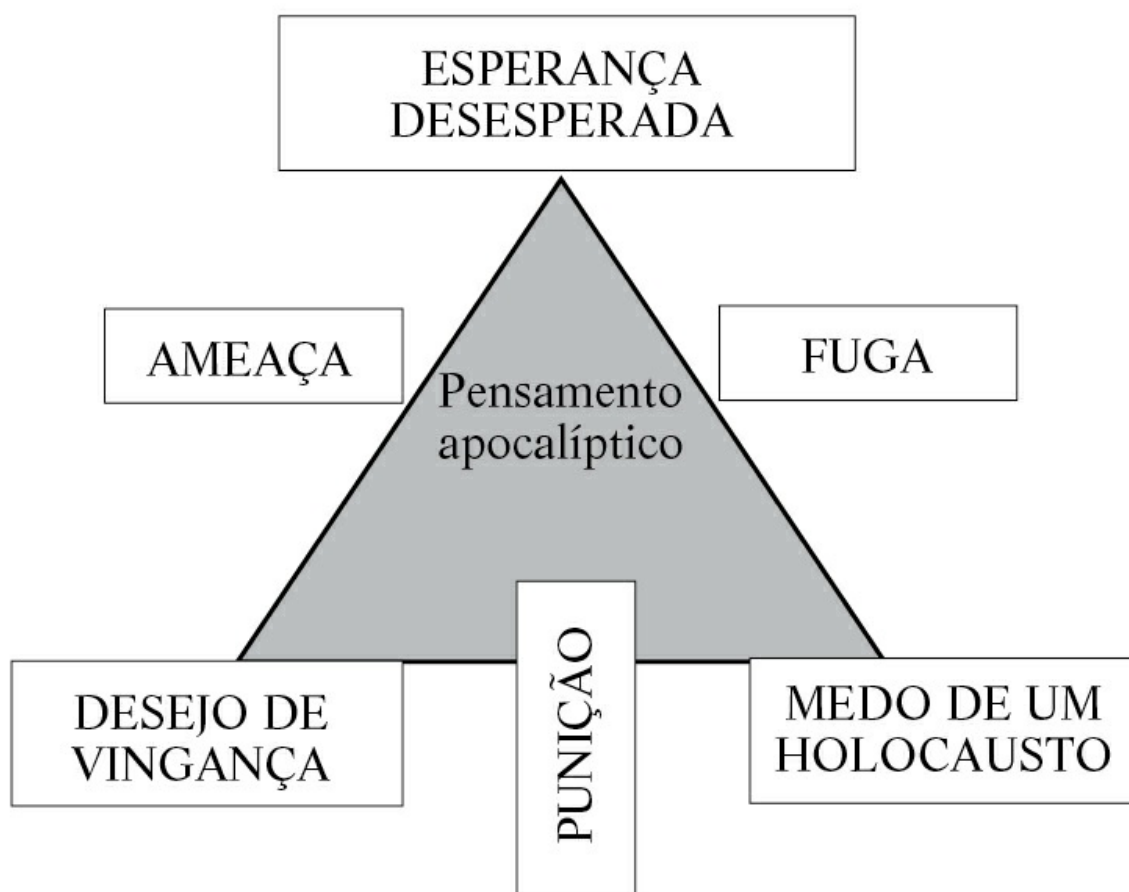
O segundo, surgido depois do impacto histórico do exílio e dos subseqüentes desastres históricos, foi denominado aqui como “modelo apocalíptico”.

Foi mostrado como os dois modelos, cada um da sua maneira, tentaram manter viva a esperança no agir histórico de Deus. Foi mostrado finalmente, na Unidade VI, como a mensagem do Reino de Deus, proclamada por Jesus, se encaixa, grande parte, no modelo escatológico dos profetas, superando elementos centrais da concepção apocalíptico-milenarista de sua época.¹

Um dos problemas culminantes da recepção e interpretação do discurso teológico cristão é este: No decorrer dos séculos, os motivos apocalíptico-milenaristas que geram medo ganharam cada vez mais força, enquanto que a sua profunda base de esperança se perdeu progressivamente. Incentivados por uma catequese de ameaças, os cristãos interiorizavam muito mais esses motivos de medo, esquecendo-se de sua base de esperança. A grande pesquisa de Jean Delumeau sobre “Medo no Ocidente” mostra este processo de maneira profunda e detalhada.²

Sendo assim, estamos sendo confrontados com um quadro muito mais complexo do que aparenta ser, em muitas exposições sobre a dimensão da esperança, dentro da literatura apocalíptica. Do ponto de vista psicorreligioso, podemos encontrar em todo pensamento apocalíptico não só os motivos de esperança, mas da mesma forma os de medo e de vingança. Dessa maneira, o pensamento apocalíptico se apresenta sempre dentro de uma tríade de motivações. Conforme a situação histórica, psicorreligiosa e social, uma dessas motivações pode dominar.

A TRÍADE DAS MOTIVAÇÕES PSICORRELIGIOSAS DO PENSAMENTO APOCALÍPTICO



Estamos hoje diante do fato de que a dimensão da esperança, dentro dessa tríade, perdeu cada vez mais a sua força. Nas palavras de Kurt Hutten, “as Igrejas não conseguiram renovar a mensagem bíblica de esperança, de tal maneira que ela mantivesse a sua substância, conservasse a sua força consoladora e inspiradora que sustenta e dá sentido, e que ao mesmo tempo se conservasse autêntica para o homem do mundo moderno”.³

Mesmo quando não se concorde plenamente com esta crítica, poder-se-ia dizer pelo menos que, para a maioria dos cristãos, a esperança transformadora do pensamento apocalíptico original realmente se perdeu.⁴ Onde, porém, na tríade das motivações psicorreligiosas, enfraquece a esperança, aí crescem o medo e o desejo de vingança. Observamos este mecanismo de maneira específica na mudança e na acentuação, pela qual o motivo de um fim do mundo catastrófico passou no decorrer da história de sua recepção. “Os homens do Ocidente”, escreve Jean Delumeau, “eram no início da época moderna literalmente cercados por ameaças apocalípticas. Estas foram formuladas pelas pregações, pelo teatro religioso, cânticos litúrgicos, desenhos em livros, litografias e outras produções artísticas”.⁵

Mesmo que hoje esse medo apocalíptico tenha diminuído, em nada desapareceu. Em círculos pentecostais e no atual neoconservadorismo, até cresce novamente.⁶

Em face de tal quadro devemos formular, de maneira muito séria, a exigência de reduzir as imagens de holocausto apocalíptico àquilo que sempre foram: *imagens*.

É importante conscientizar-se de que, para manter a esperança numa plenificação escatológica deste mundo, não é necessariamente preciso interpretar essa plenificação em termos de uma catástrofe cósmica.

- ♦ As verdadeiras dimensões escatológicas do mundo não são a ameaça de uma catástrofe, mas a esperança de que este cosmo e esta história estão abertos para um futuro absoluto.
- ♦ Este mundo pode ser transformado conforme os planos de Deus.
- ♦ Estes planos, finalmente, vencerão todos os obstáculos e todas as estruturas opostas.

Contra uma atitude pessimista muito presente nos cristãos, devemos recuperar essas esperanças. Devemos mostrar aquilo que fica bem claro para a psicologia da religião: as imaginações de um fim catastrófico do mundo têm a sua origem dentro do contexto da mitologia arquetípica.⁷

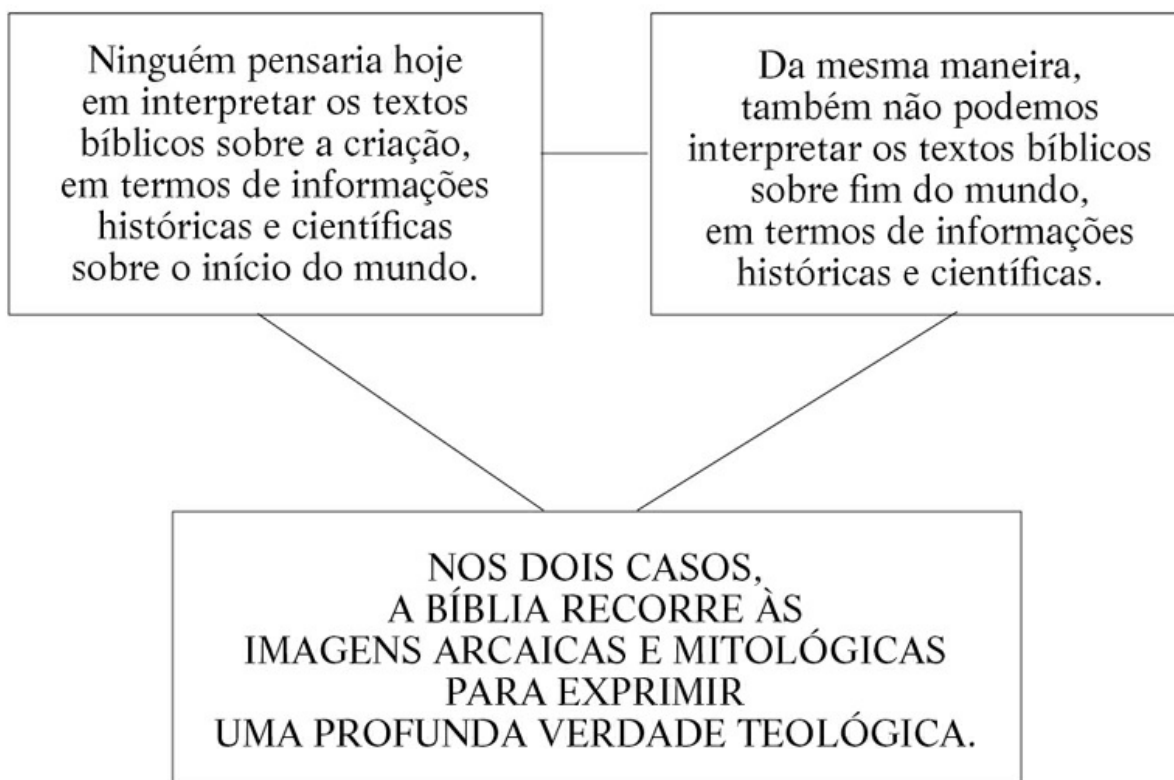
Ninguém pensaria hoje em interpretar ao pé da letra as imagens mitológicas-bíblicas sobre a criação. Sabemos que tais imagens são um gênero literário para exprimir uma verdade teológica.

Mas, aquilo que vale para os textos sobre a criação, vale da mesma maneira também para os textos sobre o último fim do mundo. São imagens mitológicas, para exprimir uma profunda verdade teológica. E a verdade expressa é esta:

- Este mundo não se perderá no nada.
- O processo histórico não é uma aglomeração de acasos.
- Este mundo tem uma finalidade última, e esta última finalidade é Deus.

O grande jesuíta Teilhard de Chardin define a meta final de todo o processo cosmológico como sendo a “cristificação do cosmo”.

Esta expectativa é a base de nossa esperança escatológica. E em cima dessa base é possível superar as angústias e o medo ante um futuro visto, em termos negativos, como catástrofe cósmica.⁸



2

PARA AS CIÊNCIAS EXATAS, O “FIM DO MUNDO” EM NADA PRECISA SER CATÁSTROFE CÓSMICA NEM HOLOCAUSTO

A história do cristianismo é marcada pelo crescimento acentuado do medo perante um pressuposto e iminente fim do mundo.

No decorrer da história, a esperança, motivo central da mensagem escatológica e do pensamento apocalíptico original, ficava cada vez mais no segundo plano.

Perdeu-se progressivamente a consciência de que “fim do mundo e parusia... não são idéias teológicas abstratas, e tão pouco acontecimentos realísticos da natureza, mas muito mais a irrupção da realidade de Deus, para dentro da criação. Esta, no seu fim, alcança um novo começo”.⁹ Em vez disso, cresceram, sobretudo a partir da Idade Média, as visões cada vez mais fantasiosas sobre tribulações horríveis, que castigarão a humanidade nesse fim do mundo. Para este crescimento contribuíram a catequese, a iconografia, a literatura religiosa e também os muitos sermões nas igrejas.¹⁰

O resultado de tal mensagem não só aumentou o potencial de medo. Fixou também, cada vez mais, a concepção de um fim do mundo real, de holocausto terrível, de catástrofe cósmica, na qual este mundo seria destruído.¹¹

Essas imagens, no fundo, têm efeito até hoje. Isso porque, quanto mais se fixou na concepção dos cristãos a idéia de que este mundo será destruído de maneira real, tanto menos esses cristãos se interessaram em transformar este mundo. Para que, se tudo será destruído?

Confrontado com tal perspectiva, fica melhor cuidar da salvação da alma e deixar este mundo correr para a sua ruína.

QUANTO MAIS SE FIXA A IDÉIA DE QUE ESTE MUNDO
SERÁ DESTRUÍDO, TANTO MENOS OS CRISTÃOS
TÊM INTERESSE EM TRANSFORMAR ESTE MUNDO.

O resultado é uma religiosidade cada vez mais alienante.

Os motivos apocalíptico-milenaristas marcaram muito mais o pensamento cristão do que as esperanças escatológicas.¹²

Confrontados com tal situação, devemos hoje, de maneira acentuada e clara, afirmar que o fim do mundo, do qual falam a escatologia e a literatura apocalíptica, em nada precisa ser holocausto, catástrofe cósmica ou destruição do mundo. “Os sinais no sol, na lua e nas estrelas...” dos quais falam os apocalipses do Novo Testamento, “devem ser vistos como motivos literários para designar a plenificação e a nova criação que agora irrompem”.¹³

Uma declaração dessa natureza, porém, nos confronta de imediato com profundas indagações.

A NOÇÃO DE “FIM DO MUNDO”
NÃO PRECISA NECESSARIAMENTE SER INTERPRETADA EM TERMOS DE UM HOLOCAUSTO CÓSMICO
OU DE UMA DESTRUÇÃO EXTERIOR DA TERRA.

- ♦ Será que a idéia de um “fim do mundo” tem alguma base científica?
- ♦ Por que tantas pessoas até gostam da idéia de uma destruição do mundo?
- ♦ Por que o motivo de um “fim do mundo” se encontra na maioria das tradições culturais?
- ♦ Como interpretar os numerosos textos bíblicos que falam do fim do mundo?

Para podermos responder a essas indagações faz-se necessário um excuro no campo da ciência da natureza, assim como da psicologia da religião.

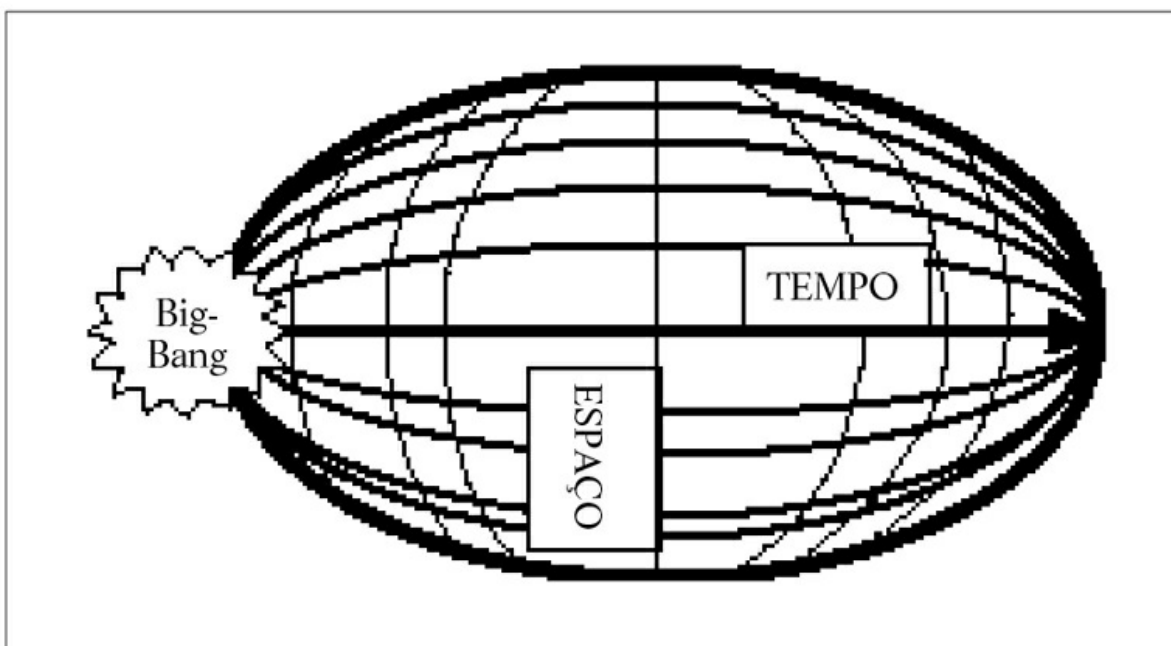
Por causa disso, apresentaremos nos dois capítulos a seguir uma síntese muito concentrada daquilo que ciência e psicologia falam sobre o assunto hoje.

2.1. A posição da cosmologia

2.1.1. O futuro do cosmo

A assim chamada cosmologia do big-bang, ligada à teoria da relatividade e baseada no modelo do cosmo, elaborado por Friedmann e Lemaître, vê duas possibilidades para o futuro do cosmo:¹⁴

A) O cosmo é fechado, porque contém bastante massa para ser fechado pela força gravitacional:

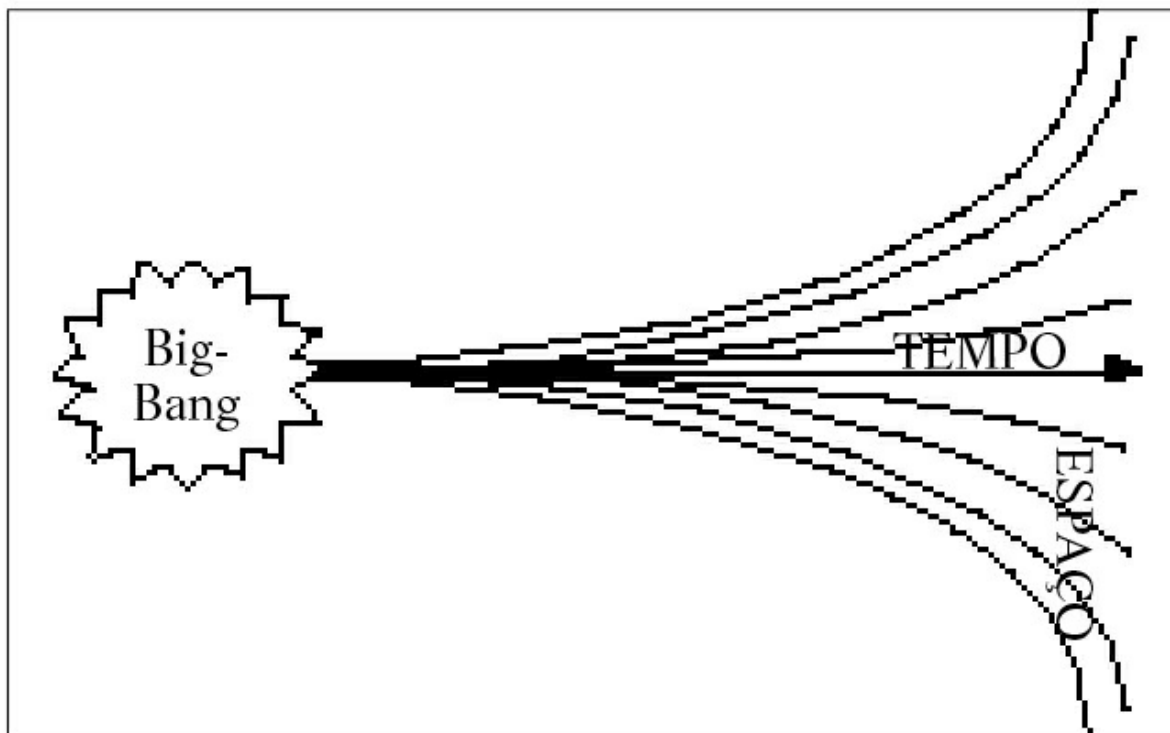


Neste caso, a atual expansão do universo chegará a um fim em aproximadamente 20 bilhões de anos. Depois, começarão a contração e o conseqüente aquecimento. A contração terminará em mais ou menos 50 bilhões de anos, quando todo o universo se concentrará de novo num único ponto de massa infinita e de expansão zero, a assim chamada singularidade final.

(Conforme a assim chamada “Teoria do ponto ômega”, desenvolvida pelo físico quântico Frank Tipler, tal colapso não significa o fim da vida como tal, porque esta vida tira a sua energia exatamente desse colapso do universo. A vida em si, porém, é eterna, e esta eternidade não é uma afirmação teológica, mas sim uma conseqüência das leis da física.¹⁵

B) O cosmo é aberto, porque não contém bastante massa para ser fechado pela força gravitacional:

Neste caso, o cosmo continua se expandindo desde a sua origem no “big-bang”. Essa expansão acelera cada vez mais. As distâncias entre as galáxias aumentam e, com isso, diminui a força gravitacional. Toda matéria talvez venha a ser incorporada dentro de “buracos negros”, e até estes, por sua vez, vão evaporar, não deixando mais nada, senão plasma. O fim será aquilo que se chama “a morte térmica” do universo,¹⁶ quando o cosmo inteiro terá alcançado uma temperatura igual, mais ou menos perto do zero absoluto.



Em tal universo, em mais ou menos 100 bilhões de anos, todas as estrelas se apagarão. Todas as estrelas cessarão de existir em aproximadamente 10 trilhões de anos, e a evaporação dos buracos negros acontecerá em 10^{60} anos, num futuro tão longe que ninguém consegue imaginar.

2.1.2. O futuro do planeta terra

No que diz respeito ao futuro do planeta terra, as perspectivas de um fim definitivo dele são as seguintes:¹⁷

A) O fim da terra, por causa da expansão do sol

Em mais ou menos 5 bilhões de anos, o sol começará a se expandir. Torna-se-á aquilo que os astrônomos chamam um “gigante vermelho”. No decorrer desse processo, o seu tamanho aumentará tanto, que engolirá os 4 planetas internos e chegará até além da órbita de marte.

Estes planetas, inclusive a terra, serão evaporados. Mas, muito antes dessa data, o aquecimento progressivo do sol terminará com toda possibilidade de vida na terra. Este fim da biosfera terrestre deve acontecer entre 900 milhões a 1,5 bilhão de anos.

B) O possível fim da terra por causa do impacto com um grande meteoro

A partir de cálculos probabilísticos, sabemos que mais ou menos a cada 100 milhões de anos, um asteróide gigante, de vários quilômetros de diâmetro, cai em cima da terra. Este impacto destruiria toda, ou quase toda, a vida desta terra.

A última vez que tal catástrofe ocorreu foi há 65 milhões de anos, quando tal asteróide gigante caiu na atual península de Yucatan. O impacto produziu uma tal catástrofe ecológica, que causou o desaparecimento dos dinossauros.

Conforme todos os cálculos de probabilidade, assim como a partir daquilo que

sabemos sobre asteróides, uma catástrofe similar poderá acontecer também no futuro, causando o fim de toda a vida. Para os seres extintos nessa catástrofe, tal impacto significaria realmente “o fim do mundo”.

C) Destruição do ecossistema por causa de uma guerra nuclear ou de uma catástrofe ecológica

Tal acontecimento é possível, apesar de não ser muito provável. Uma guerra nuclear causaria aquilo que os especialistas denominam “inverno nuclear”. As massas de pó, jogadas na atmosfera por causa das explosões, impediriam os raios solares de aquecer a terra. O resultado seria uma progressiva decaída da temperatura, que, na sua consequência, poderia impossibilitar a vida.

Além dessa possibilidade, existem outras possíveis catástrofes. O efeito estufa potencializado e a destruição da camada de ozônio representam, na lista das possíveis catástrofes ecológicas, somente as mais conhecidas.

2.1.3. Conclusão

A partir de um enfoque científico, chegamos à conclusão que de fato devemos contar com um fim do mundo. Este fim, porém, não é, necessariamente, uma catástrofe cósmica extraordinária. Faz parte do processo normal da evolução do cosmo. O cosmo, como espaço de vida para os seres humanos, não é eterno.

O mesmo vale para a terra. Só que para ela existe, além do fim normal, ainda a possibilidade de acidentes que poderiam realmente provocar um fim prematuro.

A probabilidade de tais acidentes existe; contudo, parece muito pequena, de maneira que a ciência não vê muita razão em contar, nos próximos milhões de anos, com um fim do mundo.

É essa a perspectiva, resumida de maneira muito breve, dentro da qual a ciência vê as possibilidades de um fim do mundo. De um holocausto cósmico iminente ou a ser esperado dentro dos próximos milhões de anos, ela nem fala.

2.2. A posição da teoria da evolução

A partir da segunda metade do século XX, ficava cada vez mais claro que a história do cosmo é uma história evolutiva. O cosmo inteiro se apresenta hoje como gigantesca dinâmica processual, marcada por aquilo que Teilhard de Chardin denominou “complexificação crescente”. A partir do big-bang, há 13,4 bilhões de anos, o cosmo se apresenta como cosmogênese.¹⁸ Evoluindo rumo a estruturas cada vez mais complexas. É no decorrer desse processo que surge a vida e, dentro da vida, o ser humano. Não através de um processo linear, mas, bem pelo contrário, passando por progressos e retrocessos, influenciado por processos de mutação e de seleção, ameaçado por catástrofes e cataclismos fatais; esta vida evoluiu e chegou ao ser humano em seu estágio atual.¹⁹ Os estudos recentes sobre o princípio antrópico revelam como esta evolução, apesar de todos os acasos e ameaças, segue uma finalidade que vai muito além de tudo aquilo que poderia ser explicado pelas leis da probabilidade.²⁰

Dentro desse enfoque científico, até uma eventual destruição da terra em nada

significa o “fim do mundo”. Significa, no máximo, o fim de um pequeno planeta, dentro de bilhões de outros objetos estelares, na periferia de uma galáxia entre bilhões de outras galáxias.

Uma destruição da terra não significa o fim do mundo.
Significa, no máximo, o fim de um pequeno planeta,
dentro de bilhões de outros objetos estelares.

E caso a vida neste planeta desaparecesse por causa de um cataclismo cósmico, também este acontecimento significaria, dentro do processo evolutivo, nada mais que um retrocesso dessa evolução de alguns bilhões de anos. A partir daí, a evolução recomeçaria.

A destruição de toda a vida na terra
significa, dentro do processo da evolução do cosmo,
nada mais do que
um retrocesso dessa evolução de alguns bilhões de anos.
A partir daí, a evolução recomeçaria.

Não há razão nenhuma para interpretar todo o grandioso movimento da evolução como processo que necessariamente terminará numa destruição. Bem pelo contrário.

O eixo da evolução segue na direção de uma complexificação crescente. Teilhard de Chardin fala de uma “convergência cósmica”. Para compreender o significado dela, ele exige “uma nova maneira de ver e compreender os fatos”.²¹

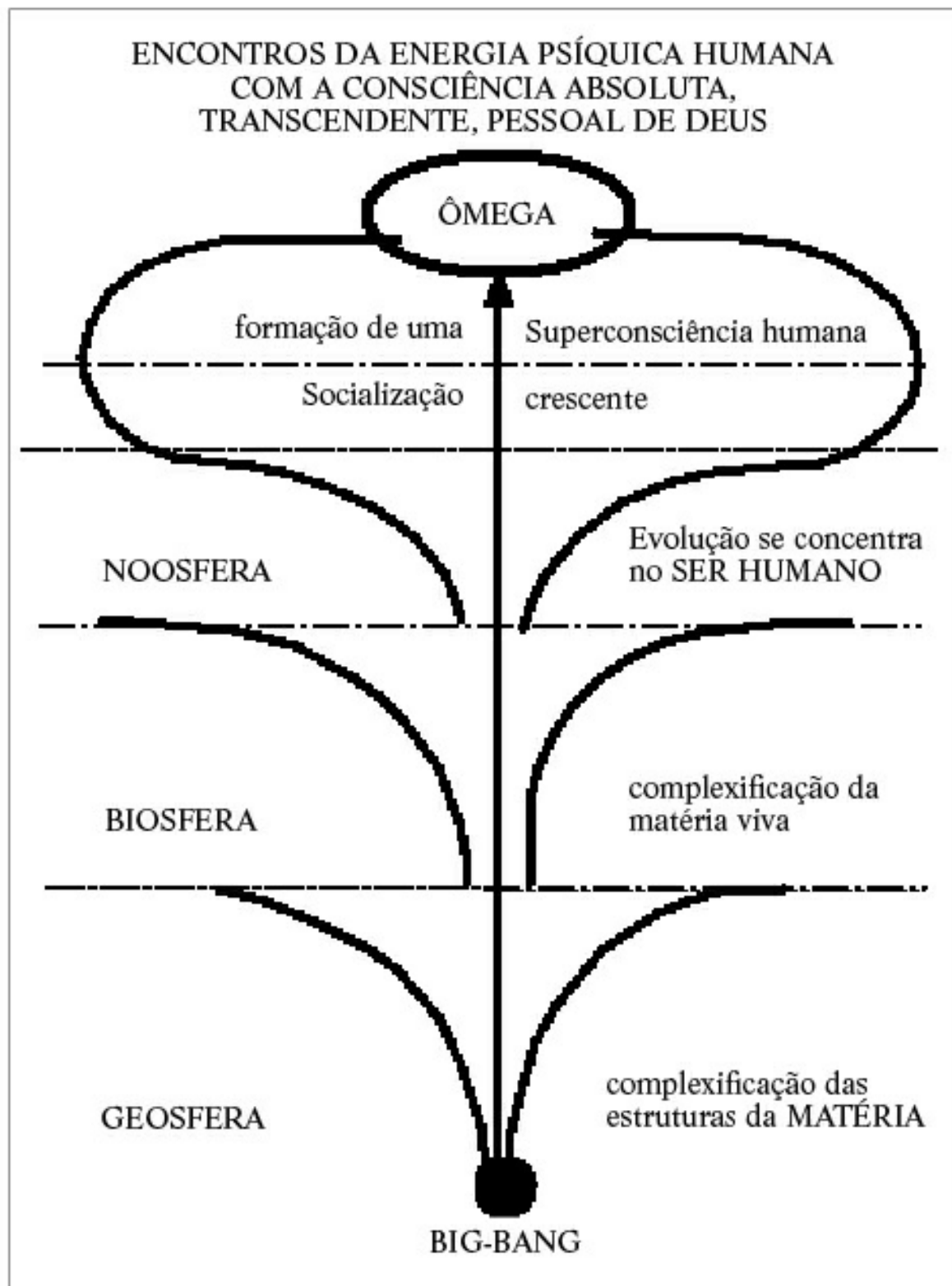
Dentro dessa nova visão, o fim último desse processo em nada é a destruição num holocausto aterrador. É muito mais aquele ponto, onde todo esse processo alcança a sua última finalidade, o seu cume; e este cume não é a destruição, mas a cristificação do cosmo inteiro.

“Como um relâmpago, como um incêndio, como um dilúvio, a atração do filho do homem atrairá todos os elementos do cosmo em movimento. E ela integrará todos no seu corpo... Assim será a plenificação do Meio Divino”.²²

A evolução do humano, através de um processo contínuo de convergência, chega a tal nível “ultra-humano”, a um “ponto ômega”, no qual a energia psíquica do humano pode alcançar a pessoa divina.²³ A partir desta perspectiva, Teilhard pôde compreender a história cósmica dentro da perspectiva dinâmica e unificada “de um Deus que se cosmifica e de uma evolução que se personifica”.²⁴ Não há lugar, nessa visão, para um holocausto catastrófico e destrutivo.

O “fim” do mundo, compreendido a partir de um
enfoque evolutivo,
não significa holocausto.
Significa, bem pelo contrário, que
o processo evolutivo deste mundo ou deste cosmo
terá alcançado a sua meta final.

O “FIM ÚLTIMO” DA EVOLUÇÃO DO COSMO



2.3. A posição da psicologia

2.3.1. O motivo “fim do mundo” pode ser explicado a partir de conteúdos do inconsciente coletivo

A concepção evolucionista, formulada por Teilhard de Chardin, é marcada por

uma esperança profunda. O centro dela é a convicção de que a última finalidade da grandiosa dinâmica processual da evolução só pode ser a sua plenificação em Deus. O cosmo não se perde no nada. A obra criadora de Deus tem uma última finalidade, e toda a dinâmica convergente da evolução tende a alcançar este fim último que é Deus.

Não há espaço, nesta concepção, para uma destruição do cosmo.

Em flagrante oposição a tal visão positiva, porém, encontramos os motivos e expectativas de um fim catastrófico do mundo em muitas culturas. Em narrações mitológicas das mais variáveis, histórias são contadas sobre o fim da terra, da vida e do cosmo.

Será que nós nos encontramos aqui diante de um saber inconsciente do gênero humano? Será que devemos explicar tal fato em termos teológicos como “revelação natural” de Deus?

A psicologia nega categoricamente tal interpretação.

Carl Gustav Jung e sua escola de psicologia analítica situam as imagens de uma destruição catastrófica do mundo na dimensão do inconsciente arcaico. São expressas em narrações mitológicas, sonhos e símbolos do inconsciente coletivo.²⁵ E sendo coletivo, nós as encontramos em textos mitológicos de praticamente todas as culturas.

Para a sua explicação, a psicologia analítica dá basicamente duas razões:

a) *As imagens de um fim do mundo são projeções de conteúdos inconscientes no mundo real*

Dentro da dinâmica do mito arquétipo, a destruição do velho é sempre a pré-condição para o surgimento do novo. Antes de a nova constelação se poder formar, a velha precisa ser destruída. O mito arquétipo, neste sentido, não conhece a simultaneidade de constelações opostas. Ele segue a estrutura da sucessividade. O novo vem depois do antigo; o antigo desaparece antes de o novo se formar.

Esta estrutura do inconsciente coletivo se manifesta, por exemplo, nas narrações mitológicas, e um dos motivos de tais narrações é o fim do mundo. O que se exprime nesse motivo é a esperança de que haverá um mundo melhor. Essa esperança está sendo projetada para o mundo real através de imagens. Nestas imagens se reflete a estrutura dos mecanismos do inconsciente acima descrita. E por causa disso, as narrações que exprimem a esperança num mundo melhor apresentam-na dentro de um esquema de sucessividade. Para que o mundo melhor possa se formar, primeiro deve desaparecer o antigo. O fim deste mundo antigo está sendo apresentado como pré-condição para que possa surgir um mundo novo.

O SURGIMENTO DO MOTIVO “FIM DO MUNDO” PODE SER EXPLICADO POR MECANISMOS DE PROJEÇÃO. POR ELES, CONTEÚDOS DO INCONSCIENTE COLETIVO ESTÃO SENDO PROJETADOS NO MUNDO REAL, ATRAVÉS DE IMAGENS. A ORGANIZAÇÃO DESSAS IMAGENS SEGUE A ESTRUTURA DO INCONSCIENTE COLETIVO.

No decorrer da história de recepção de tais imagens arquetípicas, as imagens apocalípticas, com a sua dicotomia acentuada entre o bem e o mal, perderam o seu caráter de imagens. Elas foram cada vez mais interpretadas como descrições reais e, com isso, necessariamente falsificadas.

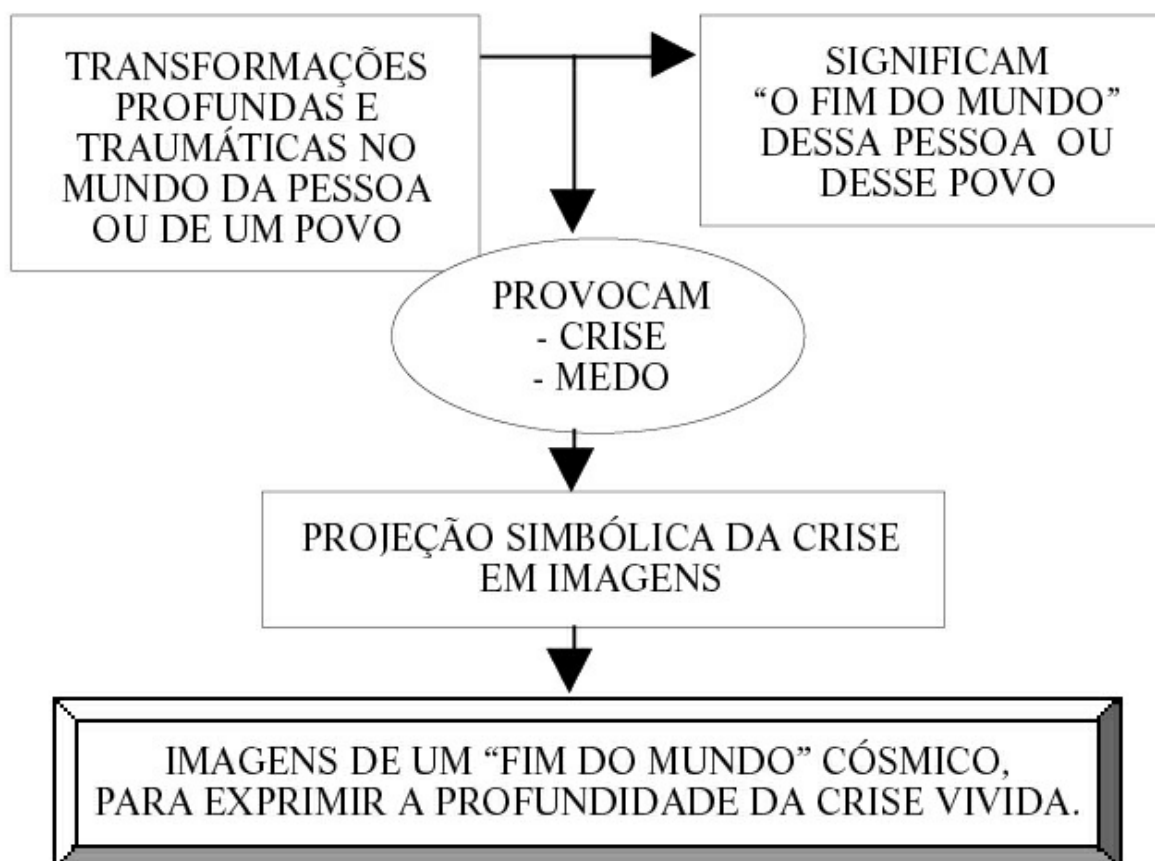
b) *As imagens de um fim do mundo são projeções simbólicas de experiências reais*

Forma parte das experiências humanas a constatação de limites. O pensamento encontra limites; na sua existência, a pessoa se choca com “situações limites”; grupos inteiros e povos inteiros encontram situações em que a visão do mundo válida até aquele momento termina, desaparece, está sendo destruída. São transformações radicais de situações exteriores ou interiores.

Tais transformações, em muitos casos, significam o fim do mundo desta pessoa, ou o fim do mundo deste povo. A concepção que se tinha do universo até certo momento está sendo destruída. O mundo, visto até agora de certa maneira, acabou.

A destruição do templo significava, para os judeus, o fim de uma determinada visão do mundo. A destruição da monarquia foi para muitos monarquistas o ‘fim do mundo’. A morte abrupta e inesperada de seus pais pode significar para o filho também um “fim do mundo”, uma destruição de todos os seus planos e projetos.

Todas essas experiências traumáticas podem ser representadas por meio de imagens. Tais imagens, por sua vez, são projetadas no mundo real. Quanto mais assustadoras as experiências, tanto mais dramáticas serão as imagens de sua projeção. Sendo assim, fica evidente que experiências de um “fim do mundo” interior estão sendo projetadas para fora, através de toda uma dramaturgia cósmica de um fim do mundo exterior. Assim, a simbolização das transformações vividas é possibilitada, e conseqüentemente também a assimilação da crise por elas provocada.



2.4. O problema da “coisificação” dos símbolos

Os conteúdos arquetípicos do inconsciente podem ser expressos em imagens simbólicas. O mesmo acontece com os fracassos da vida, experimentados como o fim de certa visão do mundo. Tais símbolos são formulados por narrações mitológicas, por imagens pintadas, por gestos, sinais, além de muitas outras maneiras.

Enquanto essas expressões simbólicas são interpretadas também pelo receptor em nível simbólico, ele as decodifica conforme os códigos da linguagem simbólica. Não há perigo de uma interpretação realista.

A partir do momento, porém, em que os receptores não sabem mais decodificar a linguagem simbólica ou até esqueceram que se trata de símbolos, as mensagens serão interpretadas em nível real. Eles “coisificam” os símbolos, e falsificam assim a mensagem.

Exemplo típico de tal mecanismo encontramos na decodificação dos muitos símbolos dentro do apocalipse de João. A partir do momento em que não se sabe mais que a grande besta-fera que sobe do mar (Ap 13,1) simboliza o poder do império romano, se espera de fato o surgimento de tal animal na história.

Desde o momento em se esqueceu que a derrota final do anti-Reino está sendo descrita por meio de imagens de batalhas entre figuras mitológicas (Ap 19,11-20,14), se espera, de fato, uma batalha sangrenta para finalizar a história.²⁶

As imagens são compreendidas como sendo fatos ou coisas reais, e assim não são mais compreendidas.

NO DECORRER DA HISTÓRIA DE SUA RECEPÇÃO, AS IMAGENS E SÍMBOLOS DA LINGUAGEM APOCALÍPTICA FORAM INTERPRETADOS EM NÍVEL DE INFORMAÇÕES REAIS E HISTÓRICAS. COM ISSO, PORÉM, FORAM FALSIFICADAS.

É exatamente isso que aconteceu no decorrer do discurso apocalíptico. A sua linguagem altamente simbólica, cheia de metáforas e imagens, foi progressivamente interpretada em nível de informações reais e históricas. Assim, porém, falsificou-se o conteúdo, fazendo do símbolo “fim do mundo” um acontecimento real e histórico em nível cosmológico.

As imagens foram interpretadas como se fossem fatos reais, enquanto na realidade são “imagens” para exprimir de maneira simbólica a profundidade e a importância de uma crise, no decorrer da qual o anti-Reino chega ao seu fim.

Chegamos assim a uma resposta clara, perante a indagação formulada no início do capítulo: A presença do motivo “fim do mundo”, observada em muitas culturas, em nada deve ser interpretada em termos de uma “revelação natural”.

A origem de tais imagens pode ser explicada, sem maiores dificuldades, pela psicologia, recorrendo aos mecanismos de projeção e compensação de conteúdos do inconsciente arcaico.

A função psicossocial e teológico-ideológica dessas projeções é descrita por Gerhard Marcel Martin da seguinte maneira:

“A apocalíptica é expressão de uma crise fundamental. Fazem parte dela... a simbolização de angústias e esperanças... As imaginações de um fim do mundo são um aspecto dentro de um drama apocalíptico geral, que gira em torno da destruição do mundo antigo e da construção de um mundo novo”.²⁷

A PARTIR DOS TEXTOS APOCALÍPTICOS DA BÍBLIA, TAMPOUCO SE PODE DEDUZIR QUE O FIM DO MUNDO DEVE SER HOLOCAUSTO CÓSMICO

3.1. Dentro da tradição bíblica encontramos, além da concepção apocalíptica, outra teologia da história, que não conta necessariamente com um fim do mundo

A história da recepção dos textos bíblico-escatológicos é marcada por uma acentuação excessiva das imagens apocalípticas. Influenciada por tendências gnósticas, a interpretação apocalíptico-milenarista da história, às vezes, até fez esquecer que os próprios textos bíblicos, além da teologia apocalíptica, apresentam também outra visão da história, aquela da teologia profética pré-exílio.²⁸

Dentro da visão deles, aqui chamada escatológica, não se conta com um fim do mundo catastrófico. Em vez disso, se apresenta a história do mundo como processo dialético entre Deus e as forças opostas a ele. No decorrer desse processo conflituoso, Deus realiza o seu projeto dentro da história. De um holocausto não se fala. O novo futuro de Deus “não é algo que sumirá da história, exigindo o desaparecimento do nosso mundo e da nossa forma de vida... O cenário do Reino de Deus é o mundo presente...”²⁹ E dentro deste mundo, Deus está agindo não com fogo e destruição, mas à maneira da “água de Siloé, que corre mansa” (Is 8,6).

A substituição deste modelo processual da história por um novo modelo, chamado apocalíptico, só aconteceu a partir de um momento bem específico dentro da história de Israel. Momento em que, devido às sucessivas catástrofes históricas, não era mais possível imaginar o futuro reinado de Deus como resultado de um processo contínuo dentro da história.³⁰

O MODELO APOCALÍPTICO DA HISTÓRIA NÃO É O ÚNICO DENTRO DOS TEXTOS BÍBLICOS.
AO LADO DELE, HÁ O MODELO PROCESSUAL DOS PROFETAS, QUE FOI ABANDONADO POR CAUSA DE
UMA CONSTELAÇÃO HISTÓRICA ESPECÍFICA

A reflexão atual sobre o futuro escatológico do mundo deve, de maneira urgente, redescobrir a visão pré-exílio da história, assim como foi formulada pelos profetas. Isso, nem por último, por causa do fato de o próprio, em grande parte, se Jesus dentro dessa concepção.

3.2. A exegese não interpreta os textos apocalípticos como previsões da história do mundo

A análise dos mecanismos arquetípicos mostrou que “as imagens de um fim do mundo pertencem ao mundo daquelas imagens arcaicas que se manifestam sempre de

novo em mitos, contos e rituais”.³¹

A partir dessa constatação fica claro que os muitos textos bíblicos, nos quais se faz referência a um fim do mundo, não podem ser interpretados de maneira textual.

Textos bíblicos com referências a um “fim dos tempos”

- Is 2,5; 9-11; 13-14; 17-19; 24; 25; 27-30; 32-35; 41; 43; 47; 49; 51; 56; 60-63; 65-66
- Jr 4; 23; 25; 30-31; 33
- Ez 1; 7; 10-11; 18; 27-30; 32-34; 36-39; 45-48
- Dn 2; 7-12; Os 3; Jl; Am 5; 8-9; Mq 4-5; 7; Sf; Zc; Ml 3-4;
- Mt 10; 24; Mc 13; Lc 12; 17; 21; Jo 14
- Rm 9-11; 13; 1Cor 15; 1Ts 4-5; 2Ts: 2Tm 3-4; Hb 4;
- 2Pd 2-3
- Ap

Para a explicação de todos esses textos, a exegese se baseia primeiro numa análise rigorosa dos gêneros literários aos quais pertencem. Além disso, se leva em consideração o seu contexto histórico e teológico dentro do pensamento apocalíptico. A isso se acrescentam os mecanismos psicológicos e psicorreligiosos que marcaram a sua gênese. E, finalmente, deve ser considerada também a história de sua recepção, marcada muitas vezes por interpretações gnósticas e milenaristas.

Vale a pena lembrar, além disso, que, da mesma maneira como os textos sobre a criação, também os textos sobre o fim deste mundo não têm em primeiro lugar o objetivo de informar sobre conteúdos históricos ou cosmológicos. Querem, bem pelo contrário, transmitir uma mensagem teológica.

Em síntese, a sua função pode ser descrita da seguinte maneira: “As vastas descrições de catástrofes cósmicas no dia de Javé contêm a advertência de contar com Deus que dispõe de tal poder... Catástrofes cósmicas servem apenas como imagens, para exprimir a onipotência assustadora de Deus que julga, e tudo isso com o objetivo de conseguir a conversão do povo e de todas as nações.”³²

Como resultado de todas essas considerações, chega-se hoje a uma posição igual àquela formulada por van de Walle. Baseado nas pesquisas de A. Vögtle e outros, o autor chega às seguintes conclusões sobre a questão do fim do mundo:

“BASEADO NA ANÁLISE DE TEXTOS QUE PRESSUPÕEM UM FIM DO MUNDO, CHEGAMOS À OPINIÃO DE QUE É POSSÍVEL CONCLUIR QUE, EM PARTE ALGUMA, O ANTIGO TESTAMENTO CONTÉM UMA DOCTRINA EXPLÍCITA SOBRE O FIM DO MUNDO”.³³

O mesmo vale para o Novo Testamento. Juan L. Ruiz de la Peña, depois de estudo aprofundado, é categórico na sua afirmação: “...Segundo o Novo Testamento, o “éskaton” não implica o fim do mundo”.³⁴

“Este esquema substitutivo, próprio da apocalíptica extracanônica, na qual desaparece qualquer rastro de continuidade em favor de uma ruptura total, é desconhecido tanto no Antigo Testamento como no Novo”.³⁵

3.3. Também os textos apocalípticos do Novo Testamento não contêm previsões históricas de um holocausto cósmico

A partir daquilo que foi dito sobre as raízes arquetípicas do motivo “fim do mundo”, fica compreensível que todos os mecanismos psíquicos dos antigos apocalipses se podem manifestar também depois de Jesus Cristo. Na realidade, o

drama apocalíptico chegou com ele ao seu fim. Mas, as primeiras comunidades cristãs, por sua vez, eram confrontadas de novo com crises ameaçadoras. Dentro destas crises, as imagens arquetípicas de um fim e de um novo começo mantêm o seu poder de explicação do real, mesmo quando se sabe que tal realidade já foi superada. É esta a razão pela qual, em constelações específicas, se recorre também no Novo Testamento às imagens apocalípticas já disponíveis.³⁶

A partir da experiência da morte e ressurreição de Jesus, porém, as antigas imagens alcançam um novo sentido.

a) *O Apocalipse de João*

É a pessoa de Jesus que se torna o ator principal, no drama da luta entre o mundo antigo e o mundo novo.

Todo o livro das revelações em nada é a previsão de um futuro fim do mundo. É muito mais a descrição da luta histórica entre as forças do Reino e do anti-Reino. Luta que está sendo travada agora, dentro de um processo dinâmico e dialético da história. Luta, cujo fim pode ser descrito com as mesmas imagens e metáforas, que já em outras crises possibilitaram manter a esperança.

Conforme o apocalipse de João, as forças opostas ao Cordeiro já estão superadas. O seu desaparecimento total é uma questão só de tempo. O último fim deste mundo é a vitória do Cordeiro. A derrota das forças do anti-reino será de tal maneira total, que só pode ser expressa pelo cenário dramático e arcaico de um holocausto cósmico.³⁷

b) *Os textos apocalípticos dos sinóticos*

Para os sinóticos, o drama apocalíptico da luta entre o mundo antigo da morte e o novo mundo da vida se torna visível, no destino contraditório de Jesus. Sua morte e ressurreição concretizam todas as oposições entre as forças da vida e aquelas da morte, que sempre marcaram a concepção apocalíptica.

Os trechos apocalípticos de Mt 24, Mc 13, Lc 21, refletem no seu conteúdo a profunda verdade de que tais contradições e tensões continuaram também nas experiências das primeiras comunidades cristãs.³⁸ O texto de Marcos tem, além disso, o objetivo pastoral de “manter viva a expectativa da parusia, mas ao mesmo tempo corrigir especulações perigosas sobre uma possível realização dos acontecimentos num futuro muito próximo”.³⁹

A historização dos motivos apocalípticos tem a sua raiz nos acontecimentos recentes da destruição de Jerusalém e do templo pelos romanos, 70 d.C. Esta catástrofe, porém, não significa “uma descontinuidade da história de Israel... mas é parte da história contínua de Deus. História cuja finalidade é a salvação para todos os povos”.⁴⁰

c) *A visão apocalíptica de Paulo*

Para Paulo, o processo do nascimento do Reino já está em andamento (Rm 8,22). Morte e ressurreição de Jesus se tornam provas de que o homem já faz parte do mundo novo (cf. 2Cor 5,17). E aquilo que já se tornou realidade para a pessoa humana está se tornando realidade também para o cosmo inteiro. As suas estruturas antigas estão desaparecendo, enquanto as novas já começam a se manifestar (Rm 8,22; 1Cor 7,31). Em oposição, porém, à visão arcaico-situativa dos textos

apocalípticos, este novo não irrompe como acontecimento súbito. O novo mundo, pelo contrário, se manifesta de maneira orgânica, como processo dinâmico, como nascimento, cujas “dores do parto” já se tornam visíveis (cf. Rm 8,22; 1Ts 5,3).⁴¹

d) *O texto de 2Pd 3,5-13*

A 2ª carta de Pedro interliga a sua argumentação com o motivo maravilhoso de “um novo céu e uma nova terra”, formulada já em Isaías 65,17-25.

A partir de uma interpretação milenarista e gnóstica, este novo, na maioria dos casos, foi interpretado dentro do esquema arquetípico descrito anteriormente, conforme o qual o surgimento do novo implicaria, necessariamente, uma prévia destruição do antigo.

Aprendemos hoje, a partir de uma visão evolucionista, que o novo também pode surgir a partir de uma mudança evolutiva, no decorrer da qual o antigo, num processo dinâmico, está sendo transformado.

É a partir desse pressuposto que deve ser interpretada também a 2ª carta de Pedro. “É o único texto do Segundo Testamento em que a Escritura fala da destruição do mundo pelo fogo”.⁴²

A sua origem se situa dentro do contexto de uma expectativa não realizada da parusia. Além disso, reflete a rejeição de tendências heréticas, surgidas nas comunidades cristãs do século II.⁴³

A carta estabelece uma ligação com a tradição do dilúvio e apresenta a criação de um novo céu e uma nova terra dentro dos motivos arcaicos da destruição do antigo mundo pelo fogo.⁴⁴ Baseada naquilo que se sabe sobre as raízes judaico-veterotestamentárias desse motivo, a exegese chega também, dentro deste texto, a uma conclusão bem clara. A transformação do mundo antigo, dentro de um novo, está sendo descrita no cenário apocalíptico tradicional. Este cenário é gênero literário, e não informação científica. Além disso, é importante frisar que a primeira intenção do texto em questão é, sobretudo, apologético. Ele quer rejeitar a crítica da gnose, ante o não acontecer da parusia. Para isso, recorre em grande escala a motivos apocalípticos.⁴⁵ Por causa deste fato, fica evidente que também o texto em questão em nada pode ser interpretado como informação histórica sobre o futuro. A descrita “catástrofe final não será uma simples destruição ou o aparecimento de uma nova criação que não tivesse nada a ver com a antiga, mas uma transformação do mundo presente”.⁴⁶

Transformação esta, porém, que pode ser dinâmica, conforme os mecanismos evolutivos e dialéticos a partir dos quais Deus está agindo neste mundo. Tal transformação segue o princípio da simultaneidade, e não da sucessividade.

O Concílio Vaticano II denomina esta transformação como a “restauração de todas as coisas” (LG 48), e menciona, dentro das referências bíblicas a esta dinâmica, também o texto de 2Pd 3,10-13.⁴⁷ E, além disso, confirma claramente que “a prometida restauração que esperamos já começou em Cristo... e continua na Igreja” (GS 48).

Chegamos assim novamente, a partir de um enfoque exegetico, a uma conclusão bem clara:

3.4. As traduções de certos textos bíblicos sugerem um fim do mundo cósmico, quando no texto original se fala de um “fim da época histórica”

A todos os argumentos exegético-teológicos apresentados se acrescenta por último ainda um fato aparentemente banal, mas muito importante: É a maneira como foram traduzidos certos textos ou expressões apocalípticos. As traduções respectivas falam em muitos casos de um “fim do mundo”. Um leitor alheio ao contexto teológico, cultural e histórico, dentro do qual os textos foram escritos, facilmente interpretará a expressão dentro de um enfoque cosmológico como fim do mundo cósmico.

Quando, porém, se analisam nesses casos os textos originais gregos, percebe-se que estes não têm em primeiro lugar um significado cosmológico. Eles, bem pelo contrário, falam do fim do “aion”, do fim do milênio, da época histórica. O termo “aion” deve ser interpretado dentro daquela perspectiva descrita aqui nos capítulos respectivos sobre os apocalipses: Eles compreendem a história como sucessão de épocas, de assim chamados “aions” ou “eons”, cada um dos quais é fechado em si. A justaposição de tais “aions”, de tais “milênios”, compõe a história, e o fim de cada um deles é marcado por distúrbios, convulsões e catástrofes. Estas catástrofes, porém, em nada devem ser interpretadas como holocausto cósmico. O fim da sucessão de tais “aions”, “o fim dos tempos”, tampouco pode ser ligado em primeiro lugar ao fim do cosmo. Quando se fala do cosmo ou do mundo, o grego usa a palavra “kosmos” ou “oikoumene”. A expressão “o fim do aion”, por sua vez, exprime simplesmente o fim da sucessão de épocas históricas. Isto é, o momento em que esta história chega ao seu fim.

Lembramos além disso, em termos de exemplo, aquilo que foi exposto sobre o Livro de Daniel e sua previsão de uma época de 490 anos, cujo fim marcaria o início do Reino de Deus. Aquele tempo de 490 anos era um “aion”, uma “época histórica”, um “milênio”. Historicamente, o seu fim era para ter acontecido na época de Jesus. É esta a razão pela qual o tempo dele era marcado por uma acentuada expectativa apocalíptica. Muitos textos bíblicos da época de Jesus e depois, falam do fim deste “aion”, do fim desta “época histórica determinada”, assim como das aflições de tal fim do “aion”. (É importante notar que de novo não usam as palavras “kosmos”, ou “oikoumene”, termos que realmente significariam “o mundo”.)

No decorrer da história, porém, a compreensão do verdadeiro significado daquilo que é o “aion” se perdeu ou mudou. Enquanto o texto original compreendia a expressão em termos temporais, épocas posteriores a interpretaram de maneira cosmológica. As traduções recorreram conseqüentemente a expressões como “fim do mundo” ou “fim dos tempos”. À medida que mudou ou se perdeu o conhecimento do significado original da palavra, começou assim a dominar a idéia de um fim do mundo físico, de um holocausto cósmico, de um fim catastrófico da terra.

Contra essa perspectiva, devemos de novo lembrar o sentido original do termo “aion”. Só assim será possível superar falsas interpretações apocalípticas e expectativas cosmológicas erradas.

Textos bíblicos traduzidos como “fim do mundo”, onde o texto original grego (e latim) diz
“fim do aion” = fim da época histórica.

1º Exemplo:

Mt 13,39: O inimigo que o semeou é o diabo;
a ceifa é o fim do mundo, e os ceifeiros são os anjos”.
(Trad. da Bíblia de Jerusalém.)
(Trad. da Bíblia Sagrada, ed. Paulinas: “...fim dos tempos”.)

Texto grego:
“o de thepismos suntéleia aiōnós estin...”

Texto latino:
“messis vero consummatio saeculi est...”

2º Exemplo:

Mt 13,40: “pois assim como o joio é colhido e queimado no fogo,
assim será no fim do mundo”. (Trad. da Bíblia de Jerusalém.) (Trad. da Bíblia Sagrada, ed. Paulinas, 1990: “...fim dos tempos”.)

Texto grego:
“...oútos éstai en tē sunteléia tou aiōnos...”

Texto latino:
“...sic erit in consummatione saeculi...”

3º Exemplo:

Mt 13,49: “Assim será no fim do mundo: sairão os anjos, e separarão
os maus dentre os justos” (Trad. da Bíblia de Jerusalém.)
(Trad. da Bíblia Sagrada, ed. Paulinas, 1990: “fim dos tempos”.)

Texto grego:
“...oútos éstai en tē sunteléia tou aiōnos...”

Texto latino:
—...sic erit in consummatione saeculi...”

4º Exemplo:

Mt 24,3: “E estando ele sentado no monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus
discípulos em particular, dizendo: ‘Declara-nos: quando serão essas coisas, e que
sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?’ ” (Trad. da Bíblia Sagrada, ed.
Paulinas, 1990.)
(Trad. da Bíblia de Jerusalém: “...da consumação dos tempos”.)

Texto grego:
“... Kai sunteléias tou aiōnos...”

Texto latino:
“... quod signum adventus tui et consummationis saeculi”?

(Os textos gregos e latinos citados foram tirados de: Nuevo Testamento trilingue, Biblioteca de autores cristianos, Madrid, 1986.)

3.5. Conclusão: A partir dos textos apocalípticos da Bíblia, não se pode definir o fim do mundo como holocausto cósmico

Constatamos na teologia dos textos apocalípticos do Novo Testamento a mesma tendência, que já Gerhard von Rad definira como característica da teologia profética do Antigo Testamento antes do exílio. Está “centrada sobre a história mais do que sobre a cosmologia”.⁴⁸

O grande tema do Novo Testamento é o Reino de Deus. Para que este Reino possa crescer, foram formuladas as seguintes condições:

- boas sementes sejam semeadas (Mc 4,3-8)
- o fermento possa agir (Mt 13,33)
- a pérola e o tesouro possam ser achados (Mt 13,44-46)
- as culpas sejam perdoadas (Mt 18,23-35)
- o convite para o banquete nupcial foi pronunciado (Mt 22,1-10).⁴⁹

A partir do momento, porém, em que este Reino já começou, (cf. Mt 12,28), a perspectiva apocalíptica muda radicalmente. O “drama apocalíptico chegou, com Jesus, ao seu fim”.⁵⁰ Dentro de uma visão simultânea da história, ela até pode continuar sendo descrita com imagens e metáforas apocalípticas. Mas, o verdadeiro interesse se dirige, agora, ao tempo presente e à sua transformação.

Aquilo que a apocalíptica esperava para um futuro muito distante, já está se concretizando. O Reino de Deus já começou.

Conseguimos assim um primeiro resultado muito importante, diante da atitude pessimista de um milenarismo apocalíptico, que marca ainda em grande escala o pensamento cristão.

A partir do momento em que o enfoque não se fixa mais numa falsa interpretação realista das imagens simbólicas do fim do mundo, a religião torna-se capaz de voltar às bases da esperança escatológica. Os cristãos podem redescobrir a mensagem dinâmica do Reino de Deus em processo de devir.

A história do mundo não se apresenta mais sob o enfoque de um fim ameaçador, mas dentro de uma perspectiva dinâmica de transformação, rumo a uma situação que corresponde aos planos de Deus.

Esta perspectiva foi adotada de maneira profética também pelo Concílio Vaticano II.

4

O CONCÍLIO VATICANO II SUBSTITUI A IDÉIA DE UMA DESTRUIÇÃO APOCALÍPTICA DO MUNDO, PELA CONCEPÇÃO DINÂMICA DE UM

MUNDO TOTALMENTE TRANSFORMADO

Os textos do Concílio Vaticano II superam a antiga visão dualista-negativista do mundo. Muitos de seus documentos apresentam a história sob o enfoque de dinâmica criadora, em cujo centro encontramos uma atitude de alegria e de esperança: *Gaudium et Spes*. A partir desta atitude se encara o processo da nova criação, que já começou. O novo céu e a nova terra, esperados desde Isaías, são uma expectativa real, cuja realização está em andamento. A proposta de Jesus justifica a alegria de sua vida e de sua mensagem, porque nós somos convidados a viver num tempo de bodas, e o noivo já está junto a nós (Mc 2,19). O projeto de Deus já está em andamento, os seus grãos germinam e nós somos convidados a participar deste processo (Mc 4,26-29).

“...A era final do mundo já chegou até nós... e de certo modo real já é antecipada nesta terra” (LG 48).

O texto de GS 21, por sua vez, faz referência à dinâmica correlativa da transformação do mundo, rumo ao projeto escatológico de Deus. Transformação que começa aqui, em nossa realidade concreta. Transformação que se realiza a partir de uma

“esperança escatológica (que) não diminui a importância das tarefas terrestres, mas antes apóia o seu cumprimento com novos motivos” (GS 21).

Que motivos teríamos em querer realizar as “tarefas terrestres”, se esta terra, num futuro mais ou menos próximo, fosse destruída?

O texto conciliar não se apega a tal expectativa. Pelo contrário, a corrige por uma visão dinâmica e esperançosa.

Esta dinâmica visa à colaboração humana num projeto histórico de Deus, cujo objetivo não pode ser a destruição de tudo aquilo que fizemos, mas a sua transformação “num novo céu e numa nova terra”; uma plenificação total, pela ação transformadora de Deus. Aquilo, porém, que será plenificado começa pelo agir humano. Por causa disso, o Concílio afirma de maneira clara que

“os homens e as mulheres, quando lutam para a sustentação de sua vida e da família... podem legitimamente julgar que desenvolvem com o seu trabalho a obra do Criador... e contribuem com sua ação pessoal para a execução do plano divino na história” (GS 34). (Cf. também GS 57).

Este plano divino implica que “passa certamente a figura desde mundo, deformado pelo pecado” (GS 39). A maneira, porém, como esta figura passa, não está sendo definida pelo Concílio como holocausto. Os padres conciliares, bem pelo contrário, afirmam que “nós desconhecemos a maneira de transformação do universo” (GS 39). Com esta fórmula, e pelo uso da palavra “transformação”, deixam aberta, de maneira explícita, a possibilidade de um processo evolutivo e não disruptivo.

CONCLUSÃO

BASEADOS NAS DECLARAÇÕES DO CONCÍLIO
VATICANO II, NÃO HÁ RAZÃO NENHUMA PARA
COMPREENDER O “FIM DO MUNDO”
EM TERMOS DE UM HOLOCAUSTO CÓSMICO.
OS TEXTOS CONCILIARES, BEM PELO CONTRÁRIO,
SUGEREM UMA TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

QUE CONHECEMOS.
ESSA TRANSFORMAÇÃO PODE MUITO BEM SER O
RESULTADO DE UM PROCESSO DIALÉTICO-EVOLUTIVO, ATRAVÉS DO QUAL DEUS CONDUZ A
HISTÓRIA
À SUA META FINAL.

5

JESUS ULTRAPASSA E MODIFICA A VISÃO APOCALÍPTICO-MILENARISTA

5.1. Os primeiros seguidores de Jesus contavam com um fim do mundo iminente

No que diz respeito à geração dos primeiros seguidores de Jesus, não há nenhuma dúvida de que acreditavam num fim do mundo muito próximo. “Parece que, no início, eles estavam tão fixados na tradição de um fim do mundo iminente, que nem se preocuparam mais com este mundo. Não valia mais a pena”.⁵¹

Vestígios de tal atitude encontramos ainda em certos textos dos Atos dos Apóstolos e em Paulo.⁵²

A sua característica é típica para toda atitude apocalíptico-milenarista. Não há grande incentivo para começar um trabalho de transformação do mundo. Em vez disso se produz aquele afastamento das coisas terrenas, aquela concepção dualista criticada pelo próprio Paulo na sua carta aos Tessalonicenses.⁵³ As casas podem ser vendidas e as coisas deixadas assim como estão, porque logo tudo vai acabar.

UMA EXPECTATIVA APOCALÍPTICA INCENTIVA MAIS A ACEITAÇÃO PASSIVA DAS SITUAÇÕES
ESTABELECIDAS.

Olhando as palavras e atos de Jesus, constatamos, porém, que ele não incentiva tal atitude passiva. Ele se exprime, isto é verdade, dentro de um contexto apocalíptico.

As expressões dele: “o tempo se completou, o Reino de Deus está próximo”, sem dúvida pertencem àquele ambiente, dentro do qual a apocalíptica exprimiu as suas experiências de crises.

Mas, apesar disso, Jesus nunca proclamou alguma data fixa ou definitiva para o fim deste mundo. Parece que a expectativa de tal fim não lhe interessava ou não o preocupava.

O que marca a sua pregação, em vez disso, é a convicção de que Deus age agora. Com esta mensagem, porém, Jesus modifica de maneira significativa um motivo apocalíptico bem definido.

5.2. A convicção de que, em Jesus, Deus age de maneira nova, retoma e modifica um antigo motivo apocalíptico

No horizonte do pensamento apocalíptico, o novo agir de Deus na história só podia acontecer depois de ele ter destruído todos os seus inimigos. Essa destruição

era esperada para acontecer no decorrer de um Juízo Final, no decorrer do qual Deus acabaria com este mundo. Era este o fim do mundo esperado. O novo agir de Deus é assim imaginado de maneira muito concreta e temporal, e a sua precondição é o desaparecimento de tudo aquilo que foi construído até agora. O agir de Deus significa algo totalmente novo.

Em Jesus, podemos constatar que ele também age de maneira concreta e temporal. Mas, o seu agir não estava ligado a uma destruição do mundo, nem tinha como precondição esse holocausto.

Em vez disso, faz acontecer o Reino de Deus em situações específicas, históricas e visíveis. Na sua prática de vida se revela o agir de Deus. Em Jesus, este Deus veio, mas veio sem aquilo que, no discurso apocalíptico, era a precondição de sua vinda. *Deus veio em Jesus Cristo, sem antes destruir o mundo.*

COM JESUS, O NOVO FUTURO DE DEUS COMEÇOU, SEM A CATÁSTROFE CÔSMICA DE UM FIM DO MUNDO. AQUILO QUE A APOCALÍPTICA ESPERAVA SE REALIZOU, MAS SEM CATÁSTROFE APOCALÍPTICA.

5.3. Será que Jesus, nas suas afirmações, não se enganou?

Diante da afirmação de Jesus, e ante toda uma tradição apocalíptica de séculos, surge uma indagação muito séria. Será que aquilo que Jesus anunciou é verdade? Será que, com ele, começou de fato o novo agir de Deus no mundo? Será que a mensagem da iminência do Reino, de sua realização já consumada em certas situações, não está sendo negada pela própria situação histórica?

Jesus contava com a transformação iminente da situação. Mas, na realidade, tal transformação não se realizou. A conversão, esperada por ele, não aconteceu. Pelo contrário. Ele mesmo se tornou vítima de um mundo corrupto e pecaminoso.

Será que Jesus não se enganou?

À primeira vista parece que, dentro do horizonte de uma interpretação apocalíptico-milenarista tradicional, Jesus realmente não tinha razão. Há até argumentos lógicos que parecem sustentar essa tese.

Assim, van de Walle escreve: “Ele (Jesus) é homem de sua época, homem similar a todos nós, com exceção do pecado. Eventual engano forma parte deste ser verdadeiro homem.”⁵⁴

Caso, porém, seja falsa a concepção de Jesus; caso o novo agir de Deus na história não tenha começado; caso o Reino esperado por ele não tenha iniciado ainda, quem nos garante, então, que não haverá um fim catastrófico, exatamente assim como os textos apocalípticos o esperavam?

As indagações formuladas acima devem ser levadas a sério.

Contra toda afirmação, porém, que Jesus poderia ter-se enganado, queremos mostrar que as palavras de Jesus exprimem, de maneira exata, a verdadeira essência daquilo que aconteceu e está acontecendo. Jesus não se enganou!

Quem se enganou fomos nós. Nós devemos mudar os horizontes de nossa interpretação das declarações dele. Somos nós que nos enganamos.

JESUS NÃO DECLAROU ALGO ERRADO!

O problema de uma interpretação errada das declarações de Jesus já começou no decorrer de sua vida. Na proclamação de sua nova visão do Reino de Deus, ele não fala, afinal, dentro de um vácuo cultural e religioso. Ele se exprime no meio de um contexto profundamente marcado por expectativas apocalípticas.⁵⁵ Fizeram parte dessas expectativas a “certeza de que o fim de todas as coisas está próximo e expectativa apaixonada de tal fim, que presenciará finalmente o triunfo de Deus sobre os inimigos de Israel.”⁵⁶

Os ouvintes de Jesus, também os seus discípulos, pensam a partir destes parâmetros. Eles interpretam também as palavras dele dentro de tal horizonte de compreensão.⁵⁷ O que gerou dificuldades para as primeiras gerações de cristãos, gera dificuldades até hoje. E da mesma maneira como os seus seguidores tiveram que mudar os seus parâmetros de pensar, também nós precisamos mudá-los.

5.4. Jesus usa motivos apocalípticos, mas modifica o seu conteúdo

Apesar de na geração dos primeiros cristãos ter existido certa tentação de expectativa passiva, constatamos que, em geral, esses cristãos mudaram sua atitude.

A mentalidade apocalíptica passiva é progressivamente superada por um espírito transformador. A causa para essa mudança se encontra na própria mensagem de Jesus.

Apesar de ter atuado e falado dentro de um horizonte apocalíptico, Jesus modifica o conteúdo de motivos apocalípticos. Além disso, a sua mensagem supera em muito esse horizonte. O verdadeiro interesse de Jesus não se dirigia ao futuro nem ao passado, como era típico na cosmovisão apocalíptica. O verdadeiro interesse de Jesus era o tempo presente. O futuro escatológico da história não o paralisa. A sua esperança não se fixa na expectativa de um holocausto. O seu projeto incentiva a transformação do presente.

5.5. Jesus incentiva uma conversão que “agora” põe um fim ao mundo do pecado e da corrupção

Em vez de esperar pela conversão até o dia do grande julgamento, e de uma prevista destruição do mundo, Jesus incentiva a conversão no momento histórico atual.

PARA JESUS, A CONVERSÃO DEVE SER “AGORA” A REALIZAÇÃO DE AMOR, JUSTIÇA, VERDADE DEVE COMEÇAR “AGORA”.

Essa conversão se torna a condição do início do Reino de Deus. “Convertam-se! O Reino de Deus está próximo!” (Mc 1,15).

Com esta mensagem, Jesus proclama o início do novo mundo, não através de uma catástrofe apocalíptica do mundo antigo, mas por meio de *conversão, de metanóia*, isto é, *mudança do próprio ser*.

PARA JESUS, O NOVO MUNDO NÃO COMEÇA
COM A DESTRUIÇÃO MATERIAL
DO MUNDO EXTERIOR CORRUPTO.
O NOVO MUNDO COMEÇA COM A DESTRUIÇÃO DA CORRUPÇÃO DENTRO DO MUNDO
E DA PESSOA HUMANA.

Com esta concepção, Jesus retoma de novo um motivo apocalíptico e o transforma.

Para proclamar a destruição das situações de corrupção, Jesus usa a palavra conversão.

Toda conversão, porém, significa fim de um mundo e começo de um novo mundo. Isso é exatamente o que toda a expectativa apocalíptica esperava. Só que, para os adeptos do pensamento apocalíptico, este fim era esperado como fim do mundo exterior.

Jesus fala do fim de todo um mundo interior. O processo, através do qual tal fim se realiza, é denominado “conversão”. Tal conversão é processo de crise profunda. Esta crise pode ser expressa pelas imagens de um fim do mundo.

Paulo a descreve pela imagem das dores do parto.⁵⁸ Um parto que já está em andamento e que finalizará certo tipo de mundo.

Descobrimos assim, mais uma vez, como o enfoque de Jesus amplia e modifica a interpretação apocalíptica, substituindo o seu modelo estático por uma visão dinâmica e processual.

Em sua base, há toda uma nova concepção da história. Concepção formulada dentro do contexto apocalíptico, mas que muda o conteúdo dos motivos apocalípticos.

TODA CONVERSÃO = O FIM DE UM MUNDO.
TODA CONVERSÃO = CRISE.
JESUS SUPERA AO HORIZONTE
DAS EXPECTATIVAS APOCALÍPTICAS.
ELE SUBSTITUI A IDÉIA ESTÁTICA E EXTERIOR
DA COMPREENSÃO APOCALÍPTICA POR UMA
CONCEPÇÃO DINÂMICA E PROCESSUAL.

PARA JESUS,
O NOVO MUNDO NÃO COMEÇA PELA DESTRUIÇÃO
MATERIAL DO MUNDO EXTERIOR.
O NOVO MUNDO COMEÇA COM A DESTRUIÇÃO
DA CORRUPÇÃO INTERIOR DOS SERES HUMANOS
ATRAVÉS DA CONVERSÃO.

Nesse sentido, o “fim do mundo”, esperado pela concepção apocalíptica antes do início do novo mundo de Deus, de fato acontece, mas não acontece como fim do mundo exterior. Não é holocausto cósmico. É o fim do mundo do pecado e da corrupção através de um processo dinâmico.

5.6. Para Jesus o Reino já começou; esta concepção ultrapassa toda expectativa apocalíptica

5.6.1. Jesus não declara data nenhuma para o fim do mundo

“A escatologia”, diz Juan Luis Segundo, “pode ser apocalíptica, mas ela não o deve ser necessariamente”.⁵⁹

Analisando a escatologia de Jesus, constatamos exatamente essa característica. O discurso dele ultrapassa o pensamento apocalíptico de sua época, em muitas dimensões essenciais.

Apesar de viver e exprimir-se dentro do contexto de pensamento apocalíptico, ele não adota a expectativa milenarista de proclamar datas para o fim do mundo.

Mas, em vez disso, declara que o Reino de Deus já começou. Nesta declaração, todavia, fica implícito o fato de que aquilo que os apocalípticos esperavam, já começou a se realizar. Este começo, porém, não se apresenta como o pensamento apocalíptico o havia descrito.

5.6.2. Jesus declara o começo do Reino de Deus, sem prévia destruição do mundo material

O que Jesus proclamou é a iminência do Reino de Deus. Ele o proclama com tal convicção, que se distancia fundamentalmente de João Batista. Enquanto este anuncia a iminência de um juízo punidor de Deus, Jesus se apresenta como “profeta da alegria”.⁶⁰ E o motivo dessa alegria é a profunda novidade de sua mensagem, em comparação com a mensagem do Batista. O centro desta mensagem não é o anúncio de um juízo aterrador iminente, mas a irrupção de algo novo neste mundo corrompido. A irrupção do mundo de Deus no mundo humano. O Reino de Deus, que já começou.

A novidade revolucionária da mensagem de Jesus consiste na proclamação de que o novo mundo de Deus já irrompeu no antigo mundo da corrupção.

O REINO DE DEUS JÁ COMEÇOU.

Por causa disso, a sua mensagem é mensagem de alegria!

Esta mensagem de alegria começa bem no início dos textos novo-testamentários. Os anjos proclamam “uma grande alegria para todo o povo” (Lc 2,10). O anúncio continua no próprio estilo de vida de Jesus. A alegria transparece nas suas parábolas, e marca a sua mensagem.⁶¹

O motivo da alegria, porém, é a convicção de que o Reino de Deus já começou.⁶² Entretanto, se isso é verdade, então Jesus mudou novamente a dramaturgia tradicional do contexto apocalíptico.

CASO O REINO DE DEUS JÁ TENHA COMEÇADO, MUDA A DRAMATURGIA TRADICIONAL DO CONTEXTO APOCALÍPTICO.

Caso o Reino de Deus já tenha começado, “o mundo antigo, marcado pela miséria e longe de Deus, não precisa primeiro ser totalmente destruído, antes que irrompa o novo mundo.”⁶³

É aqui que encontramos a ruptura entre a mensagem de Jesus e a expectativa apocalíptica. Porque, para a compreensão apocalíptica da história, o Reino de Deus só pode vir depois de ter acontecido o fim do mundo. Para que o Reino de Deus possa

começar, primeiro deve ser destruído o mundo atual. Por causa disso se espera tão ansiosamente este fim.

Jesus, porém, não fala do fim. Ele proclama algo novo. Ensina que o Reino está próximo, que até já começou. Manda os seus discípulos proclamarem a iminência de uma situação nova (Mc 6,6-13; Mt 9,35-11,1; Lc 9,1-6; 10,1-20). Promete aos pobres, aos aflitos e aos tristes, a resolução de seus problemas, porque a vinda concreta de Deus significará para eles em primeiro lugar a salvação (Lc 6,20-23, em sintonia com Is 61,1-3).

Esta salvação foi proclamada por Jesus como sendo iminente e, em certas situações, como já presente. O REINO DE DEUS CHEGOU DE VERDADE ATÉ VOCÊS!⁶⁴ De um fim do mundo, ele nem fala. Assim supera todas as expectativas apocalípticas.

CONFORME TODAS AS EXPECTATIVAS APOCALÍPTICAS, O REINO DE DEUS SÓ PODE COMEÇAR
DEPOIS DE O MUNDO ATUAL ACABAR.

JESUS, PORÉM, DECLARA QUE O REINO JÁ COMEÇOU.

SE ISSO É VERDADE, ENTÃO O NOVO MUNDO DE DEUS, ESPERADO PELOS APOCALÍPTICOS PARA DEPOIS
DO FIM,
JÁ COMEÇOU, SEM QUE A DESTRUIÇÃO DO MUNDO ANTIGO TENHA OCORRIDO.

5.7. Deus revelou a sua justiça em Jesus

Os indícios bíblicos de que Jesus modificou profundamente as expectativas apocalípticas estão sendo reforçados também a partir de outra perspectiva.

Conforme toda a expectativa apocalíptica, quando Deus vem para iniciar o seu Reino, nesse momento será revelada a sua justiça. É esta também a grande promessa dos profetas. Deus revelará a sua justiça a todos. A literatura apocalíptica faz acontecer esta revelação através de imagens no dia do grande julgamento que, ao mesmo tempo, será o fim do mundo.⁶⁵

Se Paulo, porém, afirma na sua carta aos Romanos que “em Jesus se revela a justiça de Deus” (Rm 1,17; 3,25), podemos interpretar esta afirmação em contexto apocalíptico, de maneira bem determinada. É o fim da expectativa apocalíptica. Aquilo que a apocalíptica esperava, a revelação da justiça de Deus, já aconteceu em Jesus Cristo.

Esta revelação, entretanto, aconteceu, sem que tenha ocorrido a destruição do mundo exterior esperada pela tradição apocalíptica.

A EXPECTATIVA APOCALÍPTICA SE REALIZOU
EM JESUS CRISTO,
POIS NELE DEUS REVELOU A SUA JUSTIÇA
AO MUNDO.

ESTA REVELAÇÃO DA JUSTIÇA DE DEUS,
PORÉM,
ACONTECEU
SEM A DESTRUIÇÃO DO MUNDO EXTERIOR.

5.8. Na vida e na morte de Jesus acontece aquilo que a linguagem apocalíptica denominou “fim do mundo”

5.8.1. “Agora é que é o julgamento deste mundo” (Jo 12,31; 16,8.11)

A expectativa de um Juízo Final está intimamente ligada à expectativa apocalíptica do novo mundo de Deus e do fim deste mundo corrompido. A função deste juízo não é primeiramente aquilo que tornou no decorrer da história: fantasias de vingança dos oprimidos e rejeitados sem poder. Também não era instrumento de opressão na mão de instituições políticas ou religiosas. A função da expectativa de um Juízo Final também deve ser vista dentro da perspectiva de esperança. É a promessa de que as vítimas, os rejeitados e oprimidos, pelo menos diante da última instância de Deus terão os seus direitos mantidos (cf. Ap 6,10).

É interessante constatar que, nas cartas de Paulo, não encontramos descrições de um juízo conforme os modelos da literatura apocalíptica. A partir do seu enfoque, o que é essencial é a colaboração das pessoas, na obra da construção do Reino. Essa colaboração, sim, será julgada. Haverá um julgamento sobre o valor da contribuição de cada um.

É importante, na reflexão sobre este julgamento, manter a mesma distinção entre construção e construtor, que o próprio Paulo mantém (cf. 1Cor 3,10-15).

Conforme o apóstolo, a obra de cada pessoa contribui conforme o seu mérito para a grande obra da construção do Reino. Aquilo que os homens e mulheres realizaram no decorrer de sua vida, não é irrelevante. O Reino se constrói, à medida que eles/elas participam dessa construção. A pessoa humana é “responsável pela marcha do contexto cósmico, do qual emergiu e no qual transcorre sua vida”.⁶⁶ A obra que não trouxe contribuição será queimada como palha. A obra baseada nos critérios de Deus estará sendo revelada no seu valor. Fica evidente que tal valor valorizará também o construtor.

Haverá, porém, outros/as, cuja vida se revelará como “palha”, diante dos critérios do Reino.

Eles/elas não contribuíram em nada para o processo evolutivo da construção do Reino. As obras de tal vida desaparecerão como palha no fogo. Porém, os autores de tais obras sem valor também serão salvos “como que através de fogo”.⁶⁷

Constatamos nesta visão uma nova e profunda modificação do imaginário apocalíptico do juízo.

Modificação esta que transforma o potencial ameaçador daquele imaginário em novo potencial de esperança.

Um dos acontecimentos trágicos ocorridos no decorrer da interpretação dos textos bíblicos, é que tal potencial de esperança não foi desenvolvido. Constatamos, em vez disso, em muitos casos, uma volta às antigas narrações apocalípticas e suas imagens ameaçadoras.

Contra tais tentativas já reagiu, ao fim do primeiro século, o autor do quarto evangelho. A sua repetida afirmação de que Jesus não veio “para julgar o mundo, mas para salvá-lo” (Jo 12,47; também: 3,17; 8,15), deve ser interpretada dentro do contexto de uma rejeição de idéias apocalípticas ameaçadoras de um juízo aterrador.⁶⁸

Jesus, em vez de juiz aterrador, está sendo apresentado como aquele que põe à vista o valor da obra de vida de cada um. Na sua pessoa, estes valores ou não valores se revelam. A pessoa de Jesus se torna o discriminador que separa o ouro da palha.

É neste sentido que João pode declarar que o juízo acontece agora, na vida de Jesus. A vida dele e sua morte trazem “às claras a distinção decisiva entre verdade e falsidade, entre bem e mal”.⁶⁹

CONFORME O AUTOR DO QUARTO EVANGELHO,
VIDA E MORTE DE JESUS SE TORNAM O
CRITÉRIO DE DISCERNIMENTO
SOBRE O VALOR DA “OBRA DE VIDA”
DE UMA PESSOA.

POR CAUSA DISSO, ESCRIVE QUE
“É AGORA QUE ACONTECE O JULGAMENTO
DESTE MUNDO” (JO 12,31).

Com esta concepção, porém, constatamos mais uma vez como motivos apocalípticos em torno do fim do mundo estão sendo modificados.

Para a tradição apocalíptica, “o julgamento deste mundo” acontece no grande “dia de Javé”, quando Deus acaba com este mundo e realiza o grande julgamento.

PARA O PENSAMENTO APOCALÍPTICO, O GRANDE JUÍZO SOBRE O MUNDO ACONTECE NO MOMENTO
EM QUE DEUS DESTRÓI ESTE MUNDO MATERIAL.

Quando levamos a sério aquilo que o evangelista declara: “o julgamento deste mundo acontece agora”, então tal julgamento se concretiza agora; no decorrer da vida de Jesus, no decorrer de sua morte, no decorrer da história da construção do Reino.

O GRANDE JUÍZO SOBRE O MUNDO
ACONTECE “AGORA”, COMO PROCESSO DINÂMICO DENTRO DA HISTÓRIA.
SENDO ASSIM, PORÉM, O JUÍZO SE REALIZA SEM AQUILO QUE PARA A LITERATURA APOCALÍPTICA
ERA O SEU CENÁRIO: O FIM DO MUNDO.

O juízo, do qual fala a literatura apocalíptica, acontece. Mas, não acontece assim, como os apocalípticos o imaginavam. Não acontece no decorrer de um cenário catastrófico de holocausto cósmico.

Realiza-se, no entanto, em termos de um processo, em termos de um discernimento, que torna visível a palha e o ouro, assim como Paulo o formulou. Tal processo significa uma crise, e esta é como o fim de um mundo.

As imagens apocalípticas se revelam mais uma vez como sendo aquilo que são: imagens.

Mas, ao mesmo tempo, é revelado também como se realizou em Jesus aquilo que as imagens tentaram simbolizar. Só que esta realização não se fez no nível exterior das imagens, mas numa dimensão muito mais profunda e substancial.

5.8.2. A morte de Jesus se torna sinal exterior e visível daquilo que a linguagem apocalíptica chamou “o fim do mundo”

No seu livro *Weltuntergang* (Fim do mundo), G. M. Martin apresenta mais uma idéia, a partir da qual fica evidente como, em Jesus, os motivos apocalípticos foram modificados e, ao mesmo tempo, realizados em outro nível.⁷⁰ Na pessoa de Jesus, e de maneira específica na sua paixão e ressurreição, teria chegado ao seu fim tudo

aquilo que era esperado no pensamento apocalíptico:

A destruição catastrófica do mundo acontece na cruz. A morte de Jesus, nesse patíbulo da vergonha, é para ele “o fim de seu mundo”. Um “fim do mundo” mesmo. O fim daquele mundo em que Jesus tinha esperado, de forma plena, a vinda do Reino de Deus. Esta expectativa se quebrou. O Reino não se realizou de maneira definitiva e Jesus morre. O mundo dele está sendo destruído, e esta destruição é um fim catastrófico. É tão catastrófico que o próprio Deus formaliza, no seu grito, a condição apocalíptica de um mundo em que Deus está ausente.

“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34)

No acontecimento da cruz, na crise de sua morte, Jesus vive na sua própria existência um drama de dimensões apocalípticas. Ele vive “todas as dores do parto” (Rm 8,22) de um mundo novo, uma luta apocalíptica de vida e de morte.

Na cruz, o seu mundo antigo é destruído. Esta destruição significa também a destruição do mundo antigo, do anti-Reino. É o momento do grande juízo apocalíptico. Nesse momento, é julgado na pessoa de Jesus todo o mundo antigo. Mas, na pessoa dele, se torna possível também a realização de um mundo novo no qual Deus está presente.

É por isso que os textos dos evangelhos, conscientes dessa dimensão apocalíptica, apresentam a morte de Jesus dentro de todo um cenário apocalíptico.

OS TEXTOS NEOTESTAMENTÁRIOS APRESENTAM A MORTE DE JESUS DENTRO DE TODO UM CENÁRIO APOCALÍPTICO.

NA SUA MORTE, OS SINÓTICOS DEIXAM ACONTECER TODOS OS SINAIS QUE, NA LITERATURA APOCALÍPTICA, APONTAM PARA O FIM DO MUNDO

“Conforme o testemunho neotestamentário, Jesus, na sua morte e ressurreição, está envolvido numa luta apocalíptica de vida e morte. O horizonte apocalíptico alcançou aquele que na sua própria vida viveu, de maneira acentuada, uma variante específica da expectativa apocalíptica.

Enquanto Jesus pende na cruz, da sexta até a nona hora, há trevas; rasga-se a cortina do templo; a terra treme; as rochas se fendem e os túmulos se abrem (Mt 27,45ss). O morrer e a morte de Jesus alcançam assim um significado cósmico-apocalíptico. O texto sugere que no acontecimento da cruz o mundo inteiro chega ao seu fim, acontece o grande dia do juízo, o culto do templo acaba e Deus se faz conhecer”.⁷¹

Esta concepção de G. M. Martin possui o mérito de tentar globalizar a tradicional concepção da redenção, levando em consideração o horizonte apocalíptico.

É de fato inegável que, no momento da agonia e morte de Jesus, os sinóticos deixam acontecer todos os sinais cósmicos, usados na literatura apocalíptica para indicar o fim do mundo.

A partir do momento em que vemos a vida e a morte de Jesus dentro desse contexto, aqueles sinais se apresentam como realização das expectativas apocalípticas. Todos os textos apocalípticos alcançam nova dimensão cristológica e profética.⁷²

Mas, da mesma maneira como a morte de Jesus seria a conclusão do drama apocalíptico do fim do mundo, a sua ressurreição tornaria evidente o surgimento de

um mundo novo. Um mundo da vida, no qual não reina mais a morte, mas o Deus da vida.

Nem o fim do mundo antigo, nem o surgimento do novo mundo, porém, aparecem como fato consumado. Como acontecimento situativo. Aparecem muito mais em termos de sinais. Sinais de processos em vias de se plenificarem, no decorrer da história.



5.9. Conclusão: a partir de Jesus, devemos substituir os modelos apocalíptico-milenaristas por um novo paradigma

A partir dos argumentos apresentados neste capítulo, fica evidente que os cristãos, mais uma vez, estão diante da necessidade de mudar o horizonte de sua compreensão escatológica. Esperança escatológica não significa esperar um holocausto cósmico, seja ele em breve ou num futuro muito distante.

ESPERANÇA ESCATOLÓGICA NÃO SIGNIFICA ESPERAR UM HOLOCAUSTO CÓSMICO.

Repete-se mais uma vez aquela situação descrita por Juan Luis Segundo: “Não apenas o judaísmo viveu, há dois mil anos, uma expectativa apocalíptica que os fatos não confirmaram, obrigando assim o homem a inventar uma apocalíptica sempre substitutiva para manter artificialmente as atitudes desejadas”.⁷³ Também os cristãos, em grande parte, permanecem até hoje nessa expectativa.

Contra ela, e em sintonia com os textos bíblicos apresentados nos capítulos anteriores, devemos de maneira bem clara afirmar que o drama apocalíptico do fim do mundo terminou. Chegou ao seu fim com Jesus Cristo e em Jesus Cristo. Toda expectativa de um holocausto apocalíptico é superada, e todo discurso sobre um fim do mundo catastrófico se mostra contraditório. “Segundo o Novo Testamento”, escreve Juan L. Ruiz de la Peña, “o éscaton não implica o fim do mundo. E o que é ainda mais surpreendente: tão pouco implica o fim dos tempos...”⁷⁴

Frente a essa nova situação, porém, surge a necessidade de construir uma nova visão da história e do mundo em Deus. Uma nova visão cosmológica.

O ponto de partida dessa nova visão deve ser a superação dos modelos arquetípicos e míticos, que marcam o pensamento apocalíptico.

A PARTIR DA VIDA, MORTE E RESSURREIÇÃO DE JESUS, OS MODELOS ARQUETÍPICOS-MÍTICOS DO PENSAMENTO APOCALÍPTICO-MILENARISTA DEVEM SER SUBSTITUÍDOS POR NOVOS PARADIGMAS DINÂMICOS E PROCESSUAIS.

O novo paradigma, a partir do qual se deve compreender a história escatológica do mundo, será o pensamento em processos dinâmicos e dialéticos, assim como já o demonstramos em nossas reflexões sobre a interpretação daquilo que é Reino de Deus.

A CONCEPÇÃO HISTÓRICA DE JESUS É DINÂMICA

JESUS FALA:

- ♦ DE UM FUTURO, CUJA ÚLTIMA FINALIDADE ESTÁ EM DEUS
- ♦ DE UM PROCESSO DE CONVERSÃO, ATRAVÉS DO QUAL O MUNDO ANTIGO ESTÁ CHEGANDO AO SEU FIM
- ♦ DE UM PROCESSO HISTÓRICO DINÂMICO E DIALÉTICO, ONDE PROGRESSIVAMENTE O ANTIGO MUNDO DO PECADO ESTÁ SENDO SUBSTITUÍDO POR UM *MUNDO NOVO*.

6

O NOVO PARADIGMA ESCATOLÓGICO A

PARTIR DE JESUS: O FIM DO MUNDO DEVE SER VISTO EM TERMOS DE “PROCESSO DINÂMICO-DIALÉTICO”

Mostramos, em capítulos anteriores, como no pensamento apocalíptico reina o esquema da sucessividade.

Seguindo a estrutura do mito, também a literatura apocalíptica divide os vários níveis opostos e dialéticos de uma realidade simultânea em acontecimentos temporais que se sucedem.

Dentro de tal esquema, o novo só pode acontecer depois da destruição do antigo; o novo mundo só pode surgir depois do desaparecimento do precedente; o bem só tem lugar depois da superação do mal.

Como consequência dessa visão, o pensamento apocalíptico apresenta um mundo linear, onde uma nova situação sucede à antecedente só depois do desaparecimento da antecedente.

Sabemos, porém, a partir de todo enfoque científico e sociológico, que na realidade nem a vida nem a história seguem um tal esquema.⁷⁵ O que há, na verdade, são PROCESSOS EVOLUTIVOS, marcados pela simultaneidade de vários estádios e de situações opostas e contraditórias em si.

O MUNDO REAL É MARCADO PELA SIMULTANEIDADE DE ESTRUTURAS OPOSTAS E CONTRADITÓRIAS
--

Dentro de uma visão holística que ganha cada vez mais adeptos, todas essas estruturas cósmicas, na sua totalidade, se comportam “como um gigantesco organismo, um organismo vivo, que está crescendo, desenvolvendo-se”.⁷⁶ Praticamente todos os grandes eventos da vida e da história se caracterizam por processos que não se desenrolam de maneira sucessiva, mas a partir do princípio da simultaneidade. Edgar Morin, na sua análise muito crítica da conjuntura no fim do século XX, descreve esta simultaneidade nos seguintes termos: “Assim, encontramos num mundo que nos surge simultaneamente em revolução, progressão, regressão, crise, perigo”.⁷⁷

É diante de tal compreensão do mundo e da história que as imagens mitológicas de uma súbita destruição do cosmo devem ser re-interpretadas. Tal re-interpretação da dramaturgia apocalíptica nos aproximará também, novamente, das concepções escatológicas de Jesus Cristo.

Quando analisamos a mensagem dele, constatamos que também a sua cosmovisão não se apresenta dentro do enfoque da sucessividade do mito; bem pelo contrário. O joio cresce junto com o trigo (Mt 13,24-30), o Reino já está presente no meio do anti-Reino (Lc 17,20-21), o fermento está sendo misturado com a massa (Lc 13,20-21). O que marca a concepção de Jesus é a consciência de simultaneidade e de processo de transformação.

Sendo assim, estamos mais uma vez desafiados a mudar o esquema estático do pensamento apocalíptico. Baseados na maneira como Jesus vê o mundo, devemos adotar um modelo dinâmico e processador, para falar de maneira adequada das grandes verdades escatológicas, sejam elas o Reino de Deus ou a questão do fim do mundo.⁷⁸

PARA FALAR DAS VERDADES ESCATOLÓGICAS
DO REINO DE DEUS E FIM DO MUNDO,
DEVEMOS ADOPTAR UM MODELO
DINÂMICO E PROCESSUAL DA HISTÓRIA.

Assim fazendo, podemos mostrar, também ao homem de hoje, que não há contradição entre a cosmologia científica com seus parâmetros evolutivos e o discurso escatológico. Discurso este que mantém seus conteúdos profundos de esperança num futuro absoluto deste mundo. Futuro que vai além de toda e qualquer previsão da cosmologia científica.

Futuro cuja última finalidade está em Deus. Futuro que supera todas as realizações humanas. Plenificação, porém, que apesar disso não só inclui a esfera humana, mas o cosmo na sua íntegra.

É tarefa fundamental de nosso discurso escatológico manter viva a esperança nesta plenificação, porque é nela que se revela, de maneira total e absoluta, a bondade profusa de um Deus que ama a sua criação.

Tal escatologia novamente se torna esperança para um mundo que perdeu suas esperanças, se frustrou nas suas utopias.⁷⁹ Ela, porém, não pode ser desperta pela linguagem mitológica, tão distante do universo do homem moderno que não é mais compreendida, porque suas imagens contradizem aparentemente tudo aquilo que se sabe sobre o cosmo e a evolução.

Para que uma época demitologizada possa recuperar a esperança imutável da mensagem escatológica, devemos levá-la a compreender o verdadeiro sentido dos símbolos escatológico-apocalípticos. Símbolos estes que falam em termos quantitativos e imagens de eventos sucessivos. Símbolos que exprimem o qualitativamente novo dentro do mesmo contínuo de tempo, por imagens de uma história descontínua, onde o “antigo” deve ser destruído, para que o “novo” possa aparecer.⁸⁰

Uma vez compreendido este mecanismo, podemos superar um discurso religioso, que interpreta imagens simbólicas como o “fim do mundo”, em termos de fatos cosmológicos reais. Falar sobre tais fatos cósmicos é tarefa da cosmologia científica, como vimos num dos capítulos anteriores.

Não é tarefa da escatologia prever os processos termonucleares que farão explodir o sol. Tarefa da escatologia é sustentar a esperança em Deus, apesar de tudo aquilo que possa acontecer. Tarefa da escatologia é manter esta esperança dentro de um mundo que carece de perspectiva de futuro. Tarefa do discurso escatológico, hoje, é manter viva a convicção de que este mundo é “sistema aberto para Deus”.⁸¹

É neste sentido que devemos recuperar, com urgência, o verdadeiro sentido da mensagem escatológica sobre o “fim do mundo”. Contra todas as previsões de uma catástrofe final, como nós as vimos também por ocasião da recente virada do milênio,⁸² devemos acentuar de maneira clara que tal “fim”, em caso algum, deve necessariamente ser identificado com acontecimentos de um holocausto cósmico.

7

O “FIM DO MUNDO” É PROCESSO DINÂMICO E DIALÉTICO QUE EM JESUS CRISTO JÁ COMEÇOU

O fim do mundo, do qual falava a literatura apocalíptica em termos de um evento futuro, na realidade já está acontecendo. Com Jesus Cristo, o novo mundo já começou a sua entrada no mundo antigo. A alternativa a este mundo antigo já iniciou, sem que por causa disso este mundo antigo tenha parado de existir.

Mas, o mundo novo de Deus já age de maneira dinâmica dentro do antigo. Não só age, mas progressivamente supera o antigo, transforma o velho, substitui o oposto.

Todo esse processo, porém, não se realiza através de movimento linear e dentro dos termos da sucessividade. Pelo contrário, é um processo dinâmico e dialético, marcado pela simultaneidade de concepções opostas. Dentro dessa simultaneidade, porém, uma das concepções está chegando ao seu fim, enquanto a outra, a de Deus, está ganhando força, até finalmente triunfar.

JÁ ESTÁ EM ANDAMENTO DENTRO DA HISTÓRIA
O PROCESSO ATRAVÉS DO QUAL
O NOVO MUNDO DE DEUS
FAZ CHEGAR AO FIM O ANTIGO MUNDO
DO “ANTI-REINO”.

“O mundo antigo”, diz G. M. Martin, “entregue à miséria e ao abandono por parte de Deus, não deve chegar totalmente ao seu fim, antes da irrupção do mundo novo... Isso implica que o juízo acontece no presente, e não só em tempo apocalíptico futuro.⁸³ Formulado de maneira expressiva... conforme a experiência paradoxal que forma a base de tal dramaturgia: a ressurreição acontece antes da morte. Mas a morte, por sua vez, permanece em vigor.”⁸⁴

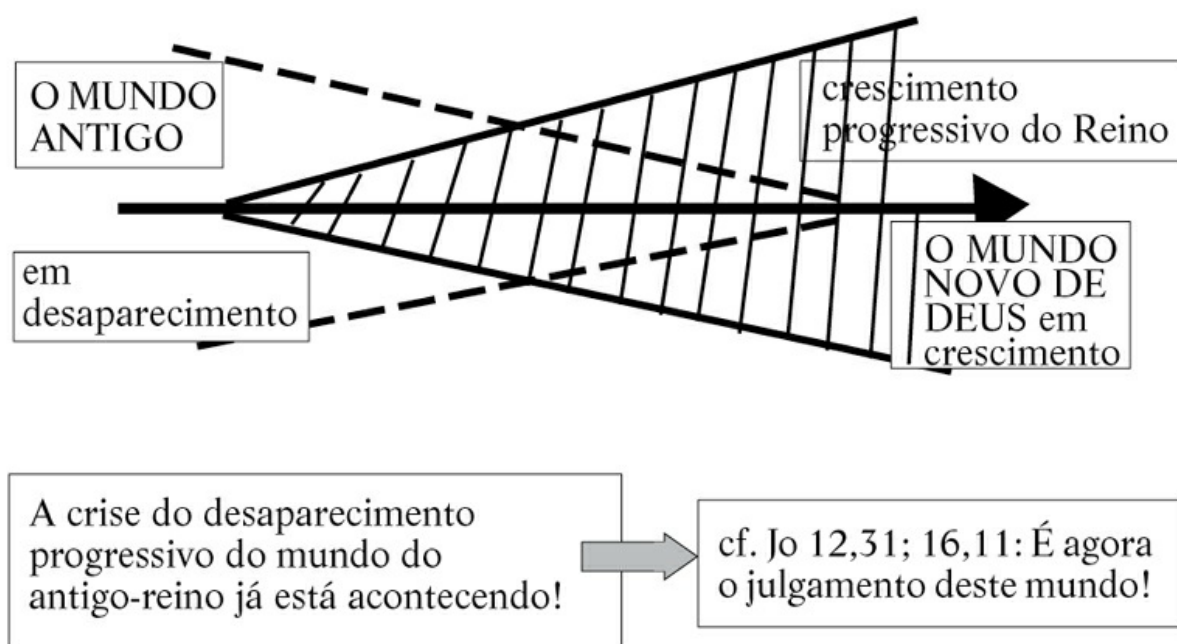
O modelo processador do fim do mundo interpreta, assim, a realidade a partir de uma base de simultaneidade. O mundo é realidade simultânea-dialética, e não realidade linear.

O mundo antigo do pecado está sendo progressivamente superado. Mas, no decorrer deste processo, esse mundo reage de maneira dialética a esta superação. Essa reação acontece simultaneamente ao crescimento do novo mundo de Deus em processo de devir. Assim, o mundo inteiro chega à sua última finalidade. Finalidade esta que significa o fim do mundo do anti-Reino e a plenificação do mundo do Reino de Deus. A última finalidade do processo evolutivo-dialético do mundo.

A consequência de tal processo é o fato de que as contradições permanecem, ou até podem acentuar-se. Os conflitos entre o Reino e seu oposto, o anti-Reino, continuam. Em uma palavra: este processo do fim do mundo antigo significa uma crise deste mundo.

É essa crise que Paulo, na sua carta aos Romanos, descreve com a imagem significativa de um parto. “Sabemos com efeito que a criação inteira geme e sofre, em conjunto, as dores do parto, até o presente” (Rm 8,22).

FIM DO MUNDO: A PENETRAÇÃO CONFLITUOSA DE UM NOVO MUNDO NO MUNDO ANTIGO



Devemos pensar nas verdades escatológicas em termos de PROCESSO, não de acontecimento.
(compare com: CRIAÇÃO!)

NESSE PROCESSO DINÂMICO,
FAZEM PARTE NÃO SÓ DEUS, MAS TAMBÉM
OS HOMENS E AS MULHERES DA HISTÓRIA!

FIM DO MUNDO
NÃO É CATÁSTROFE CÓSMICA,
MAS
O DESAPARECIMENTO PROGRESSIVO E DIALÉTICO
DE UM MUNDO ANTIGO, MARCADO PELO PECADO.

FIM DO MUNDO
É PROCESSO DINÂMICO, PELO QUAL DEUS CONDUZ
A SUA CRIAÇÃO AO ESTADO DE PLENIFICAÇÃO
(Jo 3,19; 12,31).

TAL PROCESSO IMPLICA UMA
TRANSFORMAÇÃO DO COSMO INTEIRO.

O FIM DO MUNDO JÁ ESTÁ ACONTECENDO.
PERGUNTAR PELA DATA DO FIM DO MUNDO
PERDE TOTALMENTE SEU SENTIDO.

8

INTERLIGAÇÃO ENTRE A TEORIA CIENTÍFICA DA CRIAÇÃO E O MODELO PROCESSADOR

DO FIM DO MUNDO

Constatamos que a cosmologia científica de hoje trabalha com um modelo do cosmo dinâmico e processador. O cosmo inteiro se encontra numa dinâmica constante de devir, onde sóis e galáxias inteiras se formam, mas onde outros também desaparecem.

Transformando estes fatos em linguagem teológica, poderíamos dizer que a criação não terminou ainda. Deus ainda está criando.

A criação inteira não é ato único e determinado, mas processo dinâmico e constante.

E dentro desse processo, Deus está presente, Deus está criando. Agindo na história do cosmo e agindo na história da humanidade. Através de uma dinâmica inimaginável e transformadora, ele está conduzindo esse processo à sua plenificação, rumo a um futuro absoluto, ao qual damos o nome de Reino de Deus em plenitude.

Esta plenificação do Reino de Deus é a última finalidade de toda a criação e do cosmo inteiro.

O SEU FIM ÚLTIMO. A SUA FINALIDADE DEFINITIVA: DEUS, TUDO EM TODOS.⁸⁵

Aquilo que Teilhard de Chardin chamou “o ponto ômega” da criação.

Tal finalidade, porém, não se realiza por um único e catastrófico ato de destruição, mas através de uma transformação do cosmo inteiro. Transformação através de um processo dinâmico, que já começou. Transformação no decorrer de uma evolução dialética, onde Deus não age de maneira ditatorial, mas sim respeitando a liberdade humana.

Como resultado de tal agir, o mundo antigo do pecado chegará ao seu fim. Este fim, porém, pode ser visto como processo regressivo e simultâneo, dentro do processo progressivo da criação cósmica.

Chegamos assim à seguinte síntese da concepção processual de criação e fim do mundo:

Criação não é ato único e singular; mas processo progressivo
e dialético constante.

No plano das estruturas humanas, este processo é chamado
na linguagem teológica de “construção do Reino de Deus”.

Constitui parte integrante da realização do Reino de Deus um outro processo regressivo-dialético, no decorrer do qual

está sendo
superado progressivamente o modelo antitético ao Reino de Deus.

Este processo regressivo é expresso na linguagem apocalíptica
pela noção de “fim do mundo”.

Na realização dos dois processos simultâneos de construção
do mundo de Deus e de destruição do mundo oposto a Deus,
este Deus respeita a liberdade humana.

Isso significa que o termo do processo do fim do mundo antigo, assim como a chegada da plenificação do mundo novo,
dependem não só de Deus, mas também dos homens.

9

O SIGNIFICADO ESCATOLÓGICO DA RESSUSCITAÇÃO DE JESUS

Contra um costume generalizado de falar de “ressurreição” de Jesus, insistimos em usar a palavra “ressuscitação” para falar do evento da páscoa. Isso porque todos os textos bíblicos, assim como o credo da Igreja primitiva, insistem que tal evento não era agir ativo de Jesus.⁸⁶ Era de maneira total — assim o apresentam os textos bíblicos — o agir de Deus no Jesus morto e passivo.⁸⁷

DEUS RESSUSCITOU JESUS DA MORTE

Nesta fórmula do credo mais antigo da Igreja “é compreendida toda a essência daquilo que a fé cristã tem a dizer sobre Deus”.⁸⁸ No fato de ressuscitar Jesus da morte, Deus se revela sendo o Deus fiel, assim como era venerado por Israel. Ressuscitando Jesus, este Deus se mostra um Deus presente na história, de maneira bem específica, como aquele que “faz viver os mortos e chama à existência as coisas que não existem” (Rm 4,17).

Na ressuscitação de Jesus, Deus age como Deus da vida. Agindo assim, dá esta vida na história concreta, demonstrando assim, mais uma vez, perante todos, que ele está presente nesta história.

Mas, não só isso!

Ressuscitando Jesus, o próprio Deus ratifica a vida e a mensagem deste Jesus. Com isso, porém, ratifica também as opções dele. Aquelas opções que, como todo mundo sabe, eram as seguintes:

- ♦ Opção pelos pobres
- ♦ Opção pela vida
- ♦ Opção pelo serviço e contra o poder
- ♦ Opção pela misericórdia e contra o legalismo

Opções através das quais este Jesus fez acontecer, em situações concretas e limitadas, o plano escatológico de Deus. Opções contestadas e combatidas pelas forças do anti-Reino.

Ressuscitando Jesus, o próprio Deus demonstra perante todos que “a iminência do

Reino de Deus que o Jesus histórico trouxera se tornou realidade definitiva... Páscoa é o início definitivo da nova vida, estabelecida pelo próprio Deus... A ressuscitação efetuada por Deus em Jesus representa a autodedicação definitiva de Deus ao mundo, por isso é a verdadeira transição do milênio. Ela torna definitiva a transição do mundo, que começou no agir de Jesus”.⁸⁹

Nestas afirmações de Hans Kessler, destaca-se claramente o significado eminentemente escatológico da ressuscitação de Jesus.

RESSUCITANDO JESUS,
DEUS CONFIRMA QUE O REINO DE DEUS JÁ COMEÇOU, PORQUE ELE, DEUS,
SE TORNA PRESENTE, DE MANEIRA
QUALITATIVAMENTE NOVA.
ELE, DEUS,
SE TORNA PRESENTE DE MANEIRA DEFINITIVA
COMO O DEUS FIEL,
O DEUS DA VIDA,
O DEUS MAIS FORTE DO QUE A MORTE.

Mais uma vez, porém, constatamos como esta nova época da presença qualificada de Deus não irrompe de maneira repentina e já consumada. Ele, bem pelo contrário, se apresenta como início de um processo que, a partir desse momento, começa a fermentar de tal maneira que nada o pode frear.

Processo de vida crescente, cujo autor é o próprio Deus.

Processo escatológico, cuja garantia e sinal é a ação escatológica exemplar deste Deus: a ressuscitação de Jesus.

A RESSUSCITAÇÃO DE JESUS
SE TORNA SINAL ESCATOLÓGICO EXEMPLAR DE DEUS. NELE, O PRÓPRIO DEUS DA VIDA
PROVA O FIM DO MUNDO ANTIGO DA MORTE
E O COMEÇO DO NOVO MUNDO DA VIDA.

Perante o fato de que Deus ressuscitou Jesus, não há mais motivo nenhum para recair outra vez na atitude apocalíptico-milenarista. O modelo arcaico do mundo, apresentado no pensamento apocalíptico, foi superado por um fato qualitativamente novo: Deus irrompeu na história, realizando um ato exemplar como prova de sua presença.

COM A RESSUSCITAÇÃO DE JESUS
ALGO QUALITATIVAMENTE NOVO ACONTECEU
DENTRO DA HISTÓRIA.
ESTE NOVO É OBRA EXCLUSIVA DE DEUS. IRROMPENDO NO ESQUEMA DO MUNDO ANTIGO
DA MORTE, PROVOU O FIM DESTES MUNDO.

A partir do momento em que Deus ressuscitou Jesus, podemos falar do fim do mundo somente em termos do passado. O início do fim do mundo já começou, e a ressuscitação de Jesus é a garantia disso. Daqui para frente, só há o processo de consolidação de movimento, que já se iniciou.

Encontramos assim, no acontecimento da Páscoa, o motivo mais profundo para a visão escatológica dinâmica e otimista do cristão.

Apesar de a morte e as estruturas antigas do mundo da morte quererem se manter com tenacidade, o cristão sabe que o novo mundo da vida já começou. O próprio Deus, ressuscitando Jesus, nos dá a prova disso.

Descobrimos assim mais um significado muito profundo daquilo que chamamos redenção. Na sua vida e morte, Jesus, o Filho de Deus, segunda pessoa da Trindade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, assumiu a ameaça apocalíptica de um fim do mundo. Aquilo que os apocalípticos temeram, e ao mesmo tempo esperavam, o fim do mundo e o início de um novo mundo, Jesus o realizou.

No ato da ressuscitação, o próprio Deus ratificou o fato de Jesus ter assumido essas dimensões apocalípticas. Ressuscitando Jesus, agiu por sua vez, iniciando o processo de um novo mundo por tal ato que só Deus pode realizar. Transformando morte em vida, ressuscitando da morte aquele que de toda a sua vida tinha feito sinal de seu projeto escatológico.

CONFORME O PENSAMENTO APOCALÍPTICO,
O INÍCIO DO NOVO MUNDO
É ATO ÚNICO E EXCLUSIVO DE DEUS.
NA RESSUSCITAÇÃO DE JESUS,
DEUS JÁ REALIZOU ESTE ATO ÚNICO E EXCLUSIVO, DANDO ASSIM INÍCIO AO NOVO MUNDO.

A partir dessa constatação, podemos superar de maneira definitiva os modelos apocalíptico-milenaristas no pensamento cristão.

Temos, em nosso discurso, razões de esperança bem mais fortes do que aquelas que o pensamento apocalíptico apresentava.

Não precisamos nos apoiar em modelos antigos, porque com a ressuscitação de Jesus começou algo totalmente novo, fato novo, história nova. O “vinho novo em odres novos” (Mt 9,17) já está agindo entre nós. Cabe a nós dar a resposta adequada.

9.1. A ressuscitação de Jesus é ato escatológico exemplar de Deus



9.2. Ressuscitação e utopia do Reino de Deus

Pela ressuscitação de Jesus, Deus se revela:

1. O DEUS QUE SUPERA A MORTE, RESSUSCITANDO PARA A VIDA NOVA

2. O DEUS QUE RATIFICA MENSAGEM E PROJETOS DE VIDA DE JESUS

3. O DEUS QUE AGE NA HISTÓRIA DE MANEIRA SOBERANA E EXCLUSIVA

confirma a
esperança
escatológica

AS ESTRUTURAS
DE MORTE JÁ
ESTÃO
SUPERADAS

AS OPÇÕES DE
JESUS
SE TORNARÃO
REALIDADE

▲ DEUS REJEITA
QUALQUER OUTRO
PROJETO
BASEADO NA
OPRESSÃO, NA
INJUSTIÇA, NA
MORTE

A MORTE NÃO
TEM A ÚLTIMA
PALAVRA SOBRE
A HISTÓRIA

OPÇÃO ILIMITADA
- PELOS POBRES,
FRACOS,
OPRIMIDOS.
- EM FAVOR DA
VIDA DO HOMEM.
- PELA
MISERICÓRDIA E
CONTRA O
LEGALISMO.
- PELO SERVIÇO E
CONTRA O PODER.

QUEM DÁ A VIDA
POR AMOR,
PODERÁ
RETOMÁ-LA

ASSIM SE FUNDAMENTA A ESPERANÇA ESCATOLÓGICA

- ◆ O PROJETO DE DEUS SE REALIZARÁ
- ◆ O REINO DE DEUS SE FORMA DENTRO DA HISTÓRIA
- ◆ TODAS AS ESTRUTURAS DE MORTE JÁ PERDERAM A FORÇA
- ◆ A UTOPIA SE FAZ HISTÓRIA
- ◆ ESTA HISTÓRIA SEGUE O PROJETO DE VIDA DO RESSUSCITADO

CONSEQÜÊNCIAS DE UMA ESCATOLOGIA PROCESSADORA

10.1. Devemos recuperar o modelo escatológico dos profetas

A partir da ressuscitação de Jesus, e baseados na concepção do Reino de Deus, por ele formulada, devemos voltar a compreender a história, a partir do modelo escatológico original da teologia profética. Um modelo de esperança onde, no decorrer do processo histórico do mundo, Deus realiza o seu projeto escatológico. Projeto cuja finalidade não é uma destruição do cosmo, mas muito mais a plenificação progressiva de toda a criação, rumo à última finalidade de um Reino de Deus em plenitude. No processo dinâmico e dialético da realização desse projeto, homens e mulheres fazem parte de maneira ativa. A sua última plenificação, porém, vai além de tudo aquilo que é imaginação humana. Nela, Deus se revelará de maneira definitiva como aquele que se revelou a Moisés: “Eu estou presente na história junto convosco” (Ex 3,14). O último destino da história e o último destino do cosmo, dentro do qual essa história se desenvolve, é assim um estado de salvação, de união com Deus. Não é para uma destruição que Deus criou este mundo, mas para uma última finalidade de vida em plenitude.

Era esta a concepção da escatologia profética e é dentro dessa perspectiva que se exprime também Jesus. A expectativa apocalíptico-milenarista foi superada por ele.

10.2. Devemos superar o paradigma apocalíptico de um Deus ausente da história

Conforme o modelo apocalíptico da história, Deus só se revelará no dia do Senhor; no dia do grande julgamento que, ao mesmo tempo, significa o fim deste mundo. Na história atual, porém, esse Deus, de certa maneira, está ausente. O mundo corre conforme os determinismos fixados por Javé, e a tarefa do fiel é manter viva a esperança.

Parece que esta imagem de um Deus longe da história se mantém viva até hoje na atitude de muitos cristãos. Eles só conseguem compreender essa história como processo destinado à ruína, e este mundo marcado a ser destruído. Deus, para eles, se revelará num futuro longínquo, depois da catástrofe final de um holocausto cósmico.

A partir da vida e mensagem de Jesus, devemos acentuar com todo vigor a falsidade dessa concepção.

Deus já chegou! Ele chegou em Jesus Cristo, e manifestou a sua presença pessoal dentro da história. Ele confirmou o seu agir histórico, interferindo na história e ressuscitando Jesus. Com este agir provou ser, de fato, um Deus histórico, um Deus conosco, um Deus fiel.

Se, porém, este Deus já chegou e se manifestou de maneira tão clara, o tempo da revelação plena de Deus na história já começou. O fim de um mundo afastado de Deus já começou.

O novo mundo de Deus, tão esperado pelos apocalípticos, já teve início. Deus está agindo. O Reino dele começou. A partir de agora, só o participar no rumo da história desse novo mundo é que irá nos conduzir, de maneira irresistível, àquela plenificação prevista pelo próprio Deus.

10.3. Devemos superar um paradigma apocalíptico que compreende a história como repetição mítica da história de Jesus

Pudemos constatar, no final do século XX, uma acentuada mudança de perspectiva depois do otimismo tecnológico dos anos sessenta e setenta. Confrontado com os imensos problemas político-sociais, marcado pela crescente decepção perante uma tecnologia e um mercado financeiro, que em nada resolveram tais problemas, voltava também um pensamento apocalíptico mais acentuado.

Dentro do novo discurso escatológico-cristão, voltava-se em muitos casos a uma visão que interpretava a vida de Jesus como paradigma para a história do mundo.

Na vida dele, porém, constatamos de fato uma acentuada crise, a assim chamada crise da Galiléia. A partir dessa crise, as forças da morte parecem triunfar cada vez mais. Como ponto culminante desse triunfo, aparece a cruz. Nos olhos da época, Jesus experimentou nela um fracasso existencial e total. Deus se cala. Deus fica ausente, e até parece confirmar aquilo que a época pensou. “Maldito por Deus aquele que pende na cruz” (Dt 21,23).

Na sua morte, Jesus experimenta o fim de um mundo dele, assim como foi apresentado no capítulo respectivo deste livro.⁹⁰

Deus só intervém depois da aparente catástrofe da cruz. Deus só se revela depois daquilo que se apresenta como “fim de um mundo”. Só depois de tal fim catastrófico ter acontecido, Deus age. Ele ressuscita Jesus, transformando assim uma situação que parece perdida, no sinal visível do início de uma história de nova vida.

A aplicação deste paradigma à história do mundo parece, à primeira vista, convincente. Quando analisada mais profundamente, porém, demonstra um erro fundamental.

Trata-se, no fundo, de nada mais do que a aplicação do velho “mito da repetição da história santa”, que encontramos na maioria das religiões arcaicas e suas mitologias. Basta para tanto verificar os estudos de Mircea Eliade no seu livro clássico, *O sagrado e o profano*.

Mas é exatamente este modelo que foi destruído pela ressuscitação! Ela em nada representa a repetição de algo que já aconteceu. É novidade absoluta. Tal novidade não é paradigma para futuro longínquo, mas, pelo contrário, início da nova maneira de Deus estar presente no mundo.

A RESSUSCITAÇÃO DE JESUS É INÍCIO DA NOVA MANEIRA DE DEUS ESTAR PRESENTE NO MUNDO!
--

Esta nova maneira de estar presente não significa ato único a ser repetido no futuro. Significa nova maneira de ser. Tal nova maneira não pode ser repetida. Ela é única, exemplar, uma vez por todas. A ressuscitação é sinal deste novo que irrompeu no mundo pela graça de Deus.

Este Deus não precisa da repetição de acontecimentos paradigmáticos para, enfim,

se manifestar. Ele já se manifesta no processo deste mundo e na sua história conflitiva. Ele já age como o Deus que “no meio do sofrimento e da cruz está totalmente presente e que contradiz o andamento normal das coisas, abrindo-as”.⁹¹

Deus é um Deus que para sempre “mantém a fidelidade para com as suas criaturas e cujo amor é mais forte que a morte”. O Deus que liberta da escravidão e da injustiça (Ex 3ss; Sl 12,6). Um Deus que não esquece para sempre os pobres e humildes (Sl 9,19), mas se identifica com eles (Mt 25,31-45). Um Deus que os levanta do pó, da lama e da morte (1Sm 2,8), proporciona-lhes participação no Reino de Deus (Lc 6,20).

Este Deus, na ressuscitação de Jesus, se define definitivamente perante o mundo como “aquele que não renunciou à sua pretensão exclusiva de reinar sobre este mundo e seus habitantes, mas que, pelo contrário, começou a realizar tal plano (Lv 25; Is 25, 6-8; Sl 22,28-32)”.⁹²

A RESSUSCITAÇÃO DE JESUS NÃO É PARADIGMA A SER APLICADO NUM FUTURO LONGÍNQUO AO MUNDO.
ELA É A IRRUPÇÃO DE UMA NOVIDADE TOTALMENTE ORIGINAL, UM NOVO MODO DE DEUS ESTAR PRESENTE NA HISTÓRIA.

¹ “Jesus se situa de maneira consciente dentro da linha dos grandes profetas do passado”. “Jesus representa os temas chaves da apocalíptica. Apesar disso, ele não pertence ao mundo literário da apocalíptica”.

Cf. Detlev Dormeyer e Linus Hauser, *Weltuntergang und Gottesherrschaft* (Fim do mundo e reinado de Deus), p. 58. “Jesus rejeita abandonar a sua identidade em favor de uma autoridade passada. Por causa disso não escreve um apocalipse...” (ibid., p. 53). Cf. também: *Teología y Catequesis*, n. 49 (1994), p. 15: “Por una parte, predica el Reino de Dios... Pero, por otra, es un anti-apocalíptico, porque rechaza frente a los fariseos todo cálculo e pronóstico automático del reino...”

² Sobre o problema do medo escatológico, cf. sobretudo: Jean Delumeau, *Angst im Abendland* (Medo no Ocidente), vol. II, pp. 311-357.

³ Kurt Hutten, *Seher, Grübler, Enthusiasten*, p. 18.

⁴ Cf. *Teología y Catequesis* n. 49 (1994), p. 11: Os termos apocalípticos, “olvidados sus aspectos salvíficos y esperanzadores, han venido a expresar unicamente todo un cúmulo de horrores y devastaciones...”

⁵ Jean Delumeau, *Angst im Abendland*, vol. II, p. 330.

⁶ Cf. como exemplo: “Cultos apocalípticos crescem no fim do milênio”, em *O Estado de São Paulo*, 11 de julho de 1999, p. A 25. Aí podemos ler: “Uma pesquisa de 1997 descobriu que um entre cada quatro americanos cristãos acredita que Jesus voltará enquanto eles ainda estiverem vivos”. Cf. também os seguintes resultados de pesquisas, relatados no site Internet: http://www.religioustolerance.org/end_wrlld.htm.

➤ Princeton Research Associates, numa pesquisa para *Newsweek Magazine*, novembro 1999: Acreditam que o mundo vai terminar pela batalha de Armagedon, descrita no Apocalipse de João:

- 40% dos americanos adultos
- 45% dos cristãos americanos adultos
- 71% dos protestantes evangélicos (pentecostais)
- 28% dos protestantes não-evangélicos
- 18% dos católicos-romanos.
- 6% dos americanos adultos acreditam que a segunda vinda de Cristo pode acontecer em torno do ano 2000
- Daqueles que acreditam na batalha de Armagedon:
- 47% acreditam que o Anticristo já está agora na terra
- 83% acreditam que antes da segunda vinda de Jesus haverá desastres da natureza; 66% que haverá epidemias

➤ Um Estudo de Pew Research Center de outubro de 1999 chegou aos seguintes números:

- 44% dos americanos acreditam que Jesus voltará provavelmente enquanto eles ainda estiverem vivos
- 22% acreditam que a segunda vinda de Jesus acontecerá de maneira definitiva antes do ano 2050

➤ 44% acreditam que Jesus provavelmente não voltará enquanto eles ainda vivem.

7 Cf. Gerhard Marcel Martin, *Weltuntergang* (Fim do mundo), pp. 48-59 e 80-82

8 Cf. em termos de exemplo: Hubert Lepargneur, “Poder humano na própria evolução biológica”, em Luiz Carlos Susin (Org.), *Mysterium Creationis*, pp. 115-142.

9 Josef Ernst, *Das Evangelium nach Markus*, p. 385 (texto tirado do comentário do grande capítulo apocalíptico de Mc 13).

10 Jean Delumeau relata que 7 de 10 sermões do muito conhecido pregador do século XV, são Vicente Ferrer, trataram do Juízo Final. (op. cit., vol. 2, p. 327). Em vinte anos de pregações, pregou para alguns milhões de pessoas.

11 Cf. Jean Delumeau, op. cit., vol. 2, pp. 311-357.

12 Uma boa enumeração de centenas de previsões do “fim do mundo” através de todas as épocas da história se encontra em: internet: <http://members.home.net/criskity/end1.htm> - (A Brief History of the Apocalypse).

13 Josef Ernst, sobre seu comentário exegético de Mc 13,24ss, em: Josef Ernst, *Das Evangelium nach Markus*, p. 386.

14 Para conseguir as mais novas informações sobre o assunto, vale a pena verificar os milhares de sites respectivos da INTERNET.

Noções de busca recomendadas: Cosmology; Future of the universe; End of the universe; open universe; closed universe etc.

De maneira especial, há informações aprofundadas nos endereços seguintes:

<http://www.amtp.cam.ac.uk/user/hawking/open.html11/10/991>: S. W. Hawking, Inflation, an open and shut case, Department of Applied Mathematics and Theoretical Physics, University of Cambridge, 1999.

<http://www.aleph.se/Trans/Global/Omega/dyson.txt11/10/991>: Freeman J. Dyson, Time without end: Physics and Biology in an open Universe, Institute for advanced Studies, Princeton, 1999.

<http://windows.ivv.nasa.gov/cgi-bin/tour-def?link=/the-universe/Future.html>: The Future of the Universe, (University of Michigan, 1999). Cf. também: Concílio 277-1998/4: O fim do mundo está chegando?

15 Frank J. Tipler, *Die Physik der Unsterblichkeit*, (A física da imortalidade) pp. 163-265.

16 Cf. sobre este tema Frank J. Tipler, *Die Physik der Unsterblichkeit*, pp. 98-136.

17 Cf. artigos na INTERNET: (Noções de busca: Comet; Asteroid; cosmic impact; NASA); cf. também: Frank J. Tipler, *Die Physik der Unsterblichkeit* (A física da imortalidade), pp. 86ss.

18 Cf. Stephen W. Hawking, *A brief history of time*, New York, ed. Bantam Books, 1988.

19 Cf. Stephen Jay Gould (org.), *Das Buch des Lebens*, Köln, ed. Vgs, 1993; H.B. Whittington, *The Burgess Shale*, Yale University Press, 1985.

20 Cf. John D. Barrow e Frank J. Tipler, *The Anthropic Cosmological Principle*, New York, Oxford University Press 1986. Jean Pierre Lonchamp, “Le Principe anthropique”, em: *Études*, vol. 374, n. 4 (1991), pp. 493-502. Luiz Carlos Suzin (org.), *Mysterium Creationis*, pp. 97-99. Renold J. Blank, Quem, afinal, é Deus, pp. 19 - 23; Hugh Ross, “Design and the Anthropic Principle”, em: internet: <http://www.reasons.org/resources/papers/design.html11/24/991>.

21 Teilhard de Chardin, *Die lebendige Macht der Evolution*, p. 172.

22 Teilhard de Chardin, *Das göttliche Milieu*, p. 190.

23 Teilhard de Chardin, *Das göttliche Milieu*, pp. 129-196.

24 Teilhard de Chardin, *Die lebendige Macht der Evolution*, p. 261.

25 Cf. Carl Gustav Jung, *Psicologia e Religião*.

26 Cf. Pablo Richard, *Apocalipse*, pp. 169-252. Carlos Mesters, *Esperança de um povo que luta*, pp. 63-79.

27 Cf. Gerhard Marcel Martin, *Weltuntergang*, p. 74.

28 Cf. os capítulos respectivos da Unidade I do presente livro.

29 Cf. José Luís Sicre, *Profetismo em Israel*, p. 414.

30 Cf. sobre este tema os capítulos respectivos do presente livro. Juan Luis Segundo caracteriza a concepção pós-exílio da história em Israel como “fruto da falta de esperança em que o mundo humano, tal como é, tenha remédio” (Juan Luis Segundo, *Que mundo? Que Homem? Que Deus?*, p. 315).

31 Gerhard Marcel Martin, *Weltuntergang*, p. 81.

[32](#) A. R. van de Walle, *Bis zum Anbruch der Morgenröte*, p. 91.

[33](#) *Ibid.*, p. 92.

[34](#) Juan L. Ruiz de la Peña, *La pascua de la creación*, p. 117 (vide também pp. 182-192).

[35](#) *Ibid.*, p. 188.

[36](#) Lembramos as íntimas ligações dos textos apocalípticos do Novo Testamento com a situação concreta das perseguições pelo império romano, ou com a destruição e devastação de Jerusalém e do templo, 70 d.C.

[37](#) Cf. em termos de referência: VV.AA., *Os escritos de São João e a Epístola aos Hebreus*, São Paulo, Paulinas 1988, pp. 231-307. Hans Werner Günther, *Der Nah- und Enderwartungs-Horizont in der Apokalypse des heiligen Johannes*, Würzburg, Echter, 1980. Pablo Richard, *Apocalipse*, Petrópolis, Vozes, 1996. Heinz Althaus, *Apokalyptik und Eschatologie*, Freiburg, Herder, 1987.

[38](#) Cf. Meinrad Limbeck, *Matthäus-Evangelium*, Stuttgart, Kath. Bibelwerk, 1991, pp. 280-286. Alexander Sand, *Das Evangelium nach Matthäus*, Regensburg, Pustet, 1986, pp. 476-515. Juan Luis Segundo, *O caso Mateus*, São Paulo, Paulinas 1997, pp. 55-73; Ivo Storniolo, *Como ler o evangelho de Mateus*, Paulus, São Paulo, 1990, pp. 172-183; Josef Ernst, *Das Evangelium nach Markus*, Regensburg, Pustet, 1981, pp. 366-394. Ivo Storniolo, *Como ler o evangelho de Lucas*, Paulus, São Paulo, 1992, pp. 180-184. Walter Schmithals, *Das Evangelium nach Lukas*, Zürich, Theolog. Verlag, 1980, pp. 199-204. José Maria González Ruiz, *O Evangelho de Paulo*, Petrópolis, Vozes, 1999. Ana Flora Anderson e Gilberto Gorgulho, *Escatologia 2000*, São Paulo, Artcolor Ltda, 1999.

[39](#) Josef Ernst, *Das Evangelium nach Markus*, Regensburg, Pustet 1981, p. 368.

[40](#) Cf. Walter Schmithals, *Das Evangelium nach Lukas*, Zürich, Theologischer Verlag, 1980, p. 202.

[41](#) Cf. Guiseppe Barbaglio, *As cartas de Paulo*, Loyola, São Paulo, 1989. Otto Knoch, 1. und 2. Thessalonicherbrief, Stuttgart, Katholisches Bibelwerk 1987. Willi Marxsen, *Der erste Brief an die Thessalonicher*, Zürich, Theologischer Verlag 1979. Michael Theobald, *Römerbrief*, Stuttgart, Katholisches Bibelwerk, 1992. Heinrich Schlier, *Der Römerbrief*, Freiburg-Basel-Wien, Herder, 1977. Ulrich Wilckens, *Der Brief an die Römer*, Zürich-Einsiedeln, Benziger, 1978.

[42](#) Cf. Raul H. Lugo Rodriguez, “Fim do mundo: Destruição ou recriação?” em: RIBLA n. 21, (1995) p. 114.

[43](#) Cf. Wolfgang Harnisch, *Eschatologische Existenz*, p. 10.

[44](#) Cf. *Ibid.*, pp. 98-113. Cf. também: Raul H. Lugo Rodriguez, conforme o qual, Jesus, em toda a sua pregação, “nunca faz referência a um incêndio do mundo”. “Fim do mundo: destruição ou recriação?” em: RIBLA n. 21 (1995), p. 115.

[45](#) O já mencionado Wolfgang Harnisch mostra estes mecanismos, recorrendo a uma análise minuciosa das fontes e referências, usadas pelo autor da 2ª carta de Pedro (cf. op. cit., p. 64ss; pp. 98-113).

[46](#) Cf. Raul H. Lugo Rodriguez, op. cit., p. 118.

[47](#) Além de 2Pd 3,10-13, estão sendo mencionados também: At 3,21; Ef 1,10; Col 1,20.

[48](#) Cf. Gerhard von Rad, *Teologia do Antigo Testamento 2*, São Paulo, ASTE, 1974, p. 346.

[49](#) Cf.: Gerhard Marcel Martin, *Weltuntergang*, p. 88.

[50](#) *Ibid.*, *Weltuntergang*, p. 95.

[51](#) A. van de Walle, *Bis zum Anbruch der Morgenröte*, pp. 130-131; 138-142.

Cf. também G. Greshake e G. Lohfink, *Naherwartung - Auferstehung - Unsterblichkeit*, pp. 50-81.

[52](#) Cf. p. ex. At 4,35; 1Cor 7,29-31.

[53](#) Ex.: 2Ts 2,1-13. Cf. José Maria González Ruiz, *O Evangelho de Paulo*, pp. 37-45, sobretudo pp. 43-45.

[54](#) Cf. A. van de Walle, *Bis zum Anbruch der Morgenröte*, p. 129.

[55](#) Cf. os capítulos respectivos da Unidade VI do presente livro.

[56](#) Cf. François Dreyfus, *Jesus sabia que era Deus?*, p. 53.

[57](#) Exemplo típico de tal interpretação errada encontramos em At 1,6 ou em Lc 24,21.

[58](#) Rm 8,22: “...a criação inteira geme e sofre em conjunto as dores do parto, até o presente.”

[59](#) Cf. Juan Luis Segundo, *Que mundo? Que homem? Que Deus?*, p. 284.

[60](#) *Ibid.*, p. 313. Cf. também: Juan Luis Segundo, *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré*, pp.

[61](#) Exemplos da mensagem de alegria de Jesus: Mt 13,44; Mc 4,16; Lc 10,17; 13,17; 15,6.10; 19,37; 24,52; Jo 3, 29; 4,36; 15,11; 16,20.22.24; 17,13.

[62](#) Cf. os caps. 7-9 da Unidade VI do presente livro.

[63](#) Cf. Gerhard Marcel Martin, *Weltuntergang*, p. 103.

[64](#) Cf. em termos de exemplo: Mt 12,28; Mc 9,1; Lc 10,9; Lc 10,21.

[65](#) Cf. Br 5,9; Jr 31,23; Is 11,3-5; 51,5.

[66](#) José Maria González Ruiz, *O Evangelho de Paulo*, p. 54.

[67](#) 1Cor 3,15.

[68](#) Cf.: C. H. Dodd, *A interpretação do quarto evangelho*, p. 282.

[69](#) *Ibid.*, p. 283.

[70](#) *Op. cit.*, pp. 90-98.

[71](#) Cf. G. M. Martin, *op. cit.*, p. 96.

[72](#) Cf. Marie Luise Gubler, *Die frühesten Deutungen des Todes Jesu*. Também Herbert Leroy, na sua interpretação do acontecimento da cruz, visto a partir de João. Cf. Herbert Leroy, “Kein Bein wird ihm gebrochen werden (Jo 19,31-37)”, em *Eschatologie, Festschrift für Engelbert Neuhäusler*, pp. 73-81.

[73](#) Juan Luis Segundo, *Que mundo? Que homem? Que Deus?*, p. 287.

[74](#) Juan L. Ruiz de la Peña, *La pascua de la creación*, p. 117.

[75](#) Para compreender a imensa distância entre uma visão mítico-arcaica do mundo e a moderna concepção a partir da física quântica, cf. Richard Morris, *Uma breve história do Infinito*, Rio de Janeiro, ed. Zahar, 1998.

[76](#) O escriba do Tao, *A quarta dimensão*, Madri, 1998, p. 3. (A citação foi escolhida como exemplo da nova visão holística, baseada nas concepções da Nova Era. Apesar de não ser científico, o livro é válido para conhecer esta concepção que hoje está sendo adotada por grandes camadas da população.)

[77](#) Edgar Morin, *Para sair do século XX*, Rio de Janeiro, 1986, pp. 328-329.

[78](#) Primeiros passos numa compreensão escatológica da história como “processo de maturação da raça humana providencialmente direcionado” já se encontram na obra de Ireneu de Lião, na segunda metade do século II (cf. Brian E. Daley, *Origens da escatologia cristã*, pp. 52-57. Citação: *op. cit.*, p. 53).

[79](#) Sobre as decepções e esperanças de uma geração em busca de novas esperanças, cf.: Michael Grosso, *O mito do milênio*, Rio de Janeiro, ed. Rosa dos tempos, 1999.

[80](#) Cf. as reflexões interessantes de Jürgen Moltmann sobre o tema da “Experiência do tempo na história de Deus, em: Jürgen Moltmann, *Gott in der Schöpfung*, pp. 129-150.

[81](#) Jürgen Moltmann, *Gott in der Schöpfung*, p. 213.

[82](#) Além dos milhares de sites da INTERNET sobre o assunto, cf. também:

Folha de São Paulo, 1º de abril de 1999, cad. 4, p. 8: “O fim está próximo”.

O Estado de São Paulo, 11 de julho de 1999, p. A 25: “Cultos apocalípticos crescem no fim do milênio”.

[83](#) Cf. Jo 12,13; 16,8.11; cf. também cap. 5.7.1 nesta Unidade.

[84](#) Cf. G. M. Martin, *Weltuntergang*. (Fim do mundo), p. 103.

[85](#) 1Cor 15,24-28; também Hb 2,8 “todas as coisas lhe sujeitaste [debaixo dos pés]. Ora, visto que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que não lhe fosse sujeito. Mas agora ainda não vemos todas as coisas sujeitas a ele”.

[86](#) At 2,24; 2,32; 3,15; 4,10; 5,30; 10,40; 13,30; 13,34; 13,37; Rm 4,24; 7,4; 8,11; 8,34; 10,9; Cl 2,12; Ef 1,20; Gl 1,1; 1Cor 6,14; 15,12.15.20; 2Cor 4,14; 1Tm 2,8; 1Pd 2,21.

[87](#) Sobre este assunto, cf. a excelente análise de Hans Kessler, *Sucht den Lebenden nicht bei den Toten*, Düsseldorf, 1985, de maneira especial pp. 298-311: “A ressurreição como ato escatológico de Deus”. Cf. também Renold J. Blank, “O significado escatológico da ressurreição de Jesus”, em *Revista de Cultura Teológica*, n. 20 (IV) 1997, pp. 81-88.

[88](#) Walter Simonis, *Das Reich Gottes ist mitten unter euch*, p. 11.

[89](#) Hans Kessler, *Sucht den Lebenden nicht bei den Toten*, p. 307.

[90](#) Sobre o significado histórico da cruz, dentro da mentalidade da época de Jesus, cf. Renold J. Blank, Reencarnação ou ressurreição? pp. 89-93. Cf. também: Renold J. Blank, “O significado escatológico da ressurreição de Jesus”, em: Revista de Cultura Teológica, n. 20 (IV) 1997, pp. 81-88.

[91](#) Hans Kessler, Sucht den Lebenden nicht bei den Toten, p. 308.

[92](#) Hans Kessler, op. cit., p. 305.

C. A PARUSIA OU A SEGUNDA VINDA DO SENHOR

1

ESPERANÇA PERSONALIZADA QUE NÃO SE REALIZOU

Os primeiros cristãos viviam na expectativa da iminente segunda vinda de Jesus. Tal vinda, em geral, era esperada como acontecimento histórico ou cósmico, marcado por poder e glória.⁹³ Esta segunda vinda seria, conforme a expectativa, o dia do grande julgamento, do qual falava a literatura apocalíptica; além disso, o restabelecimento visível do Reino e o final dos tempos. No seu centro se esperava um “dia do ajuste de contas de Deus, sobre o qual o Cristo triunfante presidirá”.⁹⁴

O intervalo entre a primeira vinda e este segundo aparecimento glorioso de Jesus, como juiz do mundo⁹⁵, seria curto; a primeira geração dos cristãos ainda iria assistir ao evento.⁹⁶ Epístolas apócrifas bíblicas, como por exemplo Ep Ap 17, proclamam o fim do mundo conforme a versão do texto entre 120 e 150 anos após a ressurreição de Cristo, e “Or Sib VIII (65-72) prediz que o fim chegará durante os últimos anos do reinado de Antonino Pio (147-61).”⁹⁷

Dentro dessa perspectiva, a compreensão do Reino de Deus, proclamado por Jesus, se transformava no Reino de Cristo. “A expectativa iminente do Reinado de Deus, presente em Jesus, foi transformada pela Igreja primitiva na expectativa da iminente segunda vinda de Jesus.”⁹⁸

O Reino de Deus se manifestaria como Reino de Cristo, estabelecido depois de sua segunda vinda, sua parusia.

A tensão entre esta concepção de inspiração apocalíptica e os fatos reais já se manifesta nas cartas de Paulo. O tempo passa, e a parusia esperada não acontece. “Os primeiros cristãos viveram mais de uma geração esperando a segunda vinda ou parusia do Senhor, que viria sobre as nuvens do céu, para julgar os vivos e os mortos e colocar fim à história humana. E isso não aconteceu.”⁹⁹

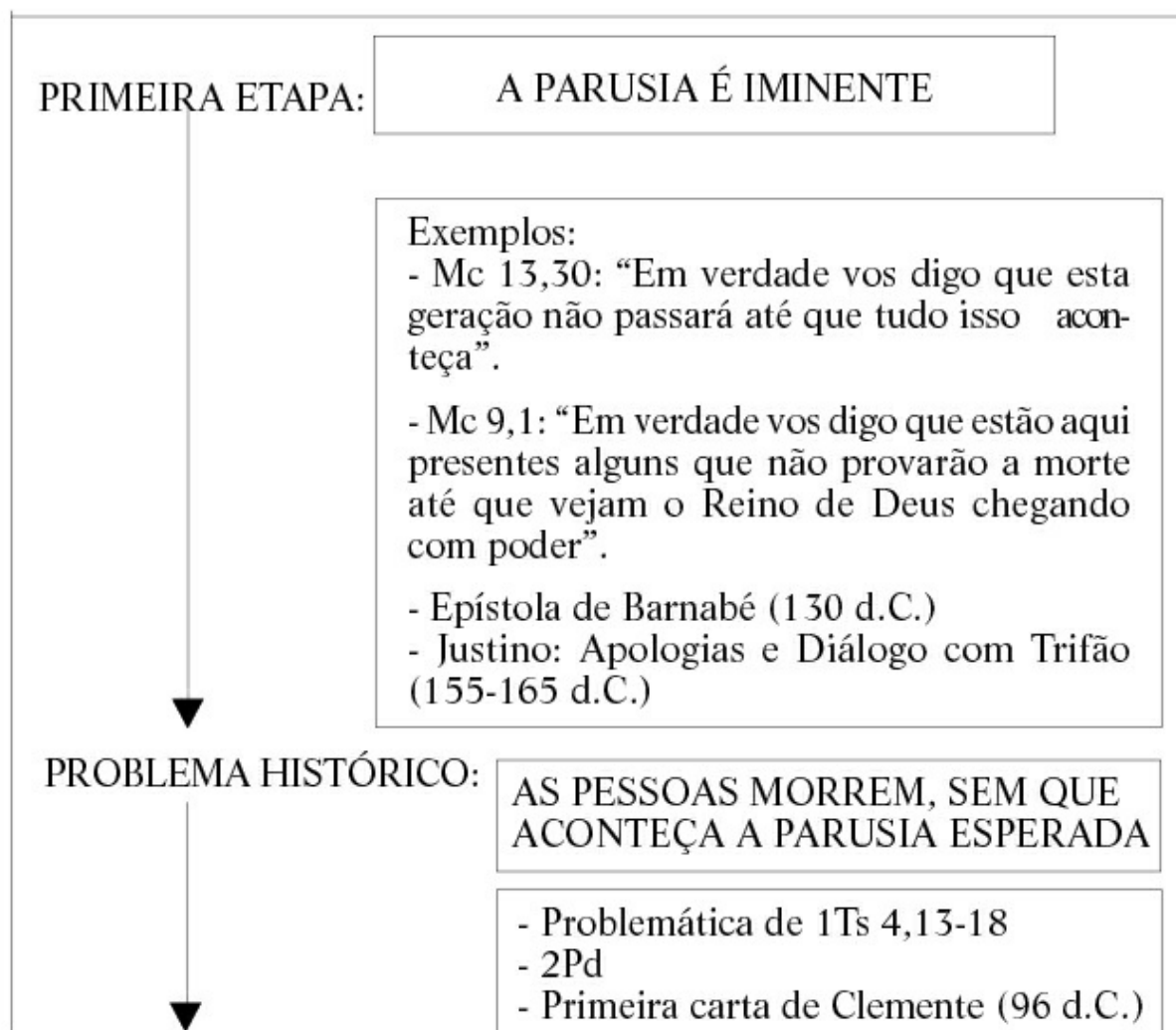
Quanto mais passa o tempo, tanto mais se constata mudanças de esperança. A teologia tinha que responder a esta ausência da parusia e as pessoas tinham que adaptar a sua fé à nova situação.

Esta adaptação implicava, de um lado, a questão do tempo (cf. 2Pd 3,8-12) e, de outro, também o próprio conteúdo daquilo que era esperado.

Apresentaremos a seguir, em forma de esquemas, as etapas dessa mudança.¹⁰⁰ Para um estudo mais aprofundado, recomendamos consultar o excelente livro de Brian E. Daley: *Origens da escatologia cristã* (São Paulo, Paulus, 1994).

MUDANÇAS HISTÓRICAS NA EXPECTATIVA DA SEGUNDA VINDA DE JESUS

2.1. Mudanças na expectativa temporal



Conseqüência:
UM APROFUNDAMENTO
DO CONTEÚDO DA FÉ:



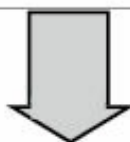
♦ A EXPECTATIVA DA
SALVAÇÃO SE ESTENDE
TAMBÉM AOS MORTOS.

Nós, os vivos (que assistiremos à vinda do Senhor), “seremos arrebatados” para o encontro com Cristo. Mas: Também aqueles que já morreram “ressuscitarão” (cf. 1Tess 4,13-18)

SEGUNDA ETAPA

TODA UMA GERAÇÃO MORREU,
MAS
A PARUSIA NÃO ACONTECEU

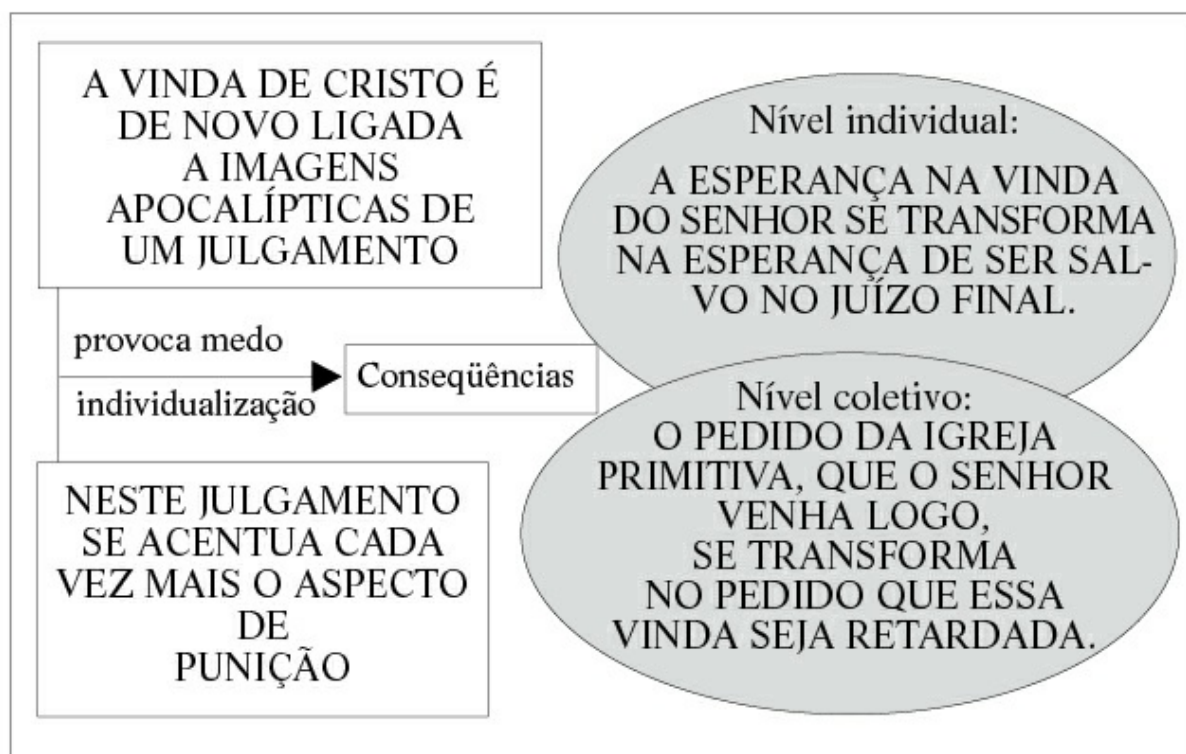
NÃO SE PRODUZ CRISE,
E SIM
MUDANÇA DE PERSPECTIVA



A ESPERANÇA NA PARUSIA PERMANECE (Cf. AT 1,11)
mas:
ELA É TRANSMITIDA NUM PRESSUPOSTO FINAL
DOS TEMPOS MUITO DISTANTE AINDA

ENQUANTO A PARUSIA DEFINITIVA DEMORA,
A VINDA DE CRISTO SE REALIZA NA COMUNIDADE.
O INTERVALO ATÉ A SEGUNDA VINDA
É O TEMPO DA IGREJA (LC 24,13-35)

2.2. Mudança no conteúdo da esperança



3

A AUSÊNCIA DA PARUSIA CAUSA APROFUNDAMENTO DA FÉ

Podemos constatar, no decorrer da história, que a demora da parusia não trouxe para o discurso cristão uma crise insuportável. Pelo contrário. O não-acontecer da segunda vinda do Senhor provocou ampliação do conteúdo da fé.¹⁰¹

Dimensões essenciais do discurso teológico precisavam ser repensadas e reformuladas. No fim desse processo se cristalizam de maneira bem clara as seguintes verdades:

- ◆ Os mortos estarão ressuscitados
- ◆ A vinda definitiva de Cristo se antecipa na celebração da comunidade
- ◆ A Igreja se constitui como forma temporal dessa comunidade
- ◆ Os acontecimentos históricos podem ser compreendidos como processo de encontro progressivo com o Cristo ressuscitado.

O que permaneceu em grande parte marcado pelas antigas concepções apocalípticas, foi a concepção do Juízo Final. A expectativa deste juízo está agora interligada com a idéia da parusia. As interpretações dessa interligação variavam na teologia grega e latina do primeiro milênio;¹⁰² o próprio interesse escatológico

oscilava muito no decorrer da história, mas esta interligação permaneceu. Ela permanece até hoje.

Diante daquilo que no primeiro volume desta escatologia foi dito sobre o Juízo Final,¹⁰³ perante também a concepção histórico-processual do Reino de Deus, desenvolvida nos capítulos anteriores do presente livro, parece indispensável repensar também a grande e profunda verdade da parusia à luz de uma perspectiva dinâmica de processo.

4

A PARUSIA COMPREENDIDA DENTRO DO ENFOQUE DINÂMICO DE UM PROCESSO

4.1. O agir de Deus no mundo segue o modelo processual

Estamos acostumados a pensar, por meio da linguagem iconográfico-mítica, nas grandes verdades escatológicas em termos de acontecimentos, distanciados uns dos outros pelo espaço e tempo. O modelo mítico-arcaico, a partir do qual o pensamento apocalíptico tenta compreender a história, é a sucessão de tais acontecimentos.

Foi mostrado em nossas reflexões sobre o fim do mundo que, na realidade, precisamos aprender a pensar no mundo dentro do enfoque de simultaneidade de processos.

Esses processos podem ser regressivos, progressivos ou dialéticos, dinâmicos e conflituosos, mas são sempre dinâmicas processuais, em vez de acontecimentos isolados.

É a partir de tais modelos que as ciências, hoje, compreendem o mundo e o cosmo. É a partir deste mesmo enfoque que apresentamos um modelo processador do Reino. Modelo, aliás, que se baseia, ponto por ponto, na maneira como o próprio Jesus compreendeu este Reino.

Baseados nesse mesmo modelo processador, podemos tentar compreender também a parusia.

A sua concepção tradicional, mais uma vez, é muito marcada pela visão estática.

Desde as primeiras imagens da segunda vinda de Cristo, influenciadas pelo pensamento apocalíptico, até hoje, constatamos a mesma tendência de projetar num “acontecimento” aquilo que, na realidade, bem pode ser um processo histórico.

Ainda hoje, as nossas comunidades cantam músicas como a seguinte, pelas quais as mesmas imagens míticas são reforçadas:

“Então se verá o Filho do Homem
vindo sobre as nuvens
com poder e glória.
Porque assim como um relâmpago
que sai do oriente e se mostra no ocidente,
assim há de ser
a vinda do Filho do Homem”.

Desvelando o código lingüístico-ideológico de semelhante texto, descobrimos o antigo modelo arcaico da linguagem apocalíptica. Só que esta imagem está sendo mostrada falsamente pelo exemplo do agir do próprio Deus, assim como nós o podemos observar na história passada.

4.2. Deus, no seu agir, sempre escolheu os caminhos evolutivos do amor, da persuasão e da humildade, agindo de baixo para cima em vez de cima para baixo

A ressuscitação de Jesus substitui os antigos modelos retributivos do poder por outros motivos de esperança. Melhores motivos baseados nos fatos do agir original do Deus da vida. Este Deus da vida, no entanto, nunca agiu “com poder e glória”, nem como relâmpago dentro da história.

Esse Deus sempre agiu de maneira suave, de maneira humilde, de baixo para cima e não de cima para baixo, através dos caminhos lentos e tortuosos da história humana.

NUNCA,
EM TODA A SUA HISTÓRIA COM A HUMANIDADE,
DEUS AGIU “COM PODER E GLÓRIA”.
SEMERE AGIU DE MANEIRA SUAVE, HUMILDE, ATRAVÉS DOS CAMINHOS TORTUOSOS DA HISTÓRIA
HUMANA.

Tendo desse modo, perante nós, uma história milenária, onde Deus sempre agiu assim, qual poderia ser, por parte de Deus, o motivo de querer mudar tão radicalmente a sua atitude?

Ele poderia, com certeza, e ninguém de nós pode atrever-se a querer prever aquilo que Deus fará ou deve fazer.

O que nós podemos, porém, é observar probabilidades, a partir de características existentes.

A história de Deus com os homens, do início até hoje, mostra a característica mencionada de Deus agindo humildemente, sem poder e glória.

A mesma história, por outro lado, mostra que são sempre as pessoas humanas que gostariam que Deus agisse, usando o poder, para dirigir os acontecimentos de cima para baixo. São desejos históricos, em grande parte inconscientes, de enfim triunfar sobre todos aqueles que não acreditam. De ter razão contra os perseguidores, opressores e zombadores que, no decorrer de tantos séculos, ridicularizaram aqueles que tinham fé.

Virá o dia em que Jesus voltará com poder e glória, e então todos eles ficarão calados.¹⁰⁴

Atrás de muitas imaginações como esta, podemos descobrir impulsos psicodinâmicos de dominação, de frustração, de poder, talvez até de vingança. Só que estes desejos são sempre de novo frustrados pelo próprio Deus. Por um Deus que prefere a humildade e a ternura. Por um Deus que opta pelos caminhos longos da evolução, do amor e da persuasão, em vez de escolher o uso da força.

SÃO SEMPRE AS PESSOAS HUMANAS QUE DESEJAM QUE DEUS HAJA COM PODER E GLÓRIA.
DEUS, PORÉM, SEMPRE FRUSTROU TAIS DESEJOS, AGINDO DE MANEIRA HUMILDE ATRAVÉS DOS
CAMINHOS EVOLUTIVOS DO AMOR E DA PERSUASÃO.

Tirando as conclusões da observação de tais características no agir de Deus e nos desejos humanos, há fortes motivos para concluir que, também no que diz respeito à parusia, Deus segue os mesmos caminhos de sempre. A concepção de um Deus agindo com poder e glória corresponde muito mais às ambições humanas do que aos paradigmas do agir de Deus.

Em vez de esperar a vinda gloriosa de Cristo, rei do universo, dentro dos moldes do poder, há muito mais argumentos para postular a segunda vinda de Jesus nas características que marcaram todo o agir de Deus até hoje.

4.3. Há fortes razões para esperar a segunda vinda de Cristo dentro das mesmas características que marcaram o agir de Deus até hoje

Todo o agir de Deus na história era um agir de baixo para cima. Deus rejeitou os princípios do poder e da glória, e se posicionou ao lado dos fracos, dos excluídos, daqueles de baixo.

A estes parâmetros, podemos juntar ainda a outra característica básica de toda a vida: o agir em processos. Daí se chega à conclusão de que não há nenhum motivo para não compreender também a parusia nos moldes de processo.

Processo dinâmico e global que já começou.

Processo de cristificação do cosmo, no decorrer do qual este cosmo se torna transparente para Jesus como o Filho de Deus e o rei do universo.

Processo no decorrer do qual a humanidade inteira descobrirá cada vez mais a profunda verdade contida na grandiosa imagem de Mt 25. Imagem, não relato, mas o conteúdo central dessa imagem é exatamente aquilo que constitui o núcleo da parusia. A humanidade inteira reconhece Jesus como Filho de Deus. E a humanidade inteira reconhece os mecanismos através dos quais este Filho de Deus, progressivamente, se tornou presente dentro da história e dentro do mundo:

Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos,
com sede e te demos de beber?

Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos,
nu e te vestimos?

Quando foi que te vimos enfermo ou na cadeia e fomos te visitar?
E Jesus dirá:

EM VERDADE VOS DIGO: TUDO O QUE FIZESTES A UM DESTES MEUS IRMÃOS MAIS PEQUENINOS, A MIM FIZESTES!

Baseada nesta imagem bíblica, a segunda vinda de Jesus já começou a se realizar nos seus irmãos. Realiza-se no decorrer do processo histórico, humildemente, e em nada espetacular em todos aqueles lugares onde homens e mulheres realizam a profunda verdade contida no texto de Mt 25. E quando este processo chegar à sua plenitude, quando todos perceberem e reconhecerem Jesus nos seus irmãos e nas suas irmãs, aí o processo da parusia chega à sua plenitude. Jesus se torna visível para todos e através de todos. O cosmo inteiro se torna transparente para a sua presença pessoal e gloriosa. Verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Parusia em plenitude. Realização processual do projeto dinâmico de um Deus que escolheu este cosmo como seu lugar

de revelação.

QUANDO TODOS RECONHECEREM JESUS
NOS SEUS IRMÃOS E IRMÃS,
O PROCESSO DA PARUSIA SE ABRIRÁ
PARA A SUA PLENIFICAÇÃO.
NELA, O COSMO INTEIRO E A HUMANIDADE INTEIRA RECONHECERÃO JESUS COMO FILHO DE DEUS.

Vista assim, a parusia de fato já começou.

Ela está em andamento como processo de cristificação dos relacionamentos humanos. Essa cristificação, porém, é ao mesmo tempo processo de humanização.

Humanização que se plenificará pela revelação grandiosa, perante a humanidade inteira, da identificação pessoal entre ser humano e Deus, na pessoa de Jesus.

A PARUSIA JÁ COMEÇOU
COMO PROCESSO DE CRISTIFICAÇÃO
DO RELACIONAMENTO HUMANO.
ESTA CRISTIFICAÇÃO É AO MESMO TEMPO HUMANIZAÇÃO.

Com esta concepção da parusia em processo, em nada somos isolados na discussão escatológica atual. Ela ganha cada vez mais em probabilidade, quanto mais conseguimos superar uma cosmovisão mágico-apocalíptica.

Medard Kehl, baseado em reflexões de Karl Rahner, formula a mesma idéia com as seguintes palavras: “Na ressurreição de Jesus e no envio do Espírito, esta segunda vinda em poder do ‘Filho do Homem’ já começou”.¹⁰⁵

“A parusia de Jesus, no entanto, não significa uma grande encenação mundial com cenário planetário, algum dia, em futuro muito longínquo. Não; é processo que se realiza ‘no meio de nós’ (Lc 17,20s)...”.¹⁰⁶

Ambroos R. van de Walle exprime a mesma concepção pelas palavras seguintes:

“Cristo, de fato, não volta mais como pessoa individual, mas no seu espírito e através dele, numa comunidade de pessoas. Sua vinda se realiza ali, onde o seu espírito pode efetuar a plenificação no homem, pois ele mesmo se tornou espírito (2 Cor 3,17)”.¹⁰⁷

Juan L. Ruiz de la Peña acentua a profunda interligação entre a ressurreição de Jesus, a nossa própria ressurreição e a transformação do cosmo, num “novo céu e numa nova terra”. A parusia se apresenta como “a páscoa da criação”.

“Mais que uma vinda de Cristo ao mundo, é a ida do mundo e dos homens à forma da existência gloriosa de Cristo ressuscitado... (Col 3, 4). A parusia é descrita aqui como o último estágio de nossa transformação em Cristo”.¹⁰⁸

Edward Schillebeeckx, também dentro de uma ótica processual, vê na parusia

“o tornar-se transparente, no meio de tantas religiões mundiais, do verdadeiro significado de Jesus de Nazaré aos olhos do próprio Deus”.¹⁰⁹

A plenificação do mundo, cujo sinal definitivo encontramos na parusia, implica por sua vez numa plena humanização. Humanização esta que, conforme Schillebeeckx, está sendo expressa nos textos bíblicos por quatro grandes metáforas:

♦ “Salvação definitiva ou libertação radical de todas as pessoas humanas para uma convivência fraterna... na qual não há mais relações de senhor e servo...” (Reino de

Deus).

♦ “Salvação e felicidade definitiva dos indivíduos... até por dentro de sua corporeidade humana...” (Ressurreição do corpo).

♦ “Plenificação escatológica do meio ambiente ecológico não danificado, necessária para a vida humana...” (Um novo céu e uma nova terra).

♦ “A revelação pública e geral do papel constitutivo e do significado de Jesus... na realização... agora... e na sua plenificação escatológica, do Reino de Deus”¹¹⁰ (Parusia).

Em todos estes enfoques, a partir dos quais se exprime a grande sinergia da plenificação escatológica, encontramos de uma ou outra maneira a concepção dinâmica do processo. A totalidade dele não pode ser subdividida de maneira analítica em elementos isolados. A história da salvação do indivíduo e a história da salvação do cosmo estão interligadas. Elas chegarão à sua realização plena, e esta plenificação na parusia significa, nas palavras de Ch. Duquoc, também “um dado objetivo, de caráter factual”, que se torna a “última verificação”... “da promessa implícita na ressurreição”.¹¹¹

Esta última verificação, por sua vez, deve necessariamente incluir uma última e definitiva revelação dos verdadeiros critérios de Deus para todos. Daqueles critérios, segundo os quais este Deus agiu no decorrer do processo da história do cosmo. Dos critérios que tantos, no decorrer dessa história, rejeitaram e ridicularizaram. Eles serão revelados para todos pelo ressuscitado que, por sua vez, será revelado para o cosmo inteiro como Filho amado de Deus. E, nesta dinâmica de revelação divina, encontramos a última das grandes e profundas verdades escatológicas de nossa fé: o JUÍZO FINAL.

⁹³ Cf. Mt 16,27; 19,28; 24,30; 25,31; Lc 9,26; 21,27; Mc 13,26.

⁹⁴ Brian E. Daley, *Origens da escatologia cristã*, p. 41.

⁹⁵ Para Justino, nos seus textos “Apologias” e “Diálogo com Trifão” (155-165 d.C.), a segunda vinda de Jesus é um “grande e terrível dia” (Dial. 49) que significa o “juízo de todo o mundo pelo fogo que consumirá todas as coisas (II apol. 7; cf. I apol. 20) e purificará o justo” (Dial. 116) (cit. cf. L. Brian E. Daley, op.cit., p. 41).

⁹⁶ Cf. Mt 13,30: “...não passará esta geração, antes que tudo isso aconteça”.

⁹⁷ Cf. Brian E. Daley, *Origens da escatologia cristã*, p. 23.

⁹⁸ G. Greshake e G. Lohfink, *Naherwartung-Auferstehung-Unsterblichkeit*, p.51.

⁹⁹ Juan Luis Segundo, *Que mundo? Que homem? Que Deus?*, p. 287.

¹⁰⁰ As apresentações seguem na sua essência as exposições de Franz Josef Nocke, *Eschatologie*, pp. 54-55.

¹⁰¹ Uma boa visão sintética da concepção da parusia dentro dos textos do NT se encontra em: *MYSTERIUM SALUTIS V/3*, pp. 202-205.

¹⁰² Cf.: - Brian E. Daley, *Origens da escatologia cristã*, pp. 47-241. A. R. Marmorstein, *Marking Well the End: Eschatological Solutions to Dilemmas Faced by the Ante-Nicene Church*, (Diss.) University of California 1988. J. Timmermann, *Nachapostolisches Parusiedenken*, Munique 1968.

¹⁰³ Cf. os capítulos respectivos em Renold J. Blank, *Escatologia da pessoa, Paulus*, São Paulo, 2000. Cf. também: Renold J. Blank, *A morte em questão*, pp. 37-39.

¹⁰⁴ Justino, nas suas *Apologias* (escritas em 155-165 d.C.), apresenta a parusia como ajuste de contas,

presidido por Cristo (cf. Brian E. Daley, *Origens da escatologia cristã*, p. 41).

Taciano, no seu “Discurso aos gregos” (165 d.C.), escreve que “depois da feroz consumação do mundo e sua história... os pecadores serão ressuscitados para ‘receber morte por punição, com imortalidade’.” (cf. Brian E. Daley, *op. cit.*, p. 43).

Ireneu compreende a volta de Criso dentro da ótica de Isaías como “dia da retribuição”. “As tribulações do fim serão destrutivas para os maus...” (cf. Brian E. Daley, *op. cit.*, p. 54).

Tertuliano diz que um dos elementos do gozo dos salvos será a observação do “espetáculo” da “retribuição divina”, quando Deus punirá pelo fogo os pecadores (cf. Brian E. Daley, *op. cit.*, p. 62).

[105](#) Medar Kehl, *Eschatologie*, p. 245.

[106](#) *Ibid.*, *Eschatologie*, p. 246.

[107](#) Ambroos van de Walle, *Bis zum Anbruch der Morgenröte*, p. 190.

Veja também: F. Nocke, *Eschatologie*, pp. 56-58. Rahner/Vorgrimler, *Kleines Theologisches Wörterbuch*, art. “Parusie”, p. 279. W. H. Schmidt e J. Becker, *Zukunft und Hoffnung*, pp. 121-130.

[108](#) Juan L. Ruiz dela Peña, *La pascua de la creación*, p. 139.

[109](#) Edward Schillebeeckx, *Menschen, die Geschichte von Gott*, p. 177.

[110](#) *Ibid.*, p. 176.

[111](#) Ch. Duquoc, *Cristologia II*, p. 278.

D. O JUÍZO FINAL

1

A GRANDE VERDADE DO JUÍZO FINAL DEVE SER COMPREENDIDA A PARTIR DE DOIS NÍVEIS TEMPORAIS DISTINTOS

1.1. Para a pessoa que morre, o Juízo Final coincide com a sua morte

A partir de uma perspectiva tradicional, o Juízo Final sempre foi interpretado como sendo uma segunda encenação do Juízo Particular, dentro de um quadro cósmico. Além disso, tornou-se um hábito interpretar tal segundo juízo, em primeiro lugar, a partir de uma perspectiva do indivíduo. Dentro dessa perspectiva, muitos também perderam de vista o critério fundamental do juízo, revelado na parábola de Mt 25,31-46: a “identidade entre a causa dos homens e a causa de Deus”.¹

Mostrávamos, já no primeiro volume desta Escatologia, a impossibilidade lógica de uma concepção que interpreta o Juízo Final como sendo um segundo juízo, distinto do primeiro em relação ao tempo.²

Para o indivíduo, que na morte se desliga das dimensões do tempo e entra na dimensão que chamamos “eternidade”, não pode passar “tempo” entre o Juízo Particular e o Juízo Final. Isso pelo simples fato de, na eternidade, o tempo não existir. Os dois juízos logicamente devem coincidir. Eles podem ser compreendidos como dois aspectos da experiência do primeiro encontro da pessoa com Deus.

Tal posição, aliás, também já foi assumida em declarações oficiais do magistério. Assim podemos ler na Carta Pastoral do Cardeal Godfried Danneels na Páscoa de 1991:

“O assim dito intervalo de tempo entre a nossa morte e a ressurreição geral coletiva é uma maneira defeituosa de pensar. Ela existe somente a partir de nosso ponto de vista terreno. Na perspectiva divina, o tempo não existe. Mas nós, nós só podemos pensar em termos temporais. Mesmo que nós devamos tomar como “momentos” distintos o nosso comparecer individual perante Deus, e o Juízo Final, tal distinção não consiste numa diferença de tempo”. (Cit. cf. “Questions actuelles”, Le point de vue de l’église [O ponto de vista da Igreja], n. 2, maio 1998, p. 30.)

Interligando concepções teológicas com modelos científicos da cosmologia, é possível compreender a questão do Juízo Final para o indivíduo, a partir dos seguintes moldes:

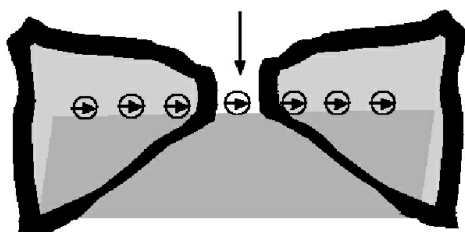
Na sua morte, o indivíduo experimenta o “final dos tempos”. Suas ligações com o espaço-tempo cósmico foram cortadas e, por causa disso, a sucessão de momentos temporais do cosmo para ele não existem mais. O que existe é a dimensão atemporal da eternidade. A partir dessa perspectiva, porém, se torna “simultaneidade” aquilo

que para os integrantes do espaço-tempo cósmico é “sucessão”. Esta mudança de perspectiva pode ser exemplificada por um modelo que substitui a mudança de dimensão temporal pela mudança de dimensão espacial.

A vida humana, enquanto ligada ao tempo, se assemelha à perspectiva de um ser que, dentro das dimensões do espaço, só conhece duas dimensões. Este ser estaria impedido de ver objetos escondidos atrás de duas paredes altas. Quando estes objetos se movimentam de um lado para o outro, o observador só pode ver aparecer e passar, na lacuna entre as duas paredes, um objeto depois do outro. Não é possível enxergar todos os objetos ao mesmo tempo. A experiência é marcada pela “sucessão”.

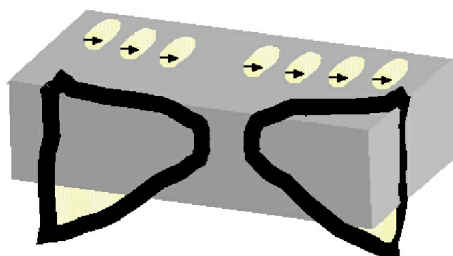
1.2. Juízo Final: modelo para compreender a “presença total” da eternidade

a) Perspectiva “de frente”, a partir do nível de uma superfície (vida ligada ao tempo), traz experiência de sucessão



A partir do momento em que se acrescenta ao observador a possibilidade de uma terceira dimensão espacial, ele pode mudar de perspectiva. Agora, ele tem a possibilidade de olhar a partir de cima. Olhando a partir dessa nova dimensão, é capaz de enxergar todos os objetos de uma só vez. Aquilo que para o primeiro observador só era possível ver em termos de sucessão de um objeto depois do outro, a partir da nova posição é possível ser observado de maneira global. A “sucessão” dos acontecimentos se transformou em “simultaneidade”.

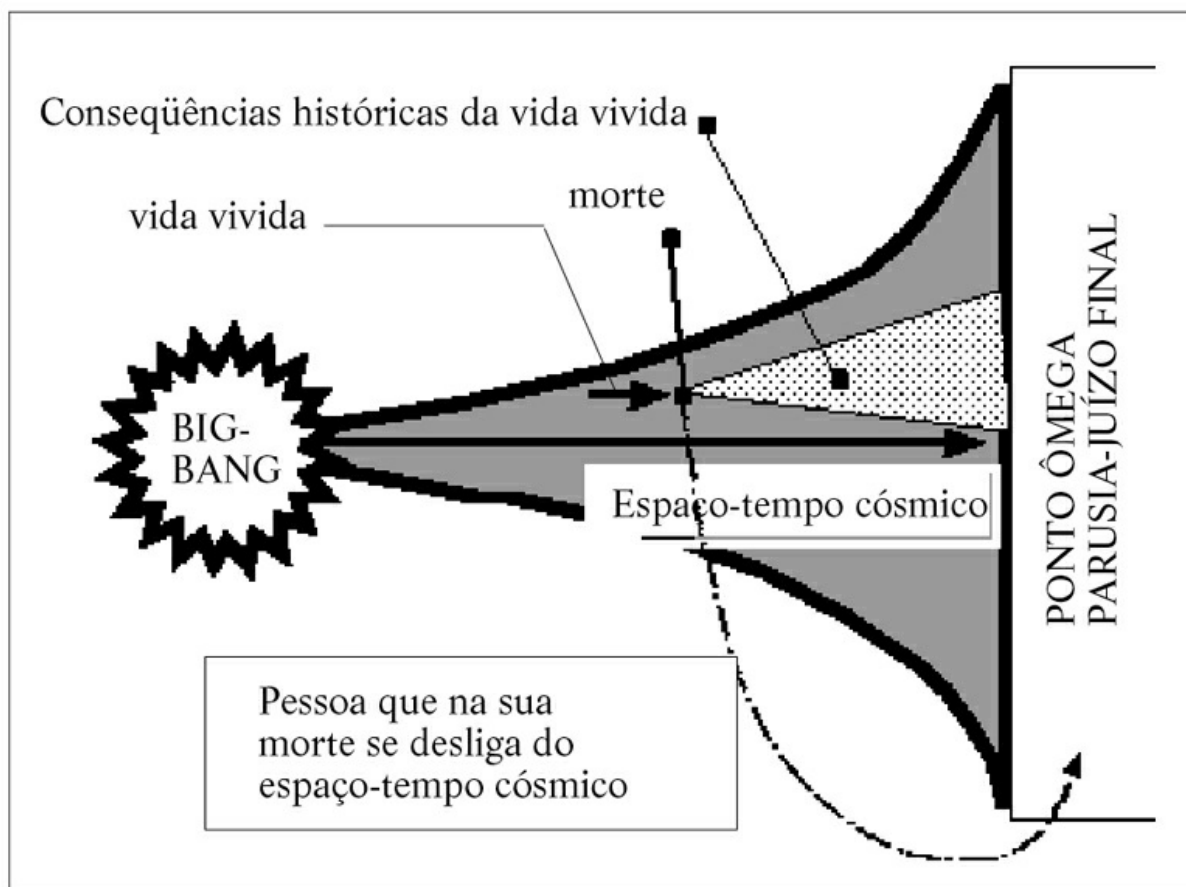
b) Perspectiva a partir de uma perspectiva “acima” da superfície (vida fora do tempo = simultaneidade)



É a partir deste modelo que podemos imaginar a experiência da pessoa humana na nova dimensão chamada eternidade. Aquilo que para seres ligados às dimensões temporais se apresenta necessariamente em termos de sucessão, se torna simultaneidade para uma pessoa desligada do tempo.

Nesta situação, é possível para ela não só conhecer o passado, mas também tudo aquilo que ainda será futuro para aqueles que vivem submetidos ao espaço-tempo

cósmico. Fora do espaço-tempo cósmico, o futuro não existe, só existe o “agora” atemporal da eternidade. Neste “agora”, a pessoa é capaz de ver não só a sua vida vivida, mas também todas as conseqüências históricas e estruturais, que esta vida produziu depois da morte da pessoa.



Todas essas conseqüências serão comparadas e avaliadas naquele momento dentro da nova luz de Deus. Serão julgadas conforme os critérios de Deus. Critérios, aliás, revelados e vividos pelo próprio Jesus.

No fogo dessa avaliação, a pessoa vê a sua vida vivida dentro de uma escala cósmica, com todas as conseqüências e todos os efeitos que esta vida produziu para a história deste cosmo. Ela julga a totalidade dessas conseqüências, e mede seu valor a partir dos critérios de Deus. O Juízo Final se revela assim como sendo a grande dimensão social, estrutural, histórica e cósmica do primeiro encontro da pessoa com Deus.

Em nível individual, o Juízo Final é a avaliação da vida humana conforme os critérios de Deus, a partir de todas as conseqüências sociais, estruturais, históricas e cósmicas que esta vida produziu.

É dentro dessa perspectiva que podemos compreender o verdadeiro significado daquilo que Paulo exprime numa imagem profunda e muito reveladora em 1Cor 3,13-15:

“...a sua obra ficará manifesta, pois em seu dia o fogo o revelará, e provará qual foi a obra de cada um. Se a obra construída sobre o fundamento resistir, o autor receberá o prêmio; aquele cuja obra for consumida sofrerá o dano; ele, todavia, se salvará, mas como quem passa pelo fogo”.

2

PARA O COSMO, O JUÍZO FINAL SE REALIZA NO MOMENTO DE SUA PLENIFICAÇÃO, QUE É TAMBÉM A PARUSIA

Em termos de relação com o espaço-tempo cósmico, podemos dizer que na morte a pessoa já alcança, num único passo atemporal, aquele ponto onde o cosmo inteiro chega ao seu fim. Para as dimensões ligadas ao vector de espaço-tempo, porém, tal ponto se atinge depois de uma imensa sucessão de momentos, anos, milênios, até que o cosmo inteiro chegue ao final de sua história. É aquele ponto, que Deus definiu para o universo como limite final do processo histórico.

Aí, porém, onde o cosmo chega ao seu último fim, se realiza a parusia. E como plenificação da parusia, ocorre de maneira necessária aquilo que chamamos de Juízo Final.

As histórias individuais de todos os seres humanos coincidirão com a história das estruturas deste mundo e também com a história do cosmo como um todo. A história inteira, com todas as estruturas construídas, será avaliada a partir dos critérios de Deus, que são os critérios de Jesus ressuscitado. Daquele Jesus que agora é revelado para todos como Filho de Deus, e esta é a sua glória.

Quando o cosmo chegar à sua plenificação, não só as consequências das vidas individualmente vividas serão avaliadas conforme os critérios de Deus. Serão avaliadas também todas as estruturas do mundo e o cosmo na sua totalidade. OS CRITÉRIOS PARA ESSA AVALIAÇÃO SERÃO OS CRITÉRIOS DO RESSUSCITADO.

3

OS CRITÉRIOS DO JULGAMENTO DO COSMO E DA HISTÓRIA SÃO OS CRITÉRIOS DE MT 25

É esta última e definitiva revelação que, em si, já inclui necessariamente um juízo, porque tudo aquilo que não corresponder aos critérios do ressuscitado será revelado como “palha” (cf. 1Cor 3,12), que não possui valor. Eis o núcleo cósmico daquilo que chamamos o Juízo Final.

Os critérios de Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, serão revelados como os únicos válidos para todos e para tudo. Naquele momento, onde como num prisma coincidem as histórias individuais das pessoas com a história do ressuscitado e com aquela do cosmo, todos serão postos perante a necessidade de aceitar, de uma vez por todas, os critérios de Deus. Critérios formulados por ele mesmo na pessoa de Jesus Cristo.

TUDO O QUE FIZESTES A UM DESTES IRMÃOS
MAIS PEQUENINOS,
A MIM FIZESTES!

Tal critério se revela como juízo e como parâmetro de discernimento.

Com base neste critério, se realizará também, perante toda a humanidade, a última e definitiva reabilitação de Jesus ressuscitado e de seus paradigmas, que também são os paradigmas de Deus.

A parusia, a última e definitiva revelação de Jesus Cristo, a última e definitiva reabilitação de sua vida e sua obra, se torna assim por sua vez juízo para todos aqueles que não seguiram os valores do ressuscitado. Torna-se juízo para o mundo inteiro, suas estruturas sociais, políticas, históricas e religiosas.

Elas têm valor, à medida que correspondem aos parâmetros de Deus. São palha, à medida que não correspondem aos critérios dele.

O Juízo Final se define assim com sendo a consequência lógica da revelação de Deus para o cosmo inteiro. Revelação esta que já implica num último e definitivo juízo.

- ♦ Será revelado a todos que Deus de fato estava envolvido com a história do mundo.
- ♦ Será revelado a todos que o envolvimento de Deus com a história não era envolvimento espiritual, mas muito concreto e real.
- ♦ Ficará provado perante a humanidade inteira que o nosso Deus de fato está ao lado dos fracos, dos pobres, dos injustiçados. Não optou pelo poder mas pela misericórdia. Sua glória é o serviço, e não a dominação.
- ♦ Ninguém mais poderá negar este fato. E ninguém poderá negar também a outra verdade profunda de que este Deus, quando revelou a sua opção preferencial pelos pobres da forma mais clara, tornou-se homem na pessoa de Jesus de Nazaré.
- ♦ Todos terão que julgar as suas vidas e as estruturas do mundo conforme os critérios dele. Critérios que ele mesmo formulou na ocasião de sua vida terrena. Critérios que exprimem de forma exemplar aquilo que será quando Deus reina. Critérios, em cujo centro encontramos o relacionamento com os irmãos e as irmãs conforme Mt 25,31-46.
- ♦ Perante Jesus e por ele mesmo, tudo isso será revelado a todos. De maneira absoluta e definitiva. Ninguém mais o poderá negar.
- ♦ E perante todos, enfim, serão confirmados aqueles que na sua vida e no seu agir tinham seguido os critérios de Jesus. Eles eram certos, e os outros, aqueles que tinham optado pelo poder, pela ganância e pela opressão, aqueles que tinham dado risada dos seguidores de Jesus, todos eles estavam errados.

Tudo isso será revelado de maneira definitiva para todos, de tal maneira que ninguém mais o poderá contestar.

Essa grande revelação se tornará assim o juízo sobre o mundo e suas estruturas, sobre a história e todos os seus mecanismos. Justificando o seu servo Jesus, o próprio Deus “revela aos olhos de todos que a história real do homem, em sua positividade ou negatividade, era a história do Messias e, então, de Deus”.³ Esta revelação significa “crise”, critério de discernimento, parâmetro, juízo para toda e qualquer estrutura histórica, para todo e qualquer ser, para o cosmo como um todo.

É assim que se consome o grande e maravilhoso processo do envolvimento de Deus com o cosmo. Envolvimento que tinha o seu início na inimaginável tempestade cósmica do big-bang, e que terá o seu fim numa transformação não menos grandiosa, em cujo centro encontramos aquela revelação plena da perspectiva de Deus, à qual damos o nome de parusia do Senhor.

Então virá o fim,
quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai,
quando houver destruído todo domínio, toda autoridade
e todo poder.

Pois é necessário que ele reine até que haja posto todos
os inimigos debaixo de seus pés.
Ora, o último inimigo a ser destruído é a morte.

E QUANDO TODAS A COISAS LHE ESTIVEREM SUJEITAS, ENTÃO TAMBÉM O PRÓPRIO FILHO SE
SUJEITARÁ ÀQUELE QUE TODAS AS COISAS LHE SUJEITOU, PARA QUE DEUS SEJA TUDO EM TODOS.

(1Cor 15,24-26,28)

[1](#) Ch. Duquoc, Cristologia II, p. 283.

[2](#) Cf. os capítulos respectivos em: Renold J. Blank, Escatologia da pessoa - Vida, morte e ressurreição. Cf. também: Renold J. Blank, A morte em questão, pp. 34-37.

[3](#) Ch. Duquoc, Cristologia II, p. 283.

E. UM NOVO CÉU E UMA NOVA TERRA

1

O PROJETO ESCATOLÓGICO DE DEUS IMPLICA A SALVAÇÃO DO COSMO INTEIRO

Contra o pessimismo escatológico que tanto marcou a visão dos séculos passados, temos que lembrar aquilo que Juan L. Ruiz de la Peña formula como princípio de toda a fé: “Quando Deus irrompe na história, ele o faz sempre e exclusivamente por um único motivo: para salvar”.¹

Esta vontade salvífica de Deus não se limita às pessoas, não se limita ao planeta terra, mas abrange o cosmo inteiro. Deus quer a salvação do mundo, porque a aliança que fez com este mundo abrange o cosmo inteiro.² “A história”, diz Jacques Dupuis, “é do início ao fim uma história da salvação, ou seja, um diálogo com a humanidade, começado por Deus na aurora dos tempos, e que a conduz, através de várias fases, ao destino que ele escolheu”.³ Lembrando que salvação significa “vida em plenitude”, descobrimos assim a última característica do projeto cósmico de Deus: VIDA PLENA PARA O COSMO INTEIRO.

Pelos caminhos tortuosos e lentos da história humana, Deus conduz esta história rumo à sua última finalidade. Por causa dessa constante presença de Deus, nesta história “já se acham os sinais da salvação”.⁴ A presença de Deus, porém, vai muito além de sua presença na história humana. Por caminhos mais tortuosos e enigmáticos ainda, Deus conduz também a totalidade deste cosmo ao seu destino final. E este destino é o mesmo:

- ♦ Salvação.
- ♦ Transformação de tudo aquilo que é.
- ♦ Plenificação do cosmo inteiro e da humanidade inteira.⁵
- ♦ Um novo céu e uma nova terra (Is 65,17; 2Pd 3,13).

Um cosmo que se torna transparente, de tal maneira que em tudo transparece a presença de Deus. Um mundo onde os valores da vida, que são os valores de Deus, serão os únicos a valer. Uma humanidade transformada, em união com Jesus Cristo. Cosmo cristificado; Deus tudo em todos; modificação do universo inteiro conforme os planos de Deus.

Balbuciando e hesitando, tentamos com palavras humanas exprimir aquilo que Deus preparou para este mundo.⁶ Teilhard de Chardin o descreveu como “a modificação do ser profundo das coisas”, através da qual o ambiente divino se revela a nós dentro da ordem visível do cosmo.⁷ Este ambiente divino, de fato, se revelará de maneira plena e total para todo o universo. E a maneira como isso acontecerá,

como fato histórico, vai muito além de toda revelação espiritual de verdades. Ela é muito mais uma experiência existencial e cósmica dentro de um mundo transformado, assim como o visionário o formulou no apocalipse:

“Eis a tenda de Deus entre os homens.
Ele levantará sua morada entre eles e eles serão seu povo,
e o próprio Deus-com-eles será o seu Deus.
Enxugará as lágrimas de seus olhos, e a morte já não existirá,
nem haverá luto nem pranto nem fadiga,
porque isso tudo já passou.”
(Ap 21,3-5)

Aqui não se fala de destruição. Não se descreve holocausto e catástrofe. Deus não destrói aquilo que construiu numa história de bilhões de anos. Deus o plenifica, Deus o transforma, para que o cosmo inteiro alcance aquilo que desejou desde os primeiros momentos de sua criação:

Uma convivência íntima entre ele e os homens.
Dentro de um mundo amigável ao homem.
Num cosmo que deixa transparecer a presença de Deus.⁸
Onde todos os homens ficam envolvidos em seu amor.
Onde todos estão sendo atraídos pelo próprio ser divino.

Uma vez alcançado esse objetivo final da criação, cada ser viverá com Deus conforme a sua natureza e suas características. O cosmo inteiro se tornará espelho de seu Criador. Eis a parusia em plenitude, o triunfo definitivo de Jesus, o Cristo; o êxito total e definitivo da obra criadora de Deus.

Neste estágio, a esperança escatológica enfim chega ao seu fim, porque Deus a torna realidade. Mas, ele não a concretiza num âmbito espiritualizado e alienado, e sim dentro do cosmo que nós conhecemos.

O fim da obra criadora de Deus é um cosmo transformado, plenificado,
e não mais atrofiado pelo pecado e pela morte.

É para este fim que, desde o primeiro momento do big-bang, o Espírito de Deus agiu neste mundo. Começando com a inimaginável tempestade termonuclear, pela qual este cosmo começou. Agindo de maneira escondida dentro da dinâmica inconcebível de uma história evolutiva do universo. História onde, apesar de bilhões e bilhões de acasos livres, permanece uma última finalidade. A finalidade da convergência. A finalidade de uma última energia que é o amor, e este amor é Deus. Ele está agindo nos bilhões de anos da história do cosmo, para que todo este cosmo se torne capaz de irradiar o amor dele. Princípio totalizante do processo de convergência, pelo qual está marcado o processo cósmico da evolução. E o fim de todo o processo culminará nisto:

Tornar consciente que no coração do cosmo está Deus.

Este Deus está sempre presente, sempre agindo, se revelando cada vez mais. A revelação dos seus projetos alcança a sua plenitude quando o cosmo inteiro se tiver tornado transparente. Nesse momento, o projeto cósmico de Deus chega ao seu fim. A presença de Deus em todas as coisas e em todas as pessoas se manifesta em sua plenitude. Ela quebra as fronteiras daquelas dimensões materiais que agora ainda

impossibilitam a nós de a perceber. Mas, ela não as quebra, destruindo-as, mas transformando-as, transfigurando-as, de tal maneira que não se perderá nenhuma dimensão daquilo que nós agora conhecemos como “o mundo”. Em vez disso se revelarão a nós dimensões infinitamente maiores deste mundo, dimensões que agora nem podemos imaginar. Nesta nova terra e neste novo céu, a humanidade inteira viverá junto com Deus, em comunhão com Jesus Cristo, cuja parusia chegou ao seu cume; em harmonia plena com todos os seres humanos e também com todos os outros seres, que Deus criou, neste mundo e em outros mundos que agora nem conhecemos.

Nesse novo céu e nessa nova terra se tornará realidade aquilo que o profeta, numa visão que só Deus pode inspirar, cantou com palavras que sempre foram interpretadas como metáforas. Em verdade, porém, são essas palavras que descrevem ponto por ponto aspectos daquela realidade que chamamos a realização do projeto cósmico de Deus. São aspectos parciais, é verdade, mas não deixam por causa disso de ser verdadeiros.

Is 11.5-8: A justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade o cinto dos seus rins. Morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará; e o bezerro, o leão novo e o animal cevado viverão juntos; e um menino pequeno os conduzirá.

A vaca e a urso pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; e o leão comerá palha como o boi.

*A criança de peito brincará sobre a toca da áspide, e a desmamada meterá a sua mão na cova da serpente.*⁹

*Is 55.13: Em lugar do espinheiro crescerá a faia, e em lugar da sarça crescerá a murta. Is 25.8: O Senhor aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará as lágrimas de todos os rostos, e tirará de toda a terra o opróbrio do seu povo.*¹⁰

Is 65.19: ...nunca mais se ouvirá voz de choro nem voz de clamor.

Is 65.20: Não haverá mais nela criança de poucos dias, nem velho que não tenha cumprido os seus dias...

Este projeto cósmico de Deus não se restringe aos indivíduos. Abrange o cosmo inteiro. Aquela realidade cósmica que desde o seu começo, e por todos os bilhões de anos de sua evolução, já era marcada pela presença ativa de Cristo. O espírito dele impregnava toda a dinâmica do mundo. Ele era o princípio totalizante de um processo de convergência cósmica, cujo ponto culminante é a parusia. O que se podia ver no decorrer do processo da evolução era o lado exterior. O que não era possível ser observado pelos nossos instrumentos científicos era o lado interior do processo. Da mesma maneira, como a presença de Cristo não pode ser detectada na hóstia consagrada, ela não se tornou visível no cosmo. Mas, assim como a hóstia é verdadeira matéria que esconde a verdadeira presença de Deus, também o cosmo esconde a verdadeira presença de Cristo. Na parusia, essa presença e a dinâmica de seu agir se tornam plenamente visíveis, sem por causa disso destruírem as dimensões conhecidas do cosmo. Mas, estas dimensões se tornam transparentes e desvelam uma realidade cósmica muito mais complexa, muito mais dinâmica e inimaginavelmente mais ampla do que aquela que os nossos instrumentos científicos eram capazes de captar.

É dentro dessa nova realidade cósmica que “a presença supranatural do Cristo universal se expande”,¹¹ assimilando tudo no seu amor. Dentro desta nova realidade, os homens e as mulheres viverão num “novo céu e numa nova terra”, cuja grande novidade será a consciência plena de que:

♦ Jesus Cristo “existe antes de todas as coisas e todas têm nele a sua subsistência”

(Cl 1,17).

- ♦ Este Jesus Cristo que “desceu às regiões inferiores da terra... é também o que subiu acima de todos os céus para encher o universo” (Ef 4,9-10).
- ♦ Os seres humanos estão “repletos dele, que é a cabeça de todo o principado e potestade” (Cl 2,10).
- ♦ Cristo “é tudo em todos”! (Cl 3,11); “imagem do Deus invisível” (Col 1,15) que agora se tornou visível.

A consequência dessa nova centrificação cósmica será uma nova convivência humana dentro de um cosmo totalmente transformado. Esta transformação não mudará necessariamente os aspectos exteriores do mundo, mas todas as características profundas de seu ser. Depois da parusia, fica evidente que “o universo é fisicamente, até a sua medula material, impregnado pela influência da natureza supra-humana” de Cristo.¹² Por causa disso, será possível também uma convivência íntima entre ele e todas as pessoas humanas, uma dinâmica íntima de amor, cujos elementos, por sua vez, transparecem nas palavras proféticas de Isaías. Palavras que foram declaradas desse contexto histórico específico e compreendidas de maneira restrita e definida dentro desse contexto. Palavras, porém, cujo significado, mais uma vez, ultrapassa de longe a interpretação dada a elas nesse contexto, porque descrevem, mais uma vez, aspectos daquilo que é a realização do projeto escatológico-cósmico de Deus.

Is 55.1: Ó! vós todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite.

Is 55.2 ...comei o que é bom, e deleitai-vos com a gordura.

Is 55.3: Inclinaí os vossos ouvidos, e vinde a mim; escutai-me e vivereis; porque convosco farei uma aliança eterna...

Is 65.17: Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão.

Is 65.18: Mas alegrai-vos e regozijai-vos perpetuamente no que eu crio; porque crio para Jerusalém motivo de exultação e para o seu povo motivo de gozo.

Is 65.21: E eles edificarão casas, e nelas habitarão; plantarão vinhas, e comerão o fruto delas.

Is 65.24: E acontecerá que, antes de eles clamarem, eu responderei; e estando eles ainda falando, eu os ouvirei.

Is 66.13: Como alguém a quem sua mãe consola, assim eu vos consolarei...

Is 66.18: Pois eu conheço as suas obras e os seus pensamentos; vem o dia em que ajuntarei todas as nações e línguas; e elas virão, e verão a minha glória.

Is 66.22: Pois, como os novos céus e a nova terra, que hei de fazer, durarão diante de mim, diz o Senhor, assim durará a vossa posteridade e o vosso nome.

¹ Juan L. Ruiz de la Peña, *La pascua de la creación*, p. 148.

² Jacques Dupuis usa neste contexto a palavra “aliança cósmica”, formulada por J. Daniélou em: *I Santi pagani dell' Antico Testamento*, Brescia, Queriniana, 1988, p. 29 (cit. cf.: Jacques Dupuis, op. cit., p. 56).

³ Jacques Dupuis, *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*, p. 72. Cf. também Sb 11,24-12,1: “Vós amais tudo o que existe, e não aborreceis nada do que fizestes, porque se odiásseis alguma coisa, não a teríeis criado... ó Senhor, que amais a vida. Pois, o vosso espírito incorruptível está em todos os seres”.

⁴ *Mysterium Salutis* V/3, p. 269.

⁵ *Gaudium et Spes*, n. 39.

⁶ Cf. 1Cor 2, 9.

⁷ Cf. Teilhard de Chardin, *Das göttliche Milieu*, p. 155.

[8](#) Cf. a descrição do paraíso em Gn 2,5-15.

[9](#) Cf. também Is 65.25: O lobo e o cordeiro juntos se apascentarão, o leão comerá palha como o boi; e pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor”.

[10](#) Cf. também Is 26.19: Os teus mortos viverão, os seus corpos ressuscitarão.

[11](#) Cf. Teilhard de Chardin, *Mein Universum*, pp. 55-56.

[12](#) Cf. *Ibid.*, p. 40.

BIBLIOGRAFIA

- ABIVIEN, Morice, Deuil et rites funéraires, Rev. Études, nov. p. 327, 1993.
- ADLER, G., Seelenwanderung und wiedergeburt, Freiburg, s.d., 1977.
- AGOSTINHO, Santo, O cuidado devido aos mortos, Paulus, São Paulo, 1990.
- ALESSANDRI, Hernan, O futuro de Puebla, Paulinas, São Paulo.
- ALLGAYER, Antônio Estêvão, Jesus e os excluídos do Reino, Vozes, Petrópolis, 1994.
- ALTHAUS, Heinz, Apokalyptik und eschatologie, Herder, Freiburg, 1987.
- ALVES, Rubem, Da esperança, ed. Papirus, Campinas, 1987, p. 113.
- ANDERSON, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto, Escatologia 2000, 1999.
- ANDERSON, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto, A ressurreição é libertação, 1996.
- ARDUINI, Juvenal, Horizonte de esperança, Paulus, São Paulo, 1986.
- ARIÈS, Philippe, O homem diante da morte, vols. 1 e 2, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1981.
- ASSMANN, Hugo e HINKELAMMERT, Franz, A idolatria do mercado, Vozes, Petrópolis, 1989.
- AUGUSTINUS, Aurelius, Bekenntnisse, Fischer, Frankfurt, 1964.
- APOCALIPSE DE JOÃO E A MÍSTICA DO MILÊNIO, RIBLA 34, 1999/2, São Paulo.
- APOCALÍPTICA, Esperança dos pobres, RIBLA 7, 1990/3, São Paulo.
- BALLARINI, Teodorico (org.), Introdução à Bíblia II/4, Os doze Profetas/Daniel, Petrópolis, Vozes, 1978.
- BARBAGLIO, Giuseppe, As cartas de Paulo I, Loyola, São Paulo, 1989.
- BARBÉ, Domingos, “Consequências políticas da Redenção” em A firmeza permanente, pp. 161ss, 1977.
- BARREIRO, A., Os pobres do reino, Loyola, São Paulo, 1983.
- BARREIRO, Álvaro, Os pobres e o Reino: do evangelho a João Paulo II, Loyola, São Paulo, 1983.
- BAUMANN, Rolf, Gottes herrschaft oder Reich gottes, orientierung, n. 7 (54), 1990.
- BAUMANN, Rolf, Gottes gerechtigkeit - verheissung und herausforderung für diese Welt, Freiburg, Herder, 1989.
- BECKER, Ernst, A negação da morte, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1976.
- BELLINATO, Guilherme, Um mundo novo para a América Latina, AM, São Paulo, 1990.
- BELLINATO, G., Um mundo novo, Paulinas, São Paulo, 1990.
- BELO, Fernando, Das Markus-evangelium materialistisch gelesen, Alektor, Stuttgart, 1980.
- BISCHOFBERGER, Norbert, Werden wie wiederkommen? Grünewald, Mainz, 1996.
- BLANK, Renold J., Viver sem o temor da morte, Paulus, São Paulo, 1984.
- BLANK, Renold J., A rebelião do Deus domesticado, Paulus, São Paulo, 1989.
- BLANK, Renold J., Nossa vida tem futuro, Paulus, São Paulo, 1991.
- BLANK, Renold J., Não tenham medo, nós vamos ressuscitar, em Revista de Cultura Teológica, n.3 (1), 1993.
- BLANK, Renold J., Nosso mundo tem futuro, Paulus, São Paulo, 1993.
- BLANK, Renold J., Nuestra vida tiene futuro, San Pablo, Bogotá, 1994.
- BLANK, Renold J., Leben ohne todesangst, Grünewald, Mainz, 1994.
- BLANK, Renold J., Reencarnação ou ressurreição, uma decisão de fé, Paulus, São Paulo, 1995.
- BLANK, Renold J., Esperança que vence o temor, Paulinas, São Paulo, 1995.
- BLANK, Renold J., “Finados, páscoa, e a festa de todos os santos”, Rev. Aparecida, (nov.), 1996.
- BLANK, Renold J., Reinkarnation oder auferstehung, Grünewald, Mainz, 1996.
- BLANK, Renold J., “O terceiro milênio pode ser melhor”, em: Páginas Abertas, n. 2 (23) Paulus, 1997.
- BLANK, Renold J., “O significado escatológico da ressurreição”, Rev. de Cultura Teológica, n. 20 (IV), 1997.
- BLANK, Renold J. e VV.AA., Vida e morte, uma sinfonia (Vídeo), Loyola, São Paulo, 1998.
- BLANK, Renold J., “A dinâmica escatológica do Espírito Santo”, Revista de Cultura Teológica, (VI) n. 25, 1998.
- BLANK, Renold J., A morte em questão, Loyola, São Paulo, 1998.
- BLANK, Renold J., Vida após a morte (Vídeo) n. 87, Loyola, São Paulo, 1998.
- BLANK, Renold J., “Purgatório, Verdade de nossa fé”, Rev. Missionera, n. 17, 1999.
- BLANK, Renold J., “Milénarismo e esperança escatológica hoje”, Rev. vida Pastoral, n. 206, 1999.
- BLANK, Renold J., Deus, uma proposta alternativa, Paulus, São Paulo, 1999.
- BLANK, Renold J., Escatologia da pessoa, Vida, morte e ressurreição, Paulus, São Paulo, 2000.
- BLANK, Renold J., “O sagrado e os mecanismos do mercado neoliberal”, em Vida Pastoral n. 212 (XLI), maio/junho, 2000.
- BLANK, Renold J., “E o mundo não acabou”, em: Páginas Abertas, n. 1 (26) 2000.
- BLANK, Renold J., “Perspectivas escatológicas do terceiro milênio”, em Trilhas, Revista teológica pastoral do centro interdiocesano de Teologia de Cascavel n. 3, vol. 2, 2000.

- BLANK, Renold J., Recuperar a mensagem do Reino de Deus, para dar sentido à vida, em *Vida Pastoral* n. 216, Paulus, jan./fev. 2001.
- BOEMER, Magali R., *A morte e o morrer*, Cortez, São Paulo, 1986.
- BOFF, L., *Teologia do cativo e da libertação*, Vozes, Petrópolis, 1980.
- BOFF, Leonardo, *O caminhar da Igreja com os oprimidos*, Vozes, Petrópolis, 1988.
- BOFF, Leonardo, *A ressurreição de Cristo*, Vozes, Petrópolis, 1980.
- BOFF, Leonardo, BOFF e Clodovis, *Da libertação*, Vozes, Petrópolis, 1982.
- BOFF, C., *Sinais dos tempos*, Loyola, São Paulo, 1979.
- BOFF, Leonardo, *Ética da vida*, Letraviva, Brasília, 1999.
- BOFF, Leonardo, *Teologia do cativo e da libertação*, Vozes, Petrópolis, 1987.
- BOFF, Leonardo, *Jesus Cristo libertador*, Vozes, Petrópolis, 1972.
- BOFF, Leonardo, *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres*, São Paulo, 1995.
- BOFF, Leonardo, *Do lugar do pobre*, Vozes, Petrópolis, 1984.
- BOISMARD, Marie-Emile, *Faut-il encore parler de résurrection?* Cerf, Paris, 1995.
- BOLLINI, Cláudio, *Céu e inferno, o que significam hoje?* Paulinas, São Paulo, 1996.
- BOROS, Ladislaus, *Mysterium mortis*, Walter, Olten, 1962.
- BOROS, L., *Deus da esperança*, Loyola, São Paulo, 1976.
- BOULAD, Henri, *Deus e o mistério do tempo*, Loyola, São Paulo, 1992.
- BOWKER, John, *Os sentidos da morte*, Paulus, São Paulo, 1995.
- BRANTSCHEN, Johannes B., *Warum laesst der gute gott uns leiden?*, Herder, Freiburg, 1986.
- BRANTSCHEN, Johannes B., *Hoffnung fuer zeit und ewigkeit*, Herder, Freiburg, 1992.
- BRIGHT, John, *História de Israel*, Paulus, São Paulo, 1980.
- BUEHLMANN, Walbert, *Leben sterben leben*, Styria, Graz, 1985.
- BUELTA, Benjamin Gonzalez, *O Deus oprimido*, Rio de Janeiro, 1989.
- BULTMANN, Rudolf, *Glauben und verstehen*, Tuebingen, 1966-1967.
- BULTMANN, Rudolf, *Histoire et eschatologie*, Delachaux et Niestle, Neuchâtel, 1969.
- BULTMANN, Rudolf, *Kerygma und mythos, rudolf, neues testament und Mythologie*, Hamburg, Kerygma, 1960.
- BURGEY, Franz, *Technik und heiliger kosmos*, Echter, Würzburg, 1985.
- BURGGRAEVE, Roger, "Responsável por um novo céu e uma nova terra", *Concilium*, 236/4, 1991.
- CAD. BIBL. 22, *Uma leitura do Apocalipse*, 1983.
- CELAM, Santo Domingo, *conclusões*, Loyola, São Paulo, 1993.
- CHARDIN, Teilhard de, *L'energie humaine*, Seuil, Paris, 1962.
- CHARDIN, Teilhard de, *Die zukunft des menschen*, Walter, Olten/Freiburg, 1964.
- CHARDIN, Teilhard de, *Das göttliche milieu*, Olten/Freiburg, Walter, 1969.
- CHARDIN, Teilhard de, *Mein universum*, Olten/Freiburg, 1973.
- CHARDIN, Teilhard de, *Les directions de l'avenir*, Seuil, Paris, 1973.
- CHARDIN, Teilhard de, *Lobgesang des Alls*, Walter, Olten/Freiburg, 1978.
- CHARDIN, Teilhard de, *Mundo, homem e Deus (textos selecionados por José Luiz Archanjo)*, Cultrix, São Paulo, 1986.
- CHARPENTIER, Etienne, *Christ est ressuscité*, em: *Cahiers. Evang.* 3, Paris, Service Biblique, 1973.
- CHARPENTIER, E., *Cristo ressuscitou*, Paulinas, São Paulo, 1984.
- CHEUICHE, Antônio do Carmo, *Cultura e evangelização*, EDIPUCRS, Porto Alegre, 1995.
- CLÉVENOT, Michel, *Enfoques materialistas da Bíblia*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- CONCILIUM, n. 247, *O espectro da morte em massa*, 1993/3, Vozes, 1993.
- CORSINI, Eugênio, O., *Apocalipse de São João*, Paulus, São Paulo, 1984.
- CROATTO, J. S., *Isaías, o profeta da justiça e da fidelidade*, Vozes, Petrópolis, 1989.
- CROATTO, J. Severino, *Êxodo, uma hermenêutica da liberdade*, Paulus, São Paulo, 1981.
- CROATTO, J. S., *Apocalíptica e esperança dos oprimidos*, em *RIBLA* 7, 1990/3.
- CROSSAN, John Dominic, *O Jesus histórico*, Imago, Rio de Janeiro, 1994.
- DALEY, Brian E., *Origens da escatologia cristã*, Paulus, São Paulo, 1994.
- DALLEGRAVE, G. E., *Reencarnação*, Loyola, São Paulo, 1987.
- DELUMEAU, Jean, *Angst im abendland*, vols. 1 e 2, Reinbek, Rororo, 1985.
- DESROCHE, H., *Sociologia da esperança*, Paulinas, São Paulo, 1985.
- DEXINGER, Ferdinand (org.), *Tod - hoffnung- jenseits*, Herder, Wien-Freiburg-Basel, 1983.
- Dicionário Enciclopédico das Religiões*, Hugo Schlesinger e Humberto Porto, Vozes, Petrópolis, 1995.
- DIECKMANN, Bernhard, *Judas als suendenbock*, Koesel, Muenchen, 1991.
- DOBBLER von, Stephanie, *Das gericht und das erbarmen gottes*, Athenaeum, Frankfurt, 1988.
- DODD, Charles Harold, *A interpretação do quarto evangelho*, Paulus, São Paulo, 1977.
- DODDS, Eric Robertson, *Heiden und christen in einem zeitalter der angst*, Suhrkamp, Frankfurt, 1985.

DORMEYER/HAUSER, Detlev/Linus, Weltuntergang und gottesherrschaft, Grünewald, Mainz, 1990.

DREYFUS, François, Jesus sabia que era Deus? Loyola, São Paulo, 1987.

DRI, Rubén, A utopia de Jesus, Ícone, São Paulo, 1986.

DUARTE, Leneide/Leila, O Apocalipse e a volta do Messias, Mauad, Rio de Janeiro, 1999.

DUBY, Georges, O ano mil, edições 70, Rio de Janeiro, 1967.

DUMOULIN, H., Buddhismus der gegenwart, Freiburg, 1970.

DUPUIS, Jacques, Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso, Paulinas, São Paulo, 1999.

DUQUOC, Christian, Cristologia, vols. 1 e 2, Loyola, São Paulo, 1980.

ELBEIN DOS SANTOS, Juana, Os nãgô e a morte, Vozes, Petrópolis, 1993.

ERNST, Josef, Das evangelium nach Markus, Pustet, Regensburg, 1981.

ERNST, Josef, Herr der geschichte, Katholisches Bibelwerk, Stuttgart, 1978.

ESTUDOS DA CNBB, A Igreja católica diante do pluralismo religioso, Paulus, São Paulo, 1991.

FAUS, José Ignácio, A autoridade da verdade, Loyola, São Paulo, 1998.

FEINER/LOEHRER, Johannes/Magnus, Mysterium salutis V/3, A Escatologia, Vozes, Petrópolis, 1985.

FIERRO, A., O evangelho beligerante, Paulus, São Paulo, 1982.

FOHRER, Georg, Geschichte Israels, Quelle & Meyer Heidelberg, 1977.

FORTMAN, Edmund J., Everlasting life, Alba House, New York, 1986.

FRANZONI, Giovanni, Der teufel- mein bruder, Kösel, Muenchen, 1990.

FREIRE-MAIA, Newton, Criação e evolução, Vozes, Petrópolis, 1986.

GALLAZZI, Sandro, Por uma terra sem mar, sem templo, sem lágrimas, Vozes, Petrópolis, 1999.

GALLO, Luís, Uma igreja a serviço dos homens, Salesiana Dom Bosco, São Paulo, 1984.

GALVÃO, António Mesquita, A salvação no contexto da teol. Paulina, AM, São Paulo, 1995.

GLEISER, Marcelo, A dança do universo, Companhia das Letras, São Paulo, 2000.

GLYNN, Patrick, Deus, a evidência, Madras, São Paulo, 1999.

GARAUDY, Roger, Deus é necessário? Zahar, Rio de Janeiro, 1995.

GERHARDS, Albert (org.), Die grössere hoffnung der christen, Freiburg, Herder, 1990.

GIBELLINI, Rosino, A teologia do século XX, Loyola, São Paulo, 1998.

GIRARD, René, A violência e o sagrado, Paz e Terra, São Paulo, 1990.

GIRARD, René, Com teólogos da libertação, Vozes, Petrópolis, 1991.

GOFF, Jacques le, O nascimento do purgatório, Estampa, Lisboa, 1993.

GOLLWITZER, Helmut, Krummes holz - aufrechter gang, Kaiser, Muenchen, 1970.

GOTAY, Samuel Silva, O pensamento cristão revolucionário, Paulinas, São Paulo, 1985.

GOULD, Stephen Jay (org.), Das buch des lebens, VGS, Köln, 1993.

GOZZELIN, G., “Problemas y cometidos de la escatologia contemp...”, em Selecciones de Teologia, n. 130/33, pp. 126ss, 1994.

GRELOT, Pierre, A esperança judaica no tempo de Jesus, Loyola, São Paulo, 1996.

GRELOT, Pierre, O mundo futuro, Paulinas, São Paulo, 1977.

GONZÁLEZ, Carlos Ignácio, Na aurora do terceiro milênio, Loyola, São Paulo, 1998.

GRESHAKE/LOHFINK, G./ G., Naherwartung auferstehung unsterblichkeit, Herder, Freiburg, 1986.

GROSSO, Michael, O mito do milênio, Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1999.

GUBLER, Marie-Louise, Die fruehesten deutungen des todes Jesu, Universitaetsverlag, Freiburg, 1977.

GÜNTHER, Hans Werner, Der nah-und enderwartg.horizont in der apokalypse des heiligen Johannes, Echter, 1980.

HAAG, Herbert, Abschied von teufel, Benziger, Zuerich, 1969.

HAAG, Herbert, El diablo, su existência como problema, Herder, Barcelona, 1978.

HARNISCH, Wolfgang, Eschatologische existenz, Vandenhoeck & Ruprecht, Goettingen, 1973.

HATTRUP, Dieter, Eschatologie, Bonifatius, Paderborn, 1992.

HAWKING, Stephen W., A brief history of time, Bantam Books, New York, 1988.

HEMLEBEN, Johannes, Jenseits, Rowohlt, Reinbek, 1975.

HILGERT, R. P., Jesus histórico, Vozes, Petrópolis, 1987.

HINKELAMMERT, Franz, As armas ideológicas da morte, Paulus, São Paulo, 1983.

HINKELAMMERT, Franz, Sacrificios humanos e sociedade ocidental, Paulus, São Paulo, 1995.

HOORNAERT, Eduardo, O movimento de Jesus, Petrópolis, Vozes, 1994.

HORSLEY, Richard A. e HANSON, John S., Bandidos, profetas e messias, São Paulo, Paulus, 1995.

HUTTEN, Kurt, Seher, grübler, enthusiasts, Stuttgart, 1982.

IMBACH, Josef, Himmelsglaube und hoellenangst, Kösel, Muenchen, 1987.

JAECKEL, Theodor, Wer sich stoeren laesst, LEBT, Quell, Stuttgart, 1988.

JEREMIAS, Joaquim, Jerusalém no tempo de Jesus, Paulus, São Paulo, 1983.

JEREMIAS, Joaquim, Neutestamentliche theologia, vol. 1, Göttingen, 1971.

JOÃO PAULO II, As relações entre fê e razão, Carta Encíclica, EDIPUCRS, Porto Alegre, 1999.

- JUNG, Carl Gustav, *Psicologia da religião*, Petrópolis, Vozes, 1978.
- KASTENBAUM, Robert, *Haverá vida depois da morte?*, Nórdica, Rio de Janeiro, 1989.
- KASTENBAUM/AISENBERG, Robert/Ruth, *Psicologia da morte*, Pioneira, São Paulo, 1983.
- KEHL, Medard, *Eschatologie B, Echter*, Wuerzburg, 1986.
- KEHL, Medard, *A Igreja, uma eclesiologia católica*, Loyola, São Paulo, 1997.
- KELLERMANN, U., “Ueberwindung des todesgeschicks in der alttestamentlichen Frömmigkeit”, em: *Zeitschrift für Theologie und Kirche* 73 (1976).
- KELLNER, Wendelin, *Der traum vom menschensohn*, Muenchen, Koesel, 1985.
- KELLNER, W., *O filho do homem*, Paulinas, São Paulo, 1987.
- KESSLER, Hans, *Sucht den lebenden nicht bei den toten*, Patmos, Duesseldorf, 1985.
- KNOCH, Otto, 1. UND 2. Thessalonicher-brief, *Katholisches Bibelwerk*, Stuttgart, 1987.
- KOCH, Kurt, *Kurskorrektur*, Christophorus, Freiburg, 1989.
- KRAMER/SPRENGER, Heinrich/James, *O martelo das feiticeiras*, Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1991.
- KUENG, Hans, *Credo, Das apostolische Glaubensbekenntnis*, Piper, Muenchen, 1992.
- KUENG, Hans, *Ewiges leben?* Piper, Muenchen, 1982.
- LANGEGGER, Florian, *Doktor, tod und teufel*, Suhrkamp, Frankfurt, 1983.
- LAY, Michael van, *Die zeichen der zeit erkennen*, Liberación, Münster, 1988.
- LEPARGNEUR, Hubert, *Esperança e escatologia*, Paulinas, São Paulo, 1974.
- LEPARGNEUR, Hubert, *Lugar atual da morte*, Paulus, São Paulo, 1986.
- LEVITT, Eugene E., *Die psychologie der angst*, W. Kohlhammer Stuttgart, 1971.
- LIBÂNIO, João Batista, *Utopia e esperança cristã*, Loyola, São Paulo, 1989.
- LIBÂNIO, João Batista, *Teologia da libertação*, Loyola, São Paulo, 1987.
- LIBÂNIO, João Batista, *A vida e a morte*, Paulinas, São Paulo, 1993.
- LIBÂNIO, João Batista, *Teologia da revelação a partir da modernidade*, Loyola, São Paulo, 1997.
- LIBÂNIO/BINGEMER, J. B., *Escatologia cristã*, Vozes, Petrópolis, 1983.
- LIMBECK, Meinrad, *Mathäus-evangelium*, Katholisches Bibelwerk, Stuttgart, 1991.
- LOCHMANN, J. M., *Cristo ou Prometeu*, Loyola, São Paulo, 1989.
- LOHFINK, Gerhard, *Der tod ist nicht das letzte wort*, Herder, Freiburg, 1978.
- LOHFINK, Gerhard, *Die messianische alternative*, Freiburg, 1981.
- LOHFINK, Gerhard, “Das königtum gottes und die politische macht”, em *Das Jüdische im Christentum*, Freiburg, 1987.
- LOHFINK, Norbert, *A Igreja dos meus sonhos*, Paulus, São Paulo, 1986.
- LOHSE, Eduard, *Contexto e ambiente do Novo Testamento*, Paulinas, São Paulo, 2000.
- LOWY, Michael, *A guerra dos deuses*, Vozes, Petrópolis, 2000.
- LUYTEN, Norbert A., *Ewigkeit des menschen?* Universitaetsverlag, Freiburg, 1988.
- MACHOVEC, Milan, *Jesus para os marxistas*, Loyola, São Paulo, 1989.
- MARMORSTEIN, A. R., *Marking well the end: Eschatological Solutions to Dilemmas Faced by the Ante-Nicea Church*, (Diss.) University of California, 1988.
- MARQUARDT, Friedrich-Wilhelm, *Was dürfen wir hoffen, wenn wir hoffen dürfen?* Gütersloh, Chr. Kaiser, 1993.
- MARTIN, Gerhard M., *Weltuntergang*, Kreuz, Stuttgart, 1984.
- MARTINS (org.), José de Souza, *A morte e os mortos na sociedade brasileira*, Hucitec, São Paulo, 1983.
- MARXSEN, Willi, *Der erste brief an die thessalonicher*, Theologischer Verlag, Zürich, 1979.
- MESTERS, Carlos, *Esperança de um povo que luta, O Apocalipse de João*, Paulus, São Paulo, 1985.
- METZ, Johann Baptist, *Para além de uma religião burguesa*, Paulinas, São Paulo, 1984.
- METZ, Johann Baptist, *A fê em história e sociedade*, Paulinas, São Paulo, 1981.
- METZ, Johann Baptist, *Zur theologie der welt*, Mainz/München, 1968.
- METZ, Johann Baptist, *Glaube in geschichte und gesellschaft*, Mogúncia, 1977.
- MOLTMANN, Jürgen, *Teologia da esperança*, Herder, 1971.
- MOLTMANN, Jürgen, *Mensch, Christliche Antropologie in den Konflikten der Gegenwart*, Stuttgart, 1971.
- MOLTMANN, Jürgen, *Gott in der schöpfung*, Kaiser, München, 1985.
- MOLTMANN, Jürgen, *O Espírito da vida*, Vozes, Petrópolis, 1999.
- MOLTMANN, Jürgen, *Trindade e reino de Deus*, Vozes, Petrópolis, 2000.
- MORIN, Émile, *Jesus e as estruturas de seu tempo*, Paulus, São Paulo, 1981.
- MORIN, Edgar, *Para sair do século XX*, Rio de Janeiro, 1986.
- MORRIS, Richard, *Uma breve história do infinito*, Zahar, Rio de Janeiro, 1998.
- MUELLER-GOLDKEHLE, “As diferentes acentuações do pensamento escatológico”, em *CONCILIUM* n. 1 (1969).
- MUSSNER, Franz, *O que Jesus ensina sobre o fim do mundo?* Paulinas, São Paulo, 1990.
- NAISBITT/ABURDENE, John/Patricia, *Megatrends 2000*, Amana-Key, São Paulo, 1990.

NERY, Francisco Clóvis, Escatologia a partir dos excluídos, São Paulo (S), 1994.
 NEUTZLING, I, O reino de Deus e os pobres, Loyola, São Paulo, 1986.
 NEVES, Walter, Antropologia ecológica, Cortez, São Paulo, 1996.
 NOCKE, Franz-Josef, Eschatologie C, Patmos, Duesseldorf, 1982.
 NOLAN, A., Jesus antes do cristianismo, Paulus, São Paulo, 1988.
 OVERMAN, Andrew J., Igreja e comunidade em crise. O Evangelho segundo Mateus, Paulinas, São Paulo, 1999.
 PANNENBERG, W., Theologie und reich gottes, gütersloh, 1971. O reino e a história, Loyola, São Paulo, 1982.
 PELIZZOLI, M. L., A emergência do paradigma ecológico, Vozes, Petrópolis, 1999.
 PEÑA de la, Juan L. Ruiz, La pascua de la creación, Biblioteca de autores cristianos, Madri, 1996.
 PIKAZA, Xabier, Anunciar a liberdade aos cativos, Loyola, São Paulo, 1985.
 PIXLEY, G. V., O reino de Deus, Paulus, São Paulo, 1986.
 PIXLEY G./BOFF C., Opção pelos pobres, Vozes, Petrópolis, 1987.
 POLITI, Sebastian, História e esperança, Paulinas, São Paulo, 1996.
 POLLON, Mauro Sergio, Da reencarnação à gratitude, Marília(Sint.), (ITRA), 1996.
 PREUSS, H.D., Eschatologie im alten testament, Darmstadt, 1978.
 QUEIRUGA, Andres Torres, Inferno, o que queremos dizer quando dizemos, Paulus, São Paulo, 1997.
 QUEIRUGA, Andres Torres, Recuperar a criação, São Paulo, Paulus, 1999.
 RAD, Gerhard von, Teologia do Antigo Testamento, vols. 1 e 2, Aste, São Paulo, 1973.
 RAHNER, Karl, Sentido teológico de la muerte, Herder, Barcelona, 1965.
 RAHNER, Karl e VORGRIMLER, HERBERT, kleines theologisches Wörterbuch, Freiburg, 1980.
 RAHNER, Karl, Theologie der zukunft, München, 1971.
 RALPH, Margaret Nutting, A Bíblia e o fim do mundo, Loyola, São Paulo, 2000.
 REINISCH, Leonhard, Über die letzten Tage der Menschheit, Herder, Freiburg, 1984.
 REJON, Francisco Moreno, Teologia moral a partir dos pobres, Santuário, São Paulo.
 RICHARD, Pablo, Apocalipse, Reconstrução da Esperança, Vozes, Petrópolis, 1996.
 ROBERTO/NOGUEIRA, Carlos/F., O diabo no imaginário cristão, Ática, São Paulo, 1986.
 ROBILLARD, E., Reencarnação, Paulinas, São Paulo, 1984.
 ROCHA, Zildo (Org.), Helder, o dom, Vozes, Petrópolis, 1999.
 RODRIGUEZ, Lugo, “Fim do mundo, destruição ou recriação”, em RIBLA n. 21 (1995).
 ROLLAND, Jean-Claude, “L’invention du diable”, Rev. Lumière et vie, n. 212.
 ROWLEY, H.H., A importância da literatura apocalíptica, Paulinas, São Paulo, 1980.
 RUBIO, A. G., Teologia da libertação, Loyola, São Paulo, 1977.
 RUIZ, José Maria González, O evangelho de Paulo, Vozes, Petrópolis, 1999.
 SAND, Alexander, Das evangelium nach Matthäus, Pustet, Regensburg, 1986.
 SANTOS COSTA, Valeriano dos, “A corporeidade na liturgia”, em Rev. de Cultura Teológica, (VI) n. 25, 1998.
 SASS, Roselis von, Le jugement dernier sur la terre, Ordem do Graal, Rio de Janeiro, 1991.
 SCARDELAI, Donizete, Movimentos messiânicos no tempo de Jesus, Paulus, São Paulo, 1998.
 SCHERER-EMUNDS, Meinrad, Die letzte schlacht um gottes reich, Liberación, Muenster, 1989.
 SCHILLEBEECKX, Edward, Menschen, die geschichte von gott, Herder, Freiburg-Basel-Wien, 1990.
 SCHLIER, Heinrich, Der römerbrief, Herder, Freiburg-Basel-Wien, 1977.
 SCHMID, Hans Heinrich, Gerechtigkeit als weltordnung, J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), Tuebingen, 1968.
 SCHMIDT, W.H. e BECKER, J., Zukunft und hoffnung, Stuttgart, 1981.
 SCHMITHALS, Walter, Das Evangelium nach Lukas, Theologischer Verlag, Zürich, 1980.
 SCHOPEN, Edmund, Geschichte des judentums im Orient, Franke, Bern/München, 1960.
 SCHOENBORN, C., Existenz im Uebergang, Johannes, 1987.
 SCHÜRMANN, Heinz, Gottes reich - Jesus geschick, Herder, Freiburg-Basel-Wien, 1983.
 SCHWAGER, Raimund, “Quién o qué es el diablo?” em Selecciones de Teologia, n.130/33, pp.136-141, 1994.
 SCHWAGER, Raymund, Brauchen wir einen Suendenbock? Kösel, Muenchen, 1978.
 SEGNA, Egidio Vittorio, Análise crítica do catolicismo no Brasil, Vozes, Petrópolis, 1977.
 SEGUNDO, Juan Luis, A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré, Paulus, São Paulo, 1997.
 SEGUNDO, Juan Luis, Que mundo? Que homem? Que Deus? Paulinas, São Paulo, 1995.
 SEGUNDO, Juan Luis, O caso Mateus, Paulinas, São Paulo, 1997.
 SICRE, José Luis, Profetismo em Israel, Vozes, Petrópolis, 1996.
 SICRE, José Luis, O quadrante, Introdução aos Evangelhos, vols. 1-3, Paulinas, São Paulo, 2000.
 SIMONIS, W., Das reich gottes ist mitten unter euch, Patmos, 1986.

SOBRINHO, J. Vasconcelos, *A arte de morrer*, Vozes, Petrópolis, 1984.

SOBRINO, Jon, *Cristologia a partir da América Latina*, Vozes, Petrópolis, 1983.

SOBRINO, Jon, *Jesus na América Latina*, Loyola, São Paulo, 1985.

SOBRINO, Jon, *Sterben muss, wer an goetzen ruehrt*, Exodus, Fribourg/Brig, 1990.

SOMETTI, J., *O espiritismo moderno*, Loyola, São Paulo, 1981.

STACCONI, G., *Filosofia da religião*, Vozes, Petrópolis, 1989.

STEIGER, André, *Compreender a história da vida*, Paulus, São Paulo, 1998.

STORNIOLO, Ivo, "De Babilônia a Jerusalém celeste" em: *Vida Pastoral*, 146 (30), 1989.

STORNIOLO, Ivo, *O evangelho de Mateus*, Paulus, São Paulo, 1990.

STRABELI, Mauro, *Fim do mundo... Quando?* Paulus, São Paulo, 1998.

SUSIN, Luiz Carlos, *Assim na terra como no céu (Escatologia e Criação)*, Vozes, Petrópolis, 1995.

SUSIN, Luiz Carlos (Org.), *Mysterium creationis*, Paulinas/Soter, São Paulo, 1999.

SUSIN, Luiz Carlos (Org.), *O mar se abriu, Trinta anos de teologia na América Latina*, Loyola, São Paulo, 1998.

TAVERNIER, Johan de, "Não há céu sem terra", em: *Concilium* 236, 1991/4.

TERRA, João Evangelista Martins, *A angelologia de Karl Rahner*, Santuário, Aparecida, 1996.

TEOLOGIA e Cosmologia, *Concilium* 186, Vozes, Rio de Janeiro, 1983/6.

THEOBALD, Michael, *Römerbrief, Kap. 1-11*, Katholisches Bibelwerk, Stuttgart, 1992.

THIEDE, Werner, *Auferstehung der Toten- Hoffnung Ohne Attraktivitaet*, Vandenhoeck & Ruprecht, Goettingen, 1991.

THOMPSON, Damian, *Das ende der zeiten (Apokalyptik-Zeitenwende)*, Claassen, Hildesheim, 1997.

TIMMERMANN, J., *Nachapostolisches Parusiedenken*, Munique, 1968.

TIPLER, Frank J., *Die Physik der Unsterblichkeit*, Piper, München, 1994.

TORNOS, Andrés, "Cuestiones de escatologia", *Rev. Miscelanea Comillas*, Madrid, n. 98, vol. 51, 1993.

VERNETTE, Jean, "Retour du diable, silence des églises", *Rev. Lumière et Vie*, n. 212.

VERVIER, Jacques e VOS, Hermann, *Utopia cristã e lógica econômica*, Vozes, Petrópolis, 1997.

VOLLMER, Gerhard, *Evolutionaere Erkenntnistheorie*, S. Hirzel, Stuttgart, 1981.

VOLKMANN, Martin, *Jesus e o templo*, Paulus, São Paulo, 1982.

VORGRIMLER, Herbert, *Wir werden auferstehen*, Herder, Freiburg, 1981.

VORGRIMLER, Herbert, "Was für ein gott der letzten dinge?" em *Orientierung* 20 (46), 1982.

VORGRIMLER, Herbert, *Geschichte der hoelle*, W. Fink, München, 1993.

VORGRIMLER, Herbert, *Hoffnung auf vollendung*, Herder, Freiburg, 1984.

VORGRIMLER, Herbert, *Der Tod im Denken und Leben des Christen*, Patmos, Duesseldorf, 1978.

VV. AA., em *ESTUD. BIBL.*, *Leitura da páscoa como memorial da libertação*, Vozes, Petrópolis, 1987.

VV.AA., *Apokalyptische aengste - christliche hoffnung*, Paulus, Freiburg, 1991.

VV.AA., "Apocalíptica, Esperança dos pobres", em "Revista De Interpretação Bíblica", Vozes, Petrópolis, 1990.

VV.AA., *A teologia da libertação, Balanço e Perspectivas*, Ática, São Paulo, 1996.

VV.AA., *A luta dos deuses*, Paulus, São Paulo, 1982.

VV.AA em *Cahiers evangile, une lecture de l'Apocalypse*, Service Biblique Evangile et Vie, Paris, 1975.

VV.AA., *Die zeichen der zeit erkennen*, Liberación, Muenster, 1988.

VV.AA., *Diabo demônios possessão*, Loyola, São Paulo, 1992.

VV.AA., *Das spiel mit der apokalypse*, Herder, Freiburg, 1984.

VV.AA., *Die groessere hoffnung der christen*, Herder, Freiburg, 1990.

VV.AA., *Entrevistas sobre o fim dos tempos*, Rocco, Rio de Janeiro, 1999.

VV.AA., *Eschatologie, Festschrift für E. Neuhaeusler*, Eos, St. Ottilien, 1981.

VV.AA., *Globalizar a esperança*, Paulinas, São Paulo, 1998.

VV.AA., *Ich will euer gott werden*, Stuttg.Bibelstud.100, Katholisches Bibelwerk, Stuttgart, 1981.

VV.AA., *Mort pour nos péchés*, Fac. Univ. Saint-Louis, Bruxelles, 1979.

VV.AA., *O sonho do povo de Deus (Apocalipse)*, Loyola, São Paulo, 1996.

VV.AA., *Síntese n. 32, Contagem*, Fumarc, 1984.

VV.A., em *SÉRIE BÍBLICA*, *Jesus político e libertação escatológica*, Loyola, São Paulo, 1979.

VV.AA., *Seele, Problembegriff christlicher Eschatologie*, Herder, Freiburg, 1986.

VV.AA., *Tod hoffnung jenseits*, Herder, Wien, 1983.

WALLE van de, Ambroos R., *Bis zum anbruch der morgenroete*, Patmos, Duesseldorf, 1983.

WILGES/COLOMBO, Irineu/Olívio, *Cultura religiosa vol. 2*, Vozes, Petrópolis, 1982.

WILCKENS, Ulrich, *Der Brief an die Römer*, Vols. 1 e 2, Benziger, Zürich-Einsiedeln, 1978.

ZIEGLER, Jean, *Os vivos e a morte*, Zahar, Rio de Janeiro, 1977.

Coleção TEOLOGIA SISTEMÁTICA

- *A Trindade como história*, B. Forte
- *Teologia do Batismo*, V. M. Goedert
- *Curso fundamental da fé*, K. Rahner
- *Teologia do sacramento da penitência*, J. R.-Regidor
- *Unidade na pluralidade*, A. G. Rubio
- *Os sacramentos da fé*, C. Rocchetta
- *O Pai, Deus em seu mistério*, F.-X. Durrwel
- *A teologia como companhia, memória e profecia*, B. Forte
- *Maria, a mulher ícone do Mistério*, B. Forte
- *Nosso mundo tem futuro — escatologia cristã 2*, R. J. Blank
- *Teologia da história — Ensaio sobre a revelação...*, B. Forte
- *História humana: Revelação de Deus*, E. Schillebeeckx
- *A revelação de Deus na realização humana*, A. Torres Queiruga
- *Teologia Sistemática — Perspectivas católico-romanas* (Vol. 1), F. S. Fiorenza e J. P. Galvin (orgs.)
- *Teologia sistemática — Perspectivas católico-romanas* (Vol. 2), F. S. Fiorenza e J. P. Galvin (orgs.)
- *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré*, Juan Luis Segundo
- *Mistério e promessa — Teologia da revelação*, John F. Haught
- *História da Penitência, das origens aos nossos dias*, Philippe Rouillard
- *Maria na tradição cristã — a partir de uma perspectiva contemporânea*, Kathleen Coyle
- *Introdução à Cristologia*, William P. Loewe
- *Escatologia da pessoa – vida, morte e ressurreição*, Renold J. Blank
- *Escatologia do mundo – o projeto cósmico de Deus*, Renold J. Blank

Direção Editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital
Erivaldo Dantas

Revisão
Zolferino Tonon

Desenvolvimento digital
Filipe Donadio

Conversão ePUB
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Blank, Renold J.
Escatologia do mundo : o projeto cósmico de Deus : (escatologia II) [livro eletrônico] / Renold J. Blank ;
[revisão Zolferino Tonon]. — São Paulo : Paulus, 2001. — (Teologia sistemática)
7,2 Mb; ePUB

eISBN 978-85-349-3945-4
1. Deus – Esperança 2. Escatologia I. Tonon, Zolferino.

01-1705

CDD-236

Índices para catálogo sistemático:
1. Escatologia : Teologia cristã 236

© PAULUS — 2014
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 978-85-349-3945-4

Hildegarda de Bingen

Scivias

(Scito Vias Domini)

Conhece os caminhos do Senhor



Scivias

de Bingen, Hildegarda

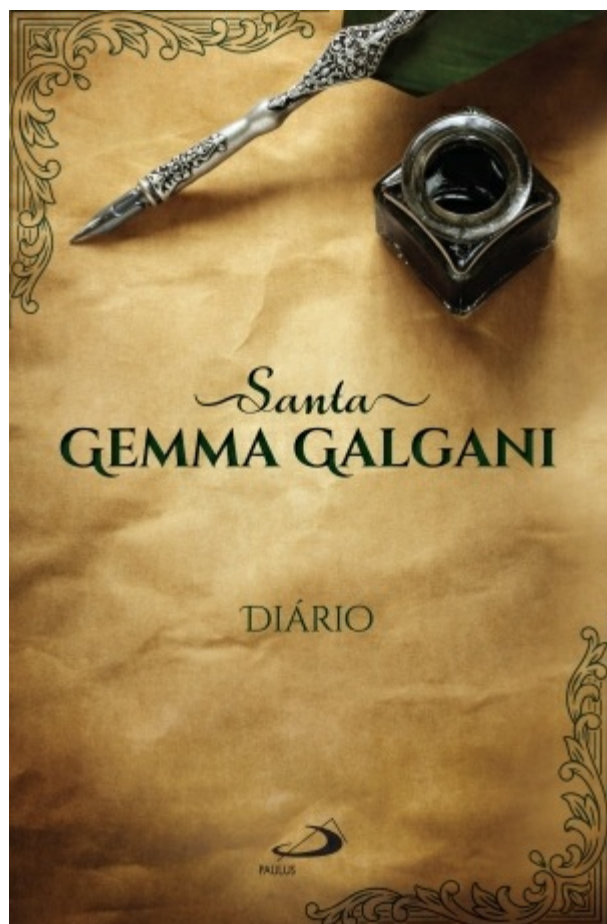
9788534946025

776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No fim de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



DOCAT

Vv.Aa.

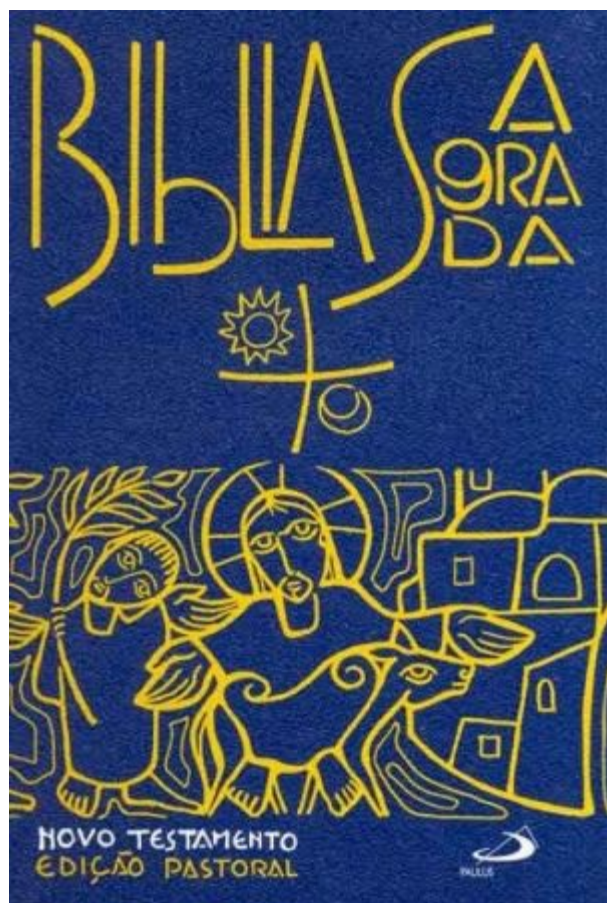
9788534945059

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

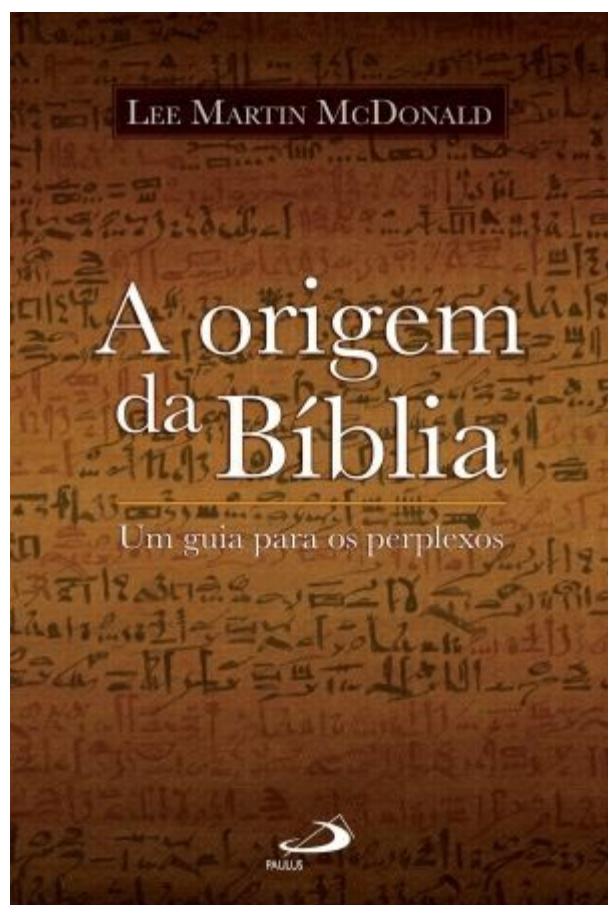
9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)



A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

Índice

Unidade I	8
1. DEUS, ÚLTIMA RAZÃO DE TODA A ESPERANÇA	9
2. A ESPERANÇA ESCATOLÓGICA É ESPERANÇA CONCRETA DE VIDA	11
3. DINÂMICA DA ESPERANÇA NA ÉPOCA DO PRÉ-EXÍLIO DE ISRAEL	13
4. A ESPERANÇA, INCENTIVADA PELAS PROMESSAS, SE TORNA A GRANDE FORÇA TRANSFORMADORA DENTRO DA HISTÓRIA	17
5. ESTAGNAÇÃO DA ESPERANÇA A PARTIR DO REINADO DE DAVI	19
Unidade II	21
1. A TEOLOGIA ESCATOLÓGICA DOS PROFETAS, ANTES DO EXÍLIO (587 A.C.)	22
1.1. A realização do projeto de Deus não é processo linear nem caminhada predeterminada	23
1.2. A crise histórica que provoca a crise da teologia profética	24
2. A CATÁSTROFE DE 587 A.C. PÕE EM QUESTÃO O PODER E A FIDELIDADE DE JAVÉ	24
2.1. A teologia dos profetas do exílio fortalece uma fé “apesar de tudo”	25
2.2. O fracasso histórico revelou também a falsidade das projeções históricas da teologia	26
3. A TEOLOGIA ESCATOLÓGICA DOS PROFETAS DEPOIS DO EXÍLIO	26
3.1. Apesar de todo o esforço dos profetas, depois do exílio o modelo histórico-escatológico deles não pôde mais ser mantido como modelo dominante	27
Unidade III	29
1. ZARATUSTRA E AS RAÍZES DO PENSAMENTO APOCALÍPTICO	30
2. O CONTEXTO HISTÓRICO QUE GERA O PENSAMENTO APOCALÍPTICO EM ISRAEL	30
3. PERSPECTIVA ESCATOLÓGICA E PERSPECTIVA APOCALÍPTICA	32
4. A TEOLOGIA DA HISTÓRIA, PRESENTE NA TEOLOGIA DOS APOCALIPSES	33
4.1. As rupturas em relação à teologia profética	33
4.2. A continuidade em relação à teologia profética	34
5. CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DA PERSPECTIVA APOCALÍPTICA	35
5.1. A concepção apocalíptica do tempo não é linear	35
5.2. A história está sendo compreendida como luta dialética entre o bem e o mal	36

5.3. Deus ressuscita os mortos! Dentro do contexto apocalíptico se amplia também o quadro da esperança individual	37
5.4. Teologia apocalíptica, além de fundamentar a esperança, também é uma teologia do medo que produz medo	38
5.5. A indagação sobre “quando acontecerá o fim” incentiva o surgimento de um pensamento milenarista	40
6. O MILENARISMO	40
6.1. Pressupostos básicos do milenarismo	41
6.2. O milenarismo judaico-cristão, a partir do livro de Daniel (168-164 a.C.)	42
6.3. Consequências sociorreligiosas do pensamento milenarista	45
7. A PROBLEMÁTICA DA RECEPÇÃO DAS IMAGENS APOCALÍPTICAS NO DISCURSO CRISTÃO	49
Unidade IV	53
1. ORIGEM E SIGNIFICADO DO TERMO “ESCATOLOGIA”	54
2. EIXO PRINCIPAL DO DISCURSO ESCATOLÓGICO NA TEOLOGIA CATÓLICA ANTES DO CONCÍLIO VATICANO II: REFLEXÃO SOBRE “AS ÚLTIMAS COISAS” (“DE NOVISSIMIS”)	54
2.1. A teologia patrística	55
2.3. Os tratados clássicos “de novissimis”	55
2.4. A escatologia católica tradicional até o século XIX	56
2.5. A escatologia neo-escolástica do século XX	56
3. EIXO PRINCIPAL DO DISCURSO ESCATOLÓGICO NA TEOLOGIA PROTESTANTE: PERDA E RECUPERAÇÃO DA DIMENSÃO HISTÓRICA	58
3.1. Redução da escatologia a um discurso individualista sobre a imortalidade	58
3.2. Redução do Reino de Deus a uma realidade puramente individualista	59
3.3. Destruição da escatologia na teologia liberal do século XIX	60
3.4. Reconstrução de um novo discurso escatológico	60
3.5. A redescoberta da “dimensão histórica” da escatologia	61
4. A PROBLEMÁTICA DO DISCURSO ESCATOLÓGICO TRADICIONAL	62
Unidade V	66
1. TENDÊNCIAS E DESAFIOS PARA O DISCURSO ESCATOLÓGICO CONTEMPORÂNEO	67
2. OS PRECURSORES DA NOVA ESCATOLOGIA TRANSFORMADORA	68
Unidade VI	76

1. DE UMA ESCATOLOGIA TRANSFORMADORA DO MUNDO	77
2. O DISCURSO ESCATOLÓGICO É IMPOSSÍVEL SEM A DIMENSÃO HISTÓRICA	85
3. TODA HISTÓRIA DO MUNDO É HISTÓRIA ESCATOLÓGICA. POR CAUSA DISSO PODEMOS TER ESPERANÇA	87
4. O PROJETO ESCATOLÓGICO DE DEUS DEVE SER COMPREENDIDO EM TERMOS DE PROCESSO DINÂMICO	89
5. A SALVAÇÃO ESCATOLÓGICA É PROCESSO QUE PRESSUPÕE NECESSARIAMENTE UMA FASE DE LIBERTAÇÃO	91
6. CINCO PRINCÍPIOS BÁSICOS DE UMA ESCATOLOGIA QUE LIBERTA	94
7. UM NOVO RELACIONAMENTO ENTRE OS SERES HUMANOS E O SEU AMBIENTE, A TERRA	102
8. A MISSA, IMAGEM DO PROCESSO ESCATOLÓGICO DO MUNDO	103
Unidade VII	108
A. O REINO DE DEUS	109
1. O GRANDE DESAFIO: RECUPERAR O SIGNIFICADO ESCATOLÓGICO DO REINO DE DEUS	109
2. A NOÇÃO “REINO DE DEUS” TEM LONGA TRADIÇÃO DENTRO DO PENSAMENTO BÍBLICO	111
3. REINO DE DEUS DEVE SER COMPREENDIDO A PARTIR DA MENSAGEM E DO AGIR DE JESUS	114
4. REINO DE DEUS, O CONCEITO DOMINANTE NA PREGAÇÃO E NO AGIR DE JESUS	114
5. AS EXPECTATIVAS DO REINO DE DEUS NA ÉPOCA DE JESUS	115
6. JESUS E AS EXPECTATIVAS DO REINO NA SUA ÉPOCA	118
7. ELEMENTOS DISTINTIVOS NA CONCEPÇÃO JESUÂNICA DO REINO DE DEUS	124
8. A ORIGINALIDADE ESPECÍFICA DA CONCEPÇÃO DO REINO, de acordo com JESUS	125
9. QUANDO CHEGA O REINO DE DEUS? O CARÁTER “ESCATOLÓGICO” E “HISTÓRICO” DO REINO	135
10. O REINO DE DEUS É PROCESSO DINÂMICO E DIALÉTICO DENTRO DA HISTÓRIA	138
11. COMEÇAR COM A CONSTRUÇÃO DO REINO JÁ, É TAREFA HISTÓRICA DOS HOMENS E DAS MULHERES	140
12. O CARÁTER DIALÉTICO DO REINO DE DEUS	143
13. O CARÁTER ESCATOLÓGICO DO REINO DE DEUS	150
14. O REINO DE DEUS EM PROCESSO DE ACONTECER EXIGE CONVERSÃO	151

15. O REINO DE DEUS EM PROCESSO DE ACONTECER ABRE NOVOS HORIZONTES DE ESPERANÇA	152
16. AS CINCO DIMENSÕES DE TODA ESPERANÇA ESCATOLÓGICA	157
17. ESPERANÇA ESCATOLÓGICA, MOTOR PARA O AGIR, TAMBÉM HOJE E NO FUTURO	162
18. REALIZAÇÕES CONCRETAS DO REINO DE DEUS	163
19. OS NÚCLEOS AGENTES DO REINO EM PROCESSO ESTÃO INSERIDOS, COMO SINAIS ALTERNATIVOS, NO SISTEMA ENTRELACADO DA SOCIEDADE	166
20. O POVO DE DEUS DEVE RECUPERAR A SUA CONFIANÇA DE SER AGENTE TRANSFORMADOR	168
21. O REINO DE DEUS, A GRANDE UTOPIA NUM MUNDO QUE PERDEU AS UTOPIAS	169
B. O FIM DO MUNDO	182
1. ESPERANÇA ESCATOLÓGICA E EXPECTATIVA DE UM FIM DO MUNDO	182
2. PARA AS CIÊNCIAS EXATAS, O “FIM DO MUNDO” EM NADA PRECISA SER CATÁSTROFE CÓSMICA NEM HOLOCAUSTO	185
3. A PARTIR DOS TEXTOS APOCALÍPTICOS DA BÍBLIA, TAMPOUCO SE PODE DEDUZIR QUE O FIM DO MUNDO DEVE SER HOLOCAUSTO CÓSMICO	195
4. O CONCÍLIO VATICANO II SUBSTITUI A IDÉIA DE UMA DESTRUÇÃO APOCALÍPTICA DO MUNDO, PELA CONCEPÇÃO DINÂMICA DE UM MUNDO TOTALMENTE TRANSFORMADO	201
5. JESUS ULTRAPASSA E MODIFICA A VISÃO APOCALÍPTICO-MILENARISTA	203
6. O NOVO PARADIGMA ESCATOLÓGICO A PARTIR DE JESUS: O FIM DO MUNDO DEVE SER VISTO EM TERMOS DE “PROCESSO DINÂMICO-DIALÉTICO”	214
7. O “FIM DO MUNDO” É PROCESSO DINÂMICO E DIALÉTICO QUE EM JESUS CRISTO JÁ COMEÇOU	216
8. INTERLIGAÇÃO ENTRE A TEORIA CIENTÍFICA DA CRIAÇÃO E O MODELO PROCESSADOR	218
9. O SIGNIFICADO ESCATOLÓGICO DA RESSUSCITAÇÃO DE JESUS	219
10. CONSEQÜÊNCIAS DE UMA ESCATOLOGIA PROCESSADORA	224
C. A PARUSIA OU A SEGUNDA VINDA DO SENHOR	231
1. ESPERANÇA PERSONALIZADA QUE NÃO SE REALIZOU	231
2. MUDANÇAS HISTÓRICAS NA EXPECTATIVA DA SEGUNDA VINDA DE JESUS	232

3. A AUSÊNCIA DA PARUSIA CAUSA APROFUNDAMENTO DA FÉ	234
4. A PARUSIA COMPREENDIDA DENTRO DO ENFOQUE DINÂMICO DE UM PROCESSO	235
D. O JUÍZO FINAL	241
1. A GRANDE VERDADE DO JUÍZO FINAL DEVE SER COMPREENDIDA A PARTIR DE DOIS NÍVEIS TEMPORAIS DISTINTOS	241
2. PARA O COSMO, O JUÍZO FINAL SE REALIZA NO MOMENTO DE SUA PLENIFICAÇÃO, QUE É TAMBÉM A PARUSIA	244
3. OS CRITÉRIOS DO JULGAMENTO DO COSMO E DA HISTÓRIA SÃO OS CRITÉRIOS DE MT 25	244
E. UM NOVO CÉU E UMA NOVA TERRA	247
1. O PROJETO ESCATOLÓGICO DE DEUS IMPLICA A SALVAÇÃO DO COSMO INTEIRO	247